

Je ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

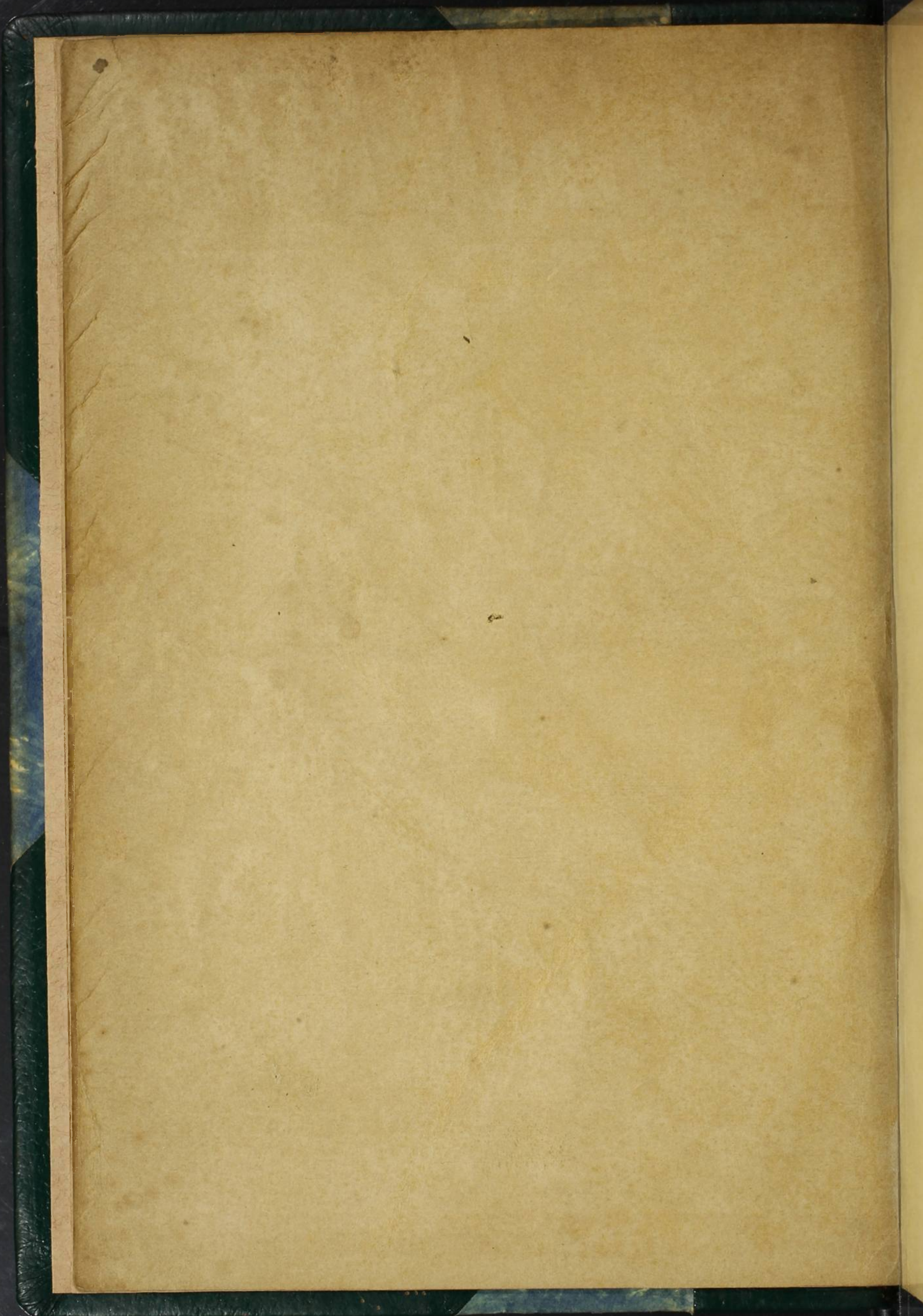




# DIOGUINHO



JOÃO AMOROSO NETTO



Couro verde c/etiqueta preta  
lombo e cantos  
conservar as capas não  
apertar

26/10/78

Conde Bonaventura



Nº 2135

Desta edição, de 5.000 exemplares,  
foram tirados 100 em papel Bufon,  
numerados de 1 a 100, em ver-  
melho, fora do comércio.





DIOGO DA ROCHA FIGUEIRA

(Do arquivo do Dr. Afrânio Zuccolotto)

queal Cuzcuni seu signal de  
Cuzcuni. Photographado no dia  
28 de Fev<sup>o</sup>; quando eu cruccio  
fo e que hia apresentar-me  
para responder jurij em S. Li-  
mao. Photographia  
Cruz 31-cunus de idade  
(Cruz e 3 dias) DE  
Eralio Traverso  
Poibeirão Preto  
E. de S. Paulo  
Motto Grosso de Botatass,  
12. de Abril de 1893.  
Diogo da Rocha Figuei-  
ra.

HISTÓRIA COMPLETA  
& VERÍDICA  
DO  
FAMOSO BANDIDO PAULISTA  
DIOGO DA ROCHA FIGUEIRA  
MAIS CONHECIDO PELO COGNOME  
DE  
DIOGUINHO

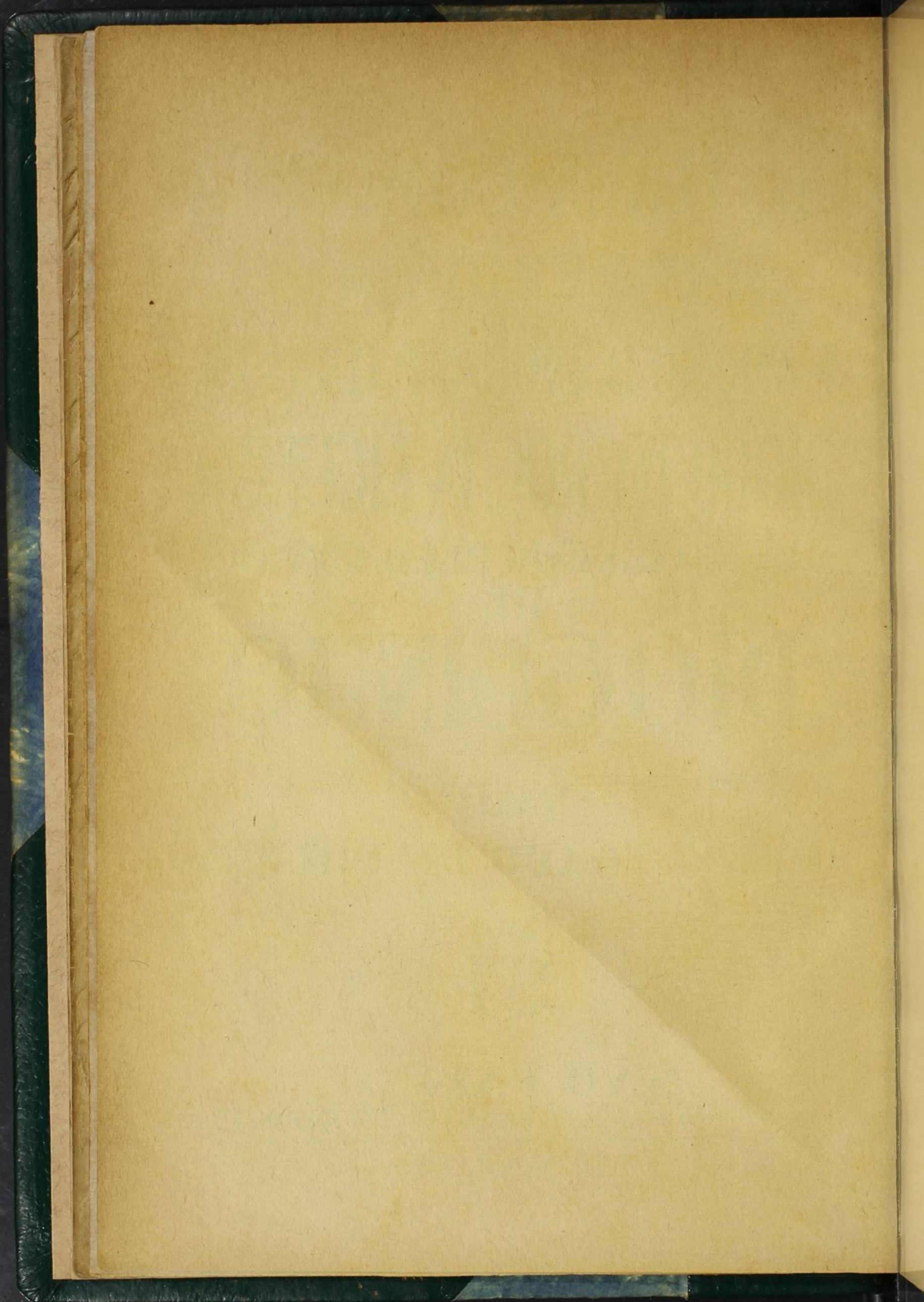
— — — — —  
POR  
UM DELEGADO DE POLÍCIA



SÃO PAULO  
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA RUA DO HIPÓDROMO, 596

---

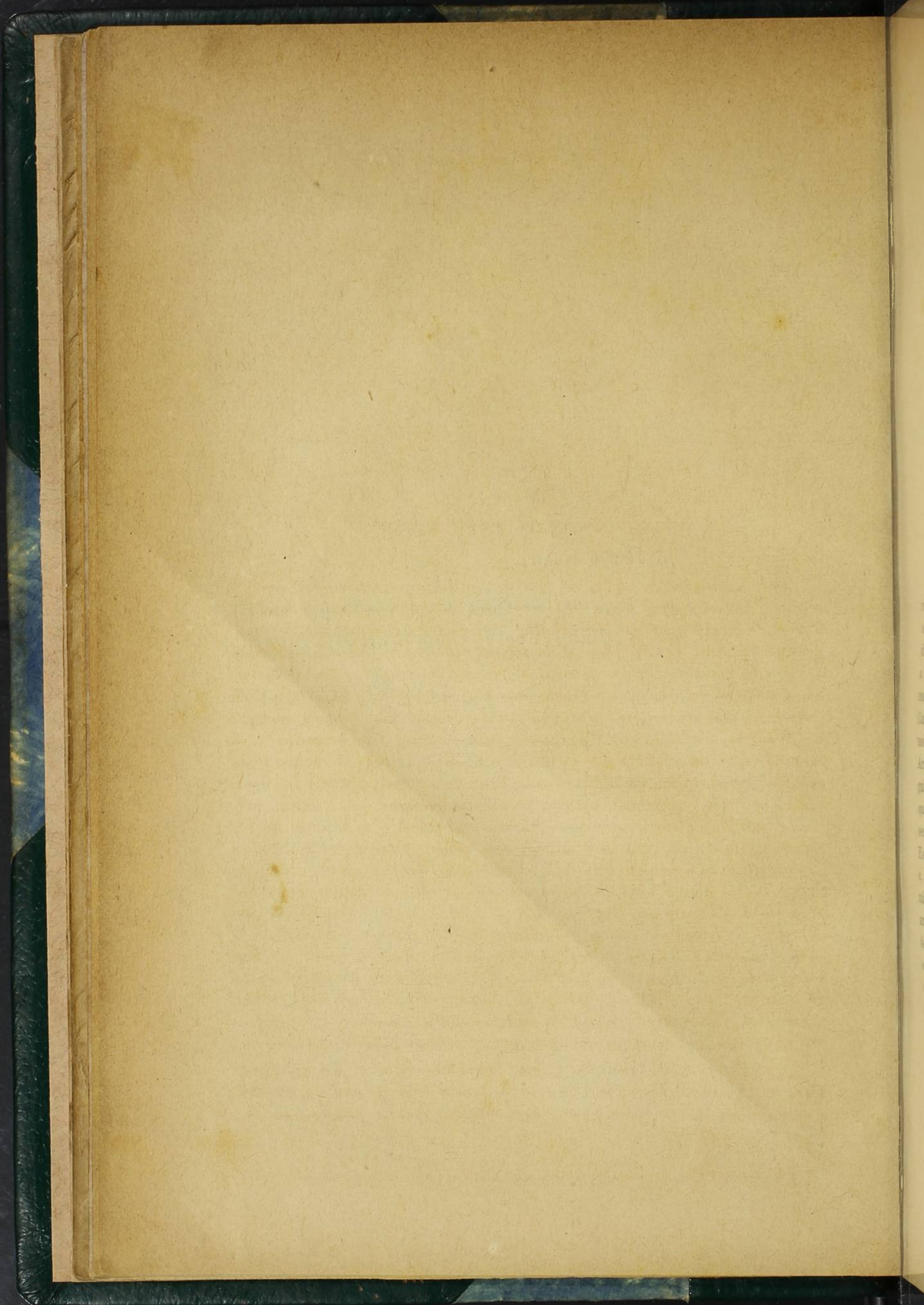
MCMXLIX



*A Mário Neme,*

*pelos conselhos e orientação que me tem  
dado, neste e em outros trabalhos.*

*O Autor.*



## COMO NASCEU ÊSTE LIVRO

Na minha faina mensal a fim de conseguir colaborações para a revista "Investigações", em fins de março do corrente ano solicitei e obtive do prezado amigo Menotti Del Picchia, o artigo intitulado "Banditismo Caipira" (1), no qual o ilustre escritor conta como lhe ocorrera a idéia de escrever o seu romance "Dente de Ouro". De posse do manuscrito, lancei-me à procura de material iconográfico para que Mick Carnicelli pudesse ilustrar o artigo. Fixei, desde logo, minha atenção nos bandidos referidos por Menotti em seu trabalho: João Brandão, Juca Aragão, João Bairral, Dente de Ouro e, o mais famoso de todos, Dioguinho. Procurei em meus livros e na Biblioteca Pública Municipal qualquer obra que contivesse retratos dêsses famigerados bandoleiros, mas sem resultado. Restava-me uma última esperança: o arquivo do "O Estado de S. Paulo", ao qual tantas vêzes tenho recorrido com proveito e, onde, graças ao coleguismo e à gentileza de seus diretores e funcionários, tenho podido colhêr material precioso, acumulado durante os longos anos de existência do jornal. Nem aí, no entanto, consegui o que desejava. Encontrei apenas referências ao Dioguinho, publicadas por ocasião do seu encontro, às margens do rio Mogí Guassú, com a escolta comandada por França Pinto. Folheando a coleção do jornal referente ao ano de 1897, verifiquei existir alí material interessante para minha costumeira colaboração na revista; o que vinha mesmo a calhar, pois até então não me ocorrera qualquer outro assunto para um artigo.

Quando já havia redigido o meu trabalho sôbre Diogo da Rocha Figueira, apareceu-me na redação da revista o livreiro José de Freitas, o qual, dizendo ter sabido por intermédio de outros colegas que eu

---

(1) Publicado no n.º 4, mês de abril de 1949, da revista "Investigações".

andava à cata de obras sôbre bandidos célebres, teve a gentileza de presentear-me com o livro "O Dioguinho", de autoria de Silvestre da Matta, no qual existe o desenho da cabeça do facínora, tirado de uma fotografia da época. Com o material colhido no mencionado jornal e nesse livro, escreví o artigo intitulado "O Dioguinho", publicado no n.º 4, do mês de abril de 1949, da revista "Investigações".

Em dias do mês de junho do corrente ano, achando-me casualmente na redação dos "Diários Associados", alí, em palestra com Hermínio Saccheta, que lera meu artigo já referido, fui convidado por êle para escrever a história de Dioguinho para o "Diário da Noite", em capítulos diários, numa linguagem acessível ao grande público. A essa altura, interessado pela vida contraditória e aventureira do mais famoso bandoleiro paulista, já possuía eu outros elementos interessantes sôbre a sua biografia, colhidos nas coleções do "Correio Paulistano" e "Diário Popular", elementos êsses que, a meu ver, seriam melhor aproveitados num jornal ou num livro do que em artigos para uma revista especializada, com espaço limitado. Por isso aceitei o convite, certo de que disporia de tempo para coordenar o material em meu poder e obter novos elementos. Saccheta, porém, desejava o trabalho para logo, dentro de quinze dias, quando muito. Êsse prazo me deixou indeciso. Nunca antes assumira a responsabilidade de escrever, obrigatoriamente, um artigo por dia, atividade que sempre admirei nos que o fazem em um, dois ou mais jornais. Tentou-me a curiosidade de conhecer minhas próprias possibilidades nesse sentido, e acabei aceitando. E assim, dentro do prazo marcado para o início da publicação, entreguei ao jornal doze capítulos. Os restantes, foram escritos diariamente, nas minhas horas de folga. A essa altura, novos documentos vieram ter às minhas mãos, inclusive certidões de processos instaurados contra o bandoleiro em Comarcas do interior do Estado.

A venda avulsa do jornal, dentro em pouco, foi aumentada de mais de dez mil exemplares, na Capital e no interior do Estado, e assim se manteve até o fim. Diante do interêsse que a história despertou, mais pelo nome do personagem principal e de suas aventuras, do que pelo seu valor literário, e, levando em conta as sugestões de vários livreiros amigos, que me aconselharam a reünir os capítulos em volume, visto que já procuravam "êsse livro" nas livrarias, resolví fazê-lo.

E assim nasceu êste livro. Sem premeditação, escrito espontaneamente e em linguagem simples, e, sobretudo, sem qualquer pretensão a entrar para a história da nossa literatura, nem de constituir bagagem literária para o seu autor.

Já o dissemos mais de uma vez e não será de mais repetí-lo: a história de Dioguinho, baseada tôda ela, nos seus fatos essenciais, em documentos, processos, noticiário da imprensa da época, depoimentos de testemunhas idôneas, etc., não teve em vista outro fim senão o de

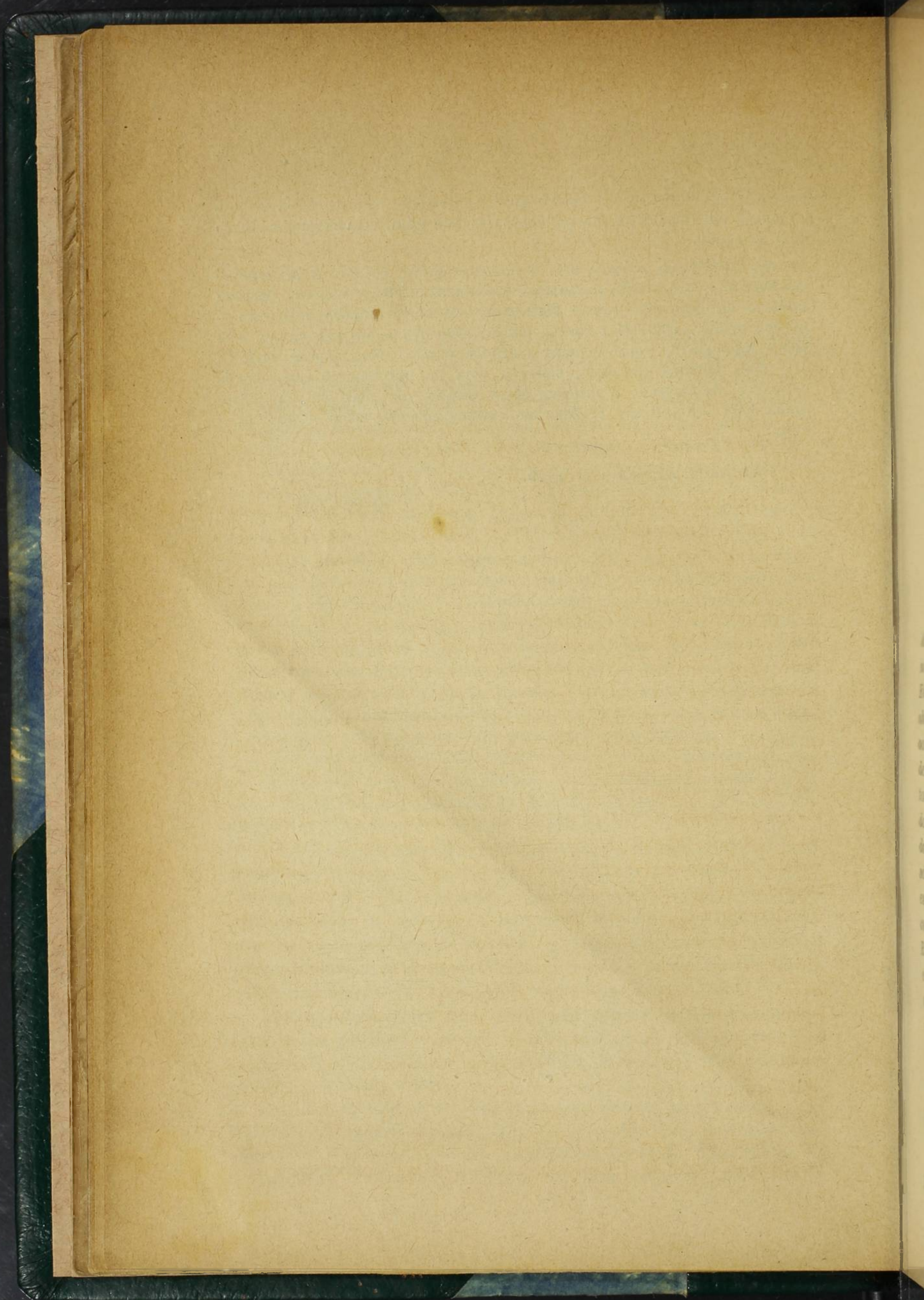


descrever a vida do maior bandido paulista de todos os tempos, situando-o na época em que viveu, no ambiente em que agiu, sem sensacionalismo nem escândalo.

Se em nosso próprio país e no estrangeiro, escritores de renome escreveram sobre a vida de outros bandoleiros célebres, não nos pareceu pudesse diminuir-nos que o fizéssemos também, embora não com o mesmo brilho. Não foi a forma nem o estilo o que nos preocupou, mas sim a intenção de escrever para o grande público uma história verídica e o mais possível completa, sobre a vida de um homem que, depois de haver aterrorizado o interior deste Estado, por mais de um lustro, ainda hoje é lembrado e discutido, principalmente entre a população rural.

São Paulo, dezembro de 1949.

O AUTOR



APRESENTAÇÃO FEITA PELOS "DIÁRIOS ASSOCIADOS", QUANDO DA PUBLICAÇÃO DÊSTE LIVRO EM CAPÍTULOS SERIADOS, NO "DIÁRIO DA NOITE" DE SÃO PAULO  
(de 18 de junho a 10 de setembro de 1949)

*Iniciamos hoje a publicação da história do célebre bandido Diogo da Rocha Figueira, o maior e mais temido criminoso aparecido em terras bandeirantes, em todos os tempos. Encarregou-se da reconstituição histórica dos crimes e façanhas do famigerado Dioguinho, um escritor de renome e que ao mesmo tempo ocupa com proficiência o cargo de Delegado de Polícia nesta Capital. Acostumado ao trato com os assuntos históricos, especialmente de São Paulo, ninguém melhor do que êle para se encarregar de rememorar a vida acidentada e quase lendária do afamado bandido paulista, cujos episódios se perdem na tradição oral e nuns poucos documentos esparsos e de difícil pesquisa. Assim, a dificuldade maior consistiria, para o historiador das aventuras de Diogo da Rocha Figueira, na busca, transladação, especulação, confronto e seleção de papéis, depoimentos, documentos e demais subsídios. Por isso os "Diários Associados" convidaram, para essa tarefa, o elemento que lhes pareceu mais indicado — um escritor que, a tal qualidade, associa o traquejo do historiador e o trato com os assuntos criminais. A escolha, portanto, não poderia ter sido mais feliz, como os próprios leitores terão ensejo de comprovar.*

*Antes de mais nada é preciso acentuar que o autor da história da vida de Dioguinho procurará apresentar os acon-*

tecimentos, que tão famoso tornaram, nos anais do crime, o nome dêsse bandoleiro, exatamente como decorreram, na sua mais real e crua simplicidade, sem se deixar levar pelo gôsto do sensacionalismo. Nem o moverá o desejo de melindrar famílias ou pessoas que com êsse personagem tiveram contacto por uma ou outra circunstância, e a melhor prova disso está em que, quando fôr o caso, a essas pessoas e famílias se referirá apenas por meio de iniciais ou nomes supostos.

O que deve ficar assentado, no entanto, é que todos os episódios que serão relatados aquí têm como base um fato real, ou pelo menos assim geralmente considerado.

As fontes a que recorreu o autor foram: documentos e certidões oficiais de processos judiciais; noticiário de jornais da época; livros, folhetos e artigos escritos sôbre o assunto, e a tradição oral — direta ou indireta — através de pessoas idôneas.

Finalmente, nesta reconstituição das façanhas de Dioguinho, em nenhum caso êle será feito mais feroz nem mais brutal do que realmente se revelou, segundo as longas e afanosas pesquisas procedidas.

## CAPÍTULO I

Não obstante já haver decorrido mais de meio século da data de sua morte, a vida criminosa de Diogo da Rocha Figueira — o Dioguinho, ainda continua a ser lembrada, num misto de admiração e repulsa, principalmente pela população rural da zona do Estado de São Paulo onde mais assiduamente êle agiu.

Entre os bandidos que escolheram o território dêste Estado para palco de suas façanhas sinistras, ainda hoje sobressai a figura de Dioguinho.

Dioguinho, Chico Tanoeiro, João Brandão e outros que se salientaram no banditismo em nossa terra, foram produtos do meio e da época em que viveram. Tempo em que o “coronel” dominava a política no vasto território bandeirante e fomentava as lutas pelo domínio da administração municipal. Época em que os políticos filiados ao mesmo partido se tornavam inimigos de morte nas competições eleitorais das várias zonas onde disputavam as rédeas do mando.

Nesse ambiente em que predominava a politicagem, a polícia e até mesmo a magistratura viviam sob o pêso de injunções nefastas, da parte de chefetes e facções. Não existia a polícia de carreira. Exerciam a função de autoridade policial indivíduos que nem sempre sabiam assinar o próprio nome, arrebanhados entre os apaniguados dos “coronéis” governistas. Por isso, sofriam a influência perniciosa de seus protetores que, em última instância, eram os verdadeiros mentores da polícia local.

É preciso ter presente, também, a rala densidade demográfica do Estado. São Paulo nessa época contava vastíssimas áreas despovoadas, propícias à fuga e ao esconderijo dos malfeitores. Por outro lado, essas extensões semi-desertas não favoreciam a ação preventiva e repressiva da polícia. A já difícil tarefa das autoridades era ainda agravada pelas deficiências do aparelhamento policial, principalmente no que dizia respeito ao material humano e à escassez e morosidade dos meios de comunicação.

Dioguinho surgiu, viveu e morreu nessa época e nesse meio. E, assim como acontece com a maioria dos bandoleiros célebres, a lenda e a fantasia também o envolveram em suas intrincadas malhas, de tal forma que, mesmo ao tempo em que êle viveu, já era dificultoso, acêrca de sua vida e de seus crimes, separar o verdadeiro do fictício, o real do imaginário, o plausível do inadmissível.

\* \* \*

Protegido e assalariado de homens influentes na zona em que mais agiu, Dioguinho contava de antemão com a impunidade para os seus crimes. E tanta confiança depositava nos que o cobriam com a sua proteção, que se excedia em afrontas à polícia e à justiça da época. Desfrutava até da amizade de autoridades às quais incumbia, por fôrça do cargo, impedir a ação anti-social, tanto dêle, quanto dos demais criminosos.

A amizade de Dioguinho, naqueles tempos e naquele sertão, para homens que viviam em constantes lutas políticas, não só se tornava muito útil, quando se tratava de eliminar um inimigo, mas também necessária ao próprio sossêgo e prestígio.

E é preciso não esquecer que êsse homem era tido e havido como fisicamente invulnerável. Todos acreditavam, e êle mais do que ninguém, que tinha o "corpo fechado".

\* \* \*

Qual teria sido seu primeiro crime?

Correm várias versões a respeito. Aceitaremos, como provável, a que nos foi relatada por um parente seu.

Dioguinho vivia com seus pais na cidade de Tatuí, onde estudara e aprendera a medir terras, tornando-se, mais tarde, auxiliar de agrimensor. Com essa profissão ia êle ganhando a vida, pois que serviço não lhe faltava. Com o pai, português de nascimento, homem de costumes severos e rígidos, desde pequeno aprendera a trabalhar honestamente.

Certo dia, ao entardecer, depois de ter feito medições nos arredores, Dioguinho voltou para casa. Estava cansado e pretendia deitar-se logo após o jantar para levantar-se bem cedo. Ao dirigir-se ao poço, a fim de se lavar, encontrou seu irmão Joãozinho, que chorava sentado a um canto do quintal. Aproximou-se dêle:

— Por que está chorando, Joãozinho? Que foi que aconteceu com você?

O menino não respondeu; não podia reprimir os soluços. Dioguinho, percebendo que êle tinha uma marca vermelha no rosto, deduziu que o pai o espancara, como era de costume.

— Já sei. Você fêz alguma das suas e o velho lhe deu um bofetão daqueles, não é? Deixa ver.

Mas, examinando o rosto do irmão, Dioguinho exclamou irritado:

— Que diabo, assim também é demais! Não! Vou falar com o velho — e fêz menção de ir à procura do pai.

— Não foi êle, não... — disse Joãozinho, entre soluços.

— Então quem foi?

— ...

— Vamos, conta quem foi? Conta, menino!

— Foi o homem do circo...

— O homem do circo? Que homem do circo êsse?

— Do circo que chegou ontem — respondeu Joãozinho.

— E por que êle fêz isso com você? Diga! Fale!

Contou então Joãozinho o que lhe havia acontecido: O gerente do circo mandara ao seu pai umas entradas para o espetáculo da noite, o que fizera, aliás, com muitas famílias

da cidade. Não desejando ir ao circo, nem permitindo que sua família fôsse, o pai o havia mandado devolver as entradas. Chegando lá, o gerente não aceitara a devolução, alegando que estava fora de hora e que por isso elas deviam ser pagas. Joãozinho insistira, de acôrdo com as ordens que recebera. O gerente, porém, continuava turrando. E assim se fôra azeitando a discussão, até que, a certa altura, o homem lhe dissera um palavrão. O menino retrucou:

— A sua, está ouvindo?

E limpando as lágrimas com a manga da camisa, Joãozinho concluiu:

— E aí êle me deu um tapa na cara...

Dioguinho cerrou os dentes. E pegando o irmão pelo braço, disse:

— Vamos ao circo, que eu quero mostrar a êsse cachorro quem é aquilo que êle falou. E foi puxando o irmão em direção à rua. Ao passar pela sala de visitas, tirou, de trás da porta, um rebenque.

Quando chegou ao local onde o circo estava armado, Dioguinho perguntou a um empregado onde se achava o gerente.

— Êle está alí na cabine.

Dirigiu-se para lá e, como a porta estivesse aberta, foi entrando:

— Ê esse o tal, Joãozinho? — perguntou ao irmão, indicando um sujeito carrancudo que se pusera a encará-los, logo que haviam transpôsto a porta.

— Ê esse mesmo.

— Então foi você que bateu no meu irmão, hein! seu canalha? Se você fôr homem, faça isso outra vez, na minha frente!

O gerente levantou-se. Era um homem forte, entroncado.

— Fui eu mesmo, porque êle é um malcriado.

E olhando firme nos olhos de Dioguinho:

— E se você não sair daqui já, eu faço o mesmo com você, seu bêsta! E dizendo isso, abriu a gaveta da mesa, à procura de alguma coisa, possivelmente uma arma.



Dioguinho, mais que ligeiro, desferiu-lhe um golpe com o rebenque. O homem, porém, observava seus gestos, e se defendeu, agarrando o chicote com a mão esquerda. Foi a sua infelicidade. Dioguinho puxou o cabo e êste se separou da parte que estava segura pelo outro. Surgiu um comprido estoque.

— Toma, miserável, covarde! — gritou Dioguinho, fincando-lhe a arma na barriga.

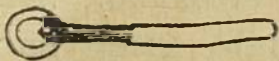
O sujeito deu um urro e caiu de costas.

Dioguinho enfiou novamente o estoque na bainha e, quando se dispunha a sair com Joãozinho, teve os passos embargados pelo empregado com quem falara momentos antes.

— Que é isso! Acuda, gente, o homem matou o patrão! Dioguinho não vacilou: deu-lhe na cabeça com o cabo do rebenque; e êle caiu alí mesmo, sem sentidos.

Processado por êsse crime, Dioguinho foi impronunciado pela justiça da terra, que reconheceu a seu favor a justificativa da legítima defesa.

E, ao que dizem, teria sido êsse o ponto de partida de sua vida criminosa.



## CAPÍTULO II (1)

Impronunciado no processo pela morte do gerente do circo, Dioguinho continuou residindo com sua família. O juri reconhecera a seu favor a legítima defesa e, assim, estava êle quites com a sociedade, como se costuma dizer. No entanto, novo crime viria a praticar, dentro em breve, segundo informações do parente a que já nos referimos.

Uma sobrinha de Dioguinho, órfã de pai e mãe, fôra criada pelos avós, desde pequenina. A moça era estimada por todos e vivia feliz e despreocupada. Mas um dia, certo rapaz da cidade, que exercia o ofício de serralheiro, a seduziu com promessas de casamento. A princípio, ela acreditara nas juras de amor daquele que fôra o seu primeiro namorado. Os dias, porém, se foram passando, e nada — “nada de o rapaz se resolver”.

Uma tarde, já cansada das desculpas do sedutor, que vinha protelando o pedido de casamento, a moça deliberou pôr um ponto final na situação. Disse-lhe que era preciso dar um jeito e que aquilo assim não podia continuar. Ou sim ou não. Não aceitaria mais nenhuma desculpa esfarrapada. Usando dos mesmos argumentos de sempre, o rapaz pretendeu adiar ainda o casamento. Ela permaneceu irreductível. Que se resolvesse a ficar noivo até o próximo domingo ou então contaria tudo ao seu avô. Afinal, diante da atitude decidida da moça, o rapaz prometeu dar-lhe uma resposta definitiva no dia seguinte.

---

(1) Ver Capítulo XLVII.

Na noite imediata, a jovem esperou, esperou, cansou de esperar, e nada. Teve um pressentimento. Foi à oficina onde o namorado trabalhava. Lá lhe disseram que o jovem não havia aparecido. Correu à casa onde êle morava e teve a confirmação de suas suspeitas: havia fugido. Alucinada, contendo-se a custo para não chorar na rua, voltou depressa à sua casa, entrou no quarto, atirou-se na cama. Foi então que o chôro rebentou. Alarma. Todos da família procuravam saber do que se tratava. A moça, porém, nada respondia. Perguntaram-lhe se estava doente, se lhe doía alguma coisa. E ela nada. Com a cabeça enfiada no travesseiro, chorava sem cessar e se obstinava na negativa — não era nada, não era nada.

À noite, quando voltou do trabalho, Dioguinho foi pôsto a par do sucedido. Todos achavam estranha a crise nervosa da moça e não podiam encontrar qualquer explicação.

Dioguinho foi ao quarto da sobrinha, levantou-lhe a cabeça do travesseiro, enxugou-lhe as lágrimas com o próprio lenço e, mansamente, carinhosamente, disse-lhe:

— Que foi que aconteceu com você bichinha? Conta pro seu tio, conta.

A jovem, num repente, agarrou-se a êle, escondendo a cabeça — mas nada disse.

— Que é isso, bobinha, você já não gosta mais de mim? já não tem confiança no seu tio? Conta pra mim o que aconteceu que eu darei um jeito; não tenha medo.

A sobrinha continuou em silêncio, soluçando.

— Se você não contar, o tio vai ficar triste com você, assim como já estão todos lá dentro. Não é direito você fazer isso com sua família. Fica aí o dia todo chorando e não quer dizer porque. Vamos, você quer que o tio Diogo também fique zangado? Quer?

Sem levantar a cabeça, ela fêz sinal que não.

— Então conte. Alguém fêz mal a você? Se foi, não tenha receio, porque seu tio há de dar um jeito. Foi?... Foi, sim, já sei. Não é isso?

— ...

Dioguinho, tomando a cabeça da sobrinha entre as mãos, disse-lhe, sorrindo:

— Foi êle, seu namorado, não é? Eu sei, estou lendo nos seus olhos. Agora conte tudo, que o tio Diogo vai arrumar as coisas direitinho pra você. Vamos.

Achegando-se de novo ao peito de Dioguinho, aos poucos, foi-lhe contando a sua desventura. O homem ouviu tudo calado.

— E agora, pelo amor de Deus, tio Diogo, não vá contar pro vovô, que êle me mata se souber o que aconteceu. Jura que não conta!

— Não tenha mêdo; eu não vou contar. Escuta, você gosta mesmo dêsse moço? Quer casar com êle?

Diante da resposta afirmativa da sobrinha, Dioguinho levantou-se e foi à sala de jantar, onde se achava o resto da família.

— Não é nada — foi dizendo, enquanto tirava o paletó. Coisas de moça solteira, chuva que não molha. Briguinhas à-toa com o namorado.

E voltando-se para a sua mãe:

— Agora preciso comer, que ainda tenho que sair pra contratar um serviço nas terras do coronel Juquita.

Nessa mesma noite, Dioguinho se pôs a investigar o paradeiro do sedutor da sobrinha. Falou com o dono da oficina, conversou com amigos e conhecidos do rapaz. E assim, obtendo uma informação aquí, outra alí, convenceu-se de que êle havia ido para uma cidade vizinha, onde tinha uma irmã casada.

Na estação, sondando com jeito o bilheteiro, teve a confirmação. O moço, de manhãzinha, comprara uma passagem para lá e embarcara no primeiro trem.

Dioguinho voltou para casa e recolheu-se ao quarto. Tirou a roupa, deitou-se, procurou dormir, mas não conseguiu. Ficou fazendo planos, até que raiou a madrugada. Levantou-se então, foi à cozinha, onde sua mãe preparava o café.

— A bênção, mamãe.

— Deus te abençoe, Diogo.

— Mamãe, eu vou sair daqui a pouco e talvez me demore uns dias. Vou até a fazenda de um amigo fazer o orçamento de uma medição. Se procurarem por mim, diga que nestes dois dias eu estarei de volta.

Tomou o café, despediu-se e foi arrear a mula preta.

\* \* \*

Após uma viagem de cinco léguas, mais ou menos, Dioguinho chegou ao seu destino. Indaga daqui, pergunta dali, assunta de lá e, afinal, veio a saber onde residia a irmã do homem a quem procurava. Dirigiu-se para lá. A casa ficava na saída da cidade.

Dioguinho apeou-se à porta de uma venda, pediu pão com queijo fresco e uma cerveja, e sentando-se a um canto de onde pudesse observar a casa, deixou-se ficar ali, matutando, sempre de olho vivo.

Não demorou meia hora, viu sair da casa um moço cujo tipo coincidia com a descrição que lhe haviam feito do serralheiro. O rapaz veio vindo, veio vindo, até que entrou na venda. Pediu uma cerveja, enrolou um cigarrinho de palha e daí a pouco perguntou ao vendeiro:

— O senhor sabe onde tem uma oficina de serralheiro?

— Alí na rua do Comércio, aquela que vai dar no largo da Matriz, tem a oficina do Bolonha. “Seu” Bolonha, um italiano. Ele trabalha bem e não é careiro.

Dioguinho, que até então ficara meio escondido atrás de uns caixotes, aproximou-se do rapaz. Este teve um estremecimento ao reconhecer o tio de sua ex-namorada, mas logo procurou controlar-se.

— Ué! o senhor por aqui?!...

— O senhor me conhece?

— Conheço, sim, o senhor é o “seu” Diogo, não é?

— Sou. Ah! agora estou lembrado, você trabalha na oficina do Pedroca, não é isso?

— Isso mesmo. Agora estou por aqui; vim visitar minha irmã. E o senhor? — perguntou o rapaz, ansioso por apurar se êle sabia de alguma coisa.

— Eu estou aqui por estas bandas já faz mais de uma semana, medindo terras. Quero ver se volto pra casa amanhã. Já estou com saúde do pessoal de lá. Vamos tomar uma cervejinha?

— Vamos.

Por ali ficaram tomando cerveja, garrafa atrás de garrafa. Conversaram sobre muitos assuntos, na maior cordialidade. O rapaz já estava convencido de que Dioguinho não sabia de nada. Também, não era pra menos, pois êle sempre procurara encontrar-se com a moça às escondidas.

Ali pelas tantas, Diogo começou a contar que estava namorando uma moça da fazenda onde media terras e não tinha muita certeza se ela gostava dêle ou não. E era uma pena, porque a rapariga era bonita e êle já estava pensando em se casar. “A gente vai ficando velho”...

— Mas o diabo é que nunca se pode saber se dá certo ou não — concluiu.

O serralheiro, já com algumas garrafas de cerveja na cabeça, foi dizendo:

— Qual, “seu” Diogo, a gente precisa ter muito cuidado com as mulheres. Elas não gostam da gente, não; fingem que gostam, só pra pegar o coitado no laço. O que elas querem é casar pra arranjar um trouxa que trabalhe para elas a vida inteira. E depois, mulher que preste é muito difícil de encontrar.

— Você nunca teve namorada? Nunca gostou de nenhuma?

— Eu não. Já tive muitas namoradas, mas gostar mesmo, que é bom, ainda não gostei de nenhuma — respondeu, e emborcou mais um copo.

— E você, não pretende se casar? Vai ficar tôda a vida solteiro?

— Se vou! é muito melhor. Olhe “seu” Diogo, isso muito aqui para nós: mulher não falta por êsse mundão a fora. Está tudo por aí querendo se assanhar com a gente. Pra que casar? Diga! Não paga a pena.

— Ê... não paga a pena... Engraçado, então você não pensa em casar?

— Eu não

Estava ficando escuro. O vendeiro acendeu o lampião de querosene.

— Bem, “seu” Diogo, a conversa está boa, mas eu preciso ir. Minha irmã deve estar aflita à minha espera, com a bóia pronta há muito tempo.

— Eu também vou — disse Dioguinho — preciso voltar pra fazenda ainda hoje.

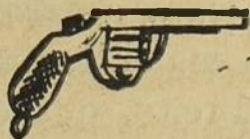
Levantaram-se e Dioguinho pagou a conta. Saíram juntos e foram descendo a pé, a mula puxada pelas rédeas. Dioguinho, ao sair da venda, apanhara uma acha de lenha e vinha brincando com ela na mão.

A rua estava deserta. Da venda até a casa do rapaz havia um bom pedaço de chão. Iam conversando e o moço, de vez em quando, cambaleava. Dioguinho amparava-o: — Firme, caboclo!

Em dado momento, depois de certificar-se de que não eram vistos por ninguém, Dioguinho segurou o jovem pela gola do paletó, sacudindo-o:

— Então, você não pretende casar, não é? Tôdas as mulheres são assanhadas, não é? E você não gosta de nenhuma, não é? Nem daquela que você desgraçou e abandonou, não é? Pois então toma, seu...!

E ao som dos impropérios que não cessava de repetir, foi-lhe dando de rijo na cabeça, com a acha de lenha. O moço nem gritou. Caiu alí mesmo, atordado. Dioguinho deu-lhe mais quatro ou cinco pauladas — esfacelou-lhe a cabeça. Em seguida, montou no animal e tomou a direção da estrada, a caminho de casa.



### CAPÍTULO III

A loja do Salim, sem qualquer dúvida, era a mais sortida da cidade. Tinha de tudo: sêcos e molhados, perfumes, ferragens, armarinho, livros, papelaria, armas e munições, relógios e mais uma infinidade de miudezas. O ativo comerciante não se limitava, como a maioria, a esperar a visita dos viajantes para fazer suas encomendas. De dois em dois meses vinha à Capital e êle mesmo percorria o comércio, adquirindo as últimas novidades. Por isso, a sua loja gozava de merecida reputação na cidade e em tôda a zona.

Dioguinho, antigo freguês de Salim, sempre que parava na cidade ia procurá-lo para conhecer as novidades e comprar as que lhe interessassem.

\* \* \*

Uma tarde — era no mês de agosto — Dioguinho passava pela loja do Salim. Apesar de já ter cometido alguns crimes, ainda não granjeara a triste fama de matador que mais tarde faria dêle o maior facínora paulista de todos os tempos. Ia passando direito, quando foi chamado pelo negociante:

— “Seu” Diogo, ó “seu” Diogo! Entra aquí um pouco. Tenho uma novidade pro senhor. Venha ver, venha ver.



Dioguinho atravessou calmamente a rua e entrou na loja. Então Salim mostrou-lhe uma bússola, artigo de fabricação alemã:

— Trouxe isto de São Paulo pro senhor, especialmente. É muito útil para agrimensor. Lá no mato o senhor precisa disso. Não precisa?

— É... mas é que eu já tenho uma, por sinal dessa mesma marca. Muito boa, muito boa. O que eu estou precisando agora é de uma trena. Tem aí?

— Tenho — respondeu Salim, e abrindo uma gaveta, mostrou-lhe o artigo.

Enquanto examinava a trena, puxando e soltando a fita métrica, Dioguinho ficou olhando para a vitrina da porta.

— Que é isso aí? — perguntou.

— É um chapéu da nova moda. Veio hoje mesmo de São Paulo. Chama-se palheta. Dizem que também na Europa é a última moda.

— Deixa ver.

Pondo a palheta na cabeça, Dioguinho mirou-se ao espelho.

— Que cara engraçada, gente! — comentou — virando-se de um lado e de outro.

— Fica bem, “seu” Diogo; e é levezinha, não é?

— É sim. Quando faz calor deve ser gostoso.

E examinando a palheta: — Também, só serve aqui prá cidade; no campo isso não dá certo. E depois, é feita de palha, não é? quando chove fica tudo mole.

— Bem, mas isso não é pra usar no mato, “seu” Diogo; é só prá cidade — esclareceu Salim.

Dioguinho já nem se lembrava da trena, que deixara sobre o balcão. Comprou a palheta e pediu que a embrulhassem.

— Quero usar ela hoje de noite, no baile. Vai ser um figurão. — E despediu-se de Salim.

Em casa, Dioguinho, depois de tomar banho na tina, vestiu um terno novo de linho branco, pôs a melhor gravata e calçou os sapatos que seu irmão Joãozinho limpara para êle.

Quando já estava pronto, pôs a palheta e foi para a sala de jantar, onde estava reunida a sua família.

— Chi! que coisa mais esquisita essa que você tem na cabeça, Dioguinho! Que é isso? — exclamou, rindo, sua irmã mais velha.

— Cruz-credo! — resmungou a cozinheira, uma preta velha que o vira nascer. — Que estrumela mais sem jeito... t'esconjuro!

Dioguinho riu e explicou pacientemente que aquilo se chamava palheta; que chegara há pouco da Capital, onde era a última moda. E também na Europa.

— Você está ficando um janota, meu filho. Isso não é bom não — disse-lhe, afetuosamente, a mãe.

— O que eu posso garantir é que até hoje não vi ninguém usar uma coisa dessas. E duvido que algum homem sério ponha isso na cabeça — disse de mau humor o pai de Dioguinho, retirando-se da sala.

Dioguinho não deu maior importância. Sabia que o velho era rabugento mesmo. Tomou o café que a negra lhe trouxera e saiu para a rua.

\* \* \*

No bar, enquanto faziam hora para o baile, Dioguinho e seus amigos ficaram tomando cerveja e contando anedotas. Alí também a palheta foi alvo de comentários. Passou de mão em mão, todos quiseram experimentá-la. Alguns gostaram, outros não.

— Eu acho isto muito prático pra cumprimentar os conhecidos. Vejam só! — disse um dêles, enquanto tirava e punha a palheta na cabeça. Com esta abinha dura, é só pegar, que ela sai logo. — E dando alguns passos, arrematou: — A gente passa perto de uma moça ou na porta da igreja e tira logo a tal da cabeça... não é como chapéu, que às vezes gruda na testa e custa pra sair.

Todos riram do jeito dêle andar e fingir que estava cumprimentando. A maioria acabou concordando que a palheta tinha as suas utilidades. Dioguinho estava satisfeito por ser o primeiro rapaz da cidade a usar uma novidade da Capital. Ao menos uma vez êle ditava moda.

A festa realizava-se na residência de um conhecido, na rua 11 de Agosto, por motivo do aniversário de pessoa da família. Havia muita gente espalhada pela casa. Na cozinha e no quintal achavam-se arrumadas mesas com salgados e doces. Havia de tudo à farta, principalmente bebidas. Dioguinho entrou com alguns amigos e, ao contrário dêstes — que foram guardar os chapéus num quarto dos fundos — preferiu ficar com a palheta debaixo do braço, alegando que sua permanência na festa seria por pouco.

— Estou mesmo assim meio de passagem só...

A convite do dono da casa, os rapazes passaram-se para o quintal, onde entraram nas bebidas. Cerveja, vinho, pinga, quentão, de acôrdo com as preferências de cada um. Alguns bebiam gengibirra.

— Você sabe dançar, Dioguinho? — perguntou um dos amigos.

— Malemal. Pro gasto.

— Sabe dançar a mazurca?

— Essa eu não sei, não.

— Então eu vou ensinar você, venha cá.

E afastaram-se para um canto do quintal, onde se fêz uma roda e o amigo, dançarino de nomeada na cidade, principiou a aula.

— Preste atenção! Ê fácil, você vai ver.

— Pelo que eu vejo tem mais gente aquí que não sabe dançar essa tal de dança — disse Dioguinho, reparando que outros rapazes se aproximavam, curiosos.

— Tanto melhor, porque assim a explicação servirá pra todos. Bem, vou começar: no primeiro tempo, o cavalheiro avança com o pé esquerdo, ficando com o pé direito afastado vinte e cinco centímetros do esquerdo, porém na mesma posi-

ção. Assim, olhem! No segundo tempo, coloca a ponta do pé direito junto do calcanhar do pé esquerdo, vejam como é — e marca dois tempos. Viram?

Alguns dos presentes repetiram os passos, mas Dioguinho ficou só observando, calado.

— Isso mesmo. Vamos continuar: no terceiro tempo, o pé esquerdo avança e, como no primeiro tempo, coloca os pés assim, e marca três tempos. No quarto tempo, a ponta do pé direito avança e encosta no côncavo do pé esquerdo; roda, dêste jeito, e marca quatro tempos. Agora, no quinto tempo, o pé direito avança, e com o calcanhar vai tocar o côncavo do pé esquerdo, e marca cinco tempos. Assim. No sexto tempo, é o pé esquerdo que avança, e o calcanhar do pé direito recua, indo tocar o calcanhar do pé esquerdo, assim como estou fazendo, e marca sete tempos. E agora, o último: o cavalheiro se ergue assim, roda nas pontas dos pés e marca oito tempos. Pronto! Vamos ver.

Os rapazes reproduziram a lição. Alguns o fizeram bem, outros com tropeços.

— E você, Dioguinho, aprendeu? — perguntou o improvisado professor.

— Vou mostrar mas é com uma dama. Querem ver? — E, dizendo isso, Dioguinho dirigiu-se à sala onde estavam dançando e pediu aos músicos que tocassem uma mazurca.

A música começou e Dioguinho, deixando a palheta sôbre uma cadeira, tirou uma dama e saiu dançando, a princípio com certo embaraço e logo depois de acôrdo com a lição que acabara de receber.

E lá se foi êle, trocando pés e rodando, enlaçado com a moça. Não obstante tantos passos complicados, Dioguinho não tirava os olhos da palheta. Em dado momento, um dos rapazes, que êle não conhecia, foi sentar-se precisamente na cadeira onde estava a palheta, e, ou porque não a houvesse visto, ou porque estivesse meio tocado, o certo é que se sentou em cima dela. Foi: craaaaaaque...

Dioguinho, num átimo, abandonou a dama e flechou pra cima do desastrado, feito uma fúria. Sem dizer água vai, de um só golpe cravou-lhe a faca no peito, até o cabo!



A cena passou-se como um relâmpago. Dioguinho, aproveitando a confusão, saiu correndo para a rua, perseguido por alguns homens.

— Pega! Pega! Assassino!

Logo se juntaram outros, e então era todo um bando, no encalço do matador. Êste correu pela rua 11 de Agosto, sempre com os homens no calcanhar, e, ao chegar à praça, tentou saltar um muro. Nesse instante foi agarrado pelas pernas, pelo dr. Laurindo Dias Minhoto, pertencente a tradicional família da cidade. Dioguinho ficou seguro, até que chegaram outros, subjugando-o.

Entregue à polícia, Dioguinho respondeu a processo que, como os demais, terminou com sua plena absolvição.



## CAPÍTULO IV

**D**ioguinho achava-se acampado nas proximidades de São Simão. Enquanto aguardava a chegada do portador que lhe traria a confirmação de certo “trabalhinho” encomendado por um fazendeiro seu amigo, deixava-se ficar naquela vadiação: caçar, pescar, dormir e assuntar...

Nesse dia, bem cedo, Joaquim, que se incumbia da cozinha, depois de servir o café, comunicou ao chefe a falta de alguns mantimentos:

— “Seu” Diogo, está acabando o feijão, a carne sêca e o sal; também precisa comprar farinha e cachaça.

Dioguinho, que começara a azeitar as armas, levantou-se, tirou da carteira algumas cédulas, deu-as ao cabra, e respondeu:

— Compre tudo que fôr preciso, vá à casa do Maneco buscar os jornais e peça pra êle mandar mais munição. E — olhe — não vá voltar com o “caco” cheio de cachaça, como da outra vez.

— Sim senhor, “seu” Diogo... não tem perigo, “seu” Diogo... pois não, “seu” Diogo — repetia Joaquim, enquanto arrumava o picuá no lombo do animal.

E lá se foi, a galope, no rumo de São Simão.

Dioguinho, que diàriamente exercitava a pontaria, saiu do rancho em direção a um capão de mato, não muito distante, onde se embrenhou, andando macio, para não fazer bulha.

Acocorou-se atrás de um tronco sêco, ajeitou-se numa posição que lhe permitisse descansar e, ao mesmo tempo, apoiar a espingarda na forquilha. Tirou do bôlso um pio feito de taquara e se pôs a piar. Dava gôsto ouvi-lo imitar o macuco, naquele som curto e compassado. Se houvesse macuco por alí, não havia dúvida, seria um macuco de menos...

Joaquim, nem bem chegou na cidade, logo foi apeando na primeira venda, onde tomou meio copo de cachaça, de uma só vez.

— Brrrr... êta cachacinha forte, esta — comentou, sacudindo a cabeça. Pagou, montou a cavalo e seguiu seu caminho, diretamente para a casa do Maneco, onde apanhou os jornais da Capital e deu o recado a respeito da munição. As lojas começavam a abrir as portas.

Joaquim fêz as compras, tomou mais alguns goles de cachaça, desviou-se do soldado que voltava da estação e riscou as esporas na virilha do cavalo, tomando a direção do rancho.

Ao passar pela última venda (que fôra a primeira, na ida), o cabra não resistiu à tentação de tomar o derradeiro trago. Freiou o animal, amarrou as rédeas num mourão de cêrca, e entrou. Lá dentro, além do dono que cortava mortadela para uma menina, não havia mais ninguém, a não ser um preto beicudo, que tomava pinga sentado nuns sacos de batatas. Joaquim pediu sua dose e encostou-se no balcão, junto ao preto. Êste, depois de olhar para o recém-chegado, dos pés à cabeça, dirigiu-lhe a palavra:

— Que mal lhe pergunto, seu moço, mecê não é daquí, pois não?

— Não sou mesmo; vou a caminho de Ribeirão Preto, trabalhar numa fazenda — respondeu Joaquim, meio resabiado.

— Então vou lhe dar um conselho, embora num seja de minha conta: tome cuidado c'uns marvados que andam por aí matando gente à-toa; não é mesmo? — concluiu, dirigindo-se ao dono da venda, o qual fingiu que não ouvira.

— E quem são êsses homens? — perguntou Joaquim, muito interessado.

O preto, depois de olhar de um lado e de outro, levantou-se cambaleando, e aproximou-se, chegando bem pertinho de Joaquim. Disse-lhe ao ouvido:

— Mecê nunca ouviu falar no Dioguinho?

E, como o outro respondesse negativamente, continuou:

— Pois é o Dioguinho, o homem mais marvado que já existiu. Tome cuidado com êle... mata só pra ver a careta do fregueis!...

Joaquim farejou logo uma oportunidade de colhêr algumas informações de interêsse para o seu chefe. Pediu mais cachaça para êle e para o preto, e, sentando-se ao seu lado, se pôs a plantar verdes. Como era êsse tal de Dioguinho; que é que êle fazia; era mesmo algum cuera; etc. e tal. O preto andou, a princípio, com certa cautela, mas depois de mais alguns goles desamarrou a língua e foi contando coisas do facínora e seu bando, até que, a certa altura, soltou uma frase que fêz brilhar os olhos do cabra:

— Se Deus quiser, isso tudo vai acabar logo...

Joaquim pediu mais cachaça, que o negro bebeu, e mais, e mais, até que o achou no ponto. E foi dizendo de mansinho:

— Então, como você disse, se Deus quiser, êsse tal de Diogo vai acabar logo, não é?

— Vai sim, emendou o preto. — E, passando o braço em volta do pescoço de Joaquim: — Pois, moço, tão aprontando o fim dêle...

Nesse instante, como estivessem chegando alguns boia-deiros, Joaquim pagou a conta, se foi esgueirando pela outra porta, montou a cavalo e saiu a galope.

Ao chegar ao rancho, Dioguinho, que o esperava de cara fechada, gritou com êle: — Seu vagabundo! Eu não lhe disse que não ficasse bebendo? Até esta hora à sua espera pra comer! Você merecia que eu lhe desse uma surra de rabo de tatú e acho que é o que vou fazer.

Joaquim, saltando do cavalo, levantou os braços e implorou:

— Calma, "seu" Diogo, eu trago novidades pro senhor... foi por sua causa que eu demorei...



— Por minha causa? Que história é essa?

E Joaquim então contou ao chefe o seu encontro com o preto e a conversa que tivera com êle.

— E quem é êsse preto? — perguntou Dioguinho.

Joaquim esclareceu que não pudera saber quem êle era, devido à chegada dos boiadeiros, no meio dos quais estava um que o conhecia. Mas que não era difícil encontrar o preto, o qual devia ser conhecido do dono da venda. Dioguinho dirigiu-se para onde estava a mula, ensilhou-a e gritou para Joaquim:

— Pois vamos à tal venda.

E ambos partiram a galope.

\* \* \*

Joaquim entrou sòzinho, depois de se certificar de que não havia mais ninguém na venda, além do dono.

— Me desculpe, mas é que eu resolvi não ir mais pra Ribeirão Preto e aceitar um emprêgo que aquêle moço me ofereceu — disse, dirigindo-se ao vendeiro. Acontece, agora, que não me lembro mais onde é que êle mora. O senhor sabe onde é?

— Qual? aquêle que esteve aquí, bebendo com o senhor? O Laudelino, não é? Mora naquela casa lá em cima, onde tem aquêles dois pinheiros — respondeu o vendeiro, apontando para uma casinha isolada, que ficava no alto dum espigão, a uns duzentos metros dali.

Joaquim agradeceu e dirigiu-se ao local onde deixara Dioguinho. Juntos encaminharam-se para a casa do preto, cuja porta encontraram encostada. Foram entrando, até dar com o homem deitado na esteira. Dioguinho perguntou ao companheiro se era aquêle o tal. O preto dormia profundamente, roncando. Joaquim, a uma ordem do chefe, pegou o homem pelos braços e o suspendeu no ombro, como se fôsse um fardo. O preto nem deu pela coisa.

Uma vez lá fora, puseram-no sôbre o cavalo de Joaquim, e êste, montando na garupa e sustentando o preto por baixo dos braços, tocou o animal, seguido de perto por Dioguinho, que de vez em quando lhe dava uma de-mão para endireitar o homem na sela.

Depois de uma boa meia hora de caminho, desviaram-se da estrada e vararam um capoeirão de mato, até a beira de um córrego. Aí apearam-se, arriaram o preto, que continuava inconsciente, tal a sua bebedeira.

— Enfia a cabeça d'êle dentro d'água — ordenou Dioguinho — vai molhando, até êle ficar bom de entendimento.

Joaquim arrastou o homem e começou a operação. Dioguinho, de quando em quando, chamava a atenção do cabra, e ao perceber que a cabeça do preto ficava submersa por mais tempo:

— Devagar!... cuidado, não vá asfixiar êsse “pau-de-fumo”, que eu preciso conversar com êle.

Dioguinho e Joaquim, pacientemente, esperaram que passasse a carraspana do preto, que ficou por alí, dormindo. Lá pelas tantas, o tal abriu os olhos, espreguiçou-se e parou de boca aberta, surpreso de se achar naquele sítio, que não conhecia. Dioguinho aproximou-se e perguntou-lhe se já estava melhor.

— Êta bebedeira, seu moço! Eu só queria saber como é que eu vim parar aquí... Quem é o senhor?

— Eu sou o Dioguinho, respondeu.

O preto deu um salto e ficou de pé, com os olhos esbugalhados, a tremer.

— Eu trouxe você aquí pra me contar aquela história que você contou aí pro Joaquim, lembra-se? Lá na venda, hoje de manhã...

O preto, mal feito do susto, procurou ajeitar as coisas, dizendo que não se lembrava de nenhuma história; que estava bêbedo; que êle era um pobre diabo; quando bebia só falava besteira, o sr. compreende, e assim por diante.

Dioguinho, porém, não acreditou. Agarrou o preto pela camisa de meia, sacudiu-o, e disse:

— Ou você conta ou eu te mato, negro sem vergonha! E arrastando o cabra até junto de uma árvore, amarrou-o.

— Pelo amor de Deus, “seu” Dioguinho, não me mate que eu não sei de nada, juro! — gritava o negro, enquanto Dioguinho lhe immobilizava os braços e as pernas, apertando-os junto ao tronco, com uma corda.

— Eu já te mostro; caboclo mais duro tem falado, na minha frente.

E puxando da faca, Dioguinho, sem mais aquela, começou a arrancar o couro cabeludo do negro. Foi arrancando, devagarinho, sem se impressionar com os uivos de dor do desgraçado.

O preto, tomado de pavor, debatia-se em tremenda luta íntima: se não contasse, morreria; se contasse, seria denunciar seu primo e mais dois companheiros, que haviam empreitado uma tocaia contra o facínora.

Dioguinho, dizendo os mais pesados impropérios, continuava, com um sorriso sádico, a arrancar o couro da cabeça do infeliz.

— Eu te arranco o couro do corpo inteirinho, negro poltrão! Você conta. Joaquim! — gritou para o seu cabra — traga a garrafa de cachaça.

O preto mal se sustinha em pé. O couro cabeludo, caído sobre os olhos, com o sangue a escorrer, dava-lhe um aspecto horripilante. Dioguinho destampou a garrafa de pinga e despejou o líquido sobre a ferida sangrenta. O preto deu um berro louco:

— Eu conto, eu conto, não me mate!

E confessou então a Dioguinho, que seu primo e mais dois companheiros haviam organizado uma tocaia para eliminá-lo.

Dioguinho desamarrou o preto, deu-lhe uma bofetada na cara e ordenou-lhe:

— Agora suma daqui, seu negro à-toa. Corra!

O preto saiu cambaleando e, não havia ainda dado dez passos, quando recebeu uma bala nas costas. Foi caindo, caindo. Ajoelhou-se, com a cabeça mergulhada no riacho, e assim ficou, morto.

Dioguinho extraíu o cartucho vazio e soprou dentro do cano da arma.



## CAPÍTULO V

Joaquim levantara-se alegre, cantarolando:

— “Perdão, Emília  
se roubei-te a vida”

lala-ra lá, lala-ra lá, laraááá. . .

Também não era para menos: havia prestado um grande serviço ao seu chefe. Acendeu o fogo e se pôs a preparar o café.

Pouco depois, Dioguinho acordou e chamou o cabra:

— Joaquim, logo mais você vai a São Simão campear os tais. Mas, vá com jeito e use a cabeça. Pode começar pelo primo do preto e daí descobrir os outros.

— Sim senhor, “seu” Diogo — respondeu Joaquim, enquanto servia o café. Eu vou deixar um almocinho pronto pro senhor e, em seguida, toco pra cidade; pode deixar o negócio por minha conta.

Uma hora mais tarde, o cabra trotava pela estrada, direto a São Simão.

Na porta da venda, apeou-se. Chegou-se pro vendeiro.

— Dia.

— Bom dia — respondeu o homem, que estava limpando o lampião de querosene.

— Me veja aí um talo daquela branquinha — aquela lá de passarinho vermelho na garrafa.

— . . .

— Pois, moço, acontece que ontem eu fui procurar o Laudelino — o senhor sabe — daquela casa ali... Cansei de chamar, batí com o relho na porta, mas nada de aparecer nenhum vivente.

— É que êle costuma viajar de vez em quando, aí por essas fazendas, tratando serviço de amansar animais. É um bom amansador, sabe? Pena que beba muito — respondeu o vendeiro.

— Êle não tem mulher, filhos, parentes? — perguntou Joaquim, enquanto sorvia um gole da branquinha.

— O homem é solteiro e não tem outros parentes, que eu saiba, além de um primo que mora lá prás bandas do matadouro.

— E como é o nome dêle, o sr. sabe? Dêsse primo.

— O nome, nome, eu não sei, mas vejo chamarem êle de Cuiabano.

Joaquim agradeceu, pagou a despesa e despediu-se. Foi direitinho à casa do Maneco, para obter informações acêrca do tal Cuiabano. Maneco não o conhecia nem nunca ouvira falar nele. Joaquim reiterou-lhe o pedido de Dioguinho sôbre as munições, acrescentando a encomenda de duzentas e cinquenta gramas de chumbo "paula-souza".

Perto do matadouro havia uma venda, suja e de mau aspecto. Lá dentro estavam alguns indivíduos mal encarados, de pala, chapéu de abas largas, botas e esporas de rosetas grandes, arrastando pelo chão.

Joaquim deixou o cavalo amarrado na cêrca e entrou, sentando-se a uma mesa nos fundos.

Entra gente, sai gente, e Joaquim, sempre de ôlho vivo e ouvido apurado, assuntava os tipos, escutando-lhes as conversas. Mas só se falava em bois, vacas, preço da arroba de carne e outras lérias que não lhe interessavam.

Às tantas, porém, entraram dois caboclos sacudidos, moços ainda, vestidos como os demais, e se dirigiram a uma mesa onde já se encontrava sentado um homem de meia idade, bem apessoado, trajando roupa de gente da cidade. Cumprimentaram-se, pediram cerveja e puseram-se a conversar em voz baixa.

— Deve ser mais conversa mole, de boi, carne e o diacho que os carregue — monologou Joaquim, visivelmente aborrecido.

De súbito, teve um estremecimento e ficou têsso, como cachorro perdigueiro amarrando caça.

— Você, Cuiabano — estava dizendo o homem idoso — cadê seu primo? Éle ficou de me procurar hoje de manhã e até agora nada.

— Deve estar em casa curtindo alguma ressaca — respondeu um rapaz de tez morena, que tinha no pescoço um vistoso lenço de seda côr de canário.

— Não está; já estive lá duas vêzes e não o encontrei. Será que êle roeu a corda?

— Éle não é homem pra isso, não — retrucou o que atendia pelo apelido de Cuiabano. — Pode ser que êle teve algum negócio urgente. Vai ver que logo mais êle aparece por aquí.

E a conversa retomou seu curso, desta vez em tom mais baixo, de sorte que Joaquim mal podia perceber o de que falavam. Ficou irrequieto. Era indispensável ouvir o que êles diziam; com certeza estavam combinando a tocaia pro “seu” Dioguinho e êle, Joaquim, tinha que ficar sabendo o principal.

Nisto, notou que a mesa em que êles estavam aboletados ficava junto a uma porta. Embora ansioso por ouvir a conversa, Joaquim, aparentando calma, levantou-se e saiu para o quintal.

Aí então verificou que a porta que êle procurava comunicava-se para um pequeno quarto de despêjo, onde existiam caixas, sacos empilhados, garrafas vazias e mais um mundo de miüdezas.

Entrou. Uma vez lá dentro, ficou escutando o que diziam do outro lado. Pôde perceber uns pedaços da prosa:

“... pois o Mundico garantiu que vai amanhã cedinho levar a carta pro Dioguinho...”. “... Tem certeza que o Dioguinho vai?”. “... então se é certo que vai, tem de passar

pela encruzilhada do grotão...". "... não, homem, não tem outro caminho...". "... então está combinado: amanhã, lá pelas dez horas, nos encontraremos na saída da cidade, perto do cruzeiro...".

Ouviu-se um arrastar de cadeiras e, em seguida, silêncio. Joaquim compreendeu que os homens se haviam retirado. Saiu de onde estava, pagou a conta, pulou na sela e tocou a tôda pressa para o rancho.

Dioguinho já o esperava impaciente. Joaquim contou-lhe o que apurara, com abundância de pormenores, e preparou o jantar. Enquanto isso, Dioguinho ficou por alí, cismando... De vez em quando fazia uma pergunta ou outra a Joaquim, para confirmar que o cabra não se esquecera de nada.

Depois do jantar, Joaquim lavou os pratos e foi dormir. Estava cansado e pegou logo no sono. Dioguinho levou a lamparina para um caixão à cabeceira de sua cama e ficou lendo até tarde o seu livro de orações.

De manhã bem cedo, o cachorro começou a latir. Dioguinho, que tinha o sono leve, levantou-se de um pulo, empunhou a carabina. Chegou-se à janela e viu um homem que vinha vindo, a cavalo.

— Quem vem lá — gritou — ao mesmo tempo que apontava a arma para o lado do desconhecido.

— É de paz, "seu" Dioguinho; da parte do coronel M. — respondeu o homem.

Dioguinho saiu à porta, sempre com a carabina na mão, e ordenou ao recém-chegado que se aproximasse.

— Que é que há? — perguntou.

— Trago uma carta pro senhor. — E entregou um envelope.

Dioguinho abriu, leu e:

— Diga pro coronel que eu chegarei na fazenda ainda pro almôço.

O homem fêz o cavalo girar nas pernas trazeiras e, depois de se despedir de Dioguinho, tomou o caminho de volta.

— Está pronto, Joaquim?

— Sim senhor.

— Então vamos.

Montaram a cavalo e se foram, lado a lado, conversando.

\* \* \*

O sol já estava alto, quando, ao chegarem a um capão de mato, Dioguinho puxou as rédeas do animal.



— Vamos apear aqui — disse para o outro. Daquí nós vamos a pé, sem fazer bulha. Do outro lado dêsse espigão fica a tal de encruzilhada. E consultando o relógio: — São dez e quinze; os homens já devem estar por lá. Deixe a arma prontinha e quando eu lhe der o sinal, faça fogo.

Dioguinho, conhecedor que era do terreno, foi andando na frente, seguido de perto pelo companheiro. A certa altura parou e ficou escutando. Nada; só se ouvia um ou outro pio de jacutinga e o ru-gu-gu-gu-gu-hú melancólico da jurití. Continuaram andando de mansinho, sem fazer o menor ruído.



De repente, Dioguinho fêz sinal para Joaquim e apontou: a uns cinqüenta metros, estavam acorados três homens armados, olhando para o lado do qual êle devia chegar.

Dioguinho levantou a carabina até a altura dos olhos e fêz sinal com a cabeça. Ouviram-se dois estampidos e, logo depois, um outro. Correram para os homens. Dois estavam mortos e o terceiro ainda gemia. Dioguinho deu-lhe um tiro de garrucha na cabeça.

Sacou, então, da faca, e começou a arrancar a pele do rosto das vítimas, da testa até a boca, para que não fôsem reconhecidas. A seguir, tirou-lhes o que traziam nos bolsos. Finalmente, arrancou-lhes as vísceras, atirando-as para um lado.

— Então vocês pensavam que era assim à-toa que haviam de liquidar comigo, hein? — disse, olhando para os cadáveres horrivelmente desfigurados. E voltando-se para o Joaquim, que olhava um tanto estarrecido:

— Está vendo como é, “seu” Joaquim? comigo é assim! Tão cedo ninguém se lembrará de fazer outra tocaia pro Dioguinho. E agora, pega nessas armas e vamos embora.

E, enquanto montavam a cavalo, arrematou, mais para si mesmo:

— Logo ajustaremos contas com o tal de coronel...



## CAPÍTULO VI

Com aquela, já eram nove perdizes.

— Chega! — exclamou Dioguinho, tirando a caçada da bôca do cachorro, enquanto lhe dava umas palmadas afetuosas no lombo.

E o perdigueiro, latindo e abanando o rabo, parecia perguntar-lhe se estava satisfeito.

— Bom trabalho fêz você hoje; agora vamos embora.

A caçada fôra rendosa: em menos de uma hora, nove perdizes. Depois de amarrar-lhes as pernas com cipó, Dioguinho enfiou-as numa tira de couro e foi indo para o local onde havia deixado sua mula preta. Só então notou o quanto tinha andado. O animal estava longe, amarrado a uma paineira, na beira da estrada.

Nove perdizes bem gordas davam bem para o almôço e o jantar daquele dia. Dioguinho caminhava satisfeito pela estrada poeirenta, quando notou que, em sentido contrário, vinha vindo um homem a cavalo. Ao se aproximarem, o cavaleiro, à distância de três metros mais ou menos, parou o animal e dirigiu-se a êle:

— Olá, que negócio é êsse? Então a minha fazenda agora virou casa-de-maria-joana? Desde quando você ficou dono disto aqui?

Dioguinho parou, olhou para êle, e fingindo humildade:

— Peço perdão, cavalheiro, mas é que eu passava por aqui, o senhor sabe, ví tantas perdizes piando, que resolvi me divertir um pouco e ensinar o cachorro, que é novinho, como o senhor vê...

— Que divertir nem ensinar cachorro! Estas terras têm dono, ouviu? — gritou o cavaleiro, crescendo na sua valentia, à medida que o outro se mostrava mais humilde.

— Perdão, mas é que eu não pensei que, com isso, estivesse causando dano a vossa senhoria — falou Dioguinho, simulando embaraço.

O fazendeiro, que havia descido do cavalo, bateu com o rêlho na bota e retrucou:

— Perdão? Perdão o que seu vagabundo, seu caradura, seu...

E, depois de dizer uma série de palavrões, ordenou:

— Pegue nessas perdizes e prenda elas na garupa do meu cavalo; e já!

Dioguinho obedeceu e amarrou a fieira numa argola da parte traseira da sela, enquanto o homem continuava roncando valentia.

Quando o fazendeiro, satisfeito por ter imposto a sua autoridade, e prelibando o almôço daquelas perdizes, se dispunha a montar novamente, notou, surpreendido, que o homem, até há pouco tão humilde e obediente, se pusera à frente do animal, segurando-o pelas rédeas.

— Desça! Desça! — gritou Dioguinho, cujos olhos faiscavam de raiva.

O fazendeiro, que estava com um pé no estribo e outro no ar, ficou aturdido com a brusca mudança. Ia dizer alguma coisa, quando Dioguinho, com a voz cada vez mais dura, ordenou-lhe:

— Desça e ponha agora mesmo na garupa da minha mula, aquela que alí está, as perdizes que você quis tomar de mim. A fazenda pode ser sua, seu cachorro, mas as perdizes são minhas, porque eu que matei. Está ouvindo? São minhas! E dê graças aos céus, sujeito à-toa, por Dioguinho não fazer com você o que fez com elas.

O fazendeiro mal podia acreditar no que ouvira. Desamarrou a fieira de perdizes e foi pressuroso amarrá-la na garupa da mula. Na sua cabeça só havia uma idéia: Dioguinho... Dioguinho... Dioguinho...

O homem queria pedir desculpas; dizer qualquer coisa, enfim. Entretanto, a língua se recusava a obedecer-lhe. E ficou alí, sucumbido, olhando para Dioguinho.

— Estava querendo levar as minhas perdizes, hein? Eu me dou ao trabalho de caçá-las e você é que pretende comê-las... Sim, senhor! Ah! Ah!

E tocou o animal, deixando aquêle pobre diabo no meio da estrada, abobalhado, como se tudo não houvesse passado de um sonho. Ou melhor, de um pesadelo.

\* \* \*

Dioguinho acabara de contar êsse episódio ao dono da venda e mais alguns amigos, enquanto bebiam cerveja, de pé, no balcão.

Daí a pouco, entrou um sujeito, desconhecido de todos. Mulato forte, alto, de chapéu de abas largas e pala listrado. Aproximou-se do balcão e pediu meio copo de cachaça. Pediu outra dose e ficou assuntando.

Dioguinho, esfregando o polegar da mão direita na cicatriz do queixo, continuou conversando com os amigos, enquanto examinava o mulato com o rabo dos olhos.

O recém-chegado, dirigindo-se ao vendeiro, com sotaque de nortista, perguntou-lhe, em voz alta:

— Você conhece êsse tal de Dioguinho?

Os presentes olharam para o facínora, que lhes fêz um sinal, piscando o olho.

— Não conheço, não — respondeu o vendeiro.

— Pois devia conhecer, se é que não está mentindo. Eu sei que êle anda por aquí.

E dirigindo-se a dois caboclos que lhe estavam mais próximos:

— Vocês também não conhecem, não é isso? Se mêdo matasse!...

— Por que o senhor se interessa por êle? perguntou o vendeiro.

— Porque estou no rasto dêle — respondeu o desconhecido. E relanceando os olhos pelos presentes: — Vim até aquí pra dar cabo dêsse valentão de meia-tijela.

— E qual a razão, a gente pode saber? — perguntou outro.

— Isso agora já é querer saber demais. E depois, eu não gosto de gente perguntona... E olhando para Dioguinho:

— E você, aí, de cara cortada, também não sabe por onde êle anda?

— Sei, sim — respondeu Dioguinho. E aproximando-se do tal: — Está aquí na sua frente.

Sòmente então o mulato reparou que os traços daquele homem combinavam com a descrição que lhe haviam feito. Ficou alguns instantes indeciso e voltou-se em direção à porta, com a intenção de correr até o seu cavalo e apoderar-se da carabina que levava na cabeça do arreio.

Dioguinho, ligeiro, embargou-lhe os passos:

— Não precisa ir buscar sua arma; aquí tem uma.

E dizendo isso, estendeu-lhe a sua faca.

O cabra ficou atrapalhado, sem saber se pegava ou não. Aquilo bem podia ser um ardil. O homem, naturalmente, estava querendo que êle ficasse desprevenido para fincar-lhe a faca na barriga.

— Pega a faca! Você até agora ficou arrotando valentia e nós havemos de resolver isso já. Vamos ver qual de nós dois é mais homem.

O mulato, surpreendido ainda com aquela seqüência de fatos que não esperava, tomou a arma da mão de Dioguinho. Nem bem o fizera, recebeu dêste um golpe na cara, com a argola do rêlho. Ficou tonto. Passou a mão pelo rosto, e nova pancada, desta vez na cabeça.

— Briga, cabra! Briga comigo! Você não estava querendo dar cabo de mim!? — gritava Dioguinho, dando pancada sôbre pancada.

O mulato, golpeando a esmo com a faca, cego devido ao sangue que lhe escorria da cabeça e, cambaleando, foi cair de joelhos no meio da estrada.

Dioguinho, como um dementado, continuava a martelar a cabeça do homem, com o cabo do rêlho. Bateu, bateu, bateu, até que se cansou. Por fim, com a ponta da bota, virou a cabeça do sujeito, que caíra de borco. O homem estava morto.

Voltando ao interior da venda, Dioguinho pediu água para lavar-se. Estava sujo de sangue misturado com terra vermelha. Limpou-se, passou um pano nas botas, lavou o rêlho e pediu cerveja.

Os amigos, que haviam assistido àquela cena, permaneciam em silêncio. Não sabiam o que mais os impressionara: se a coragem daquele homem ou a sua feroz brutalidade.

Dioguinho sentou-se e pediu a um dos presentes que fôsse buscar a sua faca. O homem foi e voltou dentro em pouco, trazendo a arma. Depois de limpá-la, guardou-a na baínha.

— Não havia de ser êsse perrengue dêsse baiano à-toa que daria cabo de mim — comentou, despejando a cerveja no copo.

— ...

— Não é?

— Sim senhor.

— É verdade, "seu" Diogo.



## CAPÍTULO VII

O dia amanhecera chuvoso. O ribombar do trovão, ecoando na mata, fazia estremecer o rancho onde Dioguinho e seus homens se haviam homiziado. Os pingos d'água que se infiltravam pela cobertura de sapé, caíam no chão duro de terra batida, produzindo um ruído monótono e enervante.

Sentado no catre, que já mudara de lugar várias vêzes, por causa da chuva, Dioguinho lia pela quarta ou quinta vez as notícias publicadas num jornal da Capital acêrca de seus crimes e exigindo da polícia a sua captura. E, tôdas as vêzes que deparava com as palavras "facínora", "matador", "bandido", referentes à sua pessoa, sorria de maneira estranha, repuxando o lábio inferior, devido ao gilvaz que lhe sulcava o queixo.

Joãozinho, que há dias se achava doente, dormia a sono sôlto, deitado sôbre baixeiros e coxonilhos amontoados a um canto. Acocorado junto à porta, Curitibano olhava distante, como a evocar as paisagens recortadas de pinheiros do seu querido Paraná. E, de quando em quando, para quebrar a monotonia e esquentar o corpo, enchia de cachaça uma caneca que servia a Dioguinho, emborcando, depois, de um só gole, sua talagada.

Ao entardecer, apareceu no rancho um homem com a roupa encharcada pela chuva e os botinões pesados de tanto barro pegado. Apesar do seu físico forte e atarracado, vinha vergado ao pêso do baú que transportava às costas.

— Dá licença, cumbadre — foi dizendo, enquanto entrava.

E depois de inclinar-se para trás, largou o baú sôbre um caixão, tirou o chapéu e pediu que lhe fôsse permitido abrigar-se da chuva e descansar da longa caminhada.

O tal homem falava atrapalhado; devia ser turco, tanto mais que, no dôrso da mão direita, se via um alfange tatuado.

Curitibano não entendia metade do que êle dizia; apesar disso, serviu-lhe um pouco de pinga e voltou para o seu lugar, junto à porta, resmungando coisas contra aquela maldita chuva que o prendia dentro do rancho.

O recém-chegado, porém, estava doido por uma prosa. Especialmente, queria falar que era mascate, estivera em Cravinhos e saíra de lá passava já uma semana. Contou uma porção de coisas, sem despertar o menor interêsse.

Lá pelas tantas, a chuva estiou e um raio de sol pálido se pôs a espiar por entre os galhos das árvores, alongando-se até a porta do rancho. Manuel Jorge, que ficara desconcertado com aquela gente que não queria prosa, aproveitou logo para abrir o baú, dizendo que era bom enxugar suas coisas. O que êle queria, porém, era mostrar suas quinquilharias. Negócios, sempre negócios...

Foi tirando as bugigangas, uma a uma, mostrando-as a Dioguinho, que se aproximara do mascate. Para cada objeto, Manuel Jorge tinha uma palavra elogiosa:

— Olha esta canivete esbecial! E estas colarinhos, artigo imbortado... Veja, veja esta relógio francês...

Dioguinho não respondia, embora se mostrasse interessado em ver as coisas que saíam do baú. Finalmente, o turco puxou lá do fundo uma avantajada faca de prata com bainha tôda trabalhada — peça bonita e que de longe já se sabia ter sido fabricada em Franca. Tirou para fora a lâmina comprida, delgada, que ficou alumando ao sol.

— Ê uma bileza; faca de gente de trato — foi dizendo Manuel Jorge.

Diogo, pelo jeito, gostara da arma. Tomou-a da mão do turco e espetou a ponta num tóco de pau, fazendo vergar a lâmina para experimentar o aço. Parecia um arco retesado.



Depois, soltando a fôlha, esta logo endireitou, ficou retinha.

— Quanto pede? perguntou ao turco.

— Quarenta; último brêço, nem vintém menos. Coisa rara, não é pra qualquer um — respondeu Manuel Jorge, visivelmente irritado com a maneira de Dioguinho experimentar a faca.

Franzindo a testa, êste foi falando pausadamente, com voz macia:

— Então, seu coisa, isto é papafina, hein?... E não é pra qualquer um... Você ouviu, Curitibano? diz êle que não é pra qualquer um...

E voltando-se novamente para o mascate: — Nem pro seu Dioguinho, hein?...

O turco, que estava agachado junto ao baú, levantou-se, apertou o cinto, ajeitou o lenço do pescoço e olhou firme para Dioguinho.

— Que Dioguinho nada, seu moço; me dá faca... vá; me dá faca... E olhando para fora do rancho: — Já barou de chover, me dá faca que eu vai embora. Ainda tem muito que andar.

E juntando suas coisas, desordenadamente, encheu o baú, que ficou atonetado. Dioguinho, enquanto segurava a ponta da faca na mão esquerda e o punho na direita, fazendo vergar a lâmina, repetidamente, sorria para o turco, sem dizer nada.

— Vamo, me dá faca que breiso andar — insistiu Manuel Jorge, mastigando palavras da sua língua.

A essa altura, Joãozinho e Curitibano já se haviam colocado de jeito, prevendo que as coisas tomariam rumo violento, tal a atitude do turco. Quanto à reação do chefe, essa êles a conheciam de sobra.

Impaciente, Dioguinho apontou para o lado de fora e, sem largar a *francana*, foi dizendo:

— Vá embora homem; vá embora e já, antes que eu dê cabo de você.

Para Manuel Jorge, que ganhava a vida com grandes sacrifícios, quarenta mil réis era muito dinheiro. E depois, êle não se intimidava com qualquer coisa. Não temia ninguém, e muito menos êsse tal de Dioguinho, que nem sequer sabia

quem fôsse. Decidido, com voz firme, depois de relancear os olhos para o lado onde se achavam Joãozinho e Curitibano, fitou o bandido e retrucou:

— Me dá faca que eu vai embora sossegada; melhor você deixa isso, senão nós trapalha tudo...

Não adiantava. Dioguinho havia cismado com o turco e, mais que isso — gostara da faca. Afastou-se alguns passos e, assim como quem não quer nada, num relance, sacou da garrucha que trazia à cintura e disparou, atingindo o mascate em pleno peito.

O estampido encheu o rancho e foi ecoar surdamente lá longe, como se fôra um trovão da terra a responder aos trovões do céu.

Rápido como um gato, Dioguinho saltou sôbre Manuel Jorge, montou em cima dêle e, com a cobiçada faca, cortou-lhe uma orelha, enquanto gritava:

— Então não é pra qualquer um, hein? Não é pra qualquer um... Ah! Ah! seu porco.

O sangue do infeliz jorrava pelos ferimentos e escorria pelo chão até empoçar-se mais adiante. De pé, todo sujo de sangue, Dioguinho olhava para a orelha, como a admirar ainda mais aquela faca de corte tão bom. Depois, puxando de uma bolsa de couro que guardava no peito, de baixo da camisa, foi tirando dela uma fieira de coisas esquisitas, ressecadas, escuras, que pareciam figos secos. Desamarrou o barbante e enfiou nêle a orelha do turco. Mais uma para a sua coleção!

Por fim, guardou tudo de novo e, voltando-se para Curitibano, calmo, limpando a lâmina da faca entre o polegar e o indicador:

— Curitibano, meu cabra, me dá água pra lavar esta porcaria das mãos.

Curitibano, apesar de afeito ao crime, não podia esconder o horror que lhe causava tudo aquilo. Principalmente aquela fieira de orelhas... Saiu e foi buscar uma cuia d'água.

Enquanto Dioguinho se lavava e trocava de roupa, disse-lhe:

— Ê preciso limpar isso daí e arranje um jeito de dar sumiço nesse turco dos diabos.

Curitibano jogou bastante água no chão e varreu para fora a massa escura de líquido misturado com lama. Por mais que fizesse, no entanto, não conseguia apagar os vestígios do sangue, que se espalhara por todo o rancho, ao esguichar das feridas da pobre vítima.

Joãozinho e Curitibano, a muito custo, conseguiram enrolar o pesado corpo da vítima em um lençol, que amarraram a um pau, feito rêde de carregar defunto. Pesava muito e os dois não conseguiram levantá-lo. Foi aí que Dioguinho se destrambelhou:

— Larga daí, cambada de molengas! Isso é assim que se faz. E pegando num cabresto forte, de couro de anta, deu uma laçada na perna do cadáver, jogou a outra ponta para Curitibano:

— Vai como um animal, arrastado; puxa, Curitibano, leva êle pra fora.

E Curitibano, passando o couro por cima do ombro direito, foi arrastando o corpo de Manuel Jorge. Na lama ia ficando um rasto salpicado aquí e alí de manchas vermelhas, até a beira do barranco.

— Aquí mesmo, joga isso lá em baixo que já é tarde — ordenou Dioguinho.

E o cadáver, empurrado por Curitibano e Joãozinho, rolou pelo barranco, indo cair com um baque surdo lá em baixo, no meio do capim gordura.

— Pronto! — exclamou Dioguinho — agora êle não tem mais trabalho de carregar o baú. Vamos pro rancho.

Enquanto Curitibano preparava o jantar, Dioguinho, deitado na cama, lia as "Horas Marianas", seu livro inseparável, e, de vez em quando, fazia o sinal da cruz.

Lá fora, ouvia-se o pio da coruja. Curitibano, estremecendo, resmungou:

— Diabo, até parece que o raio do turco está gemendo!



## CAPÍTULO VIII

**D**ioguinho mudara-se de São Simão para Mato Grosso de Batatais (hoje Altinópolis), onde adquirira casa própria, na rua que atualmente tem o nome de Renato Jardim. Nessa cidade, como em outras onde residira anteriormente, exercia êle a profissão de agrimensor. Mais ou menos na mesma época, o fazendeiro José Venâncio de Azevedo Leal, também procedente de São Simão, fixava sua residência ali.

Tempos depois, a filha de José Venâncio contraíu matrimônio com José Maia, filho de José Batista de Sousa Maia, fazendeiro na região de Jaboticabal.

José Maia e Dioguinho, velhos camaradas, desde meninos, encontrando-se novamente em Mato Grosso de Batatais, reataram a amizade, e, freqüentemente, eram vistos juntos.

Um dia, pouco antes do almoço, José Venâncio chamou o genro e lhe disse:

— Zèquinha, eu quero prevení-lo de uma coisa. Não vejo com bons olhos essa sua amizade com o “seu” Diogo, ou melhor, Dioguinho. Todo mundo conhece a fama dêsse homem, e você, melhor do que ninguém, sabe o que êle andou fazendo por aí. Em São Simão, Cravinhos, Ribeirão Preto, existem vários processos criminais instaurados contra êle.

— Mas... “seu” Venâncio, êle, comigo, tem sido sempre um homem correto. Até hoje não tenho queixas dêle. Quanto aos processos, que eu saiba, foram todos arquivados. E...

— Arquivados! Arquivados! — interrompeu o velho — quem é que não sabe como isso é feito entre nós. Jurados quase analfabetos, escolhidos a dedo entre os amigos do criminoso, ou então pobres diabos aos quais o terror paralisa até a consciência. Arquivados!... Você já viu algum desses processos?

— Não senhor, nunca ví.

— Pois devia ter visto. Quando fôr a São Simão, vá ao cartório do crime e peça pra ler. Veja o processo da fuga do criminoso Querubim Gianini, por exemplo, que Dioguinho ajudou a escapar da cadeia de lá. Veja, também, o processo da surra que êle e mais um amigo deram no sargento Bernardino de Lima Alves Acioli, que ficou como morto no meio da estrada. Tem mais: veja o processo da arruaça que êle, o irmão José e outros companheiros fizeram com a patrulha da polícia, tomando o prêso das mãos dos soldados e espancando os homens da lei. Veja êsses processos e outros que, no momento, não me ocorrem. Leia um por um que você se convencerá da verdade do que estou lhe dizendo. Processos em que as testemunhas, depois de jurar sôbre os Santos Evangelhos, afirmaram ter visto ou sabido que Dioguinho cometera os crimes de que era acusado. Você vai ficar com vergonha, diante dos despachos e das sentenças, algumas das quais tão mal escritas que fazem pena; isso, sem contar o desprezo à prova provada, para despronunciar ou absolver o homem (1).

E, depois de uma pausa para tomar fôlego, José Venâncio, pondo a mão no ombro do genro, continuou:

— Ê como estou dizendo. Aquilo não é justiça, moço; é uma farsa, isso sim. Mas o que nem os jurados nem os juízes — pessoas leigas, é preciso que se diga — podem mudar, meu caro, é a opinião pública. Essa, firma seu juízo, independentemente da conveniência de pessoas, grupos ou partidos.

— O que o senhor disse — atalhou José Maia — me deixou curioso. A primeira vez que eu fôr a São Simão, procurarei vêr êsses processos.

---

(1) Ver apêndice n.º 1.

— Veja mesmo; vale a pena. E, agora, vamos ao que interessa: não desejo saber que você, depois desta conversa, continua andando com o Dioguinho. Se lhe peço isso, é para seu próprio bem e da minha filha.

— Está certo, “seu” Venâncio, seguirei os seus conselhos — respondeu o rapaz.

E ambos se dirigiram para a sala de jantar, onde os parentes os aguardavam.

\* \* \*

Com o passar dos dias, Dioguinho começou a notar que José Maia o estava evitando. Ficou intrigado e procurou saber o motivo. Indaga daqui, pergunta dali, e acabou sabendo de tudo. Ficou danado com José Venâncio e prometeu a si mesmo dar uma boa lição naquele intrometido.

No mesmo quarteirão onde Dioguinho morava, na esquina, existia a casa comercial e de moradia do capitão C. O., seu amigo e fornecedor. Sabendo que José Venâncio também era freguês da loja, Dioguinho foi procurar o comerciante.

— Capitão, eu vim lhe pedir um favor. O José Venâncio gasta aqui na casa, não é?

— É, êle é meu freguês.

— Eu soube que êle proibiu o genro, o Zèquina, de andar comigo, e o rapaz, pra não desgostar o sogro, procura me evitar. Além disso, o velho vive falando coisas a meu respeito.

— Eu não sei de nada, “seu” Diogo — respondeu C. O..

— Mas eu sei e é por isso que vim procurá-lo. Quero que você diga ao velho que não se meta mais com a minha vida e as minhas amizades, se é que êle quer evitar complicações.

E dizendo isso, Dioguinho encaminhou-se em direção à porta, de onde, voltando-se para o outro, arrematou:

— Eu venho aqui amanhã pra saber a resposta.

O comerciante, de trás do balcão onde se achava, acompanhou Dioguinho com os olhos, até que êste entrou em sua casa. Depois, sacudindo a cabeça, como que a espantar maus pensamentos, acendeu o cachimbo, ajeitou o fogo com o dedo indicador, e se pôs a estudar a melhor maneira de transmitir o recado a Venâncio.

No dia seguinte, conforme prometera, Dioguinho voltou.

— Boa noite, como vai? Já deu o meu recado?

— Falei com êle hoje de manhã, lá no barbeiro.

— E o que foi que êle disse?

— Ê... o homem... pois é... eu falei com êle...

— Vamos, o que foi que êle disse — insistiu Dioguinho, em tom autoritário.

— Disse assim: — “O Diogo Rocha é um pândego e eu não temo ameaças”. E não disse mais nada — acrescentou C. O., erguendo os ombros ao mesmo tempo que abria os braços.

— Pois muito bem, meu amigo. Fique sabendo que amanhã o José Venâncio será cadáver. Ê com pesar que lhe digo, mas amanhã êle será um homem morto.

Pondo as mãos nos ombros de Dioguinho, C. O., assustado, foi dizendo:

— Mas que é isso, “seu” Diogo, tenha calma, que tudo se arranja. Vamos dar um jeito nisso, por favor. O coronel é homem bom e direito. Com certeza êle deve de estar mal informado a seu respeito...

— Bom ou ruim, não me interessa — interrompeu Dioguinho, com um sorriso de canto de bôca. — Eu mandei avisar e êle respondeu que eu sou um pândego, não é isso? Pois amanhã êle mudará de opinião, definitivamente.

E despediu-se do amigo, que ficou sem saber o que dizer.

Alguns dias depois, Dioguinho voltou à loja do capitão C. O., e, após falar sôbre vários assuntos, disse-lhe, com ar de môfa:

— Você com certeza está pensando que eu sou mesmo um pândego, não é?

— Pelo amor de Deus, “seu” Diogo, que idéia a sua! — respondeu o comerciante, assustado.

— Pois eu já estive pra matar o José Venâncio duas vêzes. A primeira, não deu certo, porque êle estava com a mulher e uma criança; a segunda, foi no pomar da fazenda dêle, de madrugada, quando êle ia soltar a água do moínho... o que atrapalhou foi êle estar junto com um rapaz que eu não conheço. Achei melhor não atirar. Mas é só questão de dias.

— Mas “seu” Diogo; me desculpe se eu me meto no que não é da minha conta. Ê que pensei que o senhor já tivesse esquecido isso. O senhor é um homem direito e o José Venâncio também é. Pra que agora essa malquerença que pode até acabar em tragédia?

— Pode não, vai acabar! Meu amigo — retrucou Dioguinho — ninguém me agrava duas vêzes na vida. E quando eu resolvo fazer uma coisa, não há nada neste mundo que me faça mudar de idéia. Pode escrever: o Zé Venâncio é homem morto.

\* \* \*

Dias depois, José Venâncio, tendo ido a Batatais, ali encontrou, casualmente, José Batista de Sousa Maia, que viera de Jaboticabal, a fim de assistir ao batizado do netinho de ambos, o primogênito de José Maia. Combinaram, então, fazer juntos a viagem de volta para Mato Grosso de Batatais, no dia seguinte.

Dioguinho, que seguira os passos de José Venâncio, exultou quando o viu em companhia de José Batista e, sobretudo, quando soube que êles empreenderiam a viagem juntos. A sua boa estrêla parece que continuava a protegê-lo, pois também tinha velhas contas a ajustar com José Batista. Mandou chamar o mulato Donélio, a quem contratou para o serviço, e ambos foram hospedar-se no restaurante de Pedro Pereira Soares, onde pousaram essa noite. De manhãzinha, Donélio foi à cozinha esquentar a matula, arreou os animais e de lá saíram com destino ao hotel de Benedito Fernandes, onde almoçaram. Passava das sete e meia, quando se puseram novamente a caminho, desta vez em direção ao Ribeirão de Batatais, em cujas proximidades se embrenharam num capão de mato. E alí ficaram amoitados.



O sino da igreja Matriz acabava de soar oito horas. José Venâncio e José Batista despediram-se do hoteleiro, e deixaram a cidade de Batatais com destino a Mato Grosso de Batatais. Era o dia 26 de março de 1895. Os dois amigos iam conversando sôbre assuntos de lavoura, quando, a certa altura, José Venâncio perguntou:

— Você sabe quem está me ameaçando de morte?

— Não.

— O Dioguinho. Mandei dizer-lhe que o mar também ronca e eu cuspo nêle! De homem pra homem, frente a frente, não tenho medo dêle, não — disse Venâncio, brandindo ameaçadoramente o rebenque.

— E por que essa ameaça?

— Por causa do Zèquina.

— Dioguinho também não gosta de mim — comentou José Batista — desde Jaboticabal. Sempre me opús à amizade dêle com o meu filho. Tem sido uma luta, “seu” Venâncio, uma luta pra separar o rapaz dêsse malvado.

— Ê, mas eu resolvo isso. Cara a cara, êle não é mais homem do que eu — insistiu José Venâncio, consultando o relógio. — Olha, já são quase nove horas; daqui a pouco, estaremos no Ribeirão de Batatais.

Achavam-se os dois amigos na margem do córrego, deixando os animais beber, quando, de repente, soaram dois tiros, que reboaram na campina. Os cavalos espantaram-se. José Venâncio, atingido em cheio por uma carga de chumbo “paula souza”, caiu do animal, resvalando numa cêrca.

José Batista, apesar de mortalmente ferido, conseguiu controlar a sua montaria e afastou-se a galope, numa carreira desabalada, até alcançar a sede da fazenda “Batatais”, de propriedade de João Cândido Alves Ferreira. Aí lhe prestaram os primeiros socorros (1).

No dia seguinte, realizou-se o entêrro de José Venâncio, com grande acompanhamento de parentes e amigos. Tôda a cidade ficara consternada com a tragédia que desabara sôbre as duas conceituadas famílias.

(1) Ver apêndice n.º 2.

— Isso foi arte do Dioguinho — comentava o delegado de polícia, numa roda de amigos. Às oito horas da manhã, mais ou menos, na mesma estrada, êle e o Donélio foram vistos por Albano Alves, José Joaquim da Silva, Inácio Casiano e o Vitalino. E de mais a mais, não é verdade que êle não cansou de dizer pra tôda gente que havia de matar o José Venâncio?



Quando o cadáver do desventurado fazendeiro se aproximou do cemitério, um leitão, assustado, saiu correndo e fungando; correu e passou por baixo do caixão, atrapalhando-se entre as pernas dos que seguravam as alças do esquife.

Na mesma noite, Dioguinho, na loja de C. O. — que estava horrorizado com o que acontecera — lhe perguntou:

— Então, mataram o homem?

— Que horror, “seu” Diogo! E o pobre do outro também vai morrer... — gaguejou o comerciante.

E Dioguinho, fazendo um ar de inocente:

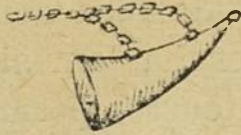
— Pois é. Ainda bem que eu não andei por lá... Tinha muita gente no entêrro, não?

— ...

— Eu vi. Vi tudo.

— O senhor viu? — indagou C. O.

— Vi o entêrro. Vi lá do alto da porteira da fazenda do João Cândido Alves. Vi até quando o leitão passou por baixo do caixão e quase derrubou os homens que carregavam. Engraçado... como as coisas acontecem...



## CAPÍTULO IX

**D**epois da tocaia contra José Venâncio de Azevedo Leal e José Batista de Souza Maia, Dioguinho e Donélio homiziaram-se na fazenda de A. R., em Batatais.

Dionísio Ferreira Diniz, agente de negócios, indo a essa fazenda, alí se encontrou com Dioguinho, que lhe perguntou o que sabia a respeito do crime, se a polícia já estava na pista dos assassinos, o lugar onde fôra achado o cadáver de José Venâncio, se os ferimentos haviam sido produzidos por bala e chumbo “paula souza” e outros pormenores.

Dionísio contou o que sabia, dizendo-lhe, francamente, que era voz geral terem sido êle e seu camarada Donélio os autores da morte dos dois fazendeiros. Ao que Diogo replicou:

— Qual nada, quem matou êles foi o Chico Tanoeiro, que é matador profissional. Também conhecido por “Sirirí”, sabe? Até ouví dizer que êle não gostava do velho Venâncio.

— Ê, “seu” Diogo, mas tem gente que viu o senhor e o Donélio andando por lá. Encontraram resto de comida no capão da tocaia... eu não sei, não... quando o povo garra de falar, é o diabo — comentou Dionísio, olhando ressabiado para as armas que Dioguinho e Donélio traziam à cintura.

— E o Urias, filho de José Venâncio, você sabe dêle?  
— indagou Dioguinho, denotando apreensão.

— Não sei não; ouví falar que êle está campeando os que mataram o pai — respondeu o outro, que sabia do mêdo que o facínora tinha de Urias.

Dionísio despediu-se. Ao passar pela casa do administrador, um tal Cardoso, disse-lhe êste que estava ficando quase doido com Dioguinho lá na fazenda. — Caso êle não fôr embora, eu abandono tudo e sumo daqui.

Sentindo-se pouco seguro em Batatais, Dioguinho despediu-se de Donélio e rumou para Altinópolis. Aí homiziou-se na fazenda Jaborandí, de propriedade do coronel A. J. F.. Êste, que se achava ausente, ao ter notícia do crime e sabendo que Dioguinho, com tôda a certeza, procuraria esconder-se em sua fazenda, rumou para lá, chegando à noite. Foi direto ao quarto da mulher, que lhe confirmou a presença do facínora na casa.

— Êle chegou hoje e está dormindo lá na sala — disse-lhe ela.

— Então eu vou pregar um susto nele. — E dirigiu-se para a sala, pé ante pé.

Quando se aproximava da cama de Dioguinho, êste, empunhando um revólver, exclamou:

— Se não fôsse você, compadre, já estava morto, sem remédio.

O fazendeiro levou um susto tremendo. Surpreendeu-se com o sono leve de Dioguinho, pois estava certo de não ter feito o menor ruído.

— De que é que você está assustado, compadre? Já viu quem faz das minhas dormir em paz? — perguntou Dioguinho, sorrindo.

E contou ao amigo a tocaia que armara para José Venâncio e José Batista.

No dia seguinte, a pedido de A. J. F. — homem honrado e inimigo da violência — que lhe comunicara que os empregados da fazenda estavam querendo abandoná-la, assustados com a sua presença, Dioguinho decidiu ir para São Simão, onde contava com amigos certos, que o acoitariam. No caminho, encontrou-se com seu irmão Joãozinho e os capangas Curitiba, Joaquim, Baianinho e António Soldado, que vinham vindo ao seu encontro. Tocaram todos juntos.

Ao anoitecer, chegaram à fazenda do coronel T., em São Simão. Dioguinho e seus homens foram recebidos com grandes honrarias pelo fazendeiro, que os hospedou em sua casa, tratando-os com solicitude, desdobrando-se em gentilezas e atenções.

Durante o jantar, Dioguinho contou ao coronel e mais alguns amigos, que ali se tinham reunido ao saber da sua presença, o "trabalhinho" feito com José Venâncio. Descreveu, com riqueza de pormenores, a tocaia e a morte do infeliz.

— E agora, pra onde você pretende ir? — perguntou o coronel T..

— Ainda não resolvi — respondeu Dioguinho.

— Já está resolvido: você fica aqui na fazenda. Nós todos precisamos de você aqui, não é? — disse T., — dirigindo-se aos amigos, que prontamente aprovaram.

— Pra lá do cafezal plantado no espigão, tem um mato que é uma beleza — continuou o coronel T.. — Você amanhã cedo vai levantar a sua barraca naqueles lados, perto do córrego. Fica longe da sede uns três quilômetros mais ou menos. Eu vou mandar preparar tudo. Pode ficar descansado. Deixe as coisas por minha conta. Qualquer novidade que haja, eu mando avisar por portador de confiança.

— Está bem, então eu fico por aqui. E agora vamos dormir, que estou quebrado da viagem — disse Dioguinho, levantando-se. — Boa noite pra todos.

— Boa noite, até amanhã.

\* \* \*

No dia seguinte, o sol ainda não tinha aparecido, e Dioguinho e seu bando já se punham a caminho, levando cinco burros com os balaios repletos de trens de cozinha, mantimentos, bebidas, etc., e dois belos cachorros para servir de guarda.

Chegando ao local indicado pelo coronel, junto ao córrego, Dioguinho mandou armar a barraca numa elevação do terreno, de onde se podia avistar, ao longe, uma ou outra pessoa que se aproximasse por qualquer lado.

E por ali foram ficando, naquela vidinha boa: caçavam, jogavam, comiam, bebiam e dormiam, sem nenhuma preocupação.

Naquela noite estava fazendo um frio de cortar. Depois da janta, Dioguinho estendeu no chão, perto do fogo, o baixeiro de um dos animais, pegou no baralho, sentou-se sobre o pala dobrado e chamou Joãozinho, Curitibano e Baianinho para jogar. Eles arrumaram os palas e sentaram-se em roda. Todavia, mal o jogo havia principiado, o chefe lembrou-se de que precisava escrever uma carta urgente. Virou-se para Curitibano e ordenou:

— Chame o António Soldado pra ficar no meu lugar.

E tomando um gole de cachaça, levantou-se e foi sentar-se junto a um caixão, onde se pôs a escrever.

Baianinho fêz cara de aborrecido. Andava, já havia tempo, de ponta com António Soldado por causa de uma morena pela qual ambos se haviam enrabichado lá em Cravinhos.

Formou-se nova parceirada. Joãozinho e Baianinho contra António Soldado e Curitibano. Foi a vez de Curitibano distribuir as cartas.

Jogavam o truque pelo sistema antigo, no qual as manilhas (as cartas de maior valor) são, pela ordem decrescente, quatro de paus, sete de copas, ás de espadas e sete de ouros.

Curitibano deu três cartas para cada um. Joãozinho saiu com um cinco e António Soldado imediatamente cobriu com o seis de ouros; Baianinho despejou o três de espadas e Curitibano cortou com o sete-belo, voltando com um dois. Joãozinho cobriu com o três de paus.

— É, essa gente é forte. Com manilha eles ganham sempre.

António Soldado, empinando o peito, e com um risinho de deboche, virou-se para o seu contrário e perguntou *de fininho*:

— Tem gente na frente?

— Hum! Experimente! — disse Baianinho.

— Truco, então! Truco mesmo, ué! Quero saber se tem ou não tem gente aí!

Baianinho, dirigindo-se a Joãozinho:

— É aquilo mesmo, parceiro?

— Ponto abaixo.

— Fuja, que não é feio — pode pegar num lápis pra fazer as contas, seu mole. Mande um telegrama pra consultar seu avô. Eu espero... — invectivou António Soldado, enchendo a caneca de cachaça.

— Vamos ver essa carta... Venha! Deite aí! — retrucou Baianinho.

António Soldado mostrou o zápe. Fechou sem dar vaza e ganhou os três pontos da parada.

— Êta quatro paus durão! Nem eu não posso com êsse... — disse Curitibano, passando ao seu parceiro três grãos de milho — os tentos.

— Toma lá, parceiro... tento é que ganha jôgo.

Joãozinho distribuiu as cartas, e António Soldado saiu com a dama de paus.

— Eu deixo pro pé, parceiro. Homem, chega de dar milho pra bode. Pise aí, Joãozinho... — disse Baianinho, empatando com a sota de copas.

Curitibano despejou o três de ouros, que Joãozinho logo cortou com o sete de copas e voltou com um dois.

— Ê... fizeram a primeira. Agora êles vão ficar valentes... — exclamou António Soldado.

— Ué! a primeira vale um carro de milho — comentou Baianinho.

— Então corte esta se fôr homem — bufou António Soldado, dando o três de espadas.

— Com essa eu não posso, confesso — lamentou Baianinho, exibindo o quatro de copas.

António Soldado deu uma risadinha de gôsto:

— Pixote! Não pode com um três e conta garganta! Deixe o três, que é nosso, parceiro.



Curitibano descartou o valete de paus e advertiu:

— Cuidado, parceiro, que êles estão com o casal!

António Soldado, que ganhara a segunda mão, saiu com o ás de ouros:

— Ê, isso é “pianca” deles, compadre!

Baianinho cobriu com o dois de paus.

Curitibano, encostando a carta no peito, para não haver perigo de ser vista, berrou:

— Pois é isso mesmo: Correr atrás de quem corre. Truco! tru...u...u...co!... Parede de igreja velha! Tome truco, papudo!

— Deite... — falou Joãozinho.

— Ê manilha! Espadilha pra quem pode — disse Curitibano, mostrando a carta.

Joãozinho levantou-se de um pulo e ficou batendo com os pés no chão, gritando:

— Sapicuá de lazarento, toma seis, seu garganta! Quero ver gente correr. Toma seis, papudo!

— Corte a espadilha! Corte a espadilha! — gritou António Soldado.

— Ah! se corto. Com o zápe corto tudo — gritou Joãozinho, que de pé mesmo virou a carta para todos verem: era o quatro de paus.

As cartas foram distribuídas pela terceira vez, agora por António Soldado.

Baianinho, na mão, principiou a aborrecer António Soldado:

— Agora, só vai de seis pra cima. Vamos acabar essa queda nesta mão, parceiro. Entra de beicho aí, pise nesse moloide, que eu aquí rebato o que vier. Vai um três pra arrancar...

E saiu com um três de paus.

— Só pra ver se tem homem aí, eu truco sem ver. Truco mesmo! Toma truco, seu boi magro! — falou Curitibano.

— Como é parceiro, a carta é sua — apelou Joãozinho.

Baianinho pensou um pouco, encafifou, e disse:

— Eu, por mim, dava o tento.

Antônio Soldado, fazendo um ar de desprezo, comentou:

— Ele também corre. Pois corra, que não é feio. A gente quando não pode, corre... não é mesmo, parceiro?

— Pois tome seis, que três é pouco — emendou Joãozinho.

— Venha, mas venha bem, se não você leva um suador em regra... dos ardidos — preveniu Antônio Soldado.

Curitibano deu uma gargalhada:

— Essa agora eu quero ver. Ele há de sair fervendo hoje daqui.

— No final é que nós vamos ver quem é que sai quente daqui. Toma! — e Joãozinho exibiu a espadilha.

Curitibano, arregalando os olhos, comentou para o parceiro:

— Puxa! Com manilha na mão o homem fica valente.

Mas Antônio Soldado não respondeu. Disse a Joãozinho:

— Era tudo que você tinha? Ahn! Era tudo? Porcaria... de carta à-toa. Pois vai com nove. É nove mesmo! — falou Antônio Soldado. E virando-se para Baianinho: — Como é, só vejo sombra aí na frente! Cadê o valentão que estava aí? Toma nove, e eu vou de beijo; é nove mesmo!

Baianinho, desenxabido, resmungou, de mau humor:

— Isso é lá com o meu parceiro, que é o dono da carta. Não me arrelie... não me... pois, quer saber de uma coisa, corte! corte! — e deu um murro na mesa. — Ganhe nove!

Antônio Soldado, com um sorrisinho superior e sempre encarando Baianinho, estendeu a mão e colocou, calmamente, primeiro o sete de copas, depois o quatro de paus, dizendo: — Três pontos mais nove, doze — partida ganha!

Baianinho, olhando nos olhos de Antônio Soldado, com raiva:

— Fum! (com o nariz) — ponha o zápe e o sete de copas na mão de um cego, e mudo, e surdo — que ele ganha! — E levantou-se, tinindo. Foi saindo.

Num instante o ambiente ficou carregado. António Soldado não gostou dos modos de Baianinho e também se foi levantando, resmungando coisas.

Baianinho se voltou, estufou o peito:

— Que é que você está falando. Tem alguma mágua pra resolver comigo? Se tem, fala, homem! Isso de resmungar é coisa de mulher, está ouvindo?

O outro, como resposta, disse um palavrão.



## CAPÍTULO X

Dioguinho, que se aproximara dos parceiros para assistir à última fase do jôgo, percebendo a atitude hostil de António Soldado e Baianinho, interveio:

— Venha cá, Baianinho, preciso falar com você.

O cabra aproximou-se do chefe, com os olhos vermelhos de raiva, ainda segurando o cabo da faca. Dioguinho entregou-lhe a carta que escrevera, ordenando-lhe que a levasse, no dia seguinte, bem cedo, à casa do coronel T..

— E agora vamos dormir, pessoal, que já é tarde — ordenou, enquanto acendia o candieiro pendurado à cabeceira de sua cama.

Cada qual se foi acomodando no seu canto, nas camas arrumadas no chão com baixeiros, coxonilhos e palas. Dioguinho e o irmão puseram-se a ler juntos as “Horas Marianas”, recitando as orações das páginas marcadas com fitinhas coloridas. Tôdas as noites faziam suas orações para conservar o “corpo fechado”. Leram até as tantas e, depois, apagando a luz, enrolaram-se nos seus palas e pegaram no sono.

A noite já ia alta quando os cachorros começaram a latir. Dioguinho levantou-se de um salto, pegou a *repetideira* que se achava encostada ao seu lado, e foi para a porta da barraca. A escuridão era absoluta. Não se via nada. Os cachorros, no entanto, continuavam latindo.

— Levanta, gente! Tragam as armas — ordenou Dioguinho.

Nesse momento, ouviu-se um assobio prolongado. Dioguinho, procurando ver dentro do negrume da noite, gritou:

— Quem vem lá?

— É de paz, “seu” Diogo; da parte do senhor C. — respondeu uma voz grossa.

Correndo de um lado e de outro, os cachorros continuavam latindo, furiosamente.

— Venha cá, Budú! Ô Pingo! Pára de latir, cachorrada dos diabos — berrou Curitibano.

Daí a pouco apareceu o homem. Era um mulatão alto e forte. Desafivelando a guaiaca, tirou dela uma carta, que entregou a Dioguinho.

Entraram na barraca e, depois de ler o papel à luz trêmula do candieiro, o chefe ordenou a Joaquim que desse de comer e beber ao recém-chegado, ainda ofegante de cansaço. Em seguida, voltando-se para António Soldado:

— Você aí, arreie seu cavalo e vá levar êste bilhete prô coronel T.. Na volta, apronte os animais, que, no clarear do dia, nós vamos sair daqui.

E dizendo isso, passou-lhe a carta que no princípio da noite havia entregue a Baianinho.

— Sim senhor, “seu” Diogo — respondeu António Soldado, fazendo, no escuro, de jeito que o patrão não visse, uma careta de mau humor. Também, não era para menos: levar a carta à casa do coronel T., voltar e arrear todos os cavalos, isso é serviço pra noite tôda. E o maldito do Baianinho fica aí deitado, bem fresco. Porqueira!

Ainda não havia clareado o dia quando montaram a cavalo, tomando, a trote largo, o caminho de Cravinhos.

Dioguinho e o irmão iam na frente, conversando.

— Você sabe, Joãozinho, estou com saüdade do pessoal lá de casa. A velha deve estar triste com a minha ausência. Coitada. É... É a sina da gente.

E, puxando a rédea do cavalo, que estava querendo comer o capim da margem da estrada, Dioguinho continuou:

— Você sabe de que eu me lembro sempre, com água na bôca? Daquela goiabada gostosa que mamãe faz como ninguém.

— E o pai — comentou Joãozinho — sempre carrancudo e a dar lições de moral. Engraçado o destino de cada um, não é? Qual, não adianta; a gente sempre é o que deve ser...

Joaquim, António Soldado, Baianinho e Curitibano vinham entregues aos seus próprios pensamentos. O sol ia aparecendo devagarinho. Um solzinho pálido, amarelento.

Numa curva da estrada, o cavalo de Baianinho roçou no animal montado por António Soldado, e êste, entre dentes, resmungou:

— Não enxerga peste!

— Se não gostou, vá se queixar pro bispo — retrucou o outro, com ar provocador.

— Você me paga, miserável — disse António Soldado, segurando a coronha do revólver.

Curitibano, que vinha atrás com os olhos postos neles, esporeou o cavalo e se aproximou de António Soldado, a quem fêz uma pergunta qualquer, a fim de evitar a briga.

Baianinho, que estava mesmo de veneta, começou a cantarolar uma moda lá da sua terra, acompanhando com o bambolear do corpo a andadura do cavalo.

Caminharam o dia todo e, à tarde, chegaram a Cravinhos. Na entrada da cidade, Dioguinho recomendou que tomassem cuidado com alguma surpresa da parte dos “periquitos” — referindo-se aos soldados da polícia.

Dirigiram-se diretamente à casa de R. M. G., que os recebeu com grandes manifestações de aprêço, chegando até a segurar a caçamba para que Dioguinho descesse do cavalo. Pediu-lhes que entrassem e, ao mesmo tempo, ordenava fôsse servido o jantar.

Enquanto seus homens se lavavam no fundo da cozinha, Dioguinho e o dono da casa foram para a sala da frente, onde ficaram confabulando durante algum tempo. Depois reuniram-se todos à mesa, na sala de jantar. Havia comida e bebida em abundância e os hóspedes não se fizeram de rogados.

R. M. G., pondo mais vinho no copo de Dioguinho, segredou:

— O povo anda falando que o cadáver do José Venâncio foi encontrado retalhado, faltando certas partes. Oví isso ainda hoje, lá na farmácia.

— Qual retalhado, qual nada! Essa gente não tem mais o que fazer e fica inventando histórias. Ninguém mexeu no cadáver. Só se foram êles, êsses que estão espalhando essas bobagens — respondeu Dioguinho, irritado.

— Eu sei que é mentira, “seu” Diogo. É que eu sou seu amigo e pensei que devia contar-lhe — retrucou depressa R. M. G..

— Bem se vê que mêdo doi — comentou baixo Curitibano, cutucando Joãozinho com o cotovelo.

Baianinho e António Soldado, que haviam procurado abancar-se o mais longe possível um do outro, comiam em silêncio, olhando-se de vriez, de quando em quando.

Terminado o jantar, ficaram conversando mais um pouco, até que Dioguinho, levantando-se, disse aos seus homens:

— Bem, a prosa está muito boa, mas amanhã cedo precisamos bater estrada. Vamos dormir.

\* \* \*

No dia seguinte, após o café, tocaram para a fazenda de C..

Já tinham andado algumas léguas, quando chegaram a uma aguada. Fazia um calorão danado. Dioguinho resolveu parar um pouco por alí, a fim de dar de beber aos animais e deixar os homens descansar, enquanto almoçavam.

À tarde, quando o calor abrandara, continuaram a marcha, seguindo para o lugar denominado Capão Escuro, onde existia velho rancho abandonado, no meio de um capoeirão cercado de sapesal. O lugar, apesar de sombrio e triste, era fresco e agradável. Desarrearam os animais, que logo se deitaram no chão, espojando-se na terra vermelha.

Os homens, também, foram-se arrumando dentro do rancho, descansando o corpo da longa caminhada.

Dioguinho, vendo-os deitados, brincou com êles:

— Êta gente mole; — te-rê-tê-tê, cama!

Baianinho não perdeu a oportunidade para azucrinar António Soldado:

— Qual, “seu” Diogo, mole aqui, só existe um... Ah! Ah!...

António Soldado, percebendo a indireta à sua pessoa, encarou o outro.

— É isso mesmo, “seu” Diogo, companheiro tem muito, mas gente que agüenta o repuxo, não sei, não.

António Soldado levantou-se, tremendo de ódio e não despregou mais os olhos do desafecto.

A conversa tomou outro rumo, até que Baianinho foi saindo do rancho. Pouco depois, António Soldado pegou uma carabina que estava encostada na porta e foi atrás dêle. Alcançou-o na margem do ribeirão.

— Olha aqui, seu filho... Repita agora o que você disse lá dentro, se fôr homem! — berrou, parando a poucos passos do outro, com o dedo no gatilho.

— Repito aqui e em qualquer lugar. Você não agüenta mesmo e está com prosa. Não serviu nem pra ser soldado, quanto mais pro fumo forte.

António Soldado levantou a arma em posição de tiro, enquanto Baianinho, sem se atemorizar, ainda o provocou:

— Se você fôr homem, atire. Atire e acerte, senão eu te como na faca, seu...

Não terminou a frase. Ecoou um tiro, e Baianinho gritou, sobraçando a barriga. Resmungou, resmungou, e caiu morto.

Os outros companheiros foram correndo até lá, para ver o que havia acontecido. Quando Dioguinho deu com o cabra morto e António Soldado ainda com a carabina na mão — não teve conversa: puxou do revólver e com um só tiro o abateu. António Soldado nem teve tempo de defender-se. Rolou por cima do corpo de Baianinho, e alí ficou, como se estivesse abraçando o outro.





## CAPÍTULO XI

**D**e regresso da cidade de São Carlos do Pinhal, aonde fôra a negócios, o pintor tocava o animal a tôda a pressa para a fazenda em que se achava hospedado. Também, aquelas conversas na venda lhe haviam prendido a atenção e, agora, estava aborrecido por chegar tarde para o jantar. Seria verdade o que ouvira? Não podia deixar de ser, pois aquêles homens, apesar de simples e humildes, não tinham jeito de quem mente. Nunca ouvira coisa semelhante.

Afinal, chegou. Abriu a porteira e, de longe, através da janela, viu que já estavam à mesa. Apeou-se, entregou as rédeas do animal a um empregado e foi lavar-se.

— Boa noite — disse, entrando na sala de jantar — peço-lhes desculpas, mas não me foi possível chegar mais cedo. Sentou-se à ponta da mesa, ao lado da dona da casa, a qual lhe falou, sorrindo:

— Ora, não tenha cuidados, ainda chegou a tempo de tomar a sopa. Sentamo-nos há pouco,

— Muitos negócios? — indagou o fazendeiro.

— Alguns; mas a razão do meu atraso, devo confessá-lo, é outra...

— Naturalmente alguma namorada — interveio, com ar malicioso, a filha mais velha.

Só então o pintor reparou que, ao lado do fazendeiro, se achava sentado um desconhecido, que no momento se ocupava com uma asa de galinha. Como não tinham sido apresentados, continuou, dirigindo-se à moça:

— Não foi namorada, não; antes fôsse. Ê que parei numa venda para comprar cigarros e fiquei entretido com a

conversa de uns caboclos, a respeito de um tal Dioguinho, bandido temível que vem aterrorizando as populações rurais, principalmente desta zona do Estado. Com certeza vocês já ouviram falar nêle, não?

— ...

— Ninguém respondeu. O pintor, no entanto, não deu por isso, e, como estava doido por contar-lhes o que ouvira na venda e que tanta impressão lhe causara, não percebeu, também, que os outros haviam esboçado um gesto de contrariedade. Não notara, sequer, o olhar esquisito do homem que êle não conhecia. E continuou:

— Pois eu confesso que ainda não havia ouvido falar nem tivera notícia de coisa semelhante. Nem em romance a gente lê o que aquêles homens contaram dêsse facínora desalmado, que mata só pelo prazer de matar. Se eu contar em São Paulo o que ouvi hoje, vão pensar que enlouqueci ou, na melhor das hipóteses, que dei para inventar coisas.

Ninguém mais dizia uma palavra. A não ser o ruído dos talheres nos pratos, o silêncio era absoluto. O pintor não percebia a estranha agitação do fazendeiro e das pessoas de sua família, nem que êles lhe dirigiam olhares que traduziam, ao mesmo tempo, uma súplica e uma repreensão.

Interpretando aquêle silêncio como interêsse e atenção pelo que estava falando, prosseguiu:

— Ê inacreditável o que êsse homem tem feito. E, mais estranho ainda, é o fato de não ter aparecido, até hoje, outro homem de coragem, capaz de enfrentar êsse bandido e de se bater com êle, pondo um ponto final nas suas turbulências.

A situação dos presentes era de desassossêgo. Mexiam-se nas cadeiras, faziam-lhe sinais e acenos, tossiam, e nada. O homem não percebia, tal a veemência de seus ataques contra Dioguinho. Reproduziu as histórias que ouvira contar na venda, e assim foi até o fim do jantar.

Mesmo a empregada que servia à mesa se mostrava agitada, tal a pressa com que retirava os pratos e voltava à cozinha. Por fim, levantaram-se e o pintor se dirigiu para o terraço, acompanhado pelo dono da casa.

Contrariado e confuso, o fazendeiro disse, em voz baixa, ao homem que falara o tempo todo:

— Como é que você não reparou nos sinais que lhe fizemos durante o jantar? Você foi inconveniente e se meteu numa enrascada dos diabos! Nem quero pensar no que vai acontecer com você!

— Que é isso, homem! não estou entendendo nada...

— É isso mesmo; hoje você não entende nada — e pegando-o pelo braço, afastou-se mais um pouco, dizendo-lhe bem junto ao ouvido: — Aquêlê que estava sentado ao meu lado é o Dioguinho...

— ...

O pintor, possuído de estranho terror, dirigiu-se às pressas para o quarto que ocupava na casa, fechando-se a chave. Com o coração batendo desordenadamente, tirou o paletó, arregaçou as mangas da camisa e, quando se propunha a despejar a água da jarra na bacia que estava sôbre a cômoda, ouviu bater à porta. Sentiu as pernas bambearem e já não conseguia controlar a tremedeira. Ficou em silêncio, escutando... Bateram novamente. Não havia dúvida, era ali mesmo. Foi abrir e recuou estarrecido, ao deparar com Dioguinho.

— Me dá licença? — foi dizendo, enquanto entrava e se sentava aos pés da cama. Olhou firme para aquêlê homem pálido, em cuja face se estampava o terror, e teve dó de vê-lo em tal estado, êle que ainda há pouco se mostrava tão valente. Dioguinho sorriu, e cruzando as pernas, disse:

— Não tenha mêdo, que eu não lhe vou fazer mal nenhum. Muita coisa do que o senhor disse de mim, durante o jantar, é verdade; mas eu não sou, como pensam, um vulgar matador de gente. Se levo esta vida é porque me obrigaram a isso.

Vendo que o pintor continuava a tremer, parado ali junto à porta, como que pregado no chão, Dioguinho sorriu outra vez. Depois, com voz mais branda, continuou, apontando para uma cadeira:

— Sente-se e não tenha medo; eu já lhe disse que não lhe farei mal. Quero que o sr. saiba alguma coisa da minha vida, pra dizer aos seus amigos de São Paulo, quando lhes falar de mim. Sente-se.

O pintor foi até a cadeira, quase arrastado. Sentou-se.

— Antes de mais nada — prosseguiu Dioguinho — quero contar-lhe que sou de uma família de gente boa e que meu pai, português de nascimento, nos criou, a mim e a meus irmãos, naquele regime de respeito e austeridade das famílias antigas, onde o pai é o senhor absoluto. Na minha casa, seu moço, ninguém levantava a voz e, quando um de nós fazia alguma coisa errada, meu pai nos corrigia a bofetadas. Em Botucatú, minha terra, todos sabem disso. Frequentei a escola, onde me eduquei, e depois aprendí a medir terras, tornando-me ajudante de agrimensor. Como o senhor vê, eu fui bem nascido, graças a Deus.

Dioguinho levantou-se, andou de um lado para outro, e parando em frente do pintor, prosseguiu:

— Andei medindo terras em vários municípios do Estado, ganhando a minha vida honestamente. Trabalho duro, seu moço; debaixo do sol desde manhã até a noite. Fui me tornando conhecido e afinal um agrimensor de Jaboticabal me chamou pra trabalhar com êle. Aceitei e embarquei pra lá. Tínhamos bastante serviço numa fazenda e ia vivendo bem, com a graça de Deus, considerado pelo agrimensor, o fazendeiro e tôda a gente.

Sentando-se novamente, Dioguinho desapertou a guaiaca, afrouxou o lenço do pescoço, e continuou:

— Certo domingo, bem cedo, a convite de um colono da fazenda, fomos caçar num campo não muito distante da sede. Tínhamos um cachorro só, por sinal que era um mestre. Andamos algum tempo e o bicho amarrou uma perdiz, que logo levantou vô e foi morta pelo colono. Continuamos. O cachorro sempre farejando; dali a pouco amarrou outra. Fiquei prontinho. Quando a perdiz saiu, mal encastelou, desapareceu. Êle também deu o tiro, mas foi depois. Então o homem garrou a dizer que êle é que tinha matado a perdiz!

Não foi não, disse eu; o senhor atirou quando ela já estava chumbeada. O raio do homem era impossível, e começou a gritar comigo, dizendo que êle é que tinha dado o tiro primeiro. Daí a coisa azedou e o tal começou a me dizer palavrões, xingando até a minha mãe...

Dioguinho, levantou-se outra vez, foi até a porta. Abriu-a um pouco. Voltou para os pés da cama e sentou-se novamente:

— O insulto foi pesado e eu comecei a sentir o sangue ferver e um calor danado por dentro, enquanto o tal continuava me descompondo. Levantei a espingarda, fiz pontaria e metí um tiro na cabeça dêle. O homem só abriu os braços. Caiu morto alí mesmo.

O pintor, já mais calmo, em face da atitude cordial de Dioguinho, ouvia atento.

— Depois disso, só me restava fugir. E foi o que fiz, deixando tudo lá na fazenda: minhas coisas, o ordenado, até minha mula preta... Acossado pela polícia, enveredei pro caminho do crime, matando os que me têm perseguido. E é isso, moço.

Apertando novamente a guaiaca, dirigiu-se para a porta:

— Agora o senhor pode dormir sossegado e dar graças por eu estar hoje de bom humor. Sim, porque o senhor, não me conhecendo, disse algumas coisas de mim que eu não gostei de ouvir, francamente. Afinal, os senhores lá da capital fazem um juízo um tanto errado aquí de nós do interior.

E dizendo isso, retirou-se. Pouco depois, ouvia-se o galope de um animal. O pintor espiou pela frincha da janela e viu Dioguinho afastar-se, cavalgando uma vistosa mula espanhola, com o pala enfunado pelo vento.



## CAPÍTULO XII

**E**stimado por alguns, protegido de muitos e temido por todos, Dioguinho tinha como certa a sua impunidade. Tantos crimes cometidos, bárbara e friamente, tantas tropelias praticadas, tudo sem que nada lhe acontecesse, convenceram-no de que ninguém se oporia a seus desmandos. Pois não era verdade que até então somente respondera a juri uma única vez?

Em pouco mais de três anos de vida criminosa, sua fama correra por êsse mundo além. Não havia lugarejo do Estado de São Paulo onde o nome de Dioguinho não fizesse tremer o mais corajoso dos homens. E não era para menos, pois a credulidade popular atribuía-lhe dons sobrenaturais:

— Ele tem o corpo fechado! Nem bala nem ponta de faca atravessam a pele dêle!

— Quando êle quer, vira gato, cachorro; transforma-se até em tóco de pau!

— “Seu” Dioguinho sabe tudo, adivinha tudo. Pobre daquele que o trair: na mesma horinha êle fica sabendo!

Eram êsses os comentários mais comuns a seu respeito; sem contar, naturalmente, as histórias sôbre seus crimes. Dioguinho sabia dêsses falatórios e se orgulhava de sua fama. Ria-se, é verdade, das lendas acêrca de suas transformações, embora não as desmentisse. Acreditava, porém, piamente, que tinha o “corpo fechado”. Também, não era para menos: tôdas as noites rezava orações para êsse fim.

Os acoitadores de Dioguinho, fazendeiros, políticos, homens formados e até autoridades judiciárias e policiais, disputavam a honra de recebê-lo em suas casas.

Sempre que os visitava, Dioguinho era recebido de braços abertos. Os melhores quartos; boas roupas, comida e vinho em abundância. Sem contar, é claro, bons cavalos, armas, mantimentos e dinheiro.

Certa noite, na fazenda do Coronel C. C., onde o facínora se homiziara após a prática de um crime, êle se pôs a contar suas façanhas. Ao redor dêle reuniram-se todos os presentes, ansiosos por ouvi-lo.

— Pois é, nunca vi tanto mêdo. Nem que fôsse lobi-somem, gente! Imaginem que me vieram contar que a família do coronel C. P. andava apavorada porque soubera que eu havia prometido matar êle...

— E foi mesmo, "seu" Diogo? — perguntou, de olhos arregalados, um dos que o ouviam com mais atenção.

— Que nada! Nunca pensei em tal coisa. Algum bobo inventou isso, de maldade. Sabe como é: foi parar nos ouvidos daquela gente.

— O coronel C. P. é aquêle da fazenda "Dumont", de Ribeirão Preto, não é, "seu" Diogo? — perguntou o fazendeiro que lhe dava hospedagem.

— Êsse mesmo. Homem bom, direito, trabalhador como êle só; não desfazendo dos presentes. Pois como ia dizendo, quando me contaram, montei na mula preta e toquei pra lá, prá fazenda do coronel. Saí de madrugada e cheguei de manhãzinha; o sol malemal estava saindo. Apeei na porta da casa, desapertei a barrigueira do animal e batí palmas. Estava demorando pra vir gente e então eu fui entrando, entrando, até à cozinha, onde dei com a mulher dêle...

Dioguinho tomou mais um gole de vinho, ajeitou-se na cadeira, descruzou as pernas e continuou:

— Ela estava fervendo leite prás crianças. Parei na porta, pigarriei, e fui dizendo: — Bom dia sinhá, me dá licença?

— Bom dia, pode entrar. Não repare que estou aprontando a merenda das crianças...

— Ela conhecia o senhor, “seu” Diogo? — perguntou um mocinho imberbe, que não parava de roer as unhas.

— Não, não me conhecia. Aí ela me disse: — O senhor pode sentar-se alí na sala, que o coronel não demora; foi até o curral ver uma vaca doente e volta já.

Abanquei-me numa poltrona, peguei o jornal e fiquei lendo as notícias. Dalí a pouco, a mulher voltou trazendo um bule de café e uma xícara. Vinha com três ou quatro meninas atrás dela.

— Trouxe um cafèzinho quente pro senhor — foi dizendo, enquanto despejava o café na xícara. O senhor é o administrador da fazenda do dr. M., não é?

— Não senhora, dona, eu sou Diogo da Rocha Figueira... Gente! Só queria que vocês vissem! O diacho da mulher deu um grito: Ah!... e caiu no chão, com bule, xícara e tudo, como se tivesse recebido um raio na cabeça. Não é que fiquei atrapalhado! Gritei pra ela que era de paz, que tinha ido lá explicar que tudo não passava de mentira, que eu não pretendia matar o coronel. Não adiantou nada, ela nem ouvia. Ficou alí esticada no chão quem morta...

— Que mêdo, hein! “seu” Diogo? — disseram alguns, rindo, enquanto por dentro sentiam um frio correr pela espinha.

— Pois é mesmo, eu queria era justamente acabar com o mêdo dela e não tive tempo. Fiquei atarantado. As crianças choravam; as empregadas, quando viram a patroa no chão, bule quebrado, xícara, café esparramado, puseram a bôca no mundo! Homem, foi um corre-corre daqueles... Felizmente, o coronel chegou logo, o resto da filharada também, e tudo ficou esclarecido.

\* \* \*

O que Dioguinho não contou, talvez por haver esquecido, foi o que acontecera naquela mesma tarde. Voltava êle da fazenda do coronel C. P., pensando ainda no susto que causara à pobre mulher (o que no fundo lhe dava grande prazer), quando, num repente, resolveu apear-se da mula numa venda de beira de estrada para fazer compras.



Amarrou a montaria em baixo de um pau d'alho, separada de outros animais que estavam presos aos mourões da cêrca, e dirigiu-se para a porta da venda, onde encontrou vários amigos e conhecidos:

— Boa tarde, “seu” Diogo.

— Boa tarde pra vocês. Então, como vamos?

E começaram a falar de uma coisa e outra. Finalmente, a conversa se encaminhou para as histórias de caçadas.



— O homem piava que era um despropósito! — dizia um caboclo idoso, enquanto picava um tóco de fumo de corda. Estou pra ver outro igual a êle. Êta homem formidável! Pois um dia êsse tal, mais o filho dêle, o Joanico, foram caçar nhambú. Chegaram no mato e se separaram, cada um pro seu lado. O filho também era mestre num pio. Começaram a piar e daí a pouco nhambú respondeu. Pia daqui, pia dali, e nada do bichinho mostrar a cabeça... Estava impossível: alí pertinho e nada! O Joanico, mais afoito, não agüentou: levantou-se devagarinho, com o pio entre os dentes e o dedo no

gatilho, e foi campeando aquêlo danado que não aparecia. De repente, viu mexer uns galhos... Ficou olhando... Piou outra vez e de lá veio a resposta. Não teve dúvida e atirou: Pum!...

O caboclo, enrolando o cigarro de palha, concluiu:

— Joanico correu e... Quando o maldito dá de se meter é o que acontece: Lá estava o pai dêle, de pio na bôca, espingarda na mão, morto! Tinha recebido o tiro na cabeça, gente!

Contaram-se mais proezas, passagens interessantes, fatos curiosos. A certa altura, o assunto descambou para os casos de boa pontaria. Cada qual lembrava de tiros certos. Dioguinho, em silêncio, ouvia os homens falar de façanhas inverossímeis, de autoria de alguns presentes, amigos, parentes e compadres.

— Eu vi, eu mesmo vi, ninguém me contou — afirmava com veemência um caboclo de cara bexiguenta — eu vi o João Brandão pôr doze garrafas em cima de doze mourões de cêrca e arrancar o fundo delas com doze tiros de garrucha. E, olhem: foi pelos gargalos...

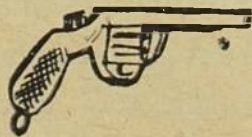
— É baixo — interveio outro — isso não é nada; eu conheci um homem lá em Indaiatuba, que fazia o que queria com o revólver. Mecê jogava um vintém pra riba e o tal, com um tiro só, arreventava êle... Muitos vinténs meus êle esculhambou assim.

Diogo ouvia tudo em silêncio. De repente, foi até onde parava a sua mula, arrancou a *repetideira* da cabeça do arreo e, voltando-se para o grupo, gritou:

— Olha aquí, cambada! O que ninguém fêz, nem faz, é isto... Levou a arma ao ombro direito, apontou e disparou.

Todos olharam para lá... e a uns cento e cinqüenta metros, um infeliz caboclo, chumbeado sem saber como, fochinhava na barba de bode.

Ninguém tugiou, nem mugiu.



### CAPÍTULO XIII

**D**ioguinho ordenara ao capanga Benedito que desse um banho em regra na sua mula de estimação — mula espanhola, alta, de pêlo reluzente, preto como jaboticaba.

— Quero que você deixe a “Suzana” bem limpinha e reluzindo, está entendendo?

— Sim senhor, “seu” Diogo, deixe ela pra mim — respondeu solícito o cabra. E foi depressa tirar água do poço.

Dioguinho desamarrou da cabeça do arreio um galho de perobinha, de metro e pouco de comprimento, que, ainda naquela manhã, havia cortado no mato. Pegando-o por uma ponta, estendeu o braço, fechou um olho e avaliou se estava bem no prumo. Satisfeito, puxou da faca e se pôs a tirar a casca, pedaço por pedaço, com calma e muita diligência. E foi indo para dentro de casa.

O cabra Benedito, depois que encheu o balde, começou a lavar a mula. Jogou água, jogou água, passou sabão, esfregou, limpou os cascos, jogou mais água, enxugou com um saco limpo e, depois, começou a alisar o pêlo do animal. Raspou, penteou e, quando já estava desembaraçando a crina do rabo, o patrão aproximou-se para dar uma vista no trabalho. Olhou aquí, examinou alí, levantou as patas de “Suzana”, forçou as ferraduras para ver se estavam firmes, acertou os pelos da testa e foi andando, de passinho em passinho, quase embevecido com a lindeza daquele animal. Quando chegou no traseiro da mula, levantou o rabo, olhou bem e, fazendo uma cara feia, perguntou ao cabra:

— Já está pronta, Dito?

— Já, “seu” Diogo; olha como ela está novinha. Pode crêr, “seu” Diogo, essa é a mula mais bonita desta redondeza — respondeu o cabra, dando uma risada que pôs à mostra os dois únicos dentes que êle ainda possuía no maxilar superior.

— Já está pronta? eu pergunto — insistiu Dioguinho.

— Ué! já, “seu” Diogo. Joguei uns vinte baldes d’água nela e esfreguei tanto que estou até com os braços doendo, gente!

Dioguinho, que ainda conservava o rabo da mula erguido, pegou com violência o homem pela nuca, empurrou a cabeça do pobre diabo, e enquanto lhe esfregava a cara no traseiro do animal, foi repetindo:

— Então está limpo, seu porcalhão! Cheira! Cheira! Cheira!

Por fim largou o cabra, que estava meio tonto, fungava e cuspiam, limpando o rosto com as mãos. E ordenou-lhe, ameaçadoramente:

— Está pronto o seu nariz, peste do inferno! Isso aí também é pra lavar, está ouvindo? Ê pra lavar! — e apontava para o lugar.

Benedito, que não parava de cuspir, pegou num pedaço de pano, molhou no balde e foi acabar a “toilete” de “Suzana”.

Puff... Puff...

\* \* \*

Depois de raspar e aparar bem a perobinha, Dioguinho olhou satisfeito para a sua obra. Alí estava, enfim, uma bengala como desejava possuir há muito tempo.

— Custei pra arranjar uma perobinha no jeito — comentou pros companheiros.

— Essa é boa mesmo e está sequinha — anuiu Curitibano.

Dioguinho bateu a ponta do pau no chão várias vezes, girou a bengala entre os dedos e, por último, segurando-a por

uma das extremidades, fê-la rodopiar sôbre a cabeça, sorrindo de gôsto ao ouvi-la zunir no ar: zuuum... zuuum... zuuum...

— Êta perobinha boa; olha como ela canta, gente! — exclamou, radiante com a rigidez da bengala.

— Isso aí no couro de alguém canta melhor ainda! — aproveitou para dizer Benedito, querendo voltar às boas graças do chefe.

— Pois fiquem sabendo que eu vou batizar esta bengalinha num domingo ou na véspera de um domingo. Ah! Que vou, vou mesmo. Não tenham dúvida.

\* \* \*

O delegado de polícia de Mato Grosso de Batatais estava furioso, porque os soldados haviam deixado fugir um preto capoeira que se metera numa briga. Aliás, aquêle sábadô começara mal para a polícia, com o roubo de gado na fazenda de um latifundiário ranzinza, que ameaçava queixar-se ao chefe de polícia, na Capital, caso os ladrões não fôssem presos.

— Eu só queria saber como é que vocês deixaram o negro fugir — gritava a autoridade para o cabo, um mineiro baixo, atarracado, de bigodes com as pontas levantadas como chifres de boi.

— Eu já expliquei pro senhor; eu estava só mais o soldado Juvêncio. Quando nós chegamos lá, o negro já tinha escafedido. Campeamo êle mas não encontramos.

— Pois eu quero êsse homem no xadrez hoje mesmo. Eu até desconfio que foi êle que roubou os animais lá do outro. Pelo jeito é. Tragam o homem; é só o que eu digo: tragam o homem — insistiu o delegado.

O cabo e o soldado retiraram-se da sala tão apressados, que se atrapalharam na porta com os reflex enfiados pelas pernas. Finalmente, desvencilharam-se e lá se foram à procura do negro, arquitetando, cada qual a seu modo, uma maneira de vingar-se do miserável, assim que o pegassem de jeito.

Na cidade, o povo comentava, maldosamente, o blefe que o tal havia pregado na polícia. Dioguinho, no barbeiro, já ouvira contar a história, e também fizera o seu comentário:

— Eu vivo dizendo que essa “periquitada” só presta é mesmo pra acompanhar procissão. Topa com um negro qualquer e fica tôda atarantada, com os raios dos reflex batendo nas pernas à-toa.

— É isso mesmo — concordou o barbeiro, devolvendo-lhe o trôco. — Eu ouvi dizer que o homem que êles estão procurando foi visto lá na venda do Tibúrcio. Por que a polícia não vai até lá? Deve ser mêdo...

Dioguinho saiu com a sua bengala nova, aprumado no terno de casemira preta, a barba escanhoada e o bigode bem tratado, como sempre.

Começou a andar devagar e, de repente, apressou o passo. Foi rumo à venda do Tibúrcio. — Pois então é hoje — foi murmurando, com a perobinha cada vez mais apertada na mão direita.

Quando chegou à venda, o homem já tinha saído havia pouco tempo. Dioguinho indagou o rumo que êle tomara, e dirigiu-se para lá. Nem bem andara um quarteirão, deu de cara com um negro de rosto desconforme, botas de sanfona, e que vinha gingando o corpo, assim como quem estava a todo o momento ensaiando uma rasteira.

— Olá! Tome cuidado com a polícia que os soldados estão à sua procura — foi dizendo Dioguinho, a fim de certificar-se se era aquêle mesmo o negro que procurava.

— Qual pega nada, seu moço! Eu daqui vou-me embora e é já — respondeu o interpelado.

Era só o que Dioguinho queria saber. Deu um salto e foi lascando a perobinha na cabeça do sujeito, uma... duas... três e mais vêzes. O negro caiu de joelhos, estupefacto com aquela agressão inopinada, enquanto Dioguinho, brandindo a bengala, gritava para alguns curiosos que se haviam acercado:

— Eu não disse? Eu não falei que havia de experimentar a peroba numa véspera de domingo? Pois hoje é sábado, cambada! Olha ela aquí, batizada no couro dêsse negro metido a valente!

E sacudia a bengala, mostrando-a aos papalvos, que não estavam entendendo que raio de batizado de peroba era aquê.

Dioguinho dirigiu-se para o centro da cidade, mal cabendo em si de contentamento pela proeza, repetindo em voz baixa:

— Eu não disse? Eu não disse? Pois então...

O negro ficou caído no chão, meio desacordado, gemendo. Quando o cabo e o soldado chegaram, foi só o trabalho de levantar o homem e arrastá-lo até a cadeia. No fundo, os dois representantes da lei estavam satisfeitíssimos com a surra que o valentão levava: poupara-lhes o serviço...

Mais tarde, na cadeia, já refeito da sova, embora ainda lhe doessem, e muito, os "galos" da cabeça, o negro quis saber quem era o sujeito que lhe havia dado aquela tremenda surra.

— Que louco aquê! Quem é êsse tal?

— É o Dioguinho — respondeu o carcereiro, rindo.

— Quem???

— O Dioguinho...

— Virge Santa!



## CAPÍTULO XIV

Havia uma semana apenas que o jovem professor Custódio chegara à fazenda das “Flôres”, contratado para dar aulas à filha de C. C. de O.. Estava satisfeito com o novo emprêgo, pois fôra recebido na fazenda com manifestações de agrado e simpatia, da parte de todos, principalmente de sua nova aluna.

Uma tarde, quando regressava à sede da fazenda, após um passeio a pé pelas cercanias, Custódio começou a admirar a construção do prédio, típico das nossas casas grandes rurais. O sol, que ainda não se tinha pôsto de todo, tingia tudo de vermelho côr de fogo, dando um aspecto inédito à casa e ao jardim.

O professor olhava extasiado e, aproximando-se da casa, teve, de súbito, uma surpresa, ao verificar que a face voltada para o seu lado continha cinco janelas.

— Esquisito! — pensou depois de contar pela segunda vez, compassadamente, acompanhando com a cabeça: — uma, duas, três, quatro, cinco. Eu seria capaz de jurar que eram sòmente quatro!

E, dizendo isso, limpou a sola dos sapatos no raspador, fazendo cair a lama que pegara no passeio. Entrou, pendurou o chapéu atrás da porta, sentou-se e apanhou o jornal, que acabara de chegar. Correu os olhos pelas notícias da primeira página, mas não conseguiu ler nada. Estava ainda pensando



414  
20  
40

naquele detalhe das janelas, que êle julgara fôsem quatro e em vez eram cinco. Era um pormenor sem importância, mas o moço estava intrigado. Que diabo de coisa esquisita!

Resolveu, finalmente, verificar, pela parte de dentro, como se explicava uma quinta janela. Foi abrindo portas e contando: uma; duas; três; quatro. Quatro janelas e não havia mais nenhuma.

— Será possível! — exclamou. — Por fora cinco e por dentro quatro! Ué!

Henriqueta, que vinha da sala de visitas, ao dar com o rapaz falando sòzinho, riu e dirigiu-se a êle, num meio tom de censura:

— Que é isso, professor, já deu pra falar sòzinho? Será que o passeio lhe fêz mal?

— Não, não é isso — respondeu o professor, rindo — é que eu estava querendo decifrar êste enigma: do lado de fora contei cinco janelas e agora acabo de verificar que são só quatro...

— E está certo — retrucou a moça.

— Certo?! Como?

Henriqueta, rindo-se do espanto de Custódio, esclareceu:

— Ê que uma das janelas não se vê do lado de dentro.

— ? ! ?

Pegando o jovem pela mão, ela o levou até a escada que dava acesso ao pavimento superior.

— Aí atrás dessa escada, há um quarto. Foi construído aproveitando o vão da escada. Quer ver? Entra-se por aquí — e abrindo uma porta disfarçada na coluna de onde partia o corrimão, fê-lo entrar.

— Está vendo? Eis a outra janela.

— Ah!... agora sim. Ê por isso que eu não a encontrava. Nem podia compreender que houvesse uma janela igual às outras, com batentes, caixilhos, vidros e tudo o mais, e que, afinal, não desse pra parte alguma.

E olhando ao redor, continuou:

— Que quartinho bom, êste, não? Confortável, bem mobiliado, tão limpo. Deve ser um sossêgo aquí dentro, não? Até parece um esconderijo — concluiu, rindo.

— E é mesmo — disse Henriqueta, pegando novamente a mão do jovem e retirando-se apressadamente daquele lugar, à medida que segredava: — Vamos sair logo, que papai não gosta que a gente venha aquí. — E fechou a porta.

Ambos dirigiram-se para a varanda, em silêncio. Henriqueta sentou-se na rêde, e percebendo que Custódio ficara curioso por saber mais alguma coisa a respeito do misterioso quarto, lhe fêz sinal para que se aproximasse, dizendo-lhe, baixinho:

— Promete não contar a ninguém?

— Prometo.

— Pois, nesse quarto costuma dormir “seu” Dioguinho, quando êle se hospeda aquí.

— Quem é êsse “seu” Dioguinho? — indagou o professor.

A moça levantou-se e acenou a Custódio para que a seguisse. Dirigiram-se ao pomar.

— Eu vou lhe contar, porque tenho confiança em você. Mas, olhe lá, pelo amor de Deus, não repita nada a ninguém?

E, enquanto percorriam uma alameda cercada de jaboticabeiras, Henriqueta foi contando tudo quanto sabia a respeito de Dioguinho, seus crimes, sua brutalidade, sua malvadez, através das histórias que ouvira de sua velha mucama e de outras empregadas da fazenda.

— Mas, êsse homem é assim mesmo? Não haverá exagero nessas histórias? — perguntou Custódio, com um ar incrédulo.

— Não há, não; as pessoas que me contaram merecem tôda confiança — atalhou a jovem.

— Mas, então êle não é um homem; é uma fera. O que eu não compreendo é como seu pai o recebe e hospeda em sua própria casa, no aconchêgo de sua família.

— Tem razão; nem eu mesma posso compreender... — retrucou Henriqueta, meneando a cabeça, com ar tristonho.

— Desculpe-me; eu não quis magoá-la — apressou-se em dizer o professor.

Nesse momento chegou uma empregada, que os procurava por ordem da patroa, a fim de que se aprontassem para o jantar.

À medida em que os dias se iam passando, crescia a simpatia entre Henriqueta e Custódio. Até que, como era de esperar, êsse sentimento se transformou em amor. Quando perceberam, estavam apaixonados. A princípio, procuraram disfarçar, esconder dos outros, a ventura de que se achavam possuídos. Mas, como sempre acontece em tais casos, aos poucos a vigilância foi cedendo lugar ao enlêvo, a tal ponto que, às vêzes, pareciam completamente alheios. Uma palavra aqui, um gesto ali, um olhar acolá. Conversas sussurradas num desvão de janela, mãos que se separam apressadamente, à aproximação de alguém.

O fato é que, dentro em pouco, não havia entre a criadagem quem ignorasse os amores de sinhá pelo simpático professor.

Uma noite, quando a família estava reunida na sala, os namorados saíram para a varanda, a fim de tomar um pouco de ar. E aproveitaram êsses instantes de isolamento para trocar suas juras de amor:

— É preciso que você compreenda; isto assim não pode continuar. Amanhã mesmo falarei a seu pai...

— Por favor, Custódio, espere mais alguns dias.

— Já estou cansado de esperar, Henriqueta. Já estou cansado. Você me ama, não é assim? Eu a quero para minha esposa, logo, não há razão para continuarmos às escondidas, como se fôssemos dois culpados. Não, não posso esperar mais. Para seu próprio bem, não devemos continuar assim.

— Custódio, eu lhe peço, pelo amor de Deus! Espere mais um pouco. Você sabe que eu o amo mais que a própria vida. Mas espere mais um pouco; deixe-me falar com mamãe. E agora, vamos entrar, antes que ponham reparo — concluiu a moça.

— Henriqueta! Escuta! — exclamou Custódio.

Ela, porém, não lhe deu resposta, entrando na sala. Ao se ver sozinho, o jovem a seguiu.

Mas nenhum dos dois percebeu que o coronel C. C., deitado na rede da varanda, no escuro, ouvira tudo quanto disseram.

Nessa mesma noite, um camarada foi despachado a toda pressa, levando um recado urgente para Dioguinho. Que fôsse vê-lo no dia seguinte, sem falta.

\* \* \*

Atendendo ao chamado do amigo, Dioguinho foi à fazenda das "Flôres". O coronel o esperava junto da porteira, nervoso e impaciente. Dalí foram diretamente para a sala e se fecharam por dentro.

— Diogo, preciso de você para resolver um caso de família — disse-lhe o fazendeiro.

E contou-lhe que o professor, traindo a confiança que nêle fôra depositada e aproveitando-se da inexperiência de Henriqueta, a iludira, tornando-a sua apaixonada. Era preciso dar um jeito e acabar com aquela bobagem.

— E por que você não manda dar uma boa surra nêle e depois o enxota daqui? — perguntou Dioguinho.

— Sim, já pensei em fazer isso, mas não adiantaria nada; minha filha continuaria apaixonada pelo rapaz. E com sua ausência, a coisa seria pior.

— Tem razão; isso não resolve. Pra essas coisas, só a morte. A morte é irremparável e o tempo se encarrega de apagar a lembrança.

— Ê, é isso mesmo — respondeu o coronel — mas também não adianta... Se ela souber que matamos o professor, aí então ficará inconsolável. Seria capaz até de cometer um desatino. Isso também não dá certo. Vê que complicação, homem?

Dioguinho andou de um lado e de outro, coçando a cicatriz do queixo. De repente, parou em frente ao amigo, olhou bem para êle, e disse:

— Está tudo resolvido; o moço se suicidará...

— Como?!

— Deixe por minha conta. Você tem algum veneno aqui em casa?

— Tenho — respondeu o outro.

— Então traga, junto com um copo d'água.

O fazendeiro levantou-se, foi até seu quarto e, dentro de alguns instantes, voltou trazendo um copo d'água e uma caixinha.

— Tem certeza que êsse veneno é bom mesmo? — perguntou Dioguinho.

— É de efeito fulminante.

— Bem; agora mostre-me onde é o quarto do rapaz.

O fazendeiro, seguindo na frente, com um candieiro, encaminhou-se em direção ao quarto de Custódio.

Dioguinho bateu de leve. Daí a pouco, o moço entreabriu a porta.

— O sr. dá licença? — e dizendo isso o facínora empurrou a porta e foi entrando.

— Quem é o senhor? — perguntou Custódio, espantado de ver um desconhecido entrando em seu quarto àquela hora, com um copo d'água na mão.

Dioguinho não respondeu. Fechou a porta a chave, acendeu o lampião que estava na mesa e depositou nela o copo. Depois, disse:

— Eu sou o Dioguinho — e ficou encarando o rapaz.

Custódio teve um estremecimento e permaneceu ali parado, olhando para aquêle tipo estranho, cuja sombra se agigantava na parede, projetada pela luz do lampião. Afinal, perguntou:

— Que é que o senhor deseja?

— Seu moço — disse Dioguinho, colocando ao lado do copo o revólver e a faca que tirara da cintura — Não tenho tempo a perder e vim aquí resolver um caso com você.

— Comigo?!

— Com você mesmo. Com quem havia de ser?! Fazendo-se de santinho, hein! seu desencaminhador de moças.

— Eu?! Não estou entendendo o que o senhor quer dizer — exclamou o jovem, trêmulo.

— Pois vai entender já, seu janota. Você fez com que a Henriqueta se apaixonasse por você, aproveitando-se de ser professor dela e abusando da confiança do coronel. Mas ela não é pro seu bico, está ouvindo? Por isso você vai desaparecer.

— Mas...

— Não tem mas nem meio mas! Já resolví que você vai sumir e não adianta conversar — disse Dioguinho, agarrando-o pela camisola e sacudindo-o com vigor.

— Está bem, está bem, eu sumo. Amanhã mesmo ou hoje, se o senhor quiser, eu desapareço daqui. Arrumo as minhas coisas num instante e...

— Não vai arrumar coisa alguma; e não é amanhã, é agora mesmo. Comigo tudo se resolve na hora, na hora, seu idiota! — e dizendo isso, empurrou o moço até junto da mesa, ordenando-lhe: — Pegue papel, tinta e escreva o que eu vou ditar.

Custódio, como um autômato, pegou de uma fôlha de papel, puxou o tinteiro e empunhou a caneta.

— Sente-se e escreva, com letra bem legível e sem êrro... Você é professor, não é? — e riu.

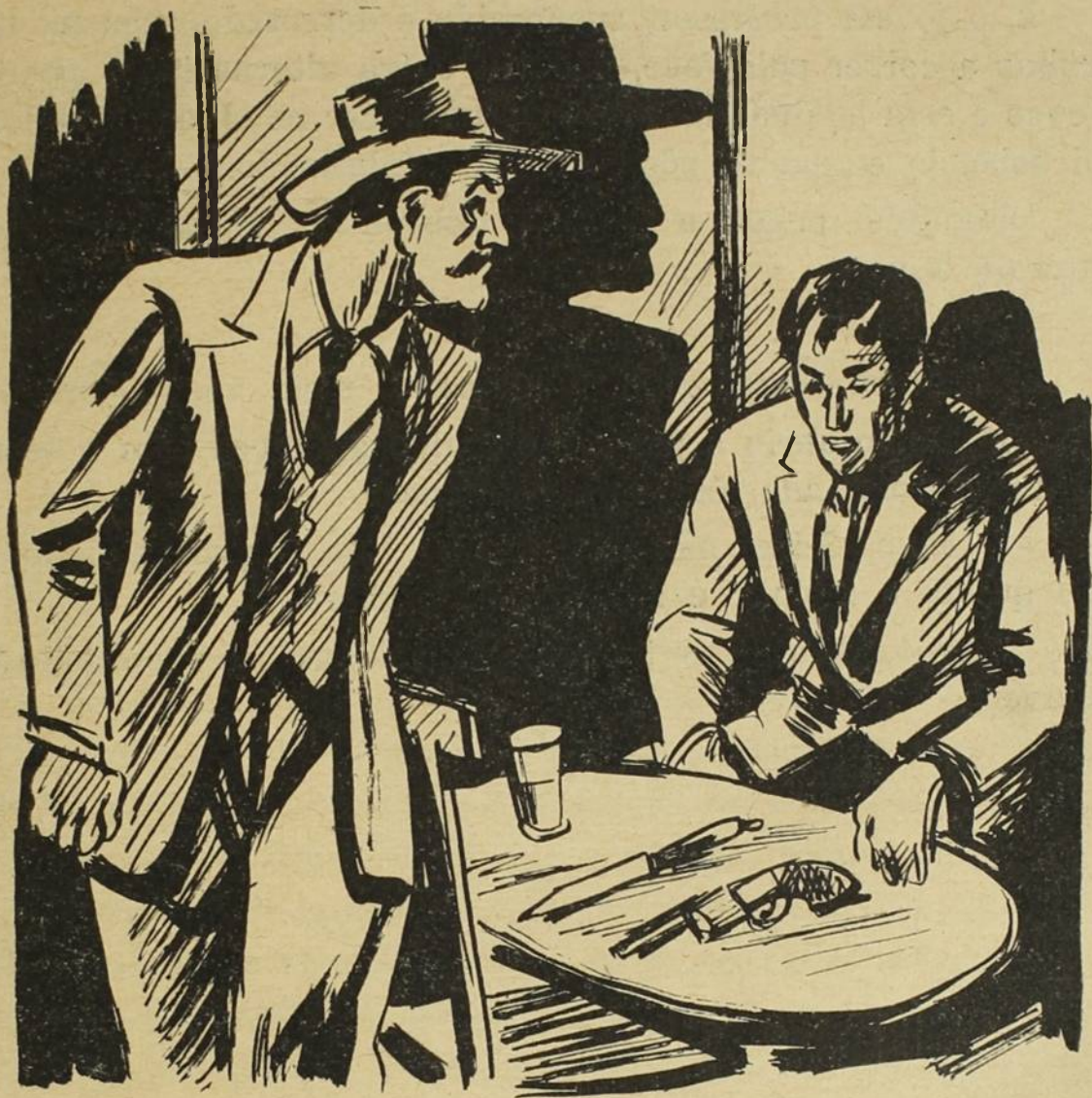
Colocando-se atrás da cadeira do jovem, Dioguinho ditou a carta, na qual o professor declarava que, tendo-se apaixonado e não sendo correspondido por Henriqueta, resolvera suicidar-se, "de livre e espontânea vontade".

— Agora assine! — intimou Dioguinho.

— Mas não é verdade! Ela me ama; nós queremos nos casar... Eu não quero morrer... O senhor não pode...

Dioguinho, dando-lhe uma bofetada, gritou:

— Ama o que, seu bestalhão! Casar, casar. Ah! Ela não é pro seu bico, está ouvindo? Aí tem você um revólver, uma faca e um copo de veneno. Escolha! Ou você mesmo se mata ou eu lhe atravesso o pescoço com esta francana, escolha! — e dizendo isso, pegou a faca.



— Mas pelo amor de Deus, eu não fiz nada de mal... Eu não enganei ninguém... Eu não quero morrer... Me deixe ir embora, por favor; pelo amor que o senhor tem à sua mãe... me deixe ir embora — implorou Custódio, chorando.

— Já estou perdendo a paciência; assine aí!

— E o infeliz, com a mão trêmula, assinou a carta em que declarava suicidar-se por sua livre e espontânea vontade.

— “Seu” Diogo, pelo amor de Deus...

— Outra vez! Agora beba o veneno. Basta de chora-deira. Beba senão eu te mato; te corto o pescoço quem um porco.

As palavras lhe saíam num sibilo feroz através dos dentes cerrados.

E o jovem professor, sucumbido e derrotado, com as lágrimas a correr pela face, não viu outra alternativa: pegou o copo e com as duas mãos o levou à boca; os olhos fechados, foi bebendo enquanto pôde, até cair fulminado.

Dioguinho pegou a carta e dobrou-a. Nesse instante, bateram à porta.

— Quem é?

— Sou eu, abra, abra. — Disse a meia voz o coronel.

Dioguinho abriu a porta e o amigo apareceu com o semblante transtornado, falando de arranco:

— Deixe, deixe, não faça nada. Estive pensando, não, não quero, o melhor é mandar êle embora...

— Agora é tarde — interrompeu Dioguinho, apontando o cadáver.





## CAPÍTULO XV

Henrique de Sousa recebera como legado de seu pai, Irineu Evangelista de Sousa — o visconde de Mauá, 4.000 alqueires de terras de cultura e pastagens, numa gleba que se estendia entre os municípios de Batatais e Rio Pardo, patrimônio êsse que constituía a chamada fazenda “Aliança”.

Certa vez, Dioguinho procurou o fazendeiro, a quem pediu que lhe alugasse alguns alqueires de pasto, onde pretendia pôr suas mulas espanholas, criação de que então se ocupava.

O proprietário das terras, a quem o povo, incorporando o título do pai ao seu nome, chamava de comendador Henrique Mauá de Sousa, disse a Dioguinho não desejar alugar os pastos, pois precisava dêles para a sua própria criação. Dioguinho insistiu, tornou a insistir, mas o outro não cedeu. Contrariado com a atitude obstinada de Henrique de Sousa, e vendo que por bons modos nada conseguiria dêle, passou às ameaças.

— Talvez um dia o sr. alugue — disse, encarando-o provocadoramente.

O fazendeiro não deu maior importância ao fato nem sequer voltou a pensar no caso. Viajando freqüentemente para São Paulo e Rio de Janeiro, deixava, nessas ocasiões, a fazenda aos cuidados do administrador, um tal Viana.

Dioguinho, no entanto, que não se dera por vencido, vivia apregoando que havia de pôr suas mulas naquele pasto, e isso de qualquer jeito, por bem ou por mal.

— As minhas mulas não de comer daquele capim, nem que eu tenha de acabar com o orgulho do tal de comendador a bala — comentava êle.

\* \* \*

Tamanha foi a insistência das ameaças, que Viana resolveu, um dia, levar aquêlê dizque-dizque ao conhecimento de seu patrão. Achava-se êste, nesse dia, em Ribeirão Preto, de regresso de uma de suas viagens, quando o procurou o camarada da fazenda, de nome Pio Ferreira, que alí fôra ter a mandado do administrador, a fim de advertí-lo de que se precavesse, pois estava sendo ameaçado de morte.

À vista disso, Henrique resolveu procurar um advogado, alí mesmo em Ribeirão Preto, para tomar uma medida qualquer contra aquêlê homem que, sob ameaças, queria obrigá-lo a alugar suas terras.

— Doutor, vim procurá-lo para que me aconselhe como devo agir — esclareceu Henrique, sentando-se na cadeira que o advogado lhe oferecera.

E, depois de contar o que vinha ocorrendo em Batatais, perguntou:

— Afinal, quem é êsse tal de Dioguinho, de onde veio e o que faz êle?

— Eu apenas o conheço de vista, por ter almoçado certa vez numa pensão que êle tinha em São Simão. Quanto à sua história, essa eu a conheço através do que dêle se fala entre o povo e no fôro. Êsse Dioguinho se chama Diogo da Rocha Figueira, embora já tenha usado também o nome de Diogo da Silva Rocha. Com referência ao lugar do seu nascimento, tenho ouvido falar que é Tatuí, Pirassununga, São Simão e até uma cidade do Estado do Rio. O que é certo, no entanto, é que êle, ao ser qualificado, em mais de um processo criminal, declarou ser natural de Botucatu.

Foram interrompidos pela criada, que entrou com a bandeja de café.

— Pois, como ia dizendo — prosseguiu o advogado — Dioguinho é um homem de metro e setenta e cinco de altura, mais ou menos; magro, espadaúdo, cabelos pretos repartidos

do lado, bigodes escuros, sempre bem tratados, nariz fino, comprido e um tanto torto para um lado, olhos castanhos. Quando na cidade, anda sempre bem trajado, tendo preferência por ternos de casimira preta. Só usa gravata borboleta, escura. Quando viaja, usa botas de couro marron, sempre brilhantes, e esporas de prata, muito trabalhadas. Isso, sem contar o arsenal que carrega com êle: revólver, garrucha, carabina e faca. Só monta animais vistosos e ensinados, que o obedecem ao menor sinal.

Fazendo uma pausa, o causídico perguntou:

— Não o estou aborrecendo com tantos pormenores?

— Ao contrário; prossiga, por favor — respondeu Henrique. — Estou interessado e admiro a exatidão com que o descreve fisicamente.

— Seu traço característico — continuou o advogado — é uma cicatriz no queixo, que dá a impressão de ter o mento separado em duas metades. Uns dizem ser proveniente de tiro disparado acidentalmente por um amigo que examinava certa arma; outros, no entanto, a atribuem a antigo acidente, quando Dioguinho costumava mergulhar na lagôa dos Guedes, em Tatuí. Era ainda menino e um belo dia, ao atirar-se nágua, bateu com o queixo numa tora de pau que estava no fundo.

Henrique, que não perdia uma palavra, atento ao relato do advogado, comentou:

— Acho mais plausível a primeira versão, a do tiro.

— Eu também — confirmou o outro, prosseguindo: — Dioguinho deve ter nascido, pelos cálculos que fiz, em outubro de 1863 (1). Depois de ter feito o curso primário, aprendeu a medir terras e desde então essa tem sido a sua profissão oficial. Andou por aí tudo: Jaboticabal, Batatais, São Simão, Vila Bonfim, Tatuí, Santa Rita, Casa Branca, Rio Pardo, Cravinhos, Palmeiras, Mato Grosso de Batatais, aquí mesmo em Ribeirão Preto, e aí por outros lugares. Homem impulsivo e frio, êle tem semeado de cruces o caminho de sua vida. Existem contra Dioguinho processos em várias comarcas do Estado. Eu

(1) Ver apêndice n.º 3.

mesmo tive a oportunidade, estando em São Simão, onde fui fazer uma defesa, de folhear alguns dêsses processos. E note-se: quase todos os seus crimes, por esta ou por aquela razão, nunca puderam ser convenientemente apurados. Sem contar, naturalmente, os que nunca chegaram ao conhecimento das autoridades.

— Que bandido! — explodiu Henrique.

— Inteligente e astucioso, êle se desfaz dos cadáveres de suas vítimas, mutilando-os e desfigurando-os para dificultar a identificação, quando não os joga no rio ou faz dêles fogueira. E, ao mesmo tempo que toma essas precauções, profere em público ameaças contra seus adversários e desafetos, ou relata, cìnicamente, suas façanhas. Às vêzes, jura que não matou ninguém; outras, gaba-se do seu colar de orelhas dos desgraçados que mandou para o outro mundo.

— Que homem estranho, êsse! — comentou Henrique, meneando a cabeça.

— Estranho, mesmo. Há na sua vida aspectos que se entrechocam, pois apesar dessa selvageria, é um católico fervoroso. Um camarada que com êle trabalhou contou-me que, tôdas as noites, o via ler um livro de orações chamado “Horas Marianas”, além de outras rezas que tinha escrito numa caderneta. Um colega de Botucatú, a quem pedí informações sôbre Dioguinho, mandou-me dizer coisas interessantes. A família dêle gozou sempre o melhor conceito naquela cidade, onde conta com numerosos amigos. Seu pai, português de nascimento, é conhecido como homem de bom coração, corajoso e de gênio folgazão. Sua mãe, ao contrário, é uma dona de casa severa e enérgica.

— Êle não é casado? — indagou o fazendeiro.

— Ê, mas vive separado da mulher. Ouí dizer que êle lhe dava tremendas surras, razão por que o pai da moça a levou novamente para sua casa. Casaram-se em Tatuí, se não me engano.

— E qual foi o seu primeiro crime?

— As versões a respeito são desencontradas. Já ouví contar muita coisa sôbre isso e ainda não conseguí chegar a uma conclusão. Lá em Botucatú, segundo o colega a quem

me referí, e que o conheceu desde menino, êle não praticou crimes. O que é certo, no entanto, é que Dioguinho, com vinte e poucos anos de idade, já respondera a processo-crime na comarca de São Simão.

Fazendo uma pausa para acender o cigarro, o advogado prosseguiu:

— Vou contar-lhe dois pormenores curiosos a seu respeito. O homem não mata nem gosta que matem, na sua frente, galinha a faca. Só a tiro. Êste outro é ainda mais interessante, porque define bem o tipo: a um conhecido meu, Dioguinho, certa vez, falando sôbre crimes, disse: “Matar um homem ou um porco, é a mesma coisa. Tudo está em começar”.

— Mas êsse homem é um tarado, um anormal! — vociferou Henrique.

— Talvez seja mesmo. O dr. Eduardo Guedes, de Bata-tais, me garantiu que êle é um homossexual (1). Eu tenho cá as minhas dúvidas, mas o certo é que um parente da mulher de Dioguinho me asseverou tê-lo visto, mais de uma vez, vestido de mulher, com cabeleira e o rosto pintado. Ê verdade que fazia isso de brincadeira, para arreliar as moças lá da terra... Enfim, com êsse homem tudo é possível...

— Eu me admiro como o sr. sabe tanta coisa a respeito dêsse indivíduo — comentou o comendador.

— O amigo compreende: sou advogado e posso algum dia precisar dêsses elementos para acusar ou defender, tanto mais que se trata de um criminoso que aje numa vasta zona do Estado.

— E o govêrno, a polícia, a justiça, enfim, ninguém faz nada contra êsse homem?

— Êle é muito protegido por pessoas influentes. Algumas, porque o temem; outras porque o fazem instrumento de suas vinganças políticas e pessoais. Eis a chave do mistério da audácia dêsse bandido.

— E então, doutor, o que é que o senhor me aconselha. Parece-me que devo fazer alguma coisa; mas o que?

---

(1) Ver apêndice n.º 2.

— Como advogado, eu o aconselho a não alugar seus pastos a êle e fazer valer o seu direito, mesmo que seja a fôrça.

E, depois de curta pausa:

— Agora, como amigo, eu o aconselho a evitar complicações com Dioguinho. É um inimigo perigoso e traiçoeiro.

Henrique pensou, pensou, e afinal disse:

— Doutor, muito obrigado pelos seus conselhos. Já tomei minha resolução...

— Posso saber? — atalhou o advogado, ansioso.

— Eu sou um homem de bem, tenho família e um nome a zelar. Peço-lhe, por favor, que não veja covardia na minha atitude. Nunca tive medo de homem nenhum, sobretudo quando no meu direito. Porém, por mais brio e coragem que um sujeito tenha, não poderá evitar a traição e a tocaia. Há tempos recebi do coronel Manuel Vitor Nogueira, prefeito de Batatais, que está interessado na compra de minhas terras, uma proposta de cento e quarenta contos de réis. Na ocasião, não desejava vendê-las; agora, estou resolvido: volto para o Rio de Janeiro e escrevo-lhe perguntando se ainda se interessa pelo negócio.

Levantando-se da cadeira, Henrique pegou o chapéu e a bengala, e perguntou:

— Que acha doutor?

O advogado, batendo-lhe afetosamente no braço, respondeu: — Repito: como seu amigo, acho que essa é a melhor solução.

\* \* \*

Dias depois, o coronel Manuel Vitor Nogueira recebia **uma** carta de Henrique de Sousa, oferecendo-lhe as terras por cento e vinte contos de réis. A proposta foi aceita, lavrou-se a escritura e Henrique nunca mais voltou a Batatais.



## CAPÍTULO XVI

Tôda vez que ia a Santa Rita do Passa Quatro, a primeira visita que Dioguinho fazia era à casa do farmacêutico Abreu, seu velho conhecido, não tanto por êle — é preciso que se diga — mas para ouvir seu filho Zèquinha tocar piano. Tinha verdadeira adoração pelo menino, a quem ficava ouvindo horas e horas, esquecido de tudo e de todos.

Zèquinha de Abreu, nessa ocasião, devia ter sete para oito anos de idade, e já tocava tão bem, que era um prazer ouvi-lo executar aquelas modinhas tão bonitas...

Numa dessas visitas, Dioguinho, depois do cavaco habitual com os infalíveis frequentadores da botica, onde se falava de política, finanças, lavoura e, sobretudo da vida alheia, encaminhou-se para os fundos da farmácia, onde residia a família de Abreu.

A primeira pessoa que o recebeu foi Zèquinha.

— Mamãe, mamãe, “seu” Diogo está aquí! — gritou o garoto, ao mesmo tempo que se dirigia a êle, dando pulos de alegria: — Hoje você vai contar uma história bem bonita pra mim, não vai?

— Conto só se você tocar aquela música que eu gosto.

E pegando o menino no colo:

— Como é o nome da modinha? Quero só ver se você ainda se lembra.

— “Róseas Flôres d’Alvorada” — respondeu Zèquinha.

— Então vamos pro piano. — E dizendo isso, levou o menino para a sala.

Dioguinho pôs o garoto sôbre o banco do piano e sentou-se numa cadeira de balanço, dizendo:

— Vamos, toque, toque bem chorado.

Zèquinha saltou do banco e foi correndo sentar-se no colo de Dioguinho.

— Não; primeiro me conte a história e depois eu toco. Se não faz como na outra vez, que você não acabou de contar.

Dioguinho riu e, ajeitando o menino sôbre os joelhos, perguntou:

— Então na outra vez você ficou logrado?

— Foi.

— Bem, vou contar a história, mas depois você toca a modinha, não é?

\* \* \*

Depois de pensar por alguns instantes, Dioguinho começou:

— Era uma vez um moço chamado Diogo...

— Diogo?! É você?!

— Não; outro Diogo. Esse que eu estou falando era moço, tinha dezenove anos. Eu sou mais velho, você não está vendo?

E, olhando distraidamente para o fôrro da sala, ficou por alguns momentos alheio ao ambiente, como se transportando a outros tempos e outras terras. Depois, continuou:

— Pois esse Diogo morava lá em São Simão com a família dêle. Um dia, ou melhor, uma noite, êle mais o António foram ao cateretê na casa de uma tal Maria Pinta. Havia música e muita gente dançando. A música que aquêles homens tocavam, não chega aos pés das suas...

— É mesmo? — perguntou Zèquinha, todo satisfeito.



— É sim. Mas, como ia dizendo, o pessoal se divertia, quando o Bernardino, um sargento metido a sêbo, sabe, todo importante por causa da farda, chegou pra mim, quero dizer... pro... pro Diogo, e pediu o cavalo dêle emprestado pra ir até a vila.

— O sargento não tinha cavalo?

— Não tinha. Mas êle pediu não foi no tom de quem pede, foi como quem manda, você sabe? O Diogo, na ocasião, não reparou e falou que emprestava. Depois que o sargento tinha ido embora, o António disse:

— Diogo, você pôs tento no modo dêsse sujeito pedir o cavalo? Você viu a arrogância do tal, assim como quem estivesse falando com os praças?

— Homem, você tem razão — retrucou Diogo — eu agora é que estou vendo que não devia ter emprestado. E você quer saber de uma coisa? Já faz muito tempo que eu não vou com êsse tipo.

Dioguinho, mudando de posição na cadeira, continuou:

— Aí o Diogo e mais o António ficaram lembrando umas implicâncias do sargento com moços de São Simão, amigos e conhecidos dêles. De repente, Diogo pegou no braço de António e foi saindo com êle, em direção à porteira.

— Pra onde vamos? — perguntou o amigo.

— Olhe, eu já estava querendo dar uma surra nesse “periquito” e vai ser hoje. É isso mesmo, hoje o dia está bom. Você topa? — perguntou Diogo, encarando o companheiro.

— Topo — respondeu o outro.

E os dois saíram assim como quem estava passeando por alí, sem que ninguém pusesse reparo.

— Eles foram atrás do sargento, não é? — perguntou Zèquina, todo assanhado, porque sabia que as histórias de Dioguinho acabavam sempre em pancadarias, tiros e facadas.

— Isso mesmo; foram esperar o tal na estrada. Lá pelas tantas, quando o sargento vinha voltando, Diogo e António pularam na frente do animal e obrigaram o homem a descer, arrancando-o da sela.

— E êle não deu tiro? — interrompeu o menino, na expectativa.

— Não teve tempo. Diogo, chamando êle de “pé de chumbo” de uma figa! “periquito” arrepiado! foi dando relhadas, pontapés, socos no gargantão, enquanto o António também descia o cacete nêle.

— Puxa! — exclamou o menino, com os olhos arregalados.

— Depois êles voltaram pro cateretê, ficaram mais um pouquinho, e, montando a cavalo, se foram embora...

— Só, isso?!

— Só. Depois houve processo lá em São Simão e o Diogo foi prêso.

— Ih! êle ficou na cadeia? — indagou Zèquinha.

— Não ficou, não. Foi sôlto logo depois. Também ninguém tinha visto êles baterem no sargento. Havia testemunha que dizia ter ouvido o Diogo prometer uma surra no homem e outras que encontraram o tal gemendo na estrada, quase morto. Mas ninguém não viu bater. Então, tinha de ser sôlto.

— Mas foram êles mesmos, não foram?

— Acho que sim — respondeu Dioguinho. E agora, acabou-se a história e você vai tocar a modinha que me prometeu.

— Ora, “seu” Dioguinho, conta mais uma. Mais uma só e depois eu toco bastante pro senhor ouvir.

— Mas eu não me lembro agora de outra — respondeu.

— Vá, faz favor.

— Está bem, mas uma bem curtinha. Agora você senta aí no chão, que já está ficando pesado.

Zèquinha sentou-se aos pés de Dioguinho, prestando tôda a atenção.

— Pois êsse mesmo Diogo, com o irmão e mais alguns amigos, uma noite deram uma surra nos soldados da patrulha de São Simão, porque êles tinham prendido um conhecido dêles que estava armado de faca. Tiraram o homem da mão dos “periquitos” e descascaram a lenha neles. Foi um fuá dos diabos!

— Mas os soldados apanharam?

— Chí! tudo apanhou. Foi sôco e pontapé de todo o lado, mas os da polícia levaram o pior.

— E depois o que foi que aconteceu?

— Puxa! como você é perguntão — exclamou Dioguinho, rindo.

E levando o menino até o piano, concluiu:

— Depois houve processo novamente e tudo acabou bem outra vez pro Diogo e a turma dêle. E agora, seu malandrinho, vamos ao piano.

Zèquinha ajeitou-se sôbre a almofada do banco e começou a tocar “Róseas Flôres d’Alvorada”.

Dioguinho, espichando-se na cadeira, espreguiçou-se, fechou os olhos e se pôs a cantarolar:

“Róseas flôres d’alvorada,  
Teus perfumes causam dor;  
Essa imagem que recordas  
É meu puro e santo amor.

Ai quem respira  
Os teus odores;  
Fenece triste,  
Morre de amores.

Não pode gozar venturas  
Quem de amores sofre aflição,  
Não pode, afeito aos gemidos  
Ter prazer no coração.

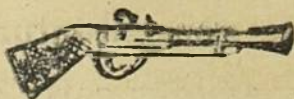
Ai quem respira  
Os teus odores;  
Fenece triste,  
Morre de amores.

Sem os sonhos de ventura  
Murchou-se a flôr do desejo;  
Que me importa outras flôres  
Se a minha flôr eu não vejo.

Ai quem respira  
Os teus odores;  
Fenece triste,  
Morre de amores.

Deixai que eu viva de penas,  
Da saüdade e da lembrança;  
Já que sequer não me resta  
Nem uma só — esperança.

Ai quem respira  
Os teus odores;  
Fenece triste,  
Morre de amores”.



## CAPÍTULO XVII

**B**albina Maria de Jesús olhara pela quarta ou quinta vez para a folhinha perpétua pendurada na sala de jantar, ao lado da Fôlha de Fortuna. Era o dia 20 de fevereiro de 1897. Não havia dúvida. Era êsse dia que o compadre Fulgêncio devia vir à cidade, para levá-la ao batizado do filho.

Desde manhã bem cedo tinha providenciado tudo para ficar livre de tarde e, no entanto, já estava anoitecendo e nada do compadre aparecer. Nem notícias.

— Que diacho! — exclamou Balbina, nervosa, assomando mais uma vez à janela. Será que aconteceu alguma coisa?

Foi até a cozinha, tomou uma xícara de café, deu mais um pedaço de banana para o papagaio e ficou lamentando aquela maçada. Pronta desde a hora do almoço, com seu vestido novo, engomado, e agora tinha que ir dormir. Diacho! De repente teve uma idéia: — iria visitar a família do compadre João Luís Ferreira. Isso mesmo! Foi até o quarto, consultou o relógio. Dava muito tempo, pois faltavam ainda vinte minutos para tomar o trem. Arrumou, às pressas, uma trouxa de roupas; fechou as janelas, pôs a tranca atrás da porta da cozinha, e saiu.

\* \* \*

Na estação de São Simão, àquela hora, havia pouca gente. Balbina comprou uma passagem de ida e volta para o Cerrado. O trem chegou, e depois partiu.

No Cerrado o combôio parava apenas alguns minutos. Balbina, que vinha na plataforma do vagão, pronta para desembarcar, desceu os degraus e tomou a direção da casa dos compadres, que não era muito longe.

Maria Joaquina, já abrindo o portão, exclamou sorridente:

— Eia, comadre, bons olhos a vejam! Quem é vivo sempre aparece.

— Cadê o compadre e as crianças? — perguntou Balbina, estendendo a mão.

— O João saiu de tardezinha e ainda não voltou. Os meninos estão lá dentro — respondeu a comadre. E pegando a trouxa que a outra trazia: — Vamos entrar.

Cêrca das onze horas da noite, quando as duas mulheres se preparavam para dormir, ouviram bater à porta.

— Quem será, a esta hora? — estranhou Maria Joaquina, meio se dirigindo para lá. — Quem é? Quem é?

— Sou eu, abra! — disse uma voz.

Principiou a abrir a porta, quando levou um tranco, afastando-se. Olhou assustada, e viu Dioguinho entrando, como um furacão, seguido de outro homem.

— Cadê a Balbina? — perguntou o bandoleiro, dirigindo-se para o quarto de dormir.

— Ah! Você está aquí hein?! Arrume suas coisas, que você vai voltar agora mesmo pra São Simão. Vamos, e depressa, que eu não estou pra conversa.

— Mas...

— Ê melhor não falar nada — interrompeu Dioguinho, fazendo um sinal ao companheiro. Êste, incontinenti, agarrou Balbina, e foi arrastando-a até a porta, onde os esperavam Joãozinho, Pereira e Eliseu Prudente — mais conhecido por Joaquim.

— Ponha ela na garupa do Joaquim — ordenou o chefe.

Maximiano pegou a mulher pela cintura, levantou-a e colocou-a na garupa do burro. Balbina, apavorada, sem ânimo para protestar ou resistir, ajeitou-se no traseiro do animal, puxando a saia, que ficara arregaçada.

— Pronto? — perguntou Dioguinho, saltando no lombo da mula. — Então vamos.

E puseram-se a caminho.

\* \* \*

Depois de uma boa meia hora de marcha, chegaram a uma encruzilhada. Dioguinho guiou o bando pelo atalho da esquerda, embrenhando-se no mato. Em certo ponto, logo adiante, freiou o animal, fêz sinal de alto e ordenou aos capangas que descessem a mulher.

— Vocês aí — e apontou para Joaquim, Maximiano e Pereira — amarrem essa bicha nesta árvore.

Os homens arrastaram Balbina e a amarraram no tronco, com um laço de couro curtido.

— Agora façam cantar o rabo de tatú no lombo dessa bruaca — ordenou, acrescentando um palavrão.

Balbina, rompendo num choro convulsivo, pediu pelo amor de Deus que não lhe fizessem mal.

— Deixa ela gritar. Metam a guasca até escorrer sangue! — vociferou Dioguinho.

Os três homens não se fizeram de rogados. Desceram o rêlho nas carnes da pobre mulher, sem dó nem piedade. Balbina, a cada golpe, urrava de dor, feito alucinada.

— Não adianta! Pode berrar quanto quiser, que aqui ninguém não ouve — dizia Dioguinho, com um sorriso sádico a repuxar-lhe a boca, repetindo a cada relhada:

— Essa é pra pagar o dinheiro que o Manuel gastou com você... Essa também... essa também... Essa agora é pra te ensinar a trair o Manuel... outra vez... Vamos, cambada! Tirem sangue dessa sem-vergonha! Fôrça nisso! — gritou, estimulando os homens.

E as relhadas se sucediam, estalando no corpo da desgraçada.

— Isso! Assim! É pra pagar com juro o cobre que você levou do meu amigo, mulher à-toa! — insistiu o facínora, regalando-se com os urros e os gemidos de Balbina.

Os homens já estavam pingando suor do rosto, com as roupas pegando no corpo. Foi quando Dioguinho ordenou:

— Chega! Chega! Agora vamos cortar o cabelo dessa cadela — e deu a Maximiano uma tesoura que acabara de tirar do bôlso.

Balbina começou a sacudir a cabeça, de um lado e de outro, na vã esperança de livrar-se da tesoura. Pereira agarrou-a pelos cabelos, imobilizando-a.

— Pode cortar, Joaquim.

— À escovinha, bem rente — ordenou o chefe.

O homem começou a cortar, a princípio com dificuldade, não só porque a tesoura não estava bem afiada, mas também porque pegava muito cabelo de uma só vez. Depois, o cabelo foi ficando ralo e a tesoura trabalhava mais depressa. Daí a pouco Balbina estava transformada num espantalho.

— Desamarrem ela que eu quero ver bem como ela ficou — disse Dioguinho, rindo, enquanto apontava a mulher para seu irmão.

— Olha, Joãozinho, olha como essa bugia ficou engraçada!

Depois de dar uma volta em redor de Balbina, rindo sem parar, êle agarrou-a pelo pescoço, sacudindo-a. E olhando bem para ela, advertiu:

— Agora vou cortar suas orelhas, o nariz, a ponta da língua e os lábios. Vai ficar de jeito que até morfético há-de fugir de você. — E puxou a faca.

Balbina atirou-se aos pés de Dioguinho, implorando-lhe piedade; faria tudo quanto êle ordenasse, mas que não judiasse mais dela.

— Levanta, sua canastra velha! Levanta!

Balbina agarrou-se às pernas do malvado, soluçando, pedindo misericórdia.

— Está bem, eu não lhe corto nada, mas você vai sumir daqui hoje mesmo. Não quero mais ter notícias suas. Saia destas redondezas, vá pra longe, suma, senão eu te pico de faca, está ouvindo?



A mulher levantou-se de um pulo, rindo e chorando ao mesmo tempo, insensível às dôres que lhe formigavam nos vergões do corpo.

— Eu vou embora, juro, eu vou embora... eu sumo... desapareço, juro, juro!

— Ê, mas antes você vai me dizer o nome todo do Marciliano — disse Dioguinho.

— Não sei não; só sei que é Marciliano... Marciliano Fogueteiro...

— Então você não sabe o nome inteiro do tal com quem você anda saracoteando, sua descarada, mentirosa de uma figa! — atalhou Dioguinho, dando-lhe um bofetão.

— Juro que não sei! Ê Marciliano; todo mundo conhece êle por êsse nome: Marciliano Fogueteiro.

— Fogueteiro! Fogueteiro! Você é que é uma fogueteira sem vergonha. Eu ainda vou enterrar vocês dois aquí neste mesmo lugar; os dois juntinhos, um agarrado no outro como a bomba e a vareta do rojão — gritou Dioguinho, gozando com aquela comparação.

Joãozinho e os homens também acharam graça e riram. Dioguinho, voltando-se para os companheiros, falou:

— E agora, gente, vamos levar de volta êsse traste ordinário.

Montaram a cavalo e regressaram. Balbina já nem chorava mais, a fim de evitar que o homem se lembrasse dela. Só de vez em quando passava a mão pela cabeça, apalpando, apalpando.

Depois de mandar jogar Balbina à porta da casa de João Luís, Dioguinho dirigiu-se a Maria Joaquina, que olhava aterrada para a comadre:

— E você, tome nota: se contarem alguma coisa pra alguém, eu volto aquí e mato você, seu marido, as crianças e tôda a criação, está ouvindo?

E riscando as esporas na barriga da mula, saiu a galope, em direção à casa de João dos Santos, onde o esperavam

Manuel Ferreira e sua mulher. Apeou-se, entrou acompanhado do irmão e dos capangas. Na mão levava um chumaço do cabelo de Balbina.

— Olha aquí, pessoal! Olha o cabelo daquela cadela! — disse, exibindo a prova a todos.

Estes riram e examinaram o troféu, enquanto Dioguinho contava, com pormenores, a cena que se desenrolara lá no mato, imitando, com voz de mulher, os gritos, o choro e os rogos de Balbina.

De vez em quando, Joãozinho interrompia-o para acrescentar um pormenor, a fim de que a reprodução fôsse inteiramente exata.

— E Marciliano? — indagou Manuel, de chofre.

— Agora é a vez d'ele — respondeu Dioguinho.

— Mas êle está em São Simão e lá na cidade a coisa é mais difícil.

— Não se preocupe. Pode deixar por minha conta — disse o bandido, sentando-se. — Êle virá até aquí, eu dou um jeito pra isso.

— Como?

— Me dá papel e tinta — pediu Dioguinho a João dos Santos, e foi prontamente atendido.

Pôs-se a escrever, numa fôlha de papel quadriculado:

*“Balbina Maria de Jesús.*

*Marciliano Fogueteiro.*

*São Simão.*

*Venha no primeiro trem amanhã, preciso muito.*

*Cerrado, 20 de 2.º, 97.*

*Balbina Maria de Jesús”.*

E largando a caneta na mesa, leu em voz alta o que acabara de escrever. Todos aprovaram com uma série de — é, isso, muito bom, sim senhor — que foi interrompida por uma pergunta de Manuel:

— Será que êle vem mesmo?

— Pode ter certeza, respondeu Dioguinho. E voltando-se para Joaquim:

— Vá à estação passar êste telegrama, depressa! Desta vez eu hei de arranjar um despotismo de orelha, que é ver de burro.



## CAPÍTULO XVIII

Cumprindo ordens de Dioguinho, Joaquim foi à Estação do Cerrado, onde entregou o original do telegrama endereçado a Marciliano. O chefe da Estação, Joaquim Eliseu da Fonseca Rangel, fêz ver ao portador que já passava das vinte horas e, por isso, o telegrama somente poderia ser despachado no dia seguinte, de manhã; nessas condições, o texto precisava ser alterado. Joaquim ficou na dúvida, pensou um pouco e, como seu patrão lhe havia dito que a coisa era urgente, autorizou, por sua própria conta.

No dia seguinte, Marciliano Pereira Machado, mais conhecido por Marciliano Fogueteiro, recebeu o seguinte telegrama:

*“Venha hoje sem falta, preciso muito. (a.) Balbina Maria de Jesús”. Estava datado de 21-2-1897.*

Marciliano, achando-se desprevenido de dinheiro, recorreu a um amigo, de nome Amaro. Êste, porém, negou. Ouvira uns dizque-dizque de que Manuel Ferreira da Silva andava tencionando mandar matar o Fogueteiro, por causa de Balbina, de quem tinha ciúme.

— Olha, Marciliano, eu não te empresto dinheiro porque sei que você quer é pra ir ao Cerrado. Veja bem o que você vai fazer, pois corre por aí que o Manuel Ferreira mandou tocaiar você...

Apesar de tudo, Marciliano embarcou, nesse mesmo dia, com destino ao Cerrado.

\* \* \*

Desde manhãzinha Dioguinho se deixara ficar na janela, com os olhos postos na Estação da Mogiana. Quando chegou o trem expresso, dirigiu-se para lá, sondando pra ver se o Marciliano estava entre os passageiros.

Mas não o viu, pois o homem não tinha vindo com aquêle trem.

— Você entregou o telegrama ontem, como eu mandei? — perguntou a Joaquim.

— Entreguei, sim senhor.

— Curioso — comentou o chefe, apertando o lábio inferior entre o polegar e o índice da mão direita— êle teve tempo de tomar êsse trem. Então vai ver que vem no misto. — E voltou para a casa de João dos Santos.

Quando chegou o segundo trem houve nova surpresa: Marciliano ainda dessa vez não aparecera. Dioguinho, que ficara espiando da janela, agarrou Joaquim pelo braço, encarando-o já raivoso:

— Tem certeza que entregou o telegrama na estação? Você não está mentindo?

— Entreguei, sim “seu” Diogo, o senhor pode perguntar pro chefe — apressou-se em dizer o cabra, espantado com a atitude do patrão.

— Está bem, mas se você estiver mentindo...

Cêrca do meio dia, ouviu-se um apito de trem. Dioguinho correu à janela e viu que se aproximava uma composição de carga. Ficou atento e, daí a pouco, deu um sorriso de satisfação: Marciliano acabava de saltar pela entrevista.

— Quando eu falo, vocês não acreditam! Os meus planos nunca falharam — e apontando para a Estação: — Olhem êle apeando lá.

Marciliano perguntou a um conhecido se Balbina andava alí pela estação; mas o sujeito respondeu que não, adiantando, porém, que a mulher se achava hospedada na casa de João

Luís Ferreira, mostrando-lhe o caminho para lá. Mas, tendo visto Dioguinho à porta da casa de João dos Santos, Marciliano procurou disfarçar, tomando, com muita pressa, a direção que lhe fôra indicada.

Dioguinho deu ordem aos cabras para arrear os animais e saiu com Joãozinho à procura de Marciliano. Deram uma olhada por perto da estação e, como não o vissem, dirigiram-se a uma venda, onde compraram pão e queijo.

Enquanto o negociante aprontava os sanduíches, Dioguinho perguntou-lhe:

— Você não viu por aquí um moço alto, moreno, que chegou nesse trem que passou agora?

O vendeiro, que falava com forte sotaque italiano, respondeu afirmativamente, acrescentando que o tal havia tomado o caminho da casa de João Luís.

— Ô seu carcamano, você não está me enganando, hein? O homem não está aquí na sua casa? Não? — inquiriu o bandido.

— Mas, quê! Te juro que êle não esteve aquí! — exclamou o negociante, juntando os dedos das mãos e sacudindo-as.

— Ouça bem, seu italiano de uma figa! Se você estiver mentindo, você não amanhece. Como é o seu nome?

— Giuseppe! Giuseppe Chiaramonti! —olveu o outro, mais que depressa.

— Giuseppe? Olha aí Joãozinho, êle tem o mesmo nome daquele outro carcamano ladrão; aquêle sem-vergonha que nos vendeu pólvora estragada, lembra? Que eu dei uma bofetada nêle... Como era o nome todo do tal?

— Giuseppe Ricci — respondeu o irmão.

— Êsse mesmo — confirmou Dioguinho, voltando-se para o vendeiro, que ficara apavorado ao ouvir falar em bofetada:

— Tome nota do que eu disse!

Em seguida, saiu com o irmão e montaram nos animais que os companheiros tinham levado até lá.

Já haviam andado mais ou menos dois quilómetros, quando alcançaram Marciliano, que seguia a pé pela estrada.

— Olá! Espera aí! — gritou Dioguinho.

Marciliano apressou o passo, sem olhar para trás.

— Ó “seu” Marciliano, espera um pouco que eu quero conversar com o senhor — insistiu o facínora, metendo a espora na montaria.

— Não tenho conversa nenhuma com gente da sua laia — bradou Marciliano. E, ato contínuo, sacou da garrucha “fogo-central”, fazendo dois disparos contra Dioguinho.

Joãozinho, rapidamente, apontou a carabina e disparou três vêzes contra o infeliz, secundado pelo irmão, que também detonou sua arma, e deu novo tiro em seguida. Marciliano uivou de dôr, pôs as mãos espalmadas no peito, rodopiou e caiu de costas.

Dioguinho apeou-se. Aproximou-se do homem, sacudiu-o com a biqueira da bota. Abaixou-se e examinou o cadáver.

— Olha! acertamos aquí no peito, nas virilhas e no braço — foi dizendo, à medida que apontava para os ferimentos — cinco tiros, cinco buracos! Êta pontaria!

A seguir, amarraram o corpo de Marciliano com um laço de couro crú e o puseram de bruços, na bêsta em que viera montado o cabra Pereira. Êste se acomodou na garupa. E tocaram para um grotão, no fundo do qual atiraram o corpo, deixando-o meio escondido.

— Agora, o Maximiano vai cortar a orelha dêle — ordenou Dioguinho.

O capanga não esperou segunda ordem: passou a faca e entregou a orelha ao chefe.

Guardando-a no bôlso, Dioguinho comentou:

— Com esta são vinte e quatro.

\* \* \*

Voltando para o Cerrado, dirigiram-se à casa de João dos Santos, onde Manuel Ferreira os aguardava ansioso por saber do resultado. — Então, Diogo, como é que foi a coisa?

— Foi como havia de ser; matamos o Marciliano.

— E o corpo? Enterraram êle?

— Ainda não; ficou num grotão, escondido. Vou voltar lá logo mais pra dar um sumiço nêle.

— E, por falar nisso, olha aqui — e tirou do bôlso a orelha de Marciliano, ainda suja de sangue.

— Ê dêle?! — perguntaram ao mesmo tempo Manuel e João dos Santos.

— Minha é que não é... nem vossa — volveu Dioguinho, rindo.

— E quando é que você vai arrematar o serviço? — indagou o rival de Marciliano.

— Hoje mesmo. Vim até aqui buscar mais um animal e querosene pra queimar o fogueteiro...

Dioguinho e seus homens, depois do jantar, voltaram ao grotão, levando uma bêsta de propriedade de Manuel. Puseram o cadáver de Marciliano em cima do animal e foram andando através do cerrado, até as seis horas da manhã mais ou menos. Quando já se achavam em terras do município de Santa Rita, o chefe deu ordem de parar.

Desceram o corpo de Marciliano e Dioguinho tirou-lhe a roupa, revistando os bolsos, onde achou um relógio guarnecido com corrente de ouro e a quantia de cinco mil e quinhentos réis em dinheiro. Depois, voltando-se para Pereira, Dioguinho ordenou:

— Traga o garrafão e despeje o querosene em cima do defunto. Vamos fazer uma fogueirinha.

Maximiano interveio, delicadamente:

— Me desculpe, “seu” Diogo, mas eu queria lhe pedir um favor.

— Que é? — interrompeu Dioguinho.

— Pro senhor não queimar o corpo...

— E essa, agora! Por que?

— Ê que eu sempre ouvi dizer que dá cagüira na gente.

— Cagüira? Você parece mulher, diabo! Onde é que já se viu tamanho homem falando dessas bobagens!

Joãozinho, que ouvira tudo calado, interferiu:



— Diogo, não acredito nisso, mas é melhor mesmo não queimar; não adianta nada. Pra que? Está morto. É só enterrar neste fundão, que nunca mais ninguém encontra rastro dêle.

Dioguinho pensou um pouco, encolheu os ombros, concordou:

— Homem, acho que é melhor mesmo. Vamos queimar só a roupa dêle.

E, embebendo de querosene os trajes de Marciliano, bateu a binga e botou fogo. Os outros fizeram uma cova rasa e nela enterraram o corpo, com algumas pedras em cima.

Dioguinho disse:

— Que a terra lhe seja leve... com essas pedras por cima...



## CAPÍTULO XIX

**E**m princípios do ano de 1897, certa tarde A. T. A. (ao tempo com vinte anos de idade e hoje residente em Baurú), desembarcou na Estação de Boa Vista, na linha Mogiana, com destino à fazenda de um seu tio, situada à margem do Ribeirão Salgado, perto de São José da Bela Vista.

Nas imediações da Estação alugou um animal e tocou em marcha acelerada para a casa do tio, da qual o separavam mais de quatro léguas de caminho.

O tempo, que até então se conservava firme, mudou bruscamente. Foi escurecendo, o céu ficou cinzento carregado e desencadeou um vento forte, que uivava e varria o areião, empurrando o animal e o cavaleiro para trás. Como se não bastasse êsse contratempo, de repente começou a cair chuva que não era vida. Em poucos instantes encharcou o jovem viajante. Não havia possibilidade de prosseguir. A. T. A. procurou orientar-se. Percebendo que se achava próximo à sede da fazenda de um seu conhecido, retrocedeu, dirigindo-se para lá o mais depressa que pôde, cuidando que o animal não escorregasse. O chão era só lama, e o cavalo ia patinando.

Depois de muito custo, atingiu, afinal, o terreiro da casa do amigo. Levantou a tramela da porteira, recuou o animal e passou. Chovia que só Deus sabe. Apeando-se à porta da casa, subiu as escadas, enquanto um camarada se encarregava da sua bagagem e de recolher o cavalo à cocheira.

— Que é isso! Só uma chuva desta é que podia trazer você até aqui! — foi dizendo o fazendeiro, enquanto abraçava o amigo, com cuidado para não se molhar.

— Que maçada! Eu ia indo prá casa do tio F., quando a tempestade me pegou lá no descampado.

— E que temporal, hein! Vamos entrar — convidou o fazendeiro, abrindo a porta da sala. E, depois de chamar uma pretinha, empregada da casa, ordenou:

— Acompanhe o moço até o quarto de hóspedes e dê-lhe tudo quanto precisar. — E voltando-se para o rapaz: — Descanse até a hora do jantar, que não há de demorar muito.

Lá pelas dez horas da noite, quando o hóspede e o coronel estavam conversando na sala de jantar, a empregada anunciou que acabara de chegar uma visita; um homem. O coronel disse que mandasse entrar. E quando a visita entrou, levantou-se apressadamente, exclamando:

— Ô! Ê você! — e foi abraçar o recém-chegado, desta vez com muita efusão, apesar da roupa molhada que o sujeito vestia.

— A chuva me obrigou a parar aquí e eu resolví pedir-lhe pouso.

— Você não imagina que prazer me dá com isso! — E, apalpando a roupa encharcada do visitante, acrescentou: — Mas você está é precisando mudar isso logo, homem! Venha comigo. E ambos dirigiram-se para o quarto do dono da casa. Daí a pouco voltaram e o fazendeiro fêz a apresentação:

— O sr. Rocha. Aquí o senhor A. T. A., sobrinho de meu amigo, o fazendeiro F..

Foi um estirão de conversa, até quase meia-noite, depois da qual os dois hóspedes se retiraram para dormir. Ficaram no mesmo quarto, mas, cansados como se achavam, pegaram logo no sono.

No dia seguinte, lá pelas seis horas da manhã, foram acordados pelo fazendeiro, que os convidou a ir até o curral, a fim de tomar leite com conhaque.

— O conhaque é do bom? — perguntou Rocha.

— Olha aquí, é marca "Jules Robin" — respondeu o coronel, mostrando a garrafa.

— Ésse sim. Ê uma marca excelente.

Beberam alguns copos de leite fresquinho, tirado na hora, e voltaram para a sala de jantar, onde se serviram de café com leite, pão e manteiga.

Pelas sete horas, os dois hóspedes se despediram do fazendeiro, montaram a cavalo e, juntos, ganharam a estrada.

— Pra onde é que o senhor vai? — perguntou Rocha.

— Prá fazenda do meu tio.

— Como é o nome dêle?

O outro disse o nome do tio, fazendeiro afamado em tôda a zona pela sua fortuna.

Quando chegaram a uma encruzilhada, o rapaz fêz parar o animal, e disse:

— Bem, aquí nós vamos nos separar; eu vou pela esquerda.

— Já vai? — indagou Rocha. — Vai visitar o tio rico, não é? Como é bom a gente ter parente endinheirado. Êle é um homem muito bom, segundo ouvi falar.

— Ê, êle é bom homem — respondeu o outro, meio agastado.

— Pois, então, como o senhor vai prá casa dêle, não precisa levar dinheiro. O senhor, naturalmente, tem dinheiro aí, não é assim? Passe êle pra cá, que seu tio lhe dará outro. Vamos!

— Mas o senhor não pode fazer isso comigo!

— Deixe de bobagem, moço; passe pra cá o seu dinheiro — intimou Rocha, aproximando-se mais.

Vendo que o homem estava mesmo disposto a lhe tomar o dinheiro, com aquela carabina a tiracolo, um revólver na cinta e um bruto facão na cabeça do arreio, sem contar o rêlho com cabo de madeira, o rapaz tirou todo o dinheiro do bôlso e entregou ao sujeito.

Rocha contou as “pelegas”, sorriu satisfeito, e exclamou:

— Quinhentos bagarotes! Agora já posso ir pra longe — e, esfregando as mãos, concluiu: — pra você não vai fazer falta; tem tio rico.

Nesse momento surgiu um cavaleiro que vinha muito atento aos dois alí parados. Rocha, metendo a espora na sua montaria, tomou o caminho da direita e dentro em pouco sumiu.

O cavaleiro que acabara de chegar era um portador do tio de A. T. A., que saíra à sua procura, eis que o esperavam desde o dia anterior. Aproximando-se do rapaz, êste imediatamente o reconheceu, tocando para o seu lado. E juntos, depois dos cumprimentos, foram seguindo para a fazenda. Pelo caminho, o moço contou o que lhe havia acontecido.

— Você conhece êsse homem?

— Não, nunca ví — respondeu o jovem.

— Que jeito tem êle?

O rapaz deu os traços do tal, dizendo que êle lhe havia sido apresentado com o nome de Rocha.

— Rocha?! Tem uma cicatriz no queixo?

— Isso mesmo.

— Nossa Senhora! Do que você escapou, menino — exclamou o outro, acrescentando — Pois fique certo de que nasceu outra vez; você viajou com o pior bandido do mundo... Êsse tal é o Dioguinho! Dioguinho Rocha!

Ao chegarem à fazenda, o tio de A. T. A., inteirado do ocorrido, comentou:

— Isso é que é ter sorte! Viajar com o Dioguinho, com dinheiro no bôlso, e êle só tomar o dinheiro, sem te matar, é muita sorte, menino! Pois o tal é doido pra matar os outros. Mata só pra ver a careta do freguês. Puxa!

Dioguinho, dois dias depois, foi ter à fazenda do seu amigo predileto, o coronel T., de São Simão, onde costumava homiziar-se. Nessa mesma fazenda, só ou com o seu bando, êle havia eliminado várias pessoas. Diziam, até, à bôca pequena, que o coronel, quando era visitado por compradores de gado, endinheirados, mandava chamar Dioguinho para que os matasse; depois repartiam o dinheiro entre êles.

O povo da redondeza acreditava que lá no Retiro, de noite, apareciam assombrações, vagando pelos talhões de café, gritando, gemendo como gente que estivesse sendo matada.

Quando chegou à casa do amigo, Dioguinho foi informado de que havia ali um negro, contratado fazia pouco tempo, como camarada, e sôbre quem recaíam sérias suspeitas de ter ido lá com o desígnio de matar o coronel T.

— Deixa êsse negro por minha conta. Onde é que êle está? — indagou Dioguinho.

— Está ali no curral, lidando com os animais — respondeu a mulher do fazendeiro.

— Chame êle — ordenou o facínora.

— Quirino! Ô Quirino! — gritou o coronel, com a mão em concha, no canto da bôca.

Não demorou e o negro apareceu. Era um caboclo franzino, de cara berebenta e olhar vivo. Quando se aproximou do coronel, Dioguinho, por trás, sem ser visto, deu-lhe com a coronha da garrucha na cabeça, fazendo-o cair. O negro soltou um grito de dôr e logo cobriu a cabeça, na expectativa de novos golpes.

Dioguinho, ligeiro, caiu-lhe em cima, com as duas mãos na garganta, apertando como tenazes:

— Então, seu negro catigudo, você veio aquí pra matar o meu amigo, hein?

— Eu não — rosnou o coitado, já com os olhos esbugalhados.

— Não o que; eu sei de tudo; me contaram — gritou Dioguinho, apertando as mãos cada vez mais.

O homem esperneava, grunhia, soltando espuma pela bôca.

— Conta, senão eu te mato, coisa-ruím, conta! Quem foi que mandou você aquí?

O fazendeiro e a mulher, que a tudo assistiam com verdadeiro sadismo, davam pontapés no negro, vociferando:

— Conta, cachorro! Conta quem foi que mandou você aquí nos matar! Conta!

O preto, cujas mãos, crispadas nos pulsos de Dioguinho, já se iam soltando, fêz um supremo esforço, e com voz rouca disse:

— Larga que eu conto... larga... pelo amor de Deus...

O bandido afrouxou os dedos. O camarada, sacudindo a cabeça, aspirou com sofreguidão, encheu os pulmões de ar, e falou um nome.

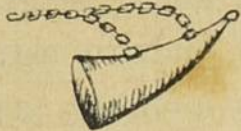
— Então foi êle, hein? Eu já desconfiava! — berrou a mulher.

Dioguinho, que ainda estava montado no preto, puxou a faca e perguntou:

— Se vocês quiserem, já está no jeito — e olhou para T., depois para a mulher. Esta secundou:

— Vá, “seu” Diogo, não perca tempo! Isso não presta mesmo.

A faca entrou no sangrador do preto, até o cabo, e o sangue que esguichou da ferida cobriu tudo de vermelho vivo.



## CAPÍTULO XX

A cachorrada tomara conta das ruas de São Simão; havia cachorro por todo canto, inteiramente à solta, fazendo estrepolias, mordendo gente, latindo, uivando, um verdadeiro inferno. O prefeito municipal, diante de tantas e tão insistentes reclamações, resolveu, um dia, tomar uma medida drástica, que pusesse fim àquela situação.

— Isto já está por demais! Rua não foi feita pra criar cachorro — comentava o governador da cidade.

— O pior é a vergonheira dessas cadelas com um batalhão de cachorros atrás delas, brigando e fazendo o diabo. A gente até fica vexado quando está perto de mulher! — exclamou o secretário da Câmara, ajeitando de quando em quando a dentadura de cima, para não cair.

O fiscal da Prefeitura foi chamado com urgência e recebeu ordens terminantes de acabar com os cachorros que perambulavam pelas vias públicas.

— Pode deixar por minha conta, que eu dou um jeito — disse o funcionário, retirando-se da sala, imponente, pisando duro.

Nesse mesmo dia comprou na farmácia onde a Câmara tinha conta, uma porção de arsênico. Na volta, passou pelo matadouro, pegou uns pedaços de bucho e mais miúdos, e, com o auxílio de alguns magarefes que estavam lá, preparou uma porção de “bolas”.



A matança começou logo depois do almoço. O fiscal aproximava-se sornateiramente do cachorro e, sem que ninguém desse pela coisa, atirava-lhe uma "bola" de carne envenenada. No mesmo instante o bicho abocanhava a comida. Daí a pouco começava a sacudir a cabeça, e a rascar a garganta. De repente, tinha um estremecimento e caía morto. E por aí foi a limpeza da cidade.

J. B., provedor da Santa Casa de Misericórdia, homem bom e estimado por todos, ficara muito aborrecido ao ver seu cachorrinho morto ao pé do portão da casa. Era um luluzinho de estimação, que vivia sempre prêso para não se misturar com os vira-latas. A princípio, julgou que o animal fôra vítima de um mal súbito. Ficou intrigado; virou o bicho de um lado, virou de outro e não descobriu nada.

— Que raio de coisa mais esquisita essa! Pois o cachorro estava ainda há pouco alí na sala brincando com o meu chinelo e agora está morto! — comentou com a cozinheira, uma preta velha, que chorava a morte do animal como se fôsse um filho.

— Pois isso acontece até com gente, patrão. Minha falecida mãe, que Deus tenha, morreu dêsse jeito. A pobre estava debulhando milho, estava alí muito satisfeita da vida, de repente fechou os olhos e ficou quietinha.

J. B. saiu de casa e foi para a rua principal de São Simão, onde, como de costume, encontrou a sua roda de amigos. Foi logo contando a novidade a respeito do cachorrinho lulú. Ao saber que muitos outros cachorros haviam morrido em consequência das "bolas", êle explodiu:

— Isso é um abuso, um crime! Onde é que já se viu fazer uma coisa dessas! Ninguém se importava com essa cachorrada tôda. Um belo dia, sem avisar nem pedir, um cuera qualquer sai por aí e vai matando os bichos, à traição! Sim senhor. Traidor! E covarde!

— Pois o meu perdigueiro, aquêle que veio de São Carlos, também comeu "bola". Judiação! Estava alí um cachorro que não fazia mal nem amolava — disse um dos presentes.

Outros casos foram contados, bordados de comentários quanto às qualidades dos animais, terminando sempre com ataques ao prefeito, à Câmara e ao fiscal.

Dioguinho, que ouvira tudo calado, a certa altura interveio:

— Eu só queria ver acontecer isso com a minha cachorrinha. Garanto que não ficava assim por nada. Ah! não ficava não, estejam certos, meus amigos.

— Que é que você fazia? — perguntou o dono do perdigueiro morto.

— Eu? Ah! eu dava “bola” pro fiscal comer... Fazia êle espichar quenem êsses coitados.

— Ê, mas êle não é cachorro, homem! Vê lá se êle vai comer “bola”. Isso é pros animais, que são tontos — falou, rindo, um dos presentes.

— Que come, come! Porque se não come, engole à fôrça — vociferou Dioguinho.

\* \* \*

Passados alguns dias — era de manhã — Dioguinho ia saindo de casa, quando um garoto se aproximou dêle e perguntou:

— “Seu” homem, o senhor é que é o dono duma cachorrinha branca, peluda?

— Sou sim? o que é que há?

— Ela está morta alí na esquina — disse o menino, apontando — Eu ví o homem jogar um pedaço de carne pra ela. O homem ia...

Dioguinho nem ouviu o resto. Saiu correndo em direção ao local indicado, onde encontrou uns moleques rodeando a cachorrinha. Estava morta, com os dentes arreganhados. Sentiu um nó nos gorgomilos. Tomou-a nos braços e foi para casa, sem dizer uma palavra.

Pegou um saco e enfiou o animal dentro, amarrou bem a bôca com um barbante, deu uma laçada com muita raiva. Depois, chamou o filho da vizinha:

— Paulinho, você quer fazer um favor pra mim? Anh?...

— Pois vá jogar isto lá no rio — e entregou-lhe o saco, arrumando-o no ombro do moleque.

O menino saiu e Dioguinho foi buscar o rabo-de-tatú. Examinou-o, com uma espécie de enlêvo, deu umas lambadas no pé da mesa, sacudiu o rêlho no ar, rangeu os dentes. Daí a pouco guardava-o novamente no seu lugar.

Era aí pela meia-noite. Dioguinho saiu de casa, pelos fundos. Ia com o chapéu desabado e um pano preto amarrado no rosto, deixando só os olhos descobertos. Na mão, levava o rabo-de-tatú. Foi andando rente às paredes e, quando chegou à casa do fiscal, que ficava mesmo ali perto, no então largo do Circo, parou. Espiou de um lado e de outro. A rua estava deserta. De um salto, transpôs o muro, forçou a porta da cozinha e foi entrando, pé ante pé, até o quarto, onde o tal dormia a sono sôlto junto com a mulher.

Dioguinho levantou a colcha e os lençóis, devagarinho, com cuidado para não acordar nenhum dos dois. Segurou bem no cabo do rêlho. E zás! deu a primeira lambada na cabeça do homem. A seguir, deitou a chicotear marido e mulher. Deu, deu, deu, até que se sentiu desabafado. Depois disso, desapareceu no escuro da noite.

Os dois, lá no quarto, gemiam de dôr. Tinham sido golpeados no tronco, nos braços, nas pernas. O corpo todo doía. E nem ao menos tinham podido distinguir quem fôra que dera nêles. Ficaram ali abobalhados, sem compreender direito o que acontecera. Gemiam, gemiam, que fazia dó.

No dia seguinte, a vizinha, estranhando que até aquela hora a casa ainda estivesse fechada, começou a papaguear pela vizinhança. Outras donas de casa foram chegando, conversa daqui, conversa dali, até que uma delas decidiu entrar na casa. Experimentou a porta da frente e, nada conseguindo, foi tentar na da cozinha, a qual estava apenas encostada. O fiscal e a mulher, gravemente feridos, foram imediatamente hospitalizados. E tôda cidade, daí a pouco, já sabia da história.

Assim que teve conhecimento do fato, o delegado de polícia, acompanhado do escrivão, foi ao hospital, a fim de ouvir as vítimas. O dr. Bruno, médico a cujos cuidados haviam sido entregues os feridos, recebeu a autoridade.

— O homem está passando muito mal; tem fratura da base do crânio. Acho que não escapa. É caso perdido.

— Ele pode prestar declarações? — perguntou o delegado.

— Não pode; nem fala. Está em estado de coma.

— E a mulher? — indagou o escrivão.

— Está com febre, muitas dôres pelo corpo, mas não pode falar — e, dizendo isso, o médico conduziu a autoridade e seu auxiliar ao pavilhão de mulheres.

O delegado inquiriu a enferma, perguntando-lhe se sabia quem havia sido o agressor, as razões que o teriam levado àquele extremo, e outros pormenores que lhe interessavam para o inquérito.

A mulher, falando com dificuldade, foi respondendo o que sabia:

— Eu estava dormindo. Quando acordei, já fui sentindo uma lambada na minha cabeça, depois na minha cara, no meu corpo, nos braços... O sujeito parecia doido... Não parava de bater em mim e no meu marido... Não sei quem é êle; só me lembro que tinha a cara mascarada.

— Mas, êle não disse nada? Não falou alguma coisa? — insistiu o delegado.

— Não; não ouvi... Não me lembro... Espere... Parece que êle falou... Deixe ver... Sim, êle disse "Toma! É pra você aprender a matar a criação dos outros"... Foi isso — concluiu, virando o rosto para o outro lado, chorando.

— Escuta! Faça um esforço; a senhora não reconheceu a voz?

— Eu só me lembro disso. Já falei, não sei mais nada, meu Deus — respondeu a mulher, com voz sumida.

O médico interveio, dirigindo-se ao delegado:

— Não adianta insistir; no estado em que ela está, não pode falar. Não sabe mais nada. O sr. compreende: quando ela despertou, já estava atordoada com as pancadas. Não convém cansá-la, pois seu estado não é nada bom.

A autoridade, despedindo-se do médico, comentou com o escrivão, enquanto se dirigiam para a Delegacia:

— Que caso complicado êsse, hein! Mascarado, falando em criação que morreu! Não estou entendendo nada. E você?

— Eu também não.

Dois dias depois, Dioguinho passava pela rua, quando alguém o interpelou:

— Já sabe “seu” Diogo?

— O que?

— Morreu o fiscal da Prefeitura.

— Coitado. Era um bom homem... E funcionário às direitas...



## CAPÍTULO XXI

**E**m uma residência nas proximidades da Santa Casa de Misericórdia de São Simão, realizava-se uma festa de aniversário. Dioguinho, especialmente convidado pelo seu amigo, o coronel J. B., antigo fazendeiro no município, e pessoa muito acatada pelos seus dotes morais, ali também se achava, apreciando os pares que rodopiavam na sala da frente, ao som da orquestrinha composta de duas sanfonas, um cavaquinho, uma flauta e um violão.

A festa ia animada e os que não dançavam ficavam por ali, formando grupos, a namorar ou a falar da vida alheia, entre cochichos e sorrisos.

Dioguinho e J. B. conversavam no corredor da entrada. A certa altura, apareceram na porta dois soldados do destacamento local. Dioguinho, fazendo uma careta, resmungou:

— Ché! já não estou gostando... nesta festa vem até “periquito”... mau, mau, “seu” coronel...

— Ué! que é que tem isso? Deixa êles...

— Não vou com essa raça de gente; isso não presta. Não é à-toa que a gente da roça chama êles de “cabeça-sêco”.

Os soldados pediram licença e foram entrando.

— Olha! Olha! — exclamou Dioguinho — repare só no jeito dêles! Qual! — E fêz um muxôxo.

— Deixa isso de lado, Diogo. Êles também são gente e têm direito de se divertir.

— Divertir?! Lugar de soldado é no quartel. Êsses cueras só vêm aquí pra bulir com as moças. Espia, veja o mais baixinho, aquêle chibarro. Olha como êle está botando ôlho de peixe morto na moreninha das tranças.

— Não se esqueça que êles também foram convidados. Todo mundo está aquí pra se divertir. E depois, aquela morena não é sua filha, é?

— Graças a Deus, senão já estava suja, só com a olhada daquele bernento.

— Que exagêro, Diogo! Puxa! Você tem uma raiva doida de soldado.

Dioguinho, dando uma risadinha safada, pensou um pouco e depois disse, pausadamente:

— Homem, você tem razão. Hoje é dia de festa e a gente precisa aproveitar. Eu também vou procurar uma distração, daquelas que eu gosto.

Dioguinho e o amigo entraram na sala e ficaram apreciando o baile. O bandido não tirava os olhos dos dois soldados, que continuavam dançando sem parar. Lá pelas tantas, pretextando estar a sala muito abafada, Dioguinho deixou o coronel e foi para o quintal.

Não demorou muito, como esperava, os dois soldados se dirigiram ao poço, para beber água. Mais que depressa, aproximou-se dêles e, com voz macia, perguntou:

— Ê patrícios! bebendo água?

— Ê, bebendo água — disse um dêles.

— Não tem outra coisa aquí nesta festa — respondeu o outro, o mais baixo, virando a manivela.

— E que tal um conhaquinho?

— Quem dera, seu moço. Chegava mesmo na horinha! — retrucou o primeiro, que acabara de beber, com água escorrendo pelos cantos da bôca aberta num sorriso de maroto.

— Qual de vocês dois quer ir comprar uma garrafa? — perguntou Dioguinho.

O baixinho, parando a meio caminho a cuia que levava à bôca, respondeu, pressuroso:

— Eu, eu vou! Me dá o dinheiro, que eu vou num pulo até lá.

Dioguinho tirou do bôlso duas notas de cinco mil réis e deu-as ao tal, dizendo:

— Aquí está o dinheiro. Dá pra comprar a bebida e ainda sobra. O trôco pode ficar pra vocês repartir.

O praça empalmou as cédulas e foi saindo em direção à rua.

O bandoleiro, cotucando a barriga do outro, com o cotovelo, gritou:

— Olha! é melhor você beber o trôco lá, ouviu! — E baixando a voz: — Assim sobra mais pra nós dois.

— Isso mesmo — concordou o sujeito, arreganhando os dentes de satisfação.

\* \* \*

Aquela hora havia sômente uma venda aberta; ficava no outro extremo da cidade, lá para os lados da Estação da Estrada de Ferro. Êsse boteco era o único que não fechava durante a noite, motivo por que os vagabundos o chamavam de “fecha-nunca”. Foi para lá que o soldado se dirigiu, a passos largos.

O baile continuava animado, não obstante o calor e a poeira que se levantava do soalho, com tôda aquela gente pulando alí dentro, ao som das polcas e mazurcas.

O soldado que ficara, êsse não perdia uma. Dioguinho, por sua vez, não o perdia de vista.

Lá pelas tantas, o malfeitor chamou o praça:

— Olá, companheiro, o outro ainda não voltou! Faz quase uma hora que saiu...

— Estranho, êle já devia estar de volta.

— Será que êle ficou bebendo o nosso conhaque?

— Não acredito; êle não é homem pra isso. Deve ter acontecido alguma coisa.

— E como é que vamos ficar, hoje não se bebe?



— Bebe, sim; eu vou trilhar êle já.

E dizendo isso, o praça apanhou o quepi que estava pendurado num prego, perto da porta, e saiu, acrescentando: — Eu volto daqui um instantinho, pode esperar sossegado.

Minutos depois, Dioguinho também saiu na mesma direção.

Tudo por alí andava deserto como cemitério de noite. Nem viva alma. Dioguinho foi andando, campeando os dois, e quando chegou perto da pinguela que atravessava o rio São Simão, parou e ficou esperando. Não demorou muito, os dois soldados vieram vindo. Ao vê-los, Dioguinho exclamou:

— Não agüentei mais de sêde e resolví vir encontrar vocês. Vamos ver logo êsse conhaque. É do bom?

— Me desculpe — foi dizendo o soldado que fôra comprar a bebida — quando eu cheguei lá encontrei o sargento que me pediu pra ajudar a levar um bêbedo até a cadeia. O homem estava encharcado, feito gambá. Custou pra arrastar êle.

Pegando a garrafa de bebida, Dioguinho arrancou a rolha, levou o gargalo à bôca e sorveu um bom gole. A seguir passou para o outro.

O homem esfregou a palma da mão na bôca da garrafa, e emborcou.

Dioguinho, enquanto isso, foi tirando a faca da bainha, conservando a lâmina colada ao antebraço, de modo que não fôsse vista por nenhum dos dois. Em seguida, se foi chegando cada vez mais perto do baixinho, muito matreiro; de repente, encostando-se nêle, deu-lhe um pontaco bem no coração. O homem só fêz — Anhnennn! — girou o corpo e caiu.

O outro soldado, tirando a garrafa da bôca, perguntou:

— Que foi?

— Sei lá — respondeu Dioguinho — algum ataque, ou então é bebedeira. Será?

— Bebedeira acho que não; agora, ataque, pode ser. Quem sabe mesmo se êle não sofre do coração.

Dizendo isso, abaixou-se sôbre o corpo do companheiro, para examiná-lo de perto. Quando deu com o sangue correndo, fêz um movimento, meio de surprêsa, meio de alarma — Ué!

Rápido como um raio, Dioguinho cravou-lhe a faca nas costas, vociferando:

— Agora você também fica sofrendo do coração, “seu” peste do inferno, raça maldita. Toma! Toma!

E foi golpeando as costas do coitado. Na fúria em que se achava, acutilava também de quando em quando o outro, que já era cadáver. Ficaram os dois corpos amontoados, um meio por cima do outro.

Dioguinho empinou o peito, tomou fôlego e foi descendo o barranco do rio. Lavou a faca, as mãos, e voltou para a festa. Fêz questão de falar com um e com outro, brincou com as moças, disse gracinhas para os meninos. Todos haviam de testemunhar depois, que êle não havia saído da festa, todo o tempo.

\* \* \*

No dia seguinte, J. B. ainda estava em casa, quando um empregado lhe comunicou:

— O senhor já sabe, patrão?

— Não; o que?

— Encontraram dois soldados mortos perto da pinguela.

— Mortos?! Onde?

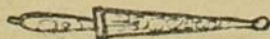
— Perto da pinguela. E com o corpo cheio de facadas. Ficaram quemem peneira.

— E quem foi que matou êles? — indagou afobado o fazendeiro, já muito nervoso.

— Ninguém sabe. Ninguém não viu. O sargento estava dizendo lá na esquina que devem ter sido ladrões de cavalo, ou quem sabe mesmo o “seu” Dioguinho.

J. B., despedindo o empregado, comentou, consigo mesmo:

— Foi o Diogo... foi êle mesmo. Que homem, Santo Deus!



## CAPÍTULO XXII

**D**ioguinho recebera, por portador, um recado de seu amigo Carrinho, fazendeiro em Santa Rita do Passa Quatro, chamando-o com urgência. Que fôsse com gente e bem armado. Imediatamente se pôs a caminho, acompanhado de seu irmão Joãozinho e dos capangas Vicente e Pereira.

Saíram ao entardecer e só chegaram no dia seguinte de madrugada.

Carrinho, que já estava levantado, recebeu-os à porta da casa e, depois dos cumprimentos habituais, foi dizendo:

— Vamos entrar, pessoal; a empregada está acabando de coar um cafèzinho...

Todos entraram na sala de jantar e cada um foi tratando de tomar assento. Sentaram-se a cômodo, com as pernas espichadas, o corpo largado, naquela moleza provocada pelo cansaço da longa caminhada, tantas horas seguidas, no lombo de animais.

Dioguinho, vendo uma carabina nova em fôlha pendurada atrás da porta, levantou-se muito interessado e foi examiná-la. Por alguns instantes, meditativo, ficou sopesando-a nas mãos. Depois virou-a de um lado e de outro, fêz funcionar o carregador, espiou se estava com bala, fêz pontaria para avaliar da mira, e por fim colocou-a novamente atrás da porta.

— Boa! bem ajeitada — exclamou.

— Chegou faz uma semana. Veio de São Paulo, diretamente pra mim — disse o fazendeiro.

— Então, que é que há com você? — perguntou o bandedeiro.

— Mandei chamar você porque fui roubado — disse Carrinho em tom irado, pondo mais algumas xícaras na mesa.

— Roubado? No que?

— Me levaram daqui da invernada oito animais, e dos melhores.

— Oito?

— Ê; oito. E cada animalão que só vendo.

Um cheiro forte e gostoso invadiu o ambiente. Era a empregada que acabava de entrar, trazendo um bule de café fumegando.

— Uhm! que cheirinho bom — exclamou Joãozinho, aspirando forte.

— Bom mesmo — disseram, em côro, os demais.

A convite do dono da casa, os homens foram tomando lugar à mesa.

— Puxa! isso até parece banquete — comentou Dioguinho.

Com efeito, parecia mesmo. Havia fartura de tudo: pipoca, sequilhos, paçocas, rapadura, queijo fresco, leite, broas de milho, favo de mel, e um belíssimo bolo de fubá, já cortado em fatias.

Dioguinho, com um punhado de pipocas na mão, foi dizendo, à medida que as atirava para dentro da bôca, uma a uma:

— A modo que então o meu compadre Carrinho foi roubado, não é?

— Nem me fale nisso. Cada vez que penso me dá um nó na garganta, de raiva, que eu era capaz até de esganar êsses malditos.

— Conta lá como é que foi.

— Como é que foi? Ê sempre a mesma coisa. — E depois de tomar um gole de café com leite, Carrinho prosseguiu:

— Ontem de manhãzinha, quando o campeiro foi vigiar os animais no pasto, deu com o arame da cêrca cortado, pra baixo do mangueirão. Achou aquilo esquisito. Campeou os animais, campeou, andou, mexeu, virou e cadê... — disse, passando o dorso da mão pelo queixo e espalmando-a num gesto rápido.

— Tinham sumido — completou Joãozinho.

— Isso mesmo. Quando o campeiro veio me dar a notícia, fui até lá. A cêrca estava cortada com alicate. Alí, jogado pra um canto, um cabresto velho, amarrado com arame, que não era da fazenda. Não tive dúvida. Aquilo só podia ser arte de “gralheiro”. E essa é a história — concluiu, rangendo os dentes.

— E você tem alguma pista? — indagou Dioguinho.

— Tenho. Quando concluí que era roubo, mandei o carreiro Pestana, mais o filho dêle, o Afrânio, que é o melhor candieiro da fazenda, mocinho esperto, assuntar por aí. Eles andaram o dia inteirinho e afinal ficaram sabendo que antes de ontem tinham sido vistos por aquí dois sujeitos desconhecidos. Um dêles, de seus quarenta anos, cara berebenta, bigodes caídos, estava montado num cavalo gateado; o outro, mais moço que êsse, tipo franzino, vinha numa bêsta zaina, passarineira...

— Ê, mas tudo isso é muito vago — interrompeu Dioguinho — cavalo gateado, bêsta zaina, cara berebenta, bigodes caídos, está cheio disso por aí tudo.

— Espere um pouco compadre, eu ainda não acabei. Tem mais. Os homens estiveram numa venda bebendo cachaça e lá investigaram qual era o caminho mais curto daqui pra Jaboticabal...

— Ahn! está melhorando — exclamou Dioguinho — Jaboticabal, Taquaritinga, isso é zona de esconderijo de ladrão de animais, “gralheiros” — como você disse há pouco.

Carrinho, depois de insistir com os homens que se servissem de mais alguma coisa — olha, essa broinha não tem igual na redondeza — prosseguiu:

— O Pestana e o filho, depois da informação, trilharam um bom estirão do caminho que tinham ensinado pros tais sujeitos e ficaram sabendo, por moradores dali, que os dois homens haviam passado por lá com os meus animais. Não pode haver dúvida; êles foram mesmo pra Jaboticabal — asseverou.

\* \* \*

Logo depois do almoço, Dioguinho, Carrinho, Joãozinho, Pereira, Vicente e mais alguns camaradas da fazenda — ao todo dez pessoas — transpuseram a porteira, entraram na estrada e foram seguindo o Pestana, que conhecia aquela zona como a palma de sua mão.

Andaram a tarde tôda, parando aqui e alí para descansar ou colhêr informações a respeito dos ladrões. Ao anoitecer, no último pouso, comeram a matula preparada na fazenda de Carrinho e combinaram os planos de ação. Já tinham informação segura do lugar onde os homens moravam. Dioguinho era de opinião que se devia continuar a viagem sem interrupção, e atacar o reduto dos ladrões em seguida.

— Com sua licença — foi dizendo Pestana — eu acho melhor cercar a casa ainda no escuro, mas atacar mesmo, isso só no clarear do dia. Assim a gente evita baralhar as coisas e êles não podem fugir. É o que eu penso. Porque também é possível que haja reação dêles e a gente precise trocar balas...

— Chumbo trocado não dói, “seu” Pestana! — interrompeu Joãozinho.

— Não dói não, “seu” moço, mas é quando o trôco tem o enderêço do couro alheio. No escuro, quando a coisa garra a ferver, com tanta gente armada, o perigo é acertar nos companheiros.

— Eu acho que êle tem razão — interveio Carrinho — nós esperamos até aquí e agora não custa esperar mais um pouco. Que é que você diz, Diogo?

— É, pensando bem, eu também fico com o Pestana; êle é velho sabido. O melhor é descansar por aquí, até mais tarde.

Os homens desapertaram a barrigueira das montarias e se foram deitando pelo chão, em cima dos pelegos. Alguns se puseram a picar fumo, outros acenderam logo cigarros de papel.

— Podem dormir descansados, que eu aviso quando fôr hora — disse o carreiro, desfiando o fuminho na palma da mão e com a palha já sovada prêsa nos lábios.

\* \* \*

Deviam ser quatro horas da manhã, quando Pestana foi acordando um por um.

— Está na hora — ia dizendo baixinho, cotucando os tais.

Os homens levantaram-se, prepararam as armas e ficaram na expectativa. Dioguinho, depois de verificar pela última vez o funcionamento da sua carabina, deu as ordens:

— Bem; agora quem assume o comando sou eu. Os animais vão ficar aquí mesmo. Vamos formar quatro grupos. Eu, o Vicente e o Pereira atacamos pela frente da casa; o Joãozinho e êsses dois homens vão pelos fundos. O Carrinho com um homem, e o Pestana com o outro, cercam pelos lados. Está entendido?

— Está! — responderam alguns. Outros bateram a cabeça, só com um — anhn.

— Ê preciso pegar os tais de surprêsa. Por isso, vamos sem bulha. Quando chegarmos lá, cada um fica no seu pôsto, esperando ordem minha. E vejam bem! só atirar depois que eu tiver dado o sinal — um assobio assim. — E pondo os dedos na bôca, mostrou como era, bem baixinho.

Foram andando para o lugar indicado por Pestana. A certa altura, êste fêz sinal de parada, apontando para uma casinha de pau-a-pique que ficava na baixada, a uns cem metros, que malemal se via à luz da lua.

— Ê alí.

Os homens se dividiram cada qual para o seu lado, avançando de passinho em passinho, evitando fazer barulho. E foram tomando posição. Nisso, um cachorro começou a latir, logo mais outro, outro mais, e, dentro em pouco, era um Deus



nos acuda. Dioguinho e seus companheiros mantinham-se atentos. Não demorou, apareceu uma luzinha dentro da casa e a porta se foi abrindo de manso. Primeiro surgiu a ponta de um cano de carabina; depois metade da cara de um homem. Todavia, além do latido dos cachorros, nada mais se ouvia. No meio do silêncio da madrugada que clareava, o homem da casa gritou:

— Quem é?

E o eco, lá longe, respondeu: — éééééé.

O resto, moita.

Os cachorros, ouvindo a voz do patrão, enfureceram-se mais e avançaram pelo mato. Dioguinho, já por temer que algum daqueles bichos pudesse morder alguém, já porque estava impaciente, decidiu resolver logo a questão.



— Ó de casa! Você aí! Nós queremos conversar. Apareça!

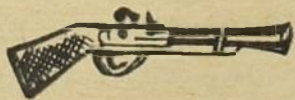
A resposta foi uma bala que passou sibilando por cima da cabeça de Vicente. No mesmo instante se ouviu o disparo. Dioguinho, incontinenti, deu o sinal combinado. E então as balas começaram a chover. Os homens atiravam do mato, e da casa respondiam, tudo numa confusão dos diabos. Percebia-se que no casebre eram três pessoas atirando. E a fuzilaria durou bem uns quinze minutos. De repente, lá da casa deixaram de responder.

Dioguinho ainda aguardou algum tempo e, afinal, resolveu avançar, com cautela. Os outros fizeram o mesmo. Quando já estavam bem perto da casa, deram mais alguns disparos e ficaram esperando. Nada de secundarem do lado de lá. Então resolveram entrar.

Lá dentro havia dois homens e uma mulher, caídos no chão, tendo ao lado as carabinas e uma porção de cartuchos vazios. Não davam nenhum sinal de vida.

Dioguinho, da porta da casa, mandou os homens ir procurar os animais roubados, indicando-lhes uma picada que se afundava pelo meio do mato. Depois, virando-se para dentro, descarregou três tiros em cada um dos que estavam caídos, já sem vida.

E disse num sorriso: — É pelas almas...



## CAPÍTULO XXIII

Como os leitores já devem ter verificado, todos os episódios até agora relatados sôbre a vida de Dioguinho, têm como base um fato real, ou pelo menos assim considerado.

As fontes a que temos recorrido são as mais idôneas possíveis: processos judiciais arquivados em várias comarcas do Estado, compulsados diretamente ou estudados através de certidões das declarações de testemunhas e do interrogatório dos próprios capangas do bandoleiro; cópias autênticas das denúncias e sentenças; noticiário dos jornais da época; livros e, por fim, o depoimento oral ou por escrito de pessoas ainda vivas, contemporâneas de Dioguinho, que com êle conviveram ou o conheceram de perto.

Para que os leitores possam fazer um juízo sôbre a personalidade estranha e contraditória dêsse criminoso que, em fins do século passado, aterrorizou os sertões paulistas, neste capítulo resolvemos fazer um parêntese para publicar, na íntegra, uma longa carta escrita de próprio punho por Dioguinho a uma pessoa amiga. Êsse documento, que fazia parte do arquivo de pessoa já falecida e pertencente a tradicional família paulista, nos foi oferecido pelo dr. Edmundo Dantés Nascimento, advogado residente nesta Capital e que, por sua vez, o recebera da família do destinatário.

A fim de não tirar à missiva o seu caráter e sabor, transcrevêmo-la a seguir, tal como foi escrita, respeitadas a ortografia, a sintaxe e a pontuação.

Am.o Luciano  
Fazenda do Tatuca,  
1.º de Julho de 1896.

Recebi tua extença carta hontem a noite por que adivi-  
nhei mandar em Cravinhos, e hoje passo arresponder; não  
faço como fez o Luciano, que para responder a minha carta  
foi preciso passar um sabão n'elle, respondendo ao 1.º topico  
que pergunta-me com que direito desconfio de tua amisade, e  
que sejas meo amigo intimo não desconfiei disto, sei que és  
meo Amo. não há duvida, mais pode-se ser amo. e não querer  
prestar muitas vezes, a um serviço pessoal, julgando-se ser  
elle talvez um sacrificio, e por isso, não se fornece ocazião  
de um encontro, para o requerente apresentar seo requerimento,  
e quando depois de commentado, da-se o encontro o requerente  
já dezapontado não tem mais aquelle direito antigo, vexa-se e  
retira o que pretendia requerer; julgo que a minha carta a  
voçe é da quéllas que talvez, não se conte a terceiro a ter  
recebido feita por este punho, não me consta que tenha te  
offendido com esta ultima carta, se bem que a linguagem della  
seja sevéra, é franca e leal, fiz te ver que não hia ezijir de  
si sacrificios pecuniários, e que ate dezistia do servisso pessoal  
mais que mesmo assim queria ver-te e abraçar-te e nisto  
perzisto, não retiro-me d'este Estado sem primeiro ver-te, so  
sim, já não vos dou a gloria que queria dar-te, de mais tarde  
poderes dizer a quem por mim perguntasse, a voçe, eu o man-  
dei para tal parte, está nestas e nestas condições: é so a  
queixa que de si tenho e qdo. sinto fallo, escrevo. X. X.

Sou seo Amo. e Deus permita que nunca precizes de um  
Condor. Se eu recebesse uma carta do Luciano ou receber  
dizendo que precisa de mim para negocio seo em qualquer  
lugar, eu apresentar-me-hia sem fazer objeções que tal e tal  
negocio ou circunstancia não me permitão, por que julgo que  
qdo. se roga a Deus é por que se precisa muito, e nelle tem-se  
fé, e um credulo perziste sempre na fé viva e muitas vezes Deus  
já lhe virou as costas e o penitente ignora.

Dizer que sabe que soffro, é verdade que soffro mais com  
coragem e rezignado, e não maldigo da sorte, por que tudo  
tudo quanto Deus faz é bom, e tenho fé nelle que heide morrer  
de morte nactural, em minha cama, rodeado dos meos.

Quanto a me dizer que és um moço bem enfeiz ignoro e sinto profundamente o teo sofrêr, ainda mais pela forma que se esplicou, se não é que estejas enganado, mais mesmo que sofras, e que tenhas certeza do teo certo sofrer é necessario que saiba levar a sorte e ter *Filosophia* para vencer, nunca pensar no suicidio, pois os suicidas são loucos. *Prometheo* esteve prezo no monte *Caucazo*, aonde uma *Aguia*, vinha lhe roer os intestinos, a momento que lhe hião crescendo, *Hercules* o livrou do suplicio, eu serei o *Hercules* para o *Luciano*, nada pense, nada rezolva, nada faça sem primeiro me ouvir, tenha coragem como eu tive, e tenho no correr da minha vida; nos principios de minha perdição, eu sentia as dores da ingratição de uns amigos, então pensava no suicidio tinha tudo preparado e meos sonhos dourados era suicidar-me, e sentia mesmo lenitivo no meo sofrêr quando olhava para o caixão que de vespera tinha preparado, vespera um ano e tanto, lembrava-me da *Filozophia* de *Solon*, este que fez parte dos sete sabios da *Grecia*, era tido como sabio, entre os mais sabios, sendo chamado para formular os *Codigos*, penal e criminal, para tudo achou digo para todos os crimes, achou pena, so não pode achar pena para o crime da ingratição, se eu tivesse aproveitado este principio de *Filozophia*, não me teria perdido, mais dizia eu comigo eu não sou *Solon* e nem quero ser, ainda mais que comecei a conhecer que os meos eis amigos procuravão enloquecer-me, e procuravão matar-me de qual quer maneira, e ate final puzerão em ezeução, em o anno de 1894. Mais *Deus* não quiz, eu podia deixar matar-me não se podia provar quem matou-me, nem que mandou matar-me, eu o unico que sabia de tudo e por tudo (So este pedacinho leva uma noite para te contar) eu se deixasse matar-me, tendo certeza que hia ser assassinado seria um covarde, podia não ser se eu perzistisse no suicidio, eu seria um suicida na minha consciencia, que pensava naquillo, mais não quiz ser nem suicida e nem quiz aproveitar a *Filozophia* de *Solon*, que não tendo achado crime digo pena para o ingrato, deo o desprezo, eu fiz-me um *Condor*: Agora esplico-te o que quer dizer *Condor*, e o que é *Condor*. *Condor* uma especie de *Abutre* do *Perú*, habita os *Andes*, *Condor*. Ave sedenta de vingança de sangue.

*Luciano não avalias com as difficuldades que tenho luctado com falta de recurços se me veres talvez que não me conheças conservo nos pés um par de Botinas de Vaqueta, para não andar descalço, q.to a roupa faz-me vergonha lembrar que já me vesti bem e hoje viver maltrapilho, mais vivo contente e satisfeito, por que não penso na sociedade e so apareço para algum amigo intimo e mais ninguem;*

*Como sabes sou curto de intelligencia e alguns livrinhos que eu tinha ficou no Matto Grosso, com tudo mais que eu tinha, safei-me de lá com a roupa do corpo e em dois animaes, e nada mais; quanto a dar-me o nome de Lince, é um bonito nome não há duvida, mais desconheço o que é Lince, e sua historia; e o nome que uzo diz mais com minha vida, pois eu nunca fui máu e nem perverso, fiz-me vingativo por ser homem de brio, e vergonha. Quanto a vos contar minhas circumstancia o que levou-me ao cazo é o seguinte, não te vou pedir grande couza em valor pecuniario p.a ti, mais para mim vale muito são dois Dicionarios portuguez, e Dicionario dos Sinonimos, que mandará o quanto antes, prefiro viver maltrapilho e destesto mesmo certas grandezas mais não quero ignorar certos termos.*

*Pesso-te licença para fallar em uma pessoa, que eu não fallaria, se voçe não tocasse no nome delle, que é o senr. Affonso. Eu o qualifico na qualidade dos homens, incapaz de ser amigo, de seo Am. elle deve ter comprehendido que me escreveo quatro ou cinco cartas e não lhe dei resposta, alguma elle me fez que me obrigou a proceder assim, e lhe digo que elle é um vil, um miseravel um enfame, e faço ponto para não falar mais nelle, sou capaz para tudo.*

*No principio desta diçe que não me retirava sem estar com voçe mais se demorar a apparecer, pode ser que eu seja forçado a retirar-me, porisso ve se quer estar comigo deve ser o quanto antes. Ficarei satisfeito em receber teo retrato, principalmente vindo por si, não vos ofereço o meo retrato porque agora não tenho e nem pretendo Photographar-me, porque vivo retrahido de tudo e por tudo.*

*A poucos mezes fui vizitar meos velhos, la estive poucos dias, tendo repartido com elles o pouco que levei, e senti não poder deixar mais, pois é o unico gosto que posso ter e de vez*

*em quando eu posso repartir com minha mãe os obulos que recebo de alguns Amigos, nem de todos acceito, note-se que não tenho orgulho, e nem soberbia, se fosse filante não passaria necessidades e privações como tenho passado, de chegar ocasião de não ter quarenta reis para matar o bixo, creia que é verdade no entanto muitos principalmente dos meos entendem que tenho oro. Oxala que tivesse, unica couza que tenho bom é um cavallo, e ainda conservo a Besta Suzana e a Especial. Creia Luciano que nunca tive tenções de offender-te na linguagem de minha carta, voçe deve comprehender, que sou franco e leal, e tanto que te considero que escrevo a voçe o que nunca escrevi e nem nunca confiei nem a irmão, e não vos auctorizo a confiar a ninguem, ainda mais que a pessoa que mais voçe concidera eu detesto e não quero vel-o e não saber della, e nem que saiba se sou vivo ou morto, se estou bem ou estou mal, se um individuo é rico e tem que cozinhe beba e tome cristel, e quando elle julgar-se muito grande eu o applicarei Azeitonas, introduzidas pelos póros, que é couza sublime e não respeita Categorias, ponha este h, onde falta.*

*Estimo que estejas animado na tua vida commercial e faço votos ao supremo que sejas bem feliz. Queira acceitar saudades do Joãozinho e um abraço. Acceite minhas saudades e um saudozo abraço com bem força do Vosso Am. Certo e*

*Ogbm.*

*Dioguinho Condor*

*P. S. — Vou mandar ficar com o Gomes, em Cravinhos, para vos ser entregue cem mil reis, com uma notta'pa. fazer-me uma compra a tua escolha, em S. Paulo. D. R. F."*



## CAPÍTULO XXIV

De passagem por Cravinhos, acompanhado de seu irmão, Dioguinho aproveitou a oportunidade para visitar o juiz de paz, seu amigo íntimo. Saindo daí, os dois irmãos dirigiam-se para o centro do povoado, quando se encontraram com J. Saracura. Este, logo que os viu, abriu os braços, exclamando:

— Viva! Há quanto tempo eu não encontrava vocês! Por onde tem andado, Diogo?

— Por aí. E você, o que é que tem feito? — perguntou Dioguinho.

— Eu agora sou o terceiro suplente do juiz de paz dêste distrito. Sou o substituto do nosso amigo R. G.

— Ôpa! Mais um amigo que é autoridade. Ótimo.

— Você sabe, Diogo, você manda. E você, Joãozinho, como vai?

— Vou bem, obrigado.

— Escuta, você conhece o subdelegado aqui da terra? — indagou Dioguinho.

— Conheço muito; é o “seu” Horácio da farmácia.

— Você quer me apresentar a êle?

— Com muito prazer. É pra já — respondeu Saracura. E pegando no braço de Dioguinho, encaminhou-se para a farmácia que ficava a dois quarteirões dali.

— Então, “seu” Horácio, como vão as coisas? Tem vendido muito calomelano? — foi dizendo Saracura, enquanto dava umas palmadas na coxa do farmacêutico, que estava sentado à porta da botica.

— Não muito... o pessoal não quer ficar doente.

— “Seu” Horácio, quero apresentar aqui o meu velho amigo Diogo da Rocha Figueira. E aqui o irmão dêle, João Dabney da Silva.

Ao ouvir aquêles nomes, o farmacêutico levantou-se e respondeu, meio sêco, sem estender a mão:

— Prazer.

Dioguinho, fingindo não ter reparado na atitude pouco cordial do outro, perguntou:

— Então o senhor é que é a autoridade policial em exercício, não é?

— Sou eu mesmo.

— Pois eu vim aqui lhe pedir sua proteção pra mim e pra meu irmão, êste aqui. Ê pra não ser incomodado quando estiver de passagem por Cravinhos. O sr. sabe, êsses soldados às vêzes pegam a cismar com a gente, à-toa...

— Ê — atalhou o farmacêutico — mas eu já dei ordem pra não deixar ninguém andar armado na cidade. E olhando para a coronha da garrucha que Joãozinho trazia à cinta: — Ê proibido, são ordens de São Paulo.

Joãozinho abotoou o paletó e pôs as mãos nos bolsos da calça.

Dioguinho, fazendo-se de desentendido, continuou:

— Mas é que nós somos de paz, “seu” Horácio, só carregamos arma quando estamos viajando, como agora. Ê perigoso a gente andar por aí, no meio dêsses matos, desprevenido, o sr. sabe, não é?

— Sei. E também sei que o povo vive falando que o senhor anda praticando assassinatos atrás do tóco e do cupim — respondeu o subdelegado, encarando o outro.

Dioguinho ficou pálido, mordeu o lábio inferior, e disse assim, com um ar de sujeito sonso:

— Quem, eu?



— O povo é que fala.

— Bobagem, besteira... povo, quando não tem o que dizer, fala de mais.

O ambiente já estava carregado. Saracura, confuso, procurava arrancar do chão, com a biqueira da botina, uma pedra qualquer, que não havia meio de sair. Joãozinho, êsse olhava para o irmão, à espera da reação. Dioguinho porém não disse nada. Olhou fixo para a cara do farmacêutico, que também o fitava, desviando de quando em quando os olhos para as mãos do bandoleiro.

Aquêlê silêncio, que durou alguns instantes, parecia não acabar mais, tal a tensão nervosa em que todos se achavam. Por fim, Dioguinho disse:

— Está bem, "seu" Horácio; o senhor é que sabe. Mas eu lhe repito: o povo fala de mais. Até logo.

E os três se retiraram, deixando o farmacêutico admirado com a sua própria atitude, como não acreditando tivesse tratado daquela forma o famigerado Dioguinho.

Ao passarem pelo bar e bilhar de Paulo Precetti, na mesma rua, Saracura convidou os amigos para jantar. Entraram e foram abancar-se numa mesa nos fundos, à direita, próximo da cozinha.

Dioguinho, que ficara o tempo todo sem dizer palavra, não conseguia disfarçar a sua raiva contra o farmacêutico. Sentou-se de frente para a porta, pegou um pedaço de pão, e sempre mastigando, foi dizendo:

— Não engulo êsse sujeito. Êle que tome cuidado comigo. Não vá pensar que eu tenho medo dêle ou dêsse par de "periquitos" perrengues da polícia daqui. Êle está mas é enganado.

Saracura, que ficara chateado com a maneira de Horácio tratar seus amigos, aproveitou a oportunidade para meter o pau naquele maroto.

— Ê, êle é muito bêsta mesmo. Já está pensando que é o Chefe de Polícia. Porqueira! Deixa estar que nós vamos dar um jeito e tirar êle daqui com dois pausinhos.

A mulher do dono do bar aproximou-se, a fim de pôr a mesa. Foi arrumando os talheres, os pratos, os copos.

Dioguinho, que estava amassando uma bola de miolo de pão, resmungou:

— Talvez êle saia mas não é com dois pausinhos. Se êle se fizer de bôbo comigo, sai mas é com um chumbinho na testa e vai direitinho pro cemitério. Êle que experimente, aquêle filho da...

E dizendo isso, rilhou os dentes, começou a avermelhar-se. De repente, puxou a faca que trazia na cinta, fincou a ponta na mesa, fazendo-a vibrar, e gritou, encarando a mulher:

— Você conhece o bicho de sete cabeças? Já viu êle? Já viu?

A pobre ficou branca como o guardanapo que tinha na mão, olhando estarecido para a faca, que ainda oscilava.

— Não conhece? Nunca viu? Responda!

— ...

— Pois fique sabendo que sou eu! Eu, ouviu! Sou eu o bicho de sete cabeças! — E dizendo isso, arrancou a faca da mesa, guardando-a em seguida.

No bar, todos de cara espantada, ficaram olhando para Dioguinho. Até as bolas se immobilizaram sôbre o pano verde das mesas de bilhar. Não se ouvia o menor ruído. Silêncio absoluto.

Dioguinho, depois do desabafo, ficou mais calmo. Encarou todos os circunstantes, girou a cabeça para um lado e para outro, e, abrindo a bôca, gritou para o dono do bar:

— Você aí, traga duas garrafas de cerveja.

A ceia foi servida, não mais pela dona do bar, que ficou na cozinha, com chlique, mas pelo empregado, um pretinho maneiroso, cheio de dengues, que abriu uns olhos imensos quando recebeu ordens de servir a tal mesa. Mas, felizmente, tudo correu bem.

Dioguinho e Joãozinho despediram-se de Saracura e foram buscar os animais, que haviam deixado no quintal da casa do juiz de paz. Montaram e foram descendo pela rua principal. Em sentido contrário vinha um homem despreocupado, com um embrulho na mão.

Quando cruzou com o sujeito. Dioguinho puxou o freio do cavalo, meteu-lhe as esporas, e berrou:

— Leviano! Inimigo, Leviano! Upa!

O cavalo deu um relincho, empinou e resfolegando caiu de manotaços sôbre o infeliz, atingindo-o na cabeça, na cara, no corpo.

— Inimigo, Leviano! Inimigo!

E o cavalo continuou a manotear, como se estivesse querendo voar. O homem, já sem sentidos, caiu no chão, gemendo.

Dioguinho, fincando a espora no vazio do cavalo, ao mesmo tempo que o controlava de rédea curta, fê-lo pisar em cima do coitado por mais algum tempo. Depois, soltando o freio, saiu a galope, seguido pelo irmão. A eena, que se passara num rápido momento, deixou aquela gente tôda estarecida, sem atinar sequer com que atitude tomar.

Socorrido pouco depois, o homem foi reconhecido como sendo um português, colono do fazendeiro Galdino Rodolfo. Transportado para a farmácia do subdelegado, êste o medicou, reanimando-o.

— Quem foi que bateu nêle? — perguntou, enquanto passava um chumaço de algodão com arnica nas feridas.

— Foi o Dioguinho — disseram algumas pessoas que tinham acompanhado o português até lá.

— Com pau ou com que foi?

— Com o Leviano.

— Que raio de coisa é isso, leviano?

E os homens contaram o que havia acontecido. Horácio não fêz comentários. Limitou-se a pedir a um dos presentes que ajudasse o ferido a chegar até à fazenda do seu patrão. Quando ficou a sós com um amigo, êste lhe perguntou:

— E então, Horácio, que é que você vai fazer?

Depois de pensar um pouco, enquanto lavava as mãos com álcool, Horácio respondeu:

— Homem, não sei. Já dei ordem pro comandante do destacamento não deixar ninguém andar armado. Não adiantou: êle finge que não vê as armas do Dioguinho e do irmão.

Já quis prender êle e mandei o escrivão passar o mandado. Começou a inventar tanta dificuldade, dizendo que precisava dizer qual era o crime e em que artigo do código eu me baseava, uma porção de coisa, etc. e tal. Eu não sabia nem êle me quis explicar... ficou por isso mesmo. O escrivão estava era com medo.

— E por que você não pede providências em São Paulo?

— Já pedi. Ninguém não responde. Acho que até consumiram o telegrama que eu mandei...



## CAPÍTULO XXV

Na fazenda do coronel T., em São Simão, no lugar denominado "Retiro", havia uma barraca escondida no meio do mato, reservada para Dioguinho e seus capangas. Poucas pessoas a conheciam e dela só podiam aproximar-se os mais íntimos do facínora. Na fazenda, ninguém se referia a Dioguinho pelo seu nome. Quando desejavam nomeá-lo, diziam simplesmente "o homem da barraca".

O coronel T. era freqüentemente procurado por compradores de gado para corte. Certo dia, alí foi ter um magarefe de Guatapará, freguês antigo, interessado na aquisição de algumas rêses. O coronel o recebeu com muita afabilidade e ambos foram à invernada separar o gado.

Dioguinho, que se achava presente quando o homem chegou, não foi com a cara dêle. Mediu-o da cabeça aos pés, deu uma volta e sentou-se nos degraus da escada da varanda. E alí ficou, sempre de ôlho no tal.

Já estava escurecendo quando o fazendeiro e o magarefe voltaram da invernada. O coronel vinha satisfeito, pois havia realizado um bom negócio. Como era tarde para o homem sair pela estrada tocando o gado, T. o convidou para pousar na fazenda.

Durante o jantar, o magarefe conversou muito, contou histórias, falou do comércio de carnes, disse coisas interessantes. Dioguinho não deu um pio sequer; ficou o tempo todo olhando para êle. Depois, quando se levantaram da mesa, o visitante pediu licença e retirou-se para o seu quarto, alegando estar muito cansado e querer levantar-se bem cedo.

Dioguinho e o coronel T. dirigiram-se para a varanda, onde ficaram “batendo papo”. Não demorou muito, o bandido sentenciou:

— Você fêz mal de deixar êsse homem dormir na sua casa.

— Por que?

— Pois então você não reparou na cara dêle?

— Reparei, sim; eu conheço êle faz muito tempo.

— Mas você já pôs tento nas feições dêsse homem?

— Não estou entendendo o que você quer dizer...

— Êsse homem não presta, tome cuidado com êle.

— Mas... acho que você está enganado, Diogo, êle é um caboclo direito. Já fiz muito negócio com êsse tal e...

— Que negócio, nem nada — interrompeu Dioguinho — é a cara dêle, homem! Ê cara de assassino.

— Assassino?!

— Ê; assassino. Criminoso nato. Você sabe o que é criminoso nato?

— Nato? não sei não.

— Que já nasceu pra criminoso, entendeu?

— Quem, êsse daí? — indagou o fazendeiro, com um sorriso incrédulo, apontando para os lados onde ficava o quarto do magarefe.

— Êsse mesmo. Olha aquí, eu já estudei essas coisas e não me engano. Tem sujeitos que a gente conhece logo, pela cara e pela cabeça, que são criminosos.

— Mas eu nunca ouvi dizer que êle tivesse matado alguém. Acho que desta vez você se enganou. Ninguém sabe disso lá em Guatapará, onde êle mora faz tanto tempo.

— Sabe ou não sabe, o melhor é eu dar cabo dêle. Quando eu não vou com a cara dum sujeito, é porque não presta, sabe?

— Mas êsse não, Diogo, êsse você não pode matar — interveio o coronel, levantando-se.

— Por que? Ué! já matei uns par dêles aquí na sua fazenda e você até gostou. Que é isso, agora?

O coronel, visivelmente nervoso, pegou no braço do amigo e suplicou:

— Não, Diogo, por favor, êsse não. O homem é bom freguês meu. Depois, francamente, não vejo razão. Todo mundo vai ficar sabendo. Êle veio de Guatapará direito pra minha fazenda. Não faça isso.

— Quem avisa amigo é. Estou lhe repetindo: êsse homem é criminoso nato. Ah! não tenha dúvida. Eu conheço. Já estudei essa filosofia.

— Êle pode ser êsse tal de nato que você falou; pode até ter cara disso, mas eu te peço pra deixar êle em paz. Isso vai dar barulho pra nós, Diogo. Deixa o tal com a cara dêle, que amanhã cedinho êle já não estará mais aquí.

Dioguinho pensou um pouco, pegou o chapéu que estava pendurado no gancho da rêde, desceu as escadas, desamarrou as rêdeas da mula "Suzana". Depois, voltou-se para o amigo:

— Está bem, você não quer... Mais tarde não vá dizer que eu não te avisei, hein! Estou cansado de conhecer essa espécie de gente ruim.

O coronel T., aliviado, como se tivesse tirado um pesado fardo das costas, só sabia dizer:

— Obrigado. Obrigado. Eu vou tomar cuidado; pode ir descansado.

Dioguinho, saltando no lombo da mula, sem pôr o pé no estribo, arrematou:

— Boa noite. Qualquer coisa, estou lá na barraca.

\* \* \*

A noite, apesar de quente, estava agradável. Dioguinho, depois de uma boa meia hora de caminho, chegou à barraca. Joãozinho, aproveitando a luz da lua, azeitava as suas armas e as do irmão.

— Que noite bonita, hein! — disse Diogo, enquanto desarreava a mula.

— Bonita mesmo. Já fazia tempo que não aparecia uma lua dessas.

Dioguinho deitou-se no chão, cruzou as mãos sob a cabeça, e ficou cismando.

Daí a pouco, começou a rir. A princípio um risinho baixo, que foi aumentando, aumentando, até que se transformou numa ruídososa gargalhada.

Joãozinho, admirado, perguntou:

— Que é isso, Diogo? que foi que aconteceu com você?

O outro continuava a rir, entremeando frases sôltas — Ah! meu Deus... a gente faz cada uma!... Coitada dela!...

— Que diacho! não estou entendendo nada — exclamou Joãozinho, olhando espantado para o irmão.

— Não sei por que me lembrei agora de um fato engraçado — respondeu Dioguinho, continuando a rir.

— Conte o que é — pediu o outro, interessado.

— Esquisito como essas coisas acontecem. A gente está pensando numa coisa, de repente o pensamento pula pra outra tão diferente, volta para trás, cai noutra, revira e dá um salto e vai parar onde a gente nem sequer se lembrava mais. Parece macaco pulando de galho em galho....

— Puxa, Diogo! Você é complicado mesmo pra contar as coisas. Que foi que você se lembrou, homem?

— Me lembrei sem querer de uma coisa que aconteceu comigo quando eu era menino. Faz tanto tempo que eu nem pensava mais nisso.

E depois de sentar-se e desapertar a guaiaca, prosseguiu:

— Foi lá em Botucatú. Você era pequenininho e não se lembra. Ainda andava nos cueros. Pois tinha uma menina, sabe? vizinha da nossa casa, que vivia me arreliando. Tôda vez que o velho me batia, ela achava uma graça louca, ficava alí do outro lado da cêrca, me debicando, pulando de satisfação, e me mostrava a língua.

— Quem era ela? — indagou Joãozinho.

— Homem, nem me lembro mais do nome. Faz tanto tempo. Pois como ia contando, uma tarde o pai soube de umas traquinagens minhas e me pegou no quintal de casa. Me amarrou na manivela do poço, pra mim não fugir, e meteu a guasca em mim. Puxa! fazia tempo que êle não me





batia daquele jeito. Eu gritava feito boi ladrão. Pois imagine quem é que estava gozando com a minha desgraça: o raio daquela menina. Eu gritava e ela fazia assim pra mim. — E Dioguinho pôs o polegar da mão direita encostado na ponta do nariz e ficou mexendo os outros dedos.

— E você, o que é que fêz? — perguntou Joãozinho.

— Quando o pai foi embora, eu disse pra ela, chorando: — você me paga, sua descarada, você vai ver. Ela nem ligou. Assanhou-se mais ainda, ficou me debicando um tempão.

— Ah! se fôsse comigo, ela ia ver o que era bom — comentou Joãozinho.

— Espere, ainda não acabou. No outro dia, de manhãzinha, eu fui esperar ela no caminho onde ela ia buscar leite. Fiquei escondido atrás de um cupim que era um despotismo de

grande. Não demorou muito, ela apareceu. Eu assuntei, vi que não vinha ninguém. Pulei na frente dela e já garrei ela pelo braço e joguei no chão.

Joãozinho, prevendo um desfêcho engraçado, abriu os olhos e ficou esperando.

— Quando ela caiu — continuou o irmão — eu montei em cima dela, pus os joelhos em cima dos braços dela, apertei bem, e falei: — Ontem você gozou com a surra que eu levei do pai, não foi? Estava fazendo têrêrê pra mim, não é? pois agora eu vou te ensinar.

— E ela não dizia nada? — perguntou Joãozinho, interessado.

— Ela só dizia assim: — Me larga! Me larga! que eu conto pro seu pai. Aí eu segurei ela bem... Ah! Ah! Ah! — interrompeu Dioguinho, rindo.

— E daí, que foi que você fez — insistiu Joãozinho, impaciente.

— Ah! Ah!... eu mijei na cara dela... Ah! Ah!...



## CAPÍTULO XXVI

Os crimes de Dioguinho se sucediam e a polícia se limitava a abrir inquéritos — quando o fazia — ou a enviar uma escolta em sua perseguição, composta de alguns poucos soldados, que davam uma volta pelas redondezas, perguntavam a um e outro se o tinham visto, iam até esta ou aquela fazenda, e regressavam, sem qualquer resultado prático.

E, no entanto, todos sabiam onde o facínora podia ser encontrado. Em Cravinhos, êle era visto com freqüência nos bares, bilhares, na casa do juiz de paz. Certa vez, foi visto na casa do próprio subdelegado! O povo sabia e as autoridades não podiam ignorar que tais e tais fazendeiros lhe davam asilo. E, contudo, ninguém ousava enfrentá-lo.

A impunidade de Dioguinho, se por um lado revoltava os cidadãos honrados, por outro os atemorizava. Isso explica, em parte, por que, durante mais de cinco anos, êsse bandido fêz das suas sem prestar contas à justiça.

Opor-se aos seus pedidos, negar-lhe asilo, desprezar-lhe a amizade importava em arranjar um inimigo perigoso, traiçoeiro e persistente. Cair na sua antipatia podia significar uma tocaia no quintal da própria residência. Ou então, corria-se o risco de amanhecer de um dia para o outro esticado na beira de um caminho, com a bôca cheia de formigas.

Assim pensava a maioria dos homens daquele tempo. E entre uma coisa e outra, preferiam, humanamente, viver em paz com Dioguinho e sua gente. É bem verdade que nem todos

se limitaram às simples relações de cordialidade. Indivíduos houve que dêle se aproveitaram como instrumento para a solução de suas querelas políticas e particulares, empreitando-o para eliminar desafetos.

A polícia daquele tempo, trabalhando isoladamente, com destacamentos compostos de três ou quatro soldados, às ordens de autoridades leigas e ligadas por laços de parentesco, amizade ou subordinação política aos protetores do bandido, fingia que não via.

Dioguinho sabia de tudo e aproveitava-se do ambiente de terror que se criara em tôrno de sua pessoa.

Contudo, tantas fêz, tanto abusou, que as queixas contra êle se foram avolumando na Chefatura de Polícia. Era um nunca acabar de cartas anónimas e assinadas, notícias na imprensa do interior e da Capital, relato de pessoas vindas da zona onde êle agia de preferênciam. E a onda foi crescendo, criando corpo, até que o Chefe de Polícia resolveu tomar providências enérgicas.

E assim começou o princípio do fim.

\* \* \*

Na Chefatura de Polícia, o dr. Francisco Martiniano da Costa Carvalho conferenciava com o 4.º delegado auxiliar, dr. António de Godói Moreira e Costa.

— Dr. Godói, resolví incumbi-lo de uma missão difícil e arriscada.

— Estou às suas ordens.

— Há tempos esta Chefatura vem recebendo queixas e denúncias contra um tal de Dioguinho, matador profissional, homem perigoso e temido, que está cometendo tôda sorte de tropelias na zona Oeste do Estado. O sr. com certeza já ouviu falar nêle?

— Tenho lido nos jornais a seu respeito e recebido notícias de seus crimes através de pessoas que andaram por essa zona.

— Mandeí chamá-lo para entregar-lhe a direção dos trabalhos que deverão culminar com a captura dêsse facínora e de todos os seus sequazes. Que tal?

— O sr. ordena e eu cumpro — respondeu o delegado, com um sorriso de satisfação, não só pela prova de confiança, mas também pela oportunidade de prestar um bom serviço.

— Não esperava outra atitude de sua parte. Venho acompanhando com muito interêsse e simpatia a sua atuação à frente da Quarta Delegacia.

O chefe de polícia levantou-se, foi até sua mesa, apanhou uns papéis e sentou-se novamente na poltrona ao lado do delegado:

— Aquí tem o sr. as declarações prestadas por Balbina Maria de Jesús perante o 5.º delegado de polícia, no dia 14 do corrente mês. Essa mulher veio de São Simão, tôda machucada, com os cabelos cortados, contando horrores dos castigos que lhe foram aplicados por Dioguinho e seus capangas. O dr. Fausto Dias Ferraz, que a atendeu, mandou tomar por têrmo suas declarações e submetê-la a exame de corpo de delito. Assinaram o laudo os drs. Inácio Mesquita e Bento Xavier de Barros. O que essa mulher conta, seu doutor, é de arrepiar os cabelos. Parece incrível que essas coisas possam acontecer ainda hoje.

— Essa mulher ainda está em São Paulo? — perguntou o dr. Godói.

— Não, embarcou para Casa Branca. Temos o enderêço da pessoa em cuja casa ficará hospedada.

— E o sr. já tem algum plano traçado com relação à captura dêsse bandido?

— Já. Há dias foi designado o alferes Benedito Manuel Pedroso para delegado de polícia militar de São Simão, onde se verificou o último crime de Dioguinho, no lugar denominado Cerrado. Lá foi assassinado, por êsse bandido e seus capangas, um homem chamado Marciliano Pereira Machado, mais conhecido por Marciliano Fogueteiro. O alferes José Firmino foi para São Carlos do Pinhal e o tenente-coronel Pedro da França Pinto, o sr. conhece, êsse que é subdelegado de Vila Mariana,

ficou incumbido do setor de Botucatu, São Manuel e adjacências. Com êles seguiram os soldados de que podíamos dispor no momento.

— E quanto a mim, quais são as ordens?

— O senhor ficará incumbido de dirigir tôdas as diligências e de instaurar os inquéritos necessários. Deverá seguir diretamente para Ribeirão Preto e de lá se locomoverá para onde fôr reclamada a sua presença. Como sabe, êsse Dioguinho é muito protegido por homens influentes, fazendeiros e até autoridades policiais e judiciárias. Essa gente fará tudo para criar embaraços à nossa ação. É preciso agir com presteza, cautela e discreção.

— Não sei se o senhor concorda, mas parece-me que a primeira medida a ser tomada é contra os acoitadores de Dioguinho. Poderei colhêr as provas de que êles lhe dão asilo e o protegem e, em seguida, solicitar ao juiz de direito da comarca a prisão preventiva dêsses homens, o senhor não acha?

— Isso mesmo. Estou de pleno acôrdo. O senhor começará pelos protetores de Dioguinho. Com isso, não só privará o bandido de seus coutos habituais, mas também fará que o povo se convença de que, desta vez, estamos resolvidos a acabar com o banditismo no interior. O senhor verá, então, como as testemunhas se apresentarão espontâneamente para depor contra o facínora.

— Muito bem. E quando devo partir?

— Hoje mesmo, ou amanhã, se fôr possível.

— Se o senhor concordar, partirei amanhã cedo, pelo primeiro trem.

\* \* \*

O dr. António Godói dirigiu-se imediatamente ao distrito de paz de Cravinhos, em cuja estação desembarcou acompanhado do escrivão e da escolta armada. Foi um alvoroço entre a população. E logo começou a correr, de bôca em bôca, que os dias de Dioguinho estavam contados.

Um camarada do juiz de paz do distrito, que se achava nas imediações da estação, abalou-se no rumo da casa de seu patrão, onde chegou esbaforido e gritando:

— “Seu” Reginaldo! “Seu” Reginaldo!

— Que diabo aconteceu com você, homem?

— Chegou uma porção de soldados.

— Que soldados êsses? Chegou onde?

— Alí, alí na estação. Eu vi desembarcar.

— Soldados pra que? Explica isso direito, diabo! — exclamou o patrão, irritado.

— O povo está dizendo que é pra pegar “seu” Dioguinho e a gente dêle.

Reginaldo ficou pálido e por alguns instantes indeciso. Depois, deu ordem ao camarada que se aprontasse para levar uma carta a Dioguinho. Foi ao seu quarto e escreveu um bilhete às pressas, avisando o amigo da chegada da escolta.

— Leva isto na fazenda do “seu” Martinho. É urgente. Vá a galope, nem que seja preciso estourar o animal. Corra! Vá depressa!

— Pode ficar descansado que “seu” Diogo recebe o bilhete — disse o camarada, metendo o rêlho na anca do animal, que saiu na disparada.

Reginaldo voltou para o quarto, nervoso, assustado, e começou a rasgar papéis.

\* \* \*

Dioguinho estava tomando café juntamente com seu irmão, quando chegou o camarada mandado por Reginaldo. Abriu o envelope, leu o bilhete e, visivelmente contrariado, voltou-se para Joãozinho:

— Precisamos sair daqui agora mesmo. Acabo de receber um recado do Reginaldo. Chegou uma escolta em Cravinhos. Malditos! Miseráveis! Vamos, vamos depressa.



## CAPÍTULO XXVII

**D**a estação de Cravinhos o dr. Godói seguiu, diretamente, para a Subdelegacia de Polícia, que se achava instalada em um prédio velho, acanhado, ameaçando ruir. Deu instruções ao comandante da escolta para que organizasse o policiamento e desse batidas de repressão ao porte de armas.

— Reviste todo mundo. Se estiver com arma de fogo, apreenda a arma e traga o sujeito à minha presença.

Com o auxílio do escrivão e de alguns soldados, o delegado procurou dar um arranjo nos poucos móveis que ali encontrou, mandou fazer uma faxina e instalou-se o melhor que pôde.

Daí a pouco, seu ordenança anunciou a presença de um homem que desejava falar com êle.

— Dá licença, senhor doutor? — foi dizendo um rapaz, enquanto entrava, virando o chapéu na mão.

— Pode entrar.

— Meu nome é Horácio de Rezende Meireles. Moro nesta freguesia, onde sou proprietário de uma farmácia. Já fui também subdelegado aquí em Cravinhos.

— Ah! é o senhor? Já tinha ouvido falar a seu respeito. Vamos sentar — disse o delegado, indicando-lhe uma cadeira.

— Acabo de saber que o senhor veio aquí pra dar caça a êsse bandido do Dioguinho e à gente dêle, não é isso?



— É isso mesmo.

— Graças a Deus. Pois eu aqui estou pra ajudar a polícia em tudo que fôr preciso. Há muito tempo que a gente direita de Cravinhos estava esperando êste grande dia. Custou o govêrno se lembrar da gente. O senhor me desculpe, mas é que nós já não tínhamos mais esperanças. Aqui em Cravinhos, todo mundo acabou se conformando com a idéia de que cada um era por si e Deus por todos.

— A justiça tarda mas não falta, “seu” Horácio. O govêrno, quando tomou conhecimento das atrocidades dêsse facínora, designou-me para acabar com êle. E é para isso que eu estou aqui, para trabalhar, auxiliado por todos aquêles que, como o senhor, estiverem interessados em restabelecer a ordem, a paz, o respeito pela vida e os haveres dos cidadãos.

— Ê, é isso mesmo, restabelecer tudo isso, que há muito tempo não existe nem em Cravinhos nem nas cidades vizinhas, depois que êsse maldito começou a andar por aqui.

— O senhor, pelo que vejo, tem muita raiva dêle, não é assim?

Horácio ajeitou a gola do paletó, procurou uma posição mais cômoda na cadeira e respondeu:

— Se tenho! Êsse homem prometeu matar-me. Ê um tocaieiro perigoso. O sr. já sabe. Por isso, vim aqui lhe dizer que estou às suas ordens pro que fôr preciso e estiver nos meus fracos préstimos.

O dr. Godói levantou-se e foi sentar-se na ponta da mesa, bem junto do outro:

— Obrigado, “seu” Horácio. Aceito a sua colaboração. Agora precisamos localizar o Dioguinho. O senhor terá um jeito de saber onde êle pode estar no momento? Mesmo que seja mais ou menos?

— Ao certo, não, não sei. Mas é possível que na fazenda de algum dêsses homens que o protegem...

— O sr. os conhece a todos?

— Conheço, sim senhor. Se quiser, posso acompanhar a diligência.

— Ótimo — exclamou o dr. Godói. E, dirigindo-se para a porta, disse ao cabo: — Ordenança! chame o comandante.

— Pois não, “seu” doutor. Tem um homem aquí que quer falar com o senhor — respondeu o cabo, em posição de sentido.

O praça fêz meia volta e saiu. Logo depois entrou a pessoa anunciada. Era um portador que acabava de chegar de Ribeirão Preto, com uma carta do juiz de direito da Comarca. O delegado abriu, leu, deu um sorriso e, voltando-se para o recém-chegado:

— Espere um instante, enquanto escrevo a resposta.

Sentou-se e redigiu uma carta às pressas. Fechou no envelope e entregou-a ao portador, que se retirou. Depois, dirigindo-se a Horácio, disse:

— O juiz de direito de Ribeirão Preto me manda avisar que o Dioguinho está na fazenda de M. S. O.. O sr. sabe onde é que fica?

— Sei, sim senhor.

— Então vamos pra lá agora mesmo.

Abrindo novamente a porta, o delegado gritou:

— Comandante! arranje por aí alguns cavalos emprestados e apronte os homens. Vamos sair em diligência.

\* \* \*

A escolta atravessou as ruas de Cravinhos sob os olhares espantados da população. Os comentários fervilhavam. Nunca tinham visto tantos soldados juntos e, ainda por cima, a cavalo. O comandante havia conseguido os animais com a presteza desejada; não tivera tempo, porém, de escolher. E era por isso que havia aquela miscelânea de raças, tipos e côres. Cavalos, éguas, burros, bēstas; altos e baixos; gordos e magros; pretos, castanhos, gateados, zainos, brancos, baios. O espetáculo era um tanto grotesco, com aquêles soldados de infantaria atrapalhados com os fuzís no lombo dos animais, procurando equilibrar-se da melhor maneira possível, ora enfiando os pés nos estribos, ora entre os couros dos loros.

O povo, porém, estava tão entretido em ver os homens fardados e dar curso aos comentários, que nem reparava nisso. O que lhes importava, isso sim, era a presença das praças. Iam prender o Dioguinho! Seria verdade?

\* \* \*

Após uma boa marcha chegaram, afinal, à fazenda de M. S. O.. Os soldados, na expectativa de um encontro com os bandidos, criaram alma nova, depois daquele saqueamento pela estrada. Aberta a porteira, espalharam-se logo pelo terreno e ficaram aguardando ordens.

— Dêem uma batida em tôdas as casas da colônia e por aí tudo. Ôlho vivo e fogo no primeiro que se fizer de bêsta! — ordenou o comandante, transmitindo ordens do Delegado.

Os soldados apearam-se e, divididos em grupos, começaram a vasculhar tudo. Não demorou e os homens que haviam ido à colônia mais próxima voltaram trazendo um cabra aos safanões.

— Quem é êsse tipo? — perguntou o comandante.

— Os colonos alí disseram que é o Eliseu Prudente, capanga do Dioguinho — respondeu um dos soldados.

— Chega êle pra cá — berrou o comandante. E voltando-se para o lado onde o delegado conversava com o administrador: — Dr. Godói! Um já está no papo! Ê êste aquí, olha!

O delegado aproximou-se do prêso e perguntou:

— Como é o seu nome?

— Eliseu Prudente, sim senhor — respondeu o cabra, tremendo de mêdo.

— Você é capanga do Dioguinho, não é?

— Eu... eu... isto é...

— Fala direito com o doutor, "seu" porqueira, catingudo! — vociferou o comandante, dando-lhe um pescoção.

— Sim senhor, "seu" doutor, sim senhor. Eu falo sim, "seu" doutor — apressou-se a dizer Eliseu, com a mão espalmada na testa, em continência.

— Onde está o seu patrão? — indagou a autoridade.

— Fugiu, sim senhor. Êle mais o irmão, o “seu” Joãozinho. Montaram nas bêstas e saíram por aí como duas fúrias, sem me dizer nada, sim senhor.

— Para onde é que êles foram?

— Não sei, não senhor. Fugiram. Chegou aquí o Francisco das Chagas, o “Capitão”, camarada lá do “seu” Reginaldo, entregou um bilhete pro “seu” Diogo e zás! o homem sumiu. Ê assim sim senhor, sumiu.

Eliseu falava de arranco, com a mão ainda em continência, ressabiado, com os olhos a pularem de um lado para outro, na expectativa de novos safanões.

— Você não está mentindo, não? Se estiver eu mando te quebrar os ossos a coice de fuzil — gritou a autoridade, percebendo o medo de Eliseu.

— Não estou, não senhor. Juro que não. Fugiu. Pode perguntar aí pro administrador. Pergunte, faz favor.

— Está bem. Agora você vai nos levar até a barraca do seu patrão. Vamos!

Eliseu, andando aos pulinhos, como se estivesse pisando sôbre brasas, foi na frente, guiando a autoridade e a escolta. Nas casas da colônia apareciam de quando em quando umas caras assustadas, mal se mostrando pelas frinchas das portas e janelas. Os homens andaram algum tempo, até que chegaram a uma barraca no meio do cerrado.

— Ê alí, “seu” doutor — disse Eliseu, apontando.

A barraca foi cercada pelos soldados com os fuzís prontos para disparar. Foram-se chegando, chegando, e, a uma ordem da autoridade, entraram. Não havia ninguém. O dr. Godói, o escrivão e o camarada deram busca. A barraca era pequena. Havia duas camas feitas de troncos de árvore, bem arrumadas, alguns caixões e duas canastras.

— Olha aquí, “seu” doutor! Chi! cabelos e barba de gente! Deve ser dêses coitados que êles mataram — exclamou o comandante, segurando na ponta dos dedos um montão de cabelos que retirara de uma das canastras.

— Deixe ver — disse o delegado, examinando. — Não, isso é postiço. São barbas e cabelos postiços. Êle devia usar essas coisas. Cadê o Eliseu? Tragam êle aquí.

Um soldado saiu e voltou trazendo o cabra.

— O Dioguinho usava estas coisas? — perguntou o dr. Godói, mostrando as barbas e as cabeleiras.

— Usava, sim senhor. Era pra disfarçar.

— Não disse? — comentou a autoridade, rindo. E dirigindo-se ao escrivão: — O que é isso que você tem aí na mão?

— São umas cartas escritas por várias pessoas.

— Deixe ver — e dizendo isso, o delegado se pôs a examinar as cartas. Leu por alto e exclamou: — Formidável! Aquí temos uma prova preciosa da cumplicidade de muita gente boa nos crimes do Dioguinho. Ótimo. Agora sim, já podemos iniciar o inquérito. — E voltando-se para Eliseu:

— E agora, “seu” coisa, pra onde é que o seu patrão foi?

— Acho que deve de estar na fazenda do coronel T.. Ê sempre pra lá que êle vai quando precisa.

— Comandante, reúna os homens e vamos seguir imediatamente para essa fazenda. “Seu” Horácio e êste Eliseu vão conosco. Arrecade essas espingardas, a munição, os arreios e oito animais que estão aí no cercado e que pertencem ao Dioguinho. — E dirigindo-se ao escrivão: — Guarde bem êsses documentos.

Voltaram para o terreiro da fazenda, montaram nos animais e seguiram viagem, no rastro de Dioguinho...



## CAPÍTULO XXVIII

Depois de terem andado quase a noite tôda, no clarear do dia foram chegando à fazenda “Velha”, de propriedade de A. F. N., mais conhecido por coronel T..

O dr. Godói deu instruções aos seus homens:

— Agora tôda atenção é pouca. Vejam bem! É preciso evitar qualquer surprêsa. O homem conhece isto por aquí como a palma da mão. Segundo êsse cabra aí — e apontou para Eliseu — esta fazenda é o quartel-general de Dioguinho. Cuidado e nada de precipitações.

Continuaram andando em direção à porteira. A vida na fazenda parecia normal. A faina já havia começado. Carros de boi com as rodas naquela cantilena fanhosa, monótona, rechinando no areão, com quatro, seis e oito animais ajoujados, guiados pelos seus candieiros, uns meninos magricelas que iam tiritando de frio; o carreiro, com a aguilhada, cotucava êste ou aquêle boi, estimulando-o com gritos: — Ajupe! Ajupe! Malhado... Êêêêê, Alamão! No mangueirão, as vacas de leite iam sendo apartadas, soltando de quando em quando um mugido rouco, em resposta ao bezerro que ficara do lado de fora. Lá longe, ecoavam as pancadas surdas e monótonas do monjolo.

Ao passarem pelo curral, o sargento aspirou forte, estufou o peito e exclamou, baixo, para o escrivão, que cavalgava ao seu lado:

— Não sei porque, mas eu gosto dêste cheiro azêdo de curral.

— Que raio de gôsto mais esquisito êsse! — comentou o outro, rindo.

Ao se aproximarem da casa grande, o delegado, sem dar confiança às pessoas que se achavam à porta atraídas por aquêles estranhos cavaleiros, deu ordem ao comandante para deixar alí quatro soldados de sentinela. E voltando-se para Eliseu:

— Você aí, onde é que fica a tal de barraca?

— Por êste lado, “seu” doutor; por aquí, sim senhor.

— Ê muito longe?

— Não senhor; há de ter meia légua, sim senhor.

E a polícia seguiu a direção indicada pelo cabra.

O delegado, vendo que o caminho se embrenhava por um capão de mato, advertiu:

— Atenção! Muita atenção, gente!

Os homens não diziam uma palavra sequer. Sòmente se ouviam os cascos dos cavalos batendo nos pedregulhos espalhados pelo chão e, de vez em quando, o piar de alguma ave solitária. Lá, muito distante, o eco respondia às pancadas de um machado derrubando árvore no meio do mato.

Depois de quase meia hora de caminho, Eliseu fêz sinal de que estavam próximos. O delegado deu ordem de desmontar e continuaram andando a pé. Sempre de orelha à escuta e dedo no gatilho, os homens estavam preparados para o que desse e viesse. Já agora andavam de mansinho, atentos e cautelosos.

— Ê alí — segredou Eliseu junto ao delegado, apontando para uma barraca construída numa pequena elevação do terreno.

O dr. Godói fêz sinal com a mão e os homens se dispersaram, procurando envolver o terreno.

A tensão nervosa era indisfarçável. Todos estavam com o coração batendo mais depressa. Eliseu, então, êsse dava a impressão de que ia ter uma vertigem.

Quando chegaram a uns dez passos da barraca, ainda encobertos pela vegetação, o delegado chamou o sargento

e segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Este fêz sinal afirmativo com a cabeça, e, aproximando-se de Eliseu, falou-lhe, em voz baixa:

— “Seu” doutor disse que é pra você ir ver se tem alguém lá dentro.

— Lá dentro?! Eu?! — perguntou o cabra, pondo-se a tremer ainda mais.

— É, você mesmo. E é pra já.

— Mas... eu... eu... — gaguejou Eliseu, mais morto que vivo.

— Ou vai já ou então eu te sangro agorinha mesmo, com esta faca na cacunda, seu cachorro — murmurou o sargento entre dentes, enquanto tirava a faca da bainha.

Eliseu compreendeu que estava entre a cruz e a caldeirinha. Titubeou uns instantes e finalmente decidiu-se. Foi avançando meio agachado, devagar, olhos fixos na barraca, à espera de receber, a qualquer momento, uma carga de chumbo em pleno peito. Quando chegou ao alcance da porta, hesitou novamente. Aquêles silêncio o aterrorizava, tanto mais que sabia, sentia que uma porção de olhos estavam pregados nêle, como se quisessem penetrar na sua alma. O cabra suava e bufava; parecia haver feito às carreiras uma longa caminhada e não aquêles poucos passos. Empurrou a porta e esperou. Nada. Fêz um esforço supremo, enfiou a cabeça para o lado de dentro e assuntou. Abriu bem os olhos e esquadrinhou o interior da barraca. Depois, já mais aliviado, voltou-se para o lado onde ficara a autoridade e fêz sinal de avançar.

Aquilo tinha sido superior às suas fôrças. E Eliseu sentou-se ali mesmo, com os ouvidos a zunirem e a cabeça à roda. Desmaiou.

A escolta aproximou-se e, enquanto os soldados ficavam montando guarda do lado de fora, o dr. Godói, o escrivão, o comandante e Horácio entraram na barraca. Pouca coisa havia ali dentro: camas tôscas, arreios, canastras, algumas espingardas, carabinas, garruchas e munição. Muita munição.

— Abra as canastras — ordenou a autoridade ao comandante.



Depois de abertas, o dr. Godói retirou de uma delas, escondidas bem no fundo, algumas cartas. Passou uma vista dolhos, sorriu e disse:

— Estamos com sorte. Só com esta documentação apreendida aquí e na fazenda de M. S. O., tenho elementos mais que suficientes para processar os protetores de Dioguinho.

— Essas cartas de quem são? — perguntou Horácio, interessado.

— São dêsses miseráveis que vinham protegendo o bandido. Mas agora eu hei de acabar com êles. Irão dar todos com os costados na cadeia. Lá em Cravinhos teremos tempo de ler estas cartas com mais vagar.

— Onde será que o Dioguinho se meteu, hein, “seu” doutor? — indagou o escrivão.

— Eu estava certo como dois e dois são quatro que havia de topar com êle aquí, juro! — falou o comandante, meio aborrecido por se lhe ter escapado a prêsa pela segunda vez.

— Interessante! — exclamou o delegado, examinando um caderno de notas. — E dirigindo-se ao escrivão: — Olha! Olha aquí, Artur, veja as anotações de Dioguinho. Curioso! Êle tem a sua escrituração. Os nomes dos camaradas que trabalharam para êle e as quantias pagas. E tudo bem certinho, com letra boa. Ótimo! Mais elementos; guarde com cuidado — concluiu, entregando os documentos ao escrivão.

— Será que êle esteve aquí depois que fugiu da fazenda de M. S. O.? — perguntou Horácio.

— Com tôda a certeza. Mas deve ter sido avisado de que vínhamos no seu encalço e nem teve tempo de arrebanhar suas coisas — respondeu o dr. Godói.

— E agora, “seu” doutor, quais são suas ordens? — indagou o comandante.

O delegado tirou o chapéu, coçou a cabeça, pensou um pouco. Perguntou:

— Onde está o Eliseu?

— Está aí fora — respondeu o escrivão — acho que até já sarou do susto.

O delegado saiu e encaminhou-se para o cabra, que ainda estava sentado no mesmo lugar, meio abobado.

— Levante-se!

Eliseu levantou-se a custo; com muito esforço conseguiu perfilar-se, com a mão em continência.

— Pronto, “seu” doutor.

— E agora, onde é que devemos procurar o homem?

— “Seu” Diogo? Agora? Agora não sei não, “seu” doutor — respondeu, olhando com o rabo dos olhos para o comandante, de quem já esperava outro pescoção. Felizmente para êle, isso não se deu.

— Está bem — disse a autoridade — o melhor que temos a fazer é voltar para Cravinhos e iniciar o inquérito imediatamente. Enquanto não puser no xadrez êsses miseráveis que dão asilo ao bandido, ficaremos por aquí a brincar de cabra cega com êle. Mas eu lhes mostrarei. Êles hão de ver quem é que pode mais. — E dirigindo-se ao comandante:

— Apreenda essas armas, a munição, os dozes animais que dizem pertencer ao Dioguinho.

— O senhor não acha melhor destruir esta barraca? — perguntou o comandante.

— Boa idéia; ponha fogo nisso e vá encontrar-se comigo lá na sede da fazenda. Vou na frente providenciar o almôço para o pessoal. Logo depois de comer voltaremos para Cravinhos. Preciso chegar lá hoje mesmo.

Daí a pouco, ouviu-se o ruído de madeira queimado. Eliseu olhou para trás, teve um calafrio e resmungou qualquer coisa.



## CAPÍTULO XXIX

Na Subdelegacia de Polícia, o dr. Godói andava de um lado para outro, enquanto ditava ao escrivão um ofício urgente ao chefe de polícia, prestando-lhe conta dos trabalhos até então realizados. Depois, sentando-se à sua mesa, perguntou:

— Que dia é hoje, mesmo, “seu” Artur? Aquí nesta choldra não há nem folhinha.

— Dia 13. 13 de abril.

— Obrigado. — E dizendo isso, o delegado se pôs a escrever:

*“Cravinhos, 13 de abril de 1897. Chegando ao meu conhecimento que fazendeiros e negociantes dêste município e outros vizinhos protegem o assassino Diogo Rocha e seus capangas, asilando-os em suas casas e fazendas, prestando-lhes auxílios materiais e procurando ocultar os seus crimes, sabendo que são criminosos e para êsse fim se reünem, mando ao escrivão dêste Juízo que autuando esta, intime as pessoas sabedoras, a fim de deporem hoje nesta Delegacia, às duas horas da tarde. O que cumpra. O Delegado em comissão”.*

E assinou: *Antônio de Godói Moreira e Costa.*

Esperou secar a tinta e depois, passando a fôlha de papel para o escrivão, disse:

— Autue esta portaria e prossiga como de costume. Quanto às testemunhas, já foram tôdas notificadas. Daquí a pouco estarão aquí. Já sabe quais são elas, não é?

— Sei, sim senhor — respondeu o escrivão, lendo uma nota que se achava sôbre a mesa: Horácio de Rezende Meireles, João Medeiros Filho, António Serapião, Saturnino Leite da Silva, Luís Costa e Alípio César Rezende.

— Muito bem. Para ganhar tempo, vamos tomar agora as declarações do Eliseu Prudente.

O carcereiro abriu a porta do xadrez e conduziu Eliseu à sala do delegado.

— Sente-se aí — ordenou a autoridade ao cabra, indicando-lhe um banco junto à mesa do escrivão.

Eliseu, todo humilde, foi sentar-se no lugar indicado, sem saber o que fazer com as mãos; deixou-as ficar sôbre as pernas, depois juntou uma à outra, ficou torcendo os dedos, enfiou uma no bôlso, pôs a outra na barriga, enfiando o dedão no vão da cinta. Por fim, acomodou-se assim.

— Qual é o seu nome? — perguntou o dr. Godói.

Eliseu levantou-se, deu um sorriso e respondeu: — Eliseu Prudente, seu criado.

— Pode sentar-se. Agora você vai responder ao que eu lhe perguntar. E veja lá, nada de mentiras, hein! — E voltando-se para o escrivão: — Pode qualificar o homem.

Às perguntas da autoridade, Eliseu foi respondendo: Eliseu Prudente, com vinte anos de idade, natural da cidade de Diamantina, Estado de Minas Gerais, cocheiro, solteiro, filho de José Mateus, ex-escravo, residente na fazenda de A. F. N., na barraca de seu patrão Diogo da Rocha Figueira.

— Há quanto tempo você trabalha com o Dioguinho?

— Já vai pra cinco meses.

— Por que é que você usava o nome de Joaquim?

— Isso foi pra enganar “seu” Diogo. Eu disse pra êle que me chamava Joaquim pra não ser perseguido por êle quando resolvesse campear outro emprêgo. Ê sim senhor, foi só por isso.

— Quantos crimes Dioguinho praticou enquanto você esteve junto com êle?

— Foi... é... Foi oito. Espere um pouco... È, foi oito mesmo — e começou a contar nos dedos — um moço claro, na fazenda do “seu” T., em São Simão; um turco lá na fazenda “Velha” do “seu” coronel Candinho, êsse diz que tinha roubado uma garrucha do filho lá do homem; um português, também na fazenda do “seu” T., pra roubar trinta contos de réis que êle tinha no bôlso; nesse mesmo lugar, “seu” Diogo matou um moço moreno, do Espírito Santo de Batatais, que tinha cinco contos de réis pra comprar gado do fazendeiro; matou o Joaquim Pedro, camarada dêle Dioguinho, por ter êle pedido as contas, pra sair da companhia dêle; um outro moço que também não sei o nome, e que esteve cinco dias na casa do “seu” T.; tem mais um moço que não conheço, que também morreu nessa fazenda... coitado! — comentou Eliseu, já a essa altura alheio ao ambiente, com o pensamento distante, como se estivesse revivendo aquelas cenas.

— Conte como foi êsse caso — ordenou o delegado, cuja curiosidade fôra despertada pelo tom de comiseração do bandido.

— Êsse? Homem, “seu” doutor, nem me lembro bem... nem sei porque foi. O moço estava alí por perto da casa do fazendeiro. Era de tardezinha. “Seu” Diogo chegou perto do moço e, sem dizer nada, deu um sôco na cara dêle, com tôda a fôrça. O tal ficou tonto, olhando espantado...

— Mas êle foi dando o sôco no outro, assim à-toa, sem razão? — interrompeu o delegado.

— Pois é “seu” doutor, eu não tinha percebido nada antes, não senhor. E até hoje ainda não sei porque êle fêz aquilo. Depois garrou o moço pela gola do paletó, o sr. sabe como é? e foi levando êle, empurrando, até uma árvore alí perto. Amarrou o pobre com um pedaço de corda, bem amarrado. Voltou pra trás, carregou a carabina e disse assim:

— Agora você vai morrer, caboclo. Pode fazer o sinal da cruz e não demore, senão não dá tempo. E pum! meteu uma bala bem na testa do tal. Que judiação! Aquêle pobre nem deu pra gente ficar com raiva dêle. Foi tudo tão depressa...

— E depois, o que foi que aconteceu? — indagou o delegado.

— Aí “seu” Diogo puxou da faca, cortou o homem em pedaços e foi atirar tudo na lagoa, que tem lá na fazenda. A caveira dêle deve de estar por lá — concluiu Eliseu.

— E foram só êsses os crimes que você viu?

— Tem também os últimos que eu assistí, os do Cerrado. A Balbina e o Marciliano Fogueteiro.

— Nesses você tomou parte direta, não é assim?

— Ê sim senhor.

— E êle tinha outros crimes planejados?

— Tinha, sim senhor. Era pra matar um homem lá em São Simão, que tinha sido delegado, e “seu” Horácio farmacêutico, aqui mesmo no Cravinhos. Foi a chegada do “seu” doutor com os soldados que atrapalhou tudo.

— E o seu patrão tinha muitos protetores, gente que ajudava êle? Tinha?

— Chi! uma porção dêles.

— E quem eram êles?

Eliseu foi enumerando um por um, enquanto o dr. Godói tomava nota. Quando acabou, o delegado comentou, dirigindo-se ao escrivão:

— Com exclusão dos três últimos, são os mesmos que nós já sabíamos. Voltando-se outra vez para o prêso — E quais foram as pessoas que tomaram parte nos crimes do Cerrado?

— No da Balbina e “seu” Marciliano Fogueteiro? “Seu” Diogo, o irmão dêle, “seu” Joãozinho Dabney, o Maximiano Carlos da Silva, êsse era empregado do português João Simão, empreiteiro da fazenda do Jataí, o Pereira Baiano, agregado na fazenda do José Lapa, e eu.

— Você me disse lá na estrada, depois que nós o prendemos, que foi você quem levou o telegrama que o Dioguinho escreveu em nome da Balbina para o Marciliano, não é?

— Ê sim senhor, fui eu. “Seu” Diogo escreveu e eu fui levar na estação. Já era de noite e o homem disse que só podia passar no dia seguinte. E “seu” Marciliano enguliu o negócio e foi lá pra morrer, talequal como eu já contei.

— E por que é que você andava com êsse homem?

— Eu? Ué! porque êle me obrigou.

— Obrigou o que! Então um homem como você pode ser obrigado a matar os outros. Deixa de bobagem. Obrigou!

— “Seu” doutor me desculpe; não vá levar por mal, mas o senhor diz isso porque ainda não conhece bem “seu” Diogo. Com êle não se brinca, não. Êh! Êh! homem ruim está ali. Quando êle cisma com uma coisa, nem o diabo pode com êle. Tem que acompanhar e fazer o que êle manda, senão é mais uma orelha pro rosário.

— Escuta aquí, essa história de rosário de orelhas é verdade mesmo?

— Eu nunca ví, “seu” doutor, mas quando êle mandou cortar a orelha do Marciliano, êle disse, que eu ouvi com êstes ouvidos que a terra há de comer, se não morrer queimado nem afogado: — Com esta intera vinte e quatro! — Disse, sim senhor. O Maximiano e o Pereira também ouviram.

— E onde é que êle pôs essa orelha, você viu?

— No bôlso. E depois foi mostrar lá pros homens. Eu não ví a fieira das orelhas, não, mas tem gente que viu. Diz que é uma coisarama dêste tamanho, tudo murcho e sêco. O povo fala que é com êle que “seu” Diogo reza a oração dos crimes dêle.

— Rezar em rosário de orelhas?! — interrompeu o dr. Godói, com ar de quem não acreditava.

— Ê “seu” doutor, êle reza nas orelhas dos outros. Não é invenção minha, não senhor. Pobre de mim, se êle soubesse que eu estou aquí agora contando estas coisas — concluiu Eliseu, passando a mão nas próprias orelhas.

O delegado riu e piscou um ôlho para o escrivão. Em seguida, começou a ditar as declarações de Eliseu.



## CAPÍTULO XXX

A presença de escoltas armadas em várias cidades do interior, as diligências realizadas pelo dr. Godói nas duas fazendas, com a conseqüente apreensão de armas, munições, animais e outros pertences do criminoso, os documentos comprometedores arrecadados pela polícia e a instauração do inquérito em Cravinhos, tudo isso pusera em polvorosa a população rural do Estado, que acompanhava com intenso interêsse, através do noticiário dos jornais e do relato dos viajantes, a perseguição a Dioguinho, seu irmão e seus capangas.

Os palpites, os prognósticos eram, na sua maioria, a favor do bandido.

— Qual o que! O Dioguinho engana todos êles e acaba sumindo por êsse mundão, sem deixar rastro.

— Che! Foge nada. Êle está por aí só tomando nota dos que estão pondo as manguinhas de fora. Escuta o que eu estou falando. Você vai ver só uma coisa. A polícia faz um barulhão, prende, solta, e depois vai se embora outra vez. Aí então é que eu quero ver.

— Êsse homem é danado, gente. Pior que o currupira. Êles não dão com o rastro do Dioguinho nem a cacete. Sou capaz de apostar que êle está por aquí bem fresquinho, vendo tudo, sabendo de tudo.

— Homem, eu é que não queria estar na pele do Horácio, ou então do Eliseu. Nem dêsse tal de dr. Godói.



— Escuta aqui, compadre, vou contar pra você um segrêdo. Olhe lá, hein! não me comprometa. Você jura? Pois ontem de noite o Dioguinho foi visto passeando pelas ruas vestido de mulher. Quem viu me jurou pelo leite que mamou em criança que era mesmo o “seu” Diogo...

Êsses, entre outros, os comentários que, à bôca pequena, faziam os habitantes de Cravinhos. E, com poucas variantes, os de tôda a zona Oeste do Estado.

Havia, também, os que acreditavam que Dioguinho, dessa vez, seria prêso ou morto. E entre êsses, ninguém desejava mais ardentemente que isso acontecesse do que sua própria mulher, Dona Antônia de Melo, de quem vivia separado. Separado é um modo de dizer, porque, embora passasse longos períodos de tempo afastado de casa, sem dar notícias suas, Dioguinho, quando menos se esperava, aparecia lá, impondo suas prerrogativas de marido.

Antoninha, como a chamavam na intimidade, casara-se por amor. Pouco tempo, porém, durou seu encanto pelo marido. Dioguinho, de gênio violento, impulsivo, batia nela freqüentemente, sem qualquer motivo. Tinha com isso um prazer sádico.

Saía de casa para suas aventuras criminosas, ficava meses e até anos longe, desaparecido, e, de repente, voltava, sem mais aviso. Ao vê-lo, Antoninha tremia.

— Então, está com saüdades de mim? Sentiu muita saüdade do seu maridinho? — essas eram as suas primeiras perguntas, com o seu que de sarcásticas.

— Estou, sim — respondia a pobre mulher, forçando um sorriso.

— Está, não é? Está com saüdades do Dioguinho, não é, meu bem?

— Estou.

— Então tome, pra matar essa saüdade! — e metia-lhe o rêlho, sem dó.

A infeliz gritava, gritava, e êle lhe dava golpes sôbre golpes, até vê-la caída no chão, gemendo. Então se sentia satisfeito. Procurava agradá-la, dizia-lhe palavras carinhosas,

obrigava-a a trocar de roupa e tudo continuava como se não houvesse acontecido nada. Passava em casa um, dois, três dias ou quantos lhe desse na veneta. Depois, sumia novamente.

Tais fatos, porém, chegaram ao conhecimento do pai de Antónia, que resolveu mandar buscá-la por um filho, acolhendo-a em sua casa, em Itatinga, numa fazenda às margens do Rio Pardo.

Apesar de estar residindo com sua família, Antónia não se sentia tranqüila. Foi por isso que, não obstante sua formação religiosa, ela tantas e tantas vêzes rogara a Deus que afastasse o marido do seu caminho.

Agora, com aquelas notícias, sentia renascerem-lhe as esperanças de uma vida sem sobressaltos. E largando o jornal sôbre a mesa da sala de jantar, foi para o seu quarto, onde se pôs a rezar baixinho, pedindo, fervorosamente, que a polícia o prendesse. Ou então... Antóninha ficou surpreendida com o pensamento que lhe ocorreu. Sacudiu a cabeça, assustada, como se quisesse afastar de si aquela má idéia. Depois, pensou um pouco, e murmurou baixinho: — ... ou então, que o matem... Sim, é melhor. E fêz o sinal da cruz.

\* \* \*

Depois de ter fugido da fazenda do "Pântano" e da fazenda "Velha", Dioguinho e o irmão foram ao lugar denominado "Cortado", onde se homiziaram na casa de J. F..

A primeira coisa que o bandido pediu foram os jornais. Queria saber o que se dizia a seu respeito e, sobretudo, como ia a ação da polícia. Devorou as notícias, ora sorrindo, ora se enfurecendo, soltando improperios e proferindo ameaças.

Depois quis saber do amigo quais eram as últimas novidades.

— Então, José, o que é que você sabe?

— Eu, "seu" Diogo, pouco tenho ido à cidade. Só sei mesmo o que êsse povo por aí anda falando e o que está escrito nos jornais, que o sr. já leu.

— E o povo, anda falando o que?

— Que a polícia está atrás do senhor. Diz que chegaram soldados de São Paulo, comandados por um delegado, e que êles já estiveram em dois lugares onde o senhor costumava parar, lá no “Pântano” e na fazenda “Velha”. Diz que apreenderam suas carabinas, espingardas, munição, uma porção de documentos e não sei mais o que.

— Só isso?

— Diz também que queimaram suas barracas...

Dioguinho deu um murro na mesa, que fêz tilintar o vidro do lampião, gritando:

— Cachorros! Miseráveis! Covardes! Êles me pagam, e caro, “seu” José! Caro, você há de ver!

— Sabe se êles prenderam algum companheiro nosso? — perguntou Joãozinho.

— Ouví falar que lá no “Pântano” êles prenderam o Joaquim. Por sinal, “seu” Diogo, que o nome dêle não é Joaquim. Ê Eliseu. Êle lhe deu o nome errado, enganou o senhor...

Dioguinho, interrompendo o outro, falou, dirigindo-se ao irmão:

— Êsse moleque chibarro não presta. Eu já estava querendo mesmo acabar com êle. Devia de ter feito isso lá no “Pântano”. Êle que espere. Também vai pra minha lista.

— O senhor precisa botar também na sua lista o tal de farmacêutico... Como é mesmo o nome dêle? — perguntou José.

— Horácio.

— Isso! Êsse tal está fazendo o diabo contra o senhor e nós todos. Acompanha a escolta, aponta um, aponta outro, chama gente pra contar coisas contra o senhor. Homem, dizem que êsse é o seu pior inimigo.

Dioguinho rilhou os dentes, cerrou os punhos, e bravejou:

— Filho da...! Êsse daí já estava combinado de morrer no dia dez. Covarde! Não faz mal. Não poderá ser nesse dia, mas êle morre. Ah! se morre. Ficou adiado, mas é por pouco.

— E o Eliseu, contou alguma coisa pra polícia? — indagou Joãozinho.

— Diz que sim. Que está contando uma porção de coisas. Ele também acompanha a escolta, nas batidas.

— Você já viu, Joãozinho? Esses porqueiras estão pensando que eu já morri!

José, que estava ficando apreensivo com a raiva do amigo, resolveu mudar o rumo da conversa:

— O senhor vai pousar aqui, não é?

— Vou. Isto é, vou dormir no mato, aqui por perto. É mais seguro. Preciso ficar prevenido. Qualquer coisa que aconteça é mais fácil fugir do que daqui de dentro.

— Logo ali, na direção do córrego, tem um capãozinho de mato que está bem no jeito pra isso.

— Então vamos pra lá. Me empreste uns cobertores.

José foi buscar tudo de que podia dispor para servir os amigos. Cobertores, lençóis, palas. Depois, pegou o lampião e foi saindo, acompanhado pelos outros.

Dioguinho, pelo caminho, ia dizendo:

— Quando eu pegar de jeito êsses canalhas, êles hão de ver com quantos paus se faz uma canoa. Êsse Horácio, então, quero acabar com êle devagarinho, devagarinho. Vou cortar êle em pedaços tão pequenininhos, que cada um não há de pesar mais de cem gramas. — E dizendo isso, mostrava com os dedos o tamanho dos pedaços. — Assinzinhos...

José, que ia na frente, ao ouvir o tom da voz de Dioguinho, teve um calafrio:

— Credo!



## CAPÍTULO XXXI

Depois de ter arrumado as camas no chão, improvisando colchões com folhas secas, José estendeu os lençóis e os cobertores. E perguntou:

— Precisam de mais alguma coisa?

— Não, obrigado, José. Agora você pode ir. Até amanhã.

Quando o homem já havia andado uns vinte passos, Dioguinho gritou:

— Ó José, se acontecer qualquer novidade por lá, dê um jeito de avisar, ouviu? Assobie, que eu tenho o sono leve.

— Pode dormir descansado.

Dioguinho deitou-se como estava, por cima do cobertor. O céu, estrelado, sem uma nuvem. Noite agradável: nem frio nem calor. Joãozinho, êsse tirou as botas, desapertou a guaiaca e se enfiou em baixo das cobertas.

— Estou piorando dos intestinos; cada vez sinto mais aquela dôr aquí na barriga. E o remédio já acabou — disse Dioguinho.

— Será que o José não terá aí qualquer coisa que sirva pra isso? — alvitrou o irmão.

— Esquecí de perguntar.

— Quer que eu vá ver?

— Não, não precisa. Vamos esperar até amanhã.

Fêz-se silêncio. Só se ouviam as cigarras e os grilos cantando. Dioguinho, mentalmente, ficou fazendo o balanço da sua situação. Pensou nos amigos que estavam sendo perseguidos; amaldiçoou os inimigos que se assanhavam contra êle. Refletiu sobre uma porção de coisas. Então disse:

— João, você está dormindo?

— Não.

— No que é que você está pensando?

— Coisas. Bobagens, essas que a gente pensa quando não tem o que fazer e o sono custa pra chegar.

— Eu gostaria de saber por que é que a gente lembra certas coisas, principalmente quando está deitado, se preparando pra dormir. Você sabe o que é que eu lembrei agorinha mesmo, quando essa coruja passou por aí piando?

— Não. O que foi?

— De um caso que aconteceu lá nesse lugar chamado Ilha Grande. Já faz um tempão. Você está com sono?

— Não estou, não. Conte.

Dioguinho virou-se para o lado do irmão, cobriu as pernas com o cobertor, e contou...

\* \* \*

Manuel Rodrigues era talvez o comerciante mais rico de Ilha Grande (hoje Ipaussú). Português de nascimento, viera para o Brasil como colono; e aqui enriquecera à custa do seu trabalho e do seu espírito de economia. O homem, porém, tinha lá os seus fracos: era dado a conquistador e metido a valentão.

Nesse mesmo lugar morava outro comerciante, menos próspero e mais pacato, casado com uma mulher bonita. E como acontece geralmente em lugares pequenos, onde há uma mulher bonita e faceira e um homem decidido e ainda por cima dado a D. João, os dois lá se entenderam.

A princípio, a coisa foi feita com certo cuidado e discreção. Por fim, com o hábito, deixaram de tomar as precauções, foram facilitando, e, a essa altura, já não havia ninguém em Ilha Grande que não soubesse dos amores do português com a espôsa do seu concorrente. Concorrente duas vezes: no comércio de secos e molhados e nos amores da linda mulher.

O marido, ao saber que estava sendo enganado, quis estrilar, mas o Manuel deu a entender que estava disposto até a matá-lo, se necessário, caso êle se metesse a querer tomar qualquer atitude. E o coitado ficou quieto, com mêdo do português.

Certo dia, ouvindo conversas lá no armazém, o homem soube que havia um tal de Dioguinho, que por dinheiro se encarregava de resolver certas paradas. Era do que êle estava precisando. Juntou cinco contos de réis e foi procurá-lo.

— Ouví dizer que o senhor se encarrega de matar uma pessoa por dinheiro.

— Quem é que disse?

— Ouví dizer por aí — respondeu o outro.

— Quanto você tem?

— Cinco contos de réis.

— E quem é o tal?

— O Manuel Rodrigues, que mora lá em Ilha Grande.

— Hum! E o que foi que êle lhe fêz?

— Procedeu mal comigo.

— Isso não explica nada, homem. Eu perguntei o que foi que êle lhe fêz. Isso é o que eu quero saber, está ouvindo?

— Anda me traindo com minha mulher...

— Ah! E por que é que você não mete uma bala nêle e uma surra de rabo de tatú na sua mulher?

— Porque... porque não tenho coragem.

Dioguinho olhou para o homem com desprêzo.

— Está bem, passe pra cá o dinheiro. Amanhã eu vou resolver isso pra você.

No dia seguinte, ao anoitecer, Dioguinho foi visto em Ilha Grande. A notícia logo se espalhou pelo lugarejo.

Já passava da meia-noite, quando bateram à porta da casa de Manuel Rodrigues.

— Quem é?

— Sou eu; preciso falar com o senhor.

O português abriu a porta e o homem entrou.

— Quem é o senhor e o que deseja?

— Sou o Dioguinho — respondeu, fechando a porta.

Manuel, num instante, compreendeu tudo. De manhã vira o marido da fulana de cara alegre, assobiando, o que já não acontecia há muito tempo. Ligou êsse fato à viagem do homem e as duas coisas ao aparecimento de Dioguinho na sua casa. Teve um estremecimento e olhou rápido para a mesa em cuja gaveta guardava a garrucha. Dioguinho percebeu e pôs a mão na coronha do revólver.

— Vim aquí resolver um caso pra um amigo cuja mulher você não soube respeitar.

— Eu?

— Ê, você mesmo — e, dizendo isso, foi tirando a arma da cinta.

— Pelo amor de Deus, espere um pouco. O senhor quer dinheiro? Eu tenho, eu tenho...

— O outro já me deu o que eu queria.

— Mas eu também dou.

Dioguinho riu e disse:

— Assim, então, não adianta. Empata.

— Eu lhe dou dois contos de réis pro senhor não fazer nada. Ê tudo o que tenho agora aquí em casa.

— Êle me deu cinco.

— Eu também dou, amanhã sem falta eu dou. Dou até mais. Pode levar os dois contos hoje, por conta.

Dioguinho pensou um pouco e depois falou:

— Não; não pode ser. Trato é trato. Êle combinou primeiro. Isso não é direito.

— Mas...

— O que eu posso fazer — interrompeu Dioguinho — é um outro trato com você, quer?

— Quero, faço, pode dizer.

— Olha aquí, você dá vinte passos lá fora, o mais que der o comprimento das suas pernas, está ouvindo? Até aí eu não atiro, sabe? Depois, você corre pra onde quiser. Aí então eu dou um tiro só. Se acertar, acertou... se não acertar, você foge. Serve?



— Mas assim...

— Olha homem, não tenho tempo pra perder com conversa. Se serve, serve. Se não serve, diga logo.

Manuel, que já conhecia a fama de Dioguinho e sabia que não adiantava insistir, concordou com a proposta. Valia a pena tentar. Morrer por morrer... quem sabe o outro errava o alvo.

— Está bem; se não tem outro jeito, aceito.

E foi buscar o dinheiro, que entregou a Dioguinho.

A rua estava deserta.

— Pode começar — ordenou Dioguinho, sempre com o revólver na mão.

Manuel Rodrigues esticou bem as pernas, e começou a andar, tremendo. Um, dois, três... Do dezenove para o vinte, o homem saiu correndo, em zigue-zague, pulando feito cabrito...

Ouviu-se um tiro. O português deu uma cambalhota no ar e... burucutú.

\* \* \*

— Um tiro só? — perguntou Joãozinho.

— Só um. Eu tinha prometido.

— E estava escuro?

— Malemal; dava pra ver a sombra.

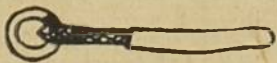
— Bonito tiro êsse! — comentou o irmão, com satisfação.

— Qual, foi caipora do português. Eu atirei na outra direção, mas êle pulava tanto, tanto, que foi parar no lado errado...

— Sei, lado errado... Errado, hein! — exclamou Joãozinho, rindo.

— Bom, agora vamos dormir, que amanhã temos que andar muito. Boa noite.

E dizendo isso, Dioguinho virou-se, ficou de bruços, ajeitando o cobertor. Dormiu como um santo.



## CAPÍTULO XXXII

**D**e manhã, logo depois do café, Dioguinho continuou a queixar-se de cólicas na barriga. Com as duas mãos juntas, comprimindo o ventre, disse, entre caretas:

— Foi a friagem da madrugada. Ontem de noite, quando deitei, já sentí dôres, não é verdade, Joãozinho? mas não quis incomodar...

— Que incômodo, nada — exclamou José — isso é coisa pra mulher. Se tivesse falado, eu tinha mandado preparar um chazinho e, agora, estava bom. Mas eu mando fazer já, não custa.

— Não adianta. Eu só saro mesmo com aquêle remédio que mando preparar na farmácia.

— Um chá sempre ajuda, Diogo — aconselhou o amigo.  
— Não custa, a mulher faz num instante.

Logo depois, a mulher de José preparava um chá de camomila, que Dioguinho tomou. Ou porque a bebida houvesse ajudado, ou porque a dôr tinha que passar mesmo, o certo é que, na hora do almoço, Dioguinho já estava melhor. Depois de comer, o bandido perguntou a José:

— Você sabe onde fica a casa do Cândido Teixeira da Silva, em Guatapará?

— Sei. Já estive lá uns par de vêzes.

— Você pode me acompanhar até lá?

— Posso.

— Então acho melhor nós irmos logo levantando acampamento. Já parei muito tempo por aquí.

Dioguinho deu instruções à mulher de José de como deveria responder à polícia caso por alí aparecesse procurando-o. Depois, em companhia do irmão e do amigo, tomou o rumo de Guatapará, por atalhos que evitavam os caminhos mais concorridos.

\* \* \*

A noite já ia alta, quando os três se apearam à porta da casa de Teixeira da Silva. José bateu de leve na janela do quarto, e esperou. Ninguém respondeu. Bateu outra vez e então, lá dentro, uma voz perguntou, a mêdo:

— Quem é?

— Sou eu, José.

Não demorou muito, a porta abriu-se e apareceu o dono da casa com um lampião a carbureto, soltando uma luz forte e desprendendo um cheiro mais forte ainda.

Os três homens entraram.

— Noite.

— Noite. Entrem.

— Me desculpe — foi dizendo José — de vir incomodar a estas horas, mas preciso de um favor seu.

— Não se vexa, não, que pra servir um amigo não tem hora — respondeu Cândido.

— È que aquí o meu amigo Diogo Rocha e mais o irmão dêle, “seu” Joãozinho, precisavam de parar uns dias mais ou menos escondidos, até que se resolva uns mal entendidos que sucederam com êles.

Cândido Teixeira, que havia lido as notícias nos jornais, ao ouvir o nome do facínora, ficou inquieto. Compreendeu logo que êle alí estava fugindo da polícia. O homem não desejava complicações, tanto mais que os jornais diziam que dar asilo a Dioguinho constituía crime. Assim, meio temeroso, procurou descartar-se da maneira mais delicada possível:

— O sr. sabe, “seu” José, que eu sou um homem trabalhador, e tenho mulher e filhos. Eu acredito mesmo que tenha sucedido uns mal entendidos aí com seus amigos, mas é que isso pode não dar certo, não é? Não é por mim, o sr. compreende...

Dioguinho percebeu que o homem já estava a par de tudo e que não adiantava mentir. Por isso interveio, de chofre:

— Não tem perigo, não, “seu” Cândido, êles não vêm aqui me procurar. Já deixei falado por aí, pra quando a polícia perguntar por mim, que dissessem que eu andava de um lugar pra outro, sem destino fixo. Assim, êles ficam quemem barata tonta, se cansam e vão embora. Ë só enquanto a escolta estiver atrás de mim, e êles se cansam logo; depois disso não carece mais, não.

— Ë só por dois ou três dias — ecoou José.

— Está certo, está certo, eu entendo tudo isso, mas é que por aqui tem muita gente abelhuda, fica logo querendo saber quem os senhores são, de onde vieram, sabe como é, garra a especular, ficam falando pra um e pra outro, e não demora a escolta aparece por estas bandas. Aí desgraça com a gente. Ëste lugar não serve pros senhores.

O homem estava realmente com medo. E gente medrosa é um perigo. Dioguinho refletiu e achou melhor não ficar por alí, de maneira nenhuma.

— Ë, acho que “seu” Candinho tem razão. Ësse povo vai querer saber quem a gente é, e não dá certo. Não é, Joãozinho?

Sem mesmo esperar a confirmação do mano, Dioguinho interpelou o dono da casa:

— O senhor conhece bem esta zona por aqui, não é? O José me disse que ninguém conhece estas redondezas melhor que o senhor.

— Conheço, sim senhor; se conheço. Sou morador antigo por estas bandas; desde que vim de Minas.

— Pois então, “seu” Cândido, eu lhe peço pouso por esta noite. Estou sofrendo muito dos intestinos. Dormí a noite

passada no mato e a friagem me fêz mal. Amanhã cedo, se Deus quiser, nós vamos nos largar pra mais longe. Espero que o sr. concorde.

Cândido, apesar da luz agora já fraca do carbureto, reparou que Dioguinho estava abatido. Teve pena e, ao mesmo tempo, pensou que dos males a gente sempre deve escolher o menor. O homem só queria passar aquela noite ali, prometendo retirar-se logo de manhã, sem zangas nem imposições. Não podia ser melhor. Concordou:

— Pois sendo assim, a casa é sua. Fique a gôsto.

— Obrigado. Agora um outro favorzinho seu. O senhor conhece a fazenda do “seu” Juca Fernandes, em Araraquara, não sabe?

— Conheço.

— Queria que me levasse até lá. O senhor pode?

Cândido pensou um pouco e achou conveniente não contrariar aquêlê homem perigoso. Já se recusara a dar-lhe asilo por mais de uma noite; agora, se se recusasse a acompanhá-lo, isso podia ser tomado como desafôro. E depois, de qualquer jeito, levando-o pra lá estaria afastando cada vez mais aquêlê sujeito perigoso da sua casa.

— Posso, sim senhor. Com muito prazer.

— O senhor conhece algum caminho por onde não passe muita gente?

— Conheço um pôrto particular, fácil de atravessar o rio e que pouca gente sabe dêle.

— Ótimo! Então vamos descansar e logo de manhã cedo seguiremos pra lá.

\* \* \*

Depois de terem tomado café, José despediu-se dos amigos e estes, guiados por Cândido, tomaram o caminho do município de Araraquara, em demanda da fazenda de Juca Fernandes. Andaram a tarde tôda por trilhos e atalhos no meio do mato, evitando sempre lugares concorridos de gente. Não pararam numa venda sequer. Já era noite quando chegaram ao destino.

Assim que soube que Dioguinho e o irmão estavam em sua fazenda, Juca Fernandes ficou deveras contrariado; zangado, até. Mandou chamar dois cabras de confiança, que ficaram ali por perto d'êlé, disfarçados, mas de ôlho nos recém-chegados. Ao tomar conhecimento do motivo por que Dioguinho o procurava, o fazendeiro disse logo:

— Sinto muito, mas não pode ser. Eu não quero me comprometer com a justiça. O senhor está sendo procurado por causa de uns crimes que dizem que o senhor cometeu. Aquí na minha fazenda não quero esparramos com escolta da polícia e eu não estou disposto a ser prêso, nem a gastar dinheiro com advogados. Lá em Cravinhos já tem bastante gente complicada por causa disso, chega!

Dioguinho não gostou da acolhida. Se fôsse em outras circunstâncias, teria mostrado àquele atrevido se lhe dava ou não dava pouso em sua casa e até mais que isso. Havia mesmo de dormir na cama d'êlé, enquanto êle iria servir de engorda para os porcos. Mas, não estava se sentindo bem de saúde e qualquer barulho não só forneceria uma pista à polícia, como também poderia acarretar um mal irremediável, com aquêles capangas do fazendeiro por ali, de prontidão. Ficaria para outra ocasião. Por isso, resolveu agir com calma, e fêz sinal a Joãozinho para que se contivesse.

— O senhor deve de estar enganado, ou então está acreditando nessas mentiras que andam espalhando a meu respeito.

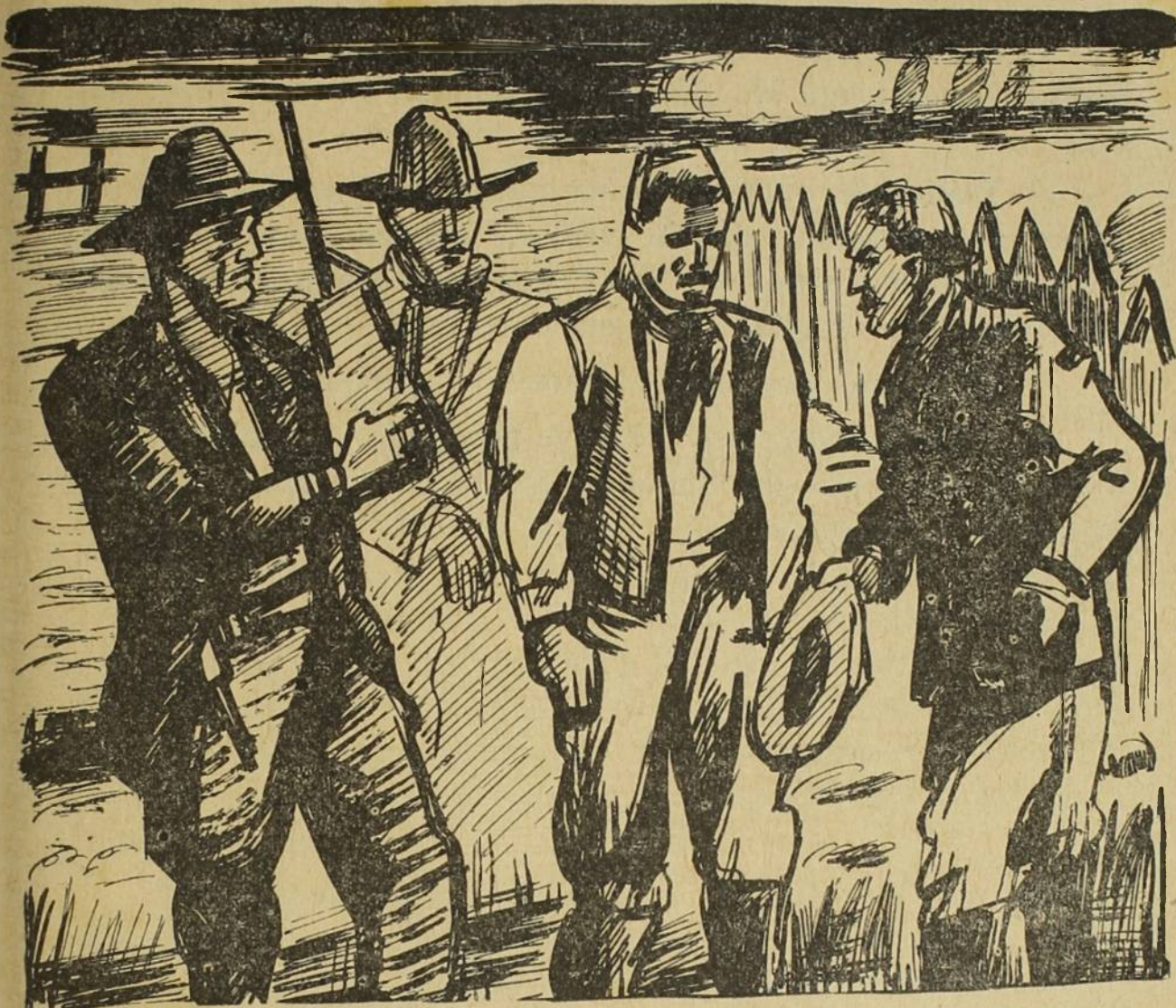
— Não sei não, se é isso ou se não é isso, mas o povo fala e os jornais trazem notícias que o senhor cometeu muitos crimes de morte por aí.

— Qual nada! Eu só persigo ladrão de cavalos. Tudo ferimento leve. Até sou protegido porque não dou sossêgo pra gente que não presta.

— Ê... talvez seja... — disse o fazendeiro, desfiando fumo na palma da mão — mas aquêles casos do Cerrado não eram de ladrão, eram? Nem de ferimento leve, foi?

Dioguinho mordeu o lábio inferior e respondeu:

— Qual, êsses do Cerrado? São os únicos que me comprometem. Também, aquela mulher é pior, muito pior que o diabo. Eu devia é ter matado ela.



Juca Fernandes enrolou o cigarro, acendeu, deu duas pitadinhas, e comentou calmamente:

— Ê... talvez. Mas agora é tarde, “seu” moço. Ela já esteve em São Paulo e falou com a polícia de lá. Ê por isso que estão por aquí campeando o senhor e o seu irmão. Pois é por causa disso mesmo que eu gostaria que o senhor não ficasse aquí na minha fazenda. Ê contra meus hábitos, mas sou obrigado a negar-lhe pouso. Me desculpe. Aí pra diante talvez o senhor arranje.

Dioguinho, vendo que não adiantava insistir, montou na mula e, sem despedir-se do fazendeiro, deixou a fazenda, junto com o irmão.

Ao passarem a porteira, falou:

— Êsse excomungado do Juca Fernandes é outro que entrou pra minha lista. Você viu só o jeito como êle me tratou?

— Nós devíamos é ter dado uma lição nêle e naqueles bêstas que estavam lá. Eu até fiquei admirado de você não fazer nada! — comentou Joãozinho.

— Podia; se quisesse podia mesmo, porque na hora de soltar as azeitonas, queria ver só aquêles dois moleques à-toa se meter a valente. Mas foi melhor assim. Nós temos que evitar é a escolta. Não custa esperar.

— E agora, pra onde vamos? — perguntou o irmão.

— Sabe de uma coisa? Estive pensando e o melhor é nos irmos lá pra casa do Santana, na beira do Mogí. Ele é parente e é de confiança. Vamos pra lá.





### CAPÍTULO XXXIII

A primeira testemunha inquirida, Horácio de Rezende Meireles, contou à autoridade ter conhecido Dioguinho e seu irmão Joãozinho, por apresentação de Jordão Saracura, suplente de juiz de paz de Cravinhos. A testemunha, que exercera na Freguesia o cargo de subdelegado de polícia, fêz cerrada acusação contra o facínora e seus protetores, aos quais nomeou um por um.

O dr. Godói estava ditando ao escrivão a parte final do depoimento dessa testemunha, quando o cabo pediu licença, entrou e entregou-lhe um telegrama que acabava de chegar. A autoridade leu e comentou:

— Mais uma informação. Esta agora vem de São Paulo, da Chefatura. Diz constar alí que Dioguinho se acha homiziado em São Simão, na fazenda do coronel T.

— Mas nós já estivemos lá! — exclamou o escrivão.

— Pois é. Em São Paulo êles com certeza pensam que nós aquí estamos dormindo. São Simão! São Simão! — disse o delegado com raiva — não sei que juízo essa gente tôda faz de mim. Se eu fôsse dar crédito a tudo quanto dizem, acabaria maluco. De ontem para hoje já recebí sete denúncias e tôdas elas de pessoas que se dizem bem informadas. E, o mais engraçado, é que cada qual diz ter visto êsse Dioguinho em lugar diferente, no mesmo dia e à mesma hora: em Ribeirão Preto, em São Simão, em Batatais, na estação do Cerrado, no Pântano, em Sertãozinho, em Jaboticabal, no inferno! Daquí a pouco dirão que o viram na China, no Egito, como se isso pudesse entrar na cabeça de alguém.

E, depois de amassar o telegrama que atirou a um canto, o delegado acabou de ditar o depoimento da testemunha.

A seguir, o escrivão chamou a segunda testemunha, José Medeiros Filho, empregado da Estrada de Ferro Mogiana.

— O sr. conhece o Dioguinho? — perguntou-lhe o dr. Godói.

— Conheço, sim senhor.

— Há muito tempo?

— Há um ano mais ou menos, quando eu morava em Mato Grosso de Batatais. Nesse tempo êle era alí o cabó-comandante da Guarda-Cívica; é sim senhor, o cabo-comandante. O subdelegado era “seu” Luís Guedes, que hoje mora aquí em Cravinhos.

A testemunha, depois de fazer outras considerações a respeito de Dioguinho e seus crimes, apontou vários fazendeiros e negociantes residentes na zona, tidos e havidos como protetores do assassino.

Depois de encerrado êsse depoimento, foi chamada a terceira testemunha, António Serapião, administrador da Fazenda Arací.

— Há quanto tempo o sr. conhece o Dioguinho?

— Já faz mais de um ano. Foi quando eu trabalhava na fazenda “Gironda”, de propriedade do dr. J. C. B. S., em São Simão.

— Então conte como foi êsse conhecimento.

— Eu conto, sim senhor. Um dia apareceu por lá o fazendeiro A. F. N., por alcunha “seu” T., em companhia de Dioguinho e mais três capangas. Eu já conhecia a fama dêsse bandido, mas me fiz de bobo. “Seu” T. me apresentou êle como um moço distinto e merecedor da minha amizade. Eu não disse nada; fiquei só ouvindo. Aí, acho que êle pensou que eu era tonto, e continuou dizendo que o Dioguinho não era êsse assassino que o povo boquejava, mas sim uma vítima das calúnias de gente ruim. Eu continuei quieto, só dizendo — hum, hum, e fazendo que sim com a cabeça. O sr. compreende, eu não ia contrariar aquêles homens, vê lá! Não é mesmo?

— Ê, não convinha — respondeu o delegado — E daí?

— Daí “seu” Diogo, tôda vez que ia lá, me procurava. Com o tempo, êle foi me contando uma porção de coisas e eu fiquei sabendo, por bôca dêle, que já tinha uma porção de mortes. Um dia êle passou pela fazenda com mais sete capangas, todos armados de carabina, revólver, faca, garrucha e não sei mais o que. Eu convidei êle pra almoçar mas êle disse que estava com muita pressa e precisava chegar naquele mesmo dia na fazenda do “seu” T., onde ia matar um homem.

— Êle disse que ia matar um homem? — indagou o delegado.

— Ê, disse sim senhor, disse pra mim.

— E matou mesmo?

— Se matou! Isto é, eu não vi, mas um filho do “seu” T. depois me contou que o Dioguinho tinha matado lá na fazenda do pai dêle, nesse dia, um camarada do fazendeiro dr. José Julio, proprietário em São Simão.

— E o senhor conhece outros protetores do bandido?

— Se conheço? Conheço sim. E me admiro que êsses homens, tudo gente rica e abastada, protejam um assassino como êle.

— Deve ser de mêdo — interveio o escrivão.

— Mêdo? mêdo de que? Não acredite, “seu” moço. Êsses homens têm muito pessoal armado lá nas fazendas dêles e podiam, se quisessem, prender ou matar o Dioguinho. Ah! isso é só querer...

A testemunha, depois de fazer referênciã aos nomes das pessoas que protegiam Dioguinho, asilando-o em suas casas, fornecendo-lhe dinheiro, animais e armas, assim concluiu o seu depoimento:

— Pois é, “seu” doutor, enquanto existir essa proteção escandalosa, não acredito na prisão do Dioguinho. Qual, é difícil, essa gente tem muito prestígio. O sr. vai ver.

— Pode ser, “seu” Serapião — falou o delegado, em tom enérgico — pode ser, mas eu não descansarei enquanto não tiver metido na cadeia o Dioguinho e tôda essa canalha, está ouvindo? Eu, de minha parte, estou disposto a cumprir o meu dever.

— Deus queira mesmo, “seu” doutor — disse a testemunha, despedindo-se — senão pobre de nós que viemos aqui contar estas coisas pro senhor. Deus queira!

A quarta testemunha a depor foi o negociante Saturnino Leite da Silva, que, entre outras coisas, disse:

— Eu vou contar a verdade; tudo o que eu sei, não é isso, “seu” doutor? Pois eu conheci o Dioguinho no começo do ano passado, lá na fazenda do “seu” M. de O., que me apresentou o homem como sendo João de tal, parente da mulher dêle e fazendeiro pras bandas do Paranapanema. Dias depois, eu encontrei o “seu” Dioguinho lá no bilhar do Paulo, aqui na vila. Só então fiquei sabendo quem êle era, porque me disseram: “olha, êsse é o tal de Dioguinho...”. Confesso que levei um susto, só de ouvir êsse nome. Ê “seu” doutor, o sr. está rindo, não é?

— Não, não é disso; é de outra coisa que eu me lembrei agora — disse o delegado, procurando disfarçar.

— Ê, o homem é mesmo o terror desta zona — continuou a testemunha. E depois, êle é protegido por muita gente boa, até por juiz de paz. Ê mesmo, o sr. já sabe, não é? “Seu” Reginaldo e outros protegem êle. Pois é.

E a testemunha, por sua vez, se referiu, nominalmente, às pessoas que protegiam o facínora. Depois de encerrado seu depoimento, Saturnino, ao sair, perguntou ao delegado, um tanto embaraçado:

— Me desculpe, “seu” doutor, a escolta ainda vai ficar por aqui muito tempo?

— O tempo que fôr necessário. Por que?

— À-toa, é só pra saber. O doutor compreende, não é, se a escolta e o senhor saírem daqui antes de prenderem o homem, vai ser ruim pra nós.

— Não tenha receio, os srs. não ficarão desprotegidos. Nós só sairemos daqui depois de ter prendido o Dioguinho e os capangas dêle. Pode dizer isso aos seus amigos — concluiu a autoridade, batendo nas costas do homem.

— Muito obrigado, “seu” doutor. E aqui tem um criado às ordens — disse Saturnino, retirando-se satisfeito.

A testemunha seguinte, Luís Costa, funcionário público, iniciou seu depoimento dizendo envergonhar-se da proteção que um bandido como Dioguinho desfrutava junto a fazendeiros e autoridades.

— Isto aqui até parece uma taba de índios, onde o homem se recomenda somente pelo maior número de mortes que tenha cometido! — exclamou a testemunha, exaltada.

Continuando seu longo depoimento, Luís Costa, entre outras coisas, disse:

— O povo diz que êsse homem risca na coronha da sua carabina, como lembrança, o número de mortes que pratica. A presença dêle nesta freguesia é uma permanente ameaça e um perigo constante para todo cidadão trabalhador e honesto, que pode a qualquer hora ser vítima de uma traição por parte dêsse assassino. Se êsse homem não fôr prêso ou morto, não mais será possível viver neste Estado.

E depois de enxugar o suor das mãos, com o lenço, a testemunha continuou:

— Eu sou do Estado do Rio, onde o govêrno e a polícia não permitem que homens como êsse Dioguinho façam o que êle tem feito. O sr. não vá levar a mal “seu” doutor, mas o que está acontecendo por aqui é simplesmente vergonhoso. Ser amigo e protetor dêsse assassino, parece ser uma grande coisa, tanto assim que isso se diz e se repete publicamente, com grande vanglória para quem o diz e para quem o é.

— O senhor conhece algum crime do Dioguinho? — perguntou o delegado.

— Conheço vários; isto é, sei dêsses que os jornais têm noticiado. Também sei de um crime que o irmão dêle, o Joãozinho, praticou aqui em Cravinhos na fazenda de C. C. de O.. Êsse moço, que regula ter seus dezoito anos, dizem que é muito mais perverso que o Dioguinho. Muito mais. O irmão do homem que êle matou, um pobre coitado, me disse que o crime foi estúpido, sem nenhuma razão. A vítima tinha ido à fazenda comprar ovos e estava lá num canto, desprevenida, quando o Joãozinho, só pra experimentar se a garrucha nova era boa de pontaria, matou êle com um tiro na cabeça!

A sexta e última testemunha, Alípio César Rezende, também funcionário público em Cravinhos, referiu-se ao terror que Dioguinho espalhava por toda aquela zona e mencionou os nomes das pessoas que protegiam o bandido.

Finda a inquirição das testemunhas, o dr. Godói mandou juntar aos autos os documentos apreendidos nas canastras de Dioguinho, nas batidas que havia feito no "Pântano" e na fazenda "Velha". Eram trinta e quatro cartas, assim discriminadas: 14 assinadas por R. M. G.; 9 por J. A. M.; 5 por M. G. de O.; 2 por C. C. de O.; 1 por J. M.; 1 por J. S.; 1 por A. H. A. F. e 1 por um tal de Vanico.

— E esta fotografia, também é pra juntar aos autos? — perguntou o escrivão.

— Claro! Pois ela prova que êsses homens obrigavam até seus próprios filhos a tratar êsse bandido com carinho. Veja aqui a dedicatória — e o delegado leu: "Oferecida ao meu bom amigo Diogo da Rocha Figueira, em sinal de íntima amizade. 26-1-96". — Está assinada com o nome do filho do Reginaldo, uma criança!

Devolvendo a fotografia ao escrivão, o delegado mandou chamar o comandante da escolta. Quando êste chegou, perguntou-lhe:

— Então, quais são as novidades, as últimas?

— Eu estava mesmo esperando o sr. terminar de ouvir as testemunhas pra vir lhe contar. Prendemos uns caboclos, apertamos êles e ficamos sabendo que o Dioguinho, depois de ter fugido da fazenda "Velha", foi para o lugar chamado "Cortado", onde esteve na casa do amigo dêle, José Fernandes. Alí êle pousou uma noite e, no dia seguinte, em companhia dêsse amigo, seguiu para o "Retiro dos Veados", em Guataparã, onde parou na casa de Cândido Teixeira da Silva. Aí o tal de José voltou pra trás e o Cândido acompanhou o Dioguinho e o irmão até a fazenda de um tal de Juca Fernandes, em Araraquara. Diz que êsse fazendeiro não quis êles lá. Êles foram se embora e não sei mais, não senhor. Perdemos a pista.

— Está bem; continui trabalhando assim, que vai indo muito bem. Pode retirar-se.

E voltando-se para o escrivão, que havia tomado nota das informações prestadas pelo comandante, o dr. Godói ordenou:

— Telegrafe hoje mesmo para tôdas as autoridades dessa zona por onde êle foi visto, recomendando-lhes a mais severa vigilância. E que me comuniquem qualquer novidade.

Pegando os autos da mesa do escrivão, o delegado sentou-se e começou a escrever o relatório, a fim de representar sôbre a necessidade de ser decretada a prisão preventiva dos cúmplices de Dioguinho.



## CAPÍTULO XXXIV

O dr. Godói acabou de escrever o relatório do inquérito e o entregou ao escrivão:

— Artur, leia o meu relatório. Leia em voz alta.

O escrivão pôs os óculos, pigarreou, ajeitou-se na cadeira, e leu:

“Verifica-se do presente inquérito, pelos depoimentos de seis testemunhas e trinta e cinco documentos juntos, que o assassino Diogo Rocha, vulgo Dioguinho, contra o qual existe precatória do Juízo Criminal de Batatais, por crime de homicídio, frequenta esta Comarca, onde se asila, com seus capangas, em casas de fazendeiros que o protegem. Eis aí um fato que, sôbre ser vergonhoso para os foros de civilização dêste Estado que orgulhosamente se ufana de ser o centro da movimentação do progresso, é ainda crime previsto pelo artigo 21, parágrafo 4.º do Código Penal, que assim se exprime: “Serão cúmplices os que derem asilo ou prestarem sua casa para reunião de assassinos e roubadores, conhecendo-os como tais e o fim para que se reünem”. Ninguém ignora nesta zona quem seja o Dioguinho; qualquer criança poderá desconhecer o alfabeto, mas com certeza já se apavora quando se lhe fala no bandido. A atmosfera de terror em que vive envolto, como um Satã, êste criminoso célebre, bem se pode comparar ao extraordinário pânico que à Cidade de Roma espalhou o nome de Aníbal. Como chegasse esta notícia à Capital, fui encarregado de vir até esta comarca, a fim de capturar o assassino. Baldado intento! Logo que desembar-



quei na Estação de Cravinhos o cidadão R. G., Juiz de Paz da Freguesia, despachou um portador a galope para a Fazenda de M. S. de O., onde se achava Dioguinho, prevenindo-o da minha diligência. O assassino, ainda uma vez fugindo à prisão, teve ocasião incerta de conhecer que tem amigos certos.

“Escapou-se-me o criminoso mas a sua bagagem foi apreendida, parte numa barraca, no meio de mato bravo e parte numa fazenda velha pertencente ao fazendeiro A. F. N., vulgo Tatuca. Essa bagagem compunha-se de canastras com roupas, espingardas, garruchas, facas, carabinas, munição, cabeleiras e barbas postiças, arreios, vinte animais, etc.. Numa canastra, desveladamente guardada, achava-se tôda a correspondência do bandido.

“Pelos livros de notas apreendidos sabe-se que o assassino tem grande número de camaradas; anda também em sua companhia um seu irmão, o Joãozinho, bem jovem ainda, se bem que já velho no crime; e todos, patrões e camaradas, ouriçados de armas, temidos e protegidos, assoalham por tôda parte a fama dos seus feitos e dos seus crimes, para que êste povo continui a viver esmagado pela pressão dêsse pavor medonho, que lhe rouba a coragem de uma censura e a energia viril de uma reação. Dominados pelo pânico todos entendem de fantasiar uma lenda qualquer sôbre o nome do bandido. Ora foi o indivíduo A. que o viu mostrar, numa venda, a meia dúzia de espectadores estarecidos, um rosário de orelhas humanas, murchas e sêcas, onde êle reza a oração dos seus crimes; ora o indivíduo B. informa que o assassino, montado no “Leviano”, destroçou um grupo de agressores com as patas do cavalo; ora o indivíduo C., na treva da noite, viu-o passar vestido de mulher... E o Dioguinho está em tôda a parte, no mesmo dia, à mesma hora, como um ser ubíquo. Foi visto em Batatais, na Estação do Cerrado, no Pântano, no circo de cavalinhos do Ribeirão Preto, em Sertãozinho, em Jaboticabal, na China, em Macucú, no Egito...

“Um dia dêstes ainda êle teve a amabilidade de nos escrever uma carta de São Paulo onde chegou com boa viagem, louvado Deus; nessa carta avisava-nos da próxima vinda

do seu advogado até esta Freguesia, aconselhando-nos, de envolta com ameaças, que nomeássemos depositário fiel encarregado da guarda dos seus bens.

“A proteção escandalosa que se dispensa a êste assassino é tão vergonhosa e torpe quanto inacreditável e incompreensível, por isso que, tratando-se de um criminoso, célebre por suas covardias e traições, pelos crimes horríveis e barbaridades cometidas, ninguém acredita, de boa fé, que haja um só pai de família capaz de recolher êsse monstro em seu lar, a não ser que êsse pai se utilize do monstro para instrumento de seus próprios crimes. E protege-se, auxilia-se, asila-se, convida-se, escreve-se e ama-se um homem que já se transformou em chacal, e cujos delitos contam-se às dezenas; um homem que vive para o crime pela fôrça do hábito, irresistivelmente, e que o matar já não lhe sacia o apetite sanguinário: êle procura agora requintar o gôzo do crime, torturando a vítima, picando ou queimando o cadáver para delícia dos próprios instintos bestiais.

“Êste inquérito é um tremedal: passai de largo, almas serenas; corações bondosos, passai de largo, para não tistardes as pontas das asas da pureza, para não terdes a medida exata do insondável abismo do crime, da corruptibilidade da consciência humana, da perversidade e vileza de certas criaturas, da abjeção a que pode chegar a alma, da gangrena do vício que faz apodrecer o coração... Foi preciso ir-se à própria cova da fera para trazer-se de lá a prova irrecusável da cumplicidade de seus amigos e protetores, que passavam aos olhos da polícia por vítimas do terror que o assassino inspirava, mas que entretanto, desgraçadamente, com êle se conluiavam, com êle conviviam, com êle se confundiam nos mesmos crimes, porque a êles estavam presos pelas algemas da cumplicidade. Confundidos nos mesmos crimes, entrelaçados no mesmo afeto, reünidos debaixo do mesmo teto, mutuando-se na reciprocidade de benefícios, encontraram-se neste mesmo processo para serem também confundidos na mesma pena. Bem aja a Justiça!

“Os depoimentos das seis testemunhas inqueridas claramente revelam a proteção que ao bandido Diogo da Rocha dispensam fazendeiros desta Comarca; vê-se que êsses depoi-

mentos foram ditados pelo exclusivo e acendrado amor à verdade e à Justiça, porque os próprios depoentes declararam recear, caso o assassino não seja prêso, não só os arreganhos dessa fera, como ainda a cólera dos seus protetores. Por êsses depoimentos está plenamente provado que o criminoso Diogo da Rocha, seu irmão Joãozinho e seus capangas, todos criminosos, se asilam nas fazendas de C. C. de O., M. G. de O., J. A. M., M. S. de O., A. F. N. e nas casas dos negociantes R. M. G., C. V. B. e J. dos S., além de outros lugares, como nas fazendas de C. de B., dr. H. J., A. T. de A., M. G. de O., L. A. etc..

“Além da prova testemunhal que é completa e perfeita, ainda, para maior esplendor da verdade e desagravo da Lei, os documentos apreendidos na bagagem do bandido suprimem qualquer dúvida, que porventura se pudesse ter, sôbre o asilo que se lhe dispensa nesta Comarca e outras vizinhas. Leia-se o documento número vinte e cinco, uma carta assinada por M. de O., datada de S. Paulo, na qual se lêem os seguintes trechos: “Não tenho te escrito ainda por ignorar o teu paradeiro depois da catástrofe que se deu com você, mas escreví ao Gomes saüdando-te. Fico imensamente satisfeito em saber que estás em nossa casa; sabes que hás de ser aí tratado com tôda dedicação e conte comigo para o que fôr prestável”. O fato de dar asilo a assassinos é crime previsto pelo Código, que pune com as penas de cumplicidade; o que, porém, o Código não prevê, mas a moral condena e a sociedade execra, é dar-se o referido asilo com tão íntimo júbilo, protestando-se dedicação de amigo a criminosos habituais, como fazia o sr. M. de O.. Leia-se mais o doc. n.º 26, uma carta assinada por C. C., da qual transcrevemos estes dois períodos: “Estou ciente de tudo que se deu; é preciso você agora não fazer mais parada em minha casa, até que as coisas melhorem. Sinto a morte do Fábio; eu estava querendo bem a êle; ao menos o português pagou; foi pena deixarem o outro escapar, porque vai contar tudo”. Estes dois períodos deixam claramente transparecer a cumplicidade criminosa que existe entre C. C. e a quadrilha de Diogo Rocha. M. de O. asila os assassinos, satisfeito de prestar-lhes êsse auxílio; C. C. também os asila, mostrando gozar a notícia dos delitos que êles cometem, em sua fazenda,

e incitando-os ainda, perversamente, à multiplicação vergonhosa dos seus crimes. Protetor e conselheiro, C. C. é duas vezes cúmplice dos assassinos, pelo que deve incorrer nas penas do Código e no desprezo da sociedade.

“Pelo documento n.º 14, uma carta de J. A. M. dirigida a C. C., vê-se que Diogo e sua quadrilha também se asilavam em casa dêsse fazendeiro, conforme a transcrição abaixo: — “Aquí chegou o Diogo; é a razão que não posso comparecer, conforme tratamos, na caçada de macucos; pois peço-lhe desculpa e ficará para quando V. Mcê. voltar da viagem”. Aí está como o sr. M. procurava cercar de homenagens e obséquios a quadrilha de Diogo, a ponto de sacrificar seus passeios e caçadas para melhor hospedar êsses amigos assassinos. Em outras cartas, juntas ao inquérito, o sr. M. pede capangas a Diogo e refere-se a uma espécie de sociedade que êles lá fundaram, não sei com que fim, e que é um verdadeiro perigo para o sócio que dela se afasta.

“O sr. R. M. G., Juiz de Paz da Freguesia, também asilador da quadrilha de Diogo Rocha, representa o papel de agente secreto, que talvez lhe foi distribuído pela sociedade do sr. M. Nessa qualidade de agente o sr. G. é indefectível: tudo êle cheira, sonda, observa, desvenda, descortina, escuta, inquirê, espreita, esquadrinha e fareja, para de tudo dar contas ao seu amigo João Ferreira Gomes. . . . (Êste sr. João Ferreira Gomes é o nome com que a sociedade do sr. M. crismou o assassino Diogo Rocha). Assim, pois, o sr. R. dá-se ao doce trabalho de escrever epístolas ao seu amigo, com prodigiosa facúndia, anunciando-lhe as novidades da terra e prometendo-lhe enviar qualquer aviso necessário. O que é certo é que o sr. R. cumpre com as suas promessas. . . . Pelo doc. n.º 8, numa carta de R. a Diogo, verifica-se que êste assassino é tão amigo de seus protetores, que até foi encarregado pelo signatário da epístola, de delicada missão de família, que foi desempenhada pelo assassino, tanto que R. lhe agradece o serviço por êle prestado, procurando unir dois corações que nasceram um para o outro. Não é preciso prosseguir na narração dos fatos constantes dêste inquérito, nem apontar outras provas, para concluir-se

pela certeza da cumplicidade dêsses indivíduos, asiladores de criminosos, que se acham incursos no dispositivo do art. 21, parágrafo 4.º do Código Penal.

“Ora, tratando-se de crime inafiançável e sendo certo, conforme os depoimentos das testemunhas, ser impossível a captura do bandido Diogo Rocha diante da proteção que lhe dispensam fazendeiros desta Comarca, officie-se ao meritíssimo Juiz de Direito representando-lhe sôbre a necessidade de ser decretada a prisão preventiva dos indigitados cúmplices do assassino Diogo da Rocha. Cravinhos, 14 de abril de mil oitocentos e noventa e sete. O Delegado em comissão, *Antônio de Godói Moreira e Costa*”.

Quando o escrivão acabou de ler, o delegado perguntou:

— Que tal, está bom?

— Ótimo. Não podia ser melhor.

— Você acha que o Juiz decreta a prisão preventiva?

— Nem há dúvida, o sr. vai ver.

— Deus queira. Faça o ofício agora mesmo.

— Sim senhor.

E o escrivão se pôs a redigir o ofício ao Juiz de Direito da Comarca de Ribeirão Preto.



## CAPÍTULO XXXV

O inquérito, com o pedido de prisão preventiva dos cúmplices de Dioguinho, foi remetido ao juiz de direito da Comarca de Ribeirão Preto, em data de 19 de abril de 1897, por portador de confiança. No mesmo dia, o magistrado, dr. Manuel Aureliano de Gusmão, decretou a prisão preventiva dos indiciados, que foram recolhidos à Cadeia Pública.

No dia imediato, o dr. Godói ouviu mais as seguintes testemunhas: Atanásio de Matos, português, comerciante; Manuel Francisco dos Anjos, português, comerciante; José Lopes da Costa, português, empregado no comércio; Alberto Lourenço Seródio, brasileiro, fazendeiro; Francisco da Silva Vitorino, português, comerciante, e José Damásio Gonçalves, brasileiro, carreiro, todos residentes em Cravinhos. Tôdas essas testemunhas fizeram carga contra Dioguinho, seu irmão e capangas, bem como contra seus protetores.

José Damásio Gonçalves, ao ser inquirido pela autoridade, sôbre se conhecia Dioguinho, disse:

— Conheço, sim senhor. Conheci êle na fazenda de “seu” C. C. de O., quando eu trabalhava lá como carreiro. Eu sempre via êle junto com o patrão. Êle, o irmão dêle, um tal de Joãozinho, e uma capangada mal encarada dos diabos.

— Êles eram muito amigos, seu patrão e o Dioguinho?

— Muito, sim senhor. Saíam sempre juntos pra caçar na “Fazenda do Campo”, do “seu” C.. Quando êles paravam lá na fazenda, eram tratados com muita festança e rapapés. Comiam até na mesa do patrão, com a família dêle.

— Você conhece algum crime do Dioguinho?

— Se conheço! Eu mesmo vi — respondeu a testemunha, batendo com a mão no peito.

— Então conte o que você sabe.

— Ê pra contar mesmo?

— Ê, é para constar do seu depoimento.

— Pois então escute. — José Damásio levantou-se, foi pendurar o chapéu num prego no batente da porta, voltou, sentou-se, cruzou as pernas, e continuou:

— Um dia... agora não me lembro bem a data, eu vim trazer uma viagem de café pra ser despachada aqui na Estação da Estrada de Ferro. De tardezinha, quando cheguei de volta lá na fazenda, tomei um bruto susto: foi que eu dei com dois homens caídos no terreiro, no meio de uma sangueira colosso. Fiquei alí feito bobo, olhando praqueles dois. De repente, me deu uma coisa e eu metí o agulhão nos animais e saí correndo dali, com mêdo que me acontecesse alguma desgraça. Cheguei em casa assustado, soltei os bois, me fechei por dentro. Lá estavam minha mulher e meu cunhado, um mocinho de seus dezoito anos, sentados perto do fogo, encojurados, mas não era de frio, não. Era de mêdo...

— Mêdo do que? — indagou o delegado.

— Espere, eu ainda não acabei. Era mêdo do que tinha acontecido. Aí eu cheguei perto dêles, tomei uma caneca de café que estava aqueitando no fogo, sentei e perguntei: — Que foi que aconteceu hoje aqui? Minha mulher e o cunhado não responderam. Perguntei outra vez: — Vocês não ouve, gente? Que foi que aconteceu? Aí então meu cunhado me contou. Foi assim...

\* \* \*

Dioguinho já estava há alguns dias na fazenda de C. C. de O., junto com seu irmão e alguns capangas, quando alí apareceram dois portugueses à sua procura.

— Que é que vocês querem? — perguntou Dioguinho.

— Nós viemos aqui da parte do “seu” Leão.

— Ah! “seu” Leão, o amigo do Maciel?

— Ésse mesmo, sim senhor.

— Muito bem. Vocês então são os tais que êle me falou que vinham trabalhar comigo, não é? — E dizendo isso, Dioguinho se pôs a examinar os homens.

— Somos nós mesmos, sim senhor.

— Êle já disse pra vocês qual é a espécie de trabalho, não disse?

— Já nos explicou, sim senhor.

— E que tal, vocês gostam disso? Têm boa pontaria?

— Gostamos, sim senhor — respondeu o mais ataracado. — Quanto à pontaria, vossemecê depois dirá se ela é boa ou má.

— Está bem, logo ficaremos sabendo. — E voltando-se para o capanga Fábio, Dioguinho ordenou:

— Leve êsses dois homens até a cozinha e dê comida pra êles. Depois arranje lugar pra êles dormir. Lá na tulha tem um quarto desocupado; leve êles pra lá.

Os dois portugueses se retiraram em companhia de Fábio, em direção à cozinha. Dioguinho, ficando a sós com Joãozinho, perguntou-lhe:

— Que tal?

— Ê... os dois portugas parecem fortes. Penso que servem bem. Precisamos experimentar êles numa malvadeza, pra ver a cara que êles fazem. Será que êles topam mesmo?

— Ué! por que não? Êsses mondrongos, quando dão prá coisa, são bons como outro qualquer. Você já não ouviu falar no José do Telhado?

— Nesse não ouvi, não... quem era êsse tal?

— Pois era um portugês danado, que matou uma porção de gente, lá na terra dêle. Barbaridade! Tem até modinhas com a história dêsse tal, você ainda não ouviu?

— Não.

— Puxa! como você é atrasado — disse Dioguinho, rindo. E pegando o irmão pelo braço entrou na casa.



Depois de ter acompanhado os portugueses até o quarto que lhe fôra destinado, Fábio se despediu, dizendo que os chamaria mais tarde, na hora do jantar. Os homens fecharam a porta e o cabra foi embora. Fábio, no entanto, não sympathizara com êles. Estava cismado. Parou, pensou um pouco, e resolveu voltar, para assuntar o que estavam fazendo. Pé ante pé, aproximou-se da porta, encostou o ouvido, e escutou. Os portugueses estavam falando a respeito das camas, dizendo que esta era de um e aquela de outro. Continuou ouvindo. Depois de terem falado sôbre coisas sem importância, um dêles disse:

— O negócio não vai ser assim tão fácil. Precisamos agir com muita inteligência. O homem está sempre bem armado e os que o cercam também. Viste o tipo mal encarado que é êsse tal de Fábio?

— Que Fábio? — perguntou o outro.

— Homessa! então tu não ouviste o Diogo chamar êsse homem que nos acompanhou até cá de Fábio?

— Ah! êsse mocetão? Pois não lh'ouvira o nome.

— Mas então, como é que pensas fazer?

— Precisamos pegar o homem a sós, ou só com mais um companheiro. Eu me encarrego dêle e tu do outro, ou vice-versa. E olha lá, é atirar pra matar com o primeiro balaço...

— Tu não achas que o Leão nos pagou pouco por êste trabalho? Isto aquí é mais arriscado do que a princípio parecia, não achas?

— Bem, homem, isso não adianta; agora é tarde para discutirmos êsse negócio. Já que o aceitamos e estamos aquí, vamos até o fim. Eu não sou homem para recuar, e tu? — perguntou, olhando firme para o companheiro.

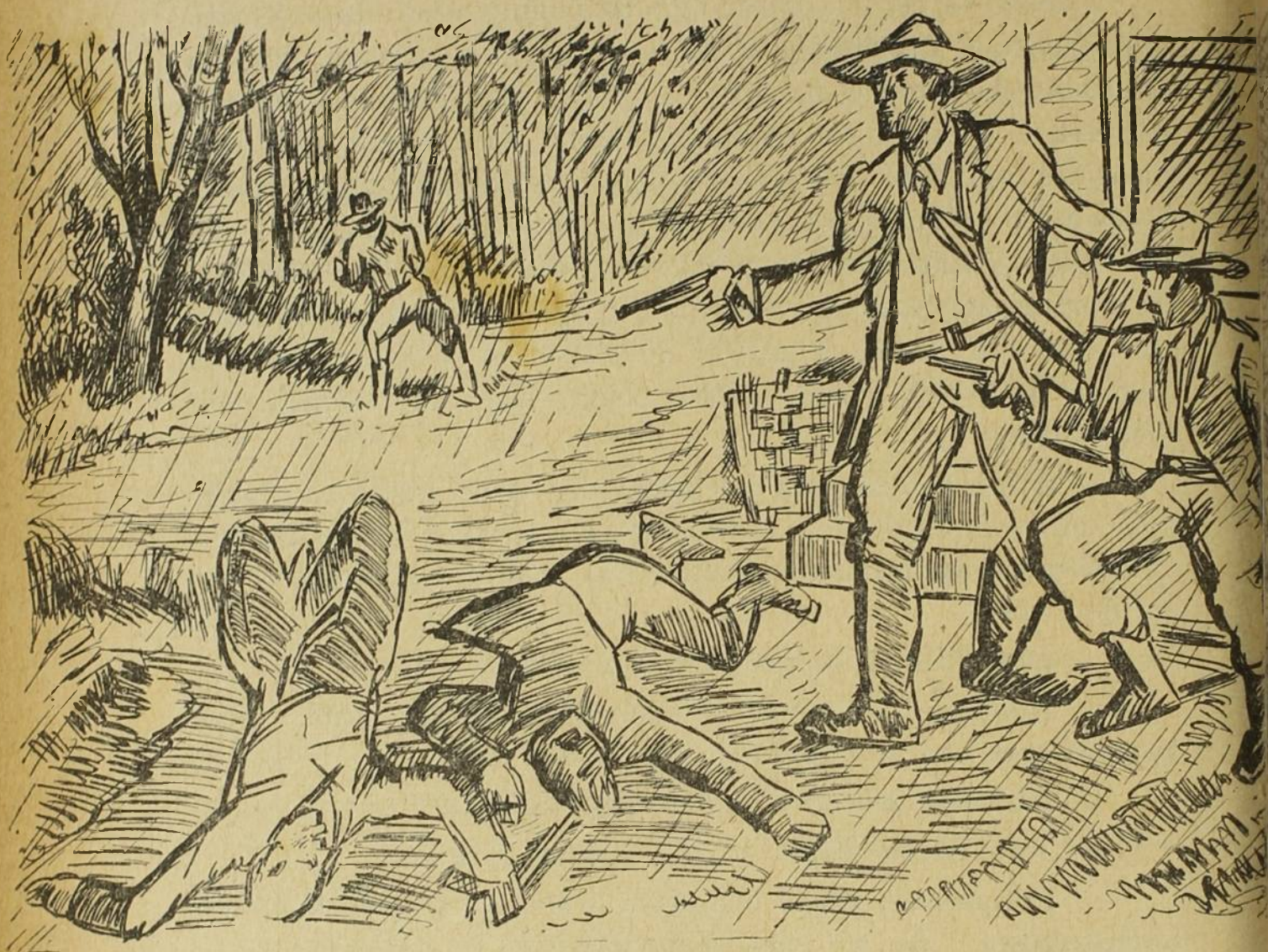
— Eu também não — respondeu o outro, meio agastado.

Fábio não quis ouvir mais nada: Bateu na porta, dizendo:

— Abram, sou eu, o Fábio.

— Que é que há — perguntou um dos portugueses, abrindo a porta.

— “Seu” Diogo mandou chamar vocês. Disse que precisa falar agora mesmo, é negócio urgente.



— Diga-lhe que já lá vamos.

— É pra ir junto comigo.

Os três homens saíram em direção à casa grande. Dioguinho e o irmão achavam-se sentados na escada. Fábio, ao vê-los, não se conteve e gritou:

— “Seu” Diogo! “seu” Diogo! estes dois aqui vieram para matar o senhor! — e dizendo isso, puxou da garrucha, com a intenção de agüentar os portugueses.

O que lhe estava mais próximo, sacou rapidamente do revólver e fêz fogo no cabra, atingindo-o no peito. Fábio deu um grito, abriu os braços e caiu morto, ainda com a garrucha na mão.

Joãozinho, ligeiro, puxou do revólver e atirou no sujeito, antes que êle tivesse tempo de detonar a arma pela segunda vez. O portuguez rodou nos calcanhares e emborcou alí mesmo, ao lado de Fábio, soltando sangue pela bôca.

O outro, logo que viu o companheiro atirar no cabra, saiu numa carreira desabalada e embarafustou pelo mato a dentro. Dioguinho disparou naquela direção, mas a bala se perdeu.

\* \* \*

— E foi isso, “seu” doutor, foi assim mesmo que o meu cunhado me contou. Dêsse jeito. Eu vi o portuguezinho e o tal de Fábio, os dois mortos, um ao lado do outro...

— E depois, o que foi que aconteceu? — perguntou o delegado.

— Depois mandaram levar os mortos lá pra cidade, dizendo que os homens tinham brigado e se matado entre êles. Arranjaram testemunhas, camaradas lá da fazenda, que ficaram com muito mêdo do Dioguinho, e disseram que tinham visto a briga dos dois. Mas não contaram que tinha sido “seu” Joãozinho.

— E daí?

— Daí? Não sei mais não... Isto é, ouvi dizer que os doutores que examinaram os homens acharam que seu Fábio não podia ter matado o portuguez, porque o tiro que êle tinha levado, bem no coração, não dava tempo de matar o outro. Assim ouvi o povo falar. Estou vendendo pelo preço que paguei...



## CAPÍTULO XXXVI

**T**erminada a inquirição das testemunhas, o dr. Godói mandou juntar aos autos mais onze cartas apreendidas com a bagagem de Dioguinho e encontradas na fazenda "Velha". Essas cartas estavam assinadas por C. C. de O., M. G. de O. e R. M. G..

— E êste telegrama do pai do Joãozinho, expedido de Itú pra êle e aos cuidados de "seu" M., também é pra juntar? — perguntou o escrivão.

— Ê sim; junte êsse telegrama e esta fotografia — respondeu a autoridade, entregando o documento.

— O que! uma fotografia feita no Vollsack, em São Paulo! — exclamou o escrivão, examinando o verso do cartão. — E que dedicatória bonita! — comentou, lendo com ênfase, como se estivesse declamando: — "Oferecido ao meu caro amigo Diogo da Rocha Figueira, em sinal de íntima amizade. 23-1-96. M. G. de O.". Bonito, não acha?

— Ê, você tem jeito para declamador — disse o delegado, rindo. — E acrescentou:

— Logo depois que tiver feito a juntada dêsses documentos, tire uma cópia autêntica do inquérito, a fim de ser remetida ao juiz de Direito da Comarca de São Simão, juntamente com os documentos que estão na minha gaveta. Vou pedir a prisão preventiva dos outros cúmplices do Dioguinho, que residem naquele município.

O escrivão, quando ouviu falar em tirar cópia autêntica do inquérito, pegou o calhamaço, avaliou a grossura, fêz uma cara aborrecida e respondeu:

— Sim senhor. Vou trabalhar a noite tôda e amanhã espero entregar-lhe o serviço pronto.

\* \* \*

Dioguinho e o irmão, depois de vários dias de viagem, pousando aquí e alí, no meio do mato ou no rancho de algum caboclo, alcançaram, afinal, a fazenda “Santa Eudóxia”, também chamada Fazenda “Cunha Bueno” e de propriedade do senador Alfredo Ellis, no município de São Carlos. Uma vez aí, dirigiram-se diretamente à casa de José Pires de Santana, seu parente afastado, onde chegaram quando já entardecia.

Santana, que tomava conta da fazenda de criar, tinha chegado do campo fazia alguns minutos e ainda estava lavando o rosto, quando viu que se aproximavam os cavaleiros, e que um dêles perguntava à sua mulher:

— O Santana está?

— Está, sim senhor; aí no quintal, lavando a cara na tina.

O dono da casa apressou-se em enxugar o rosto e foi ver quem eram aquêles dois. Olhou para os homens, mas não os reconheceu.

— Ó José — não está me reconhecendo? Sou eu, o Dioguinho.

Santana deu um sorriso e, abrindo os braços, exclamou:

— Ora viva, “seu” Diogo! Custou mas apareceu. Vamos apear.

Dioguinho e Joãozinho desmontaram, foram-se chegando, abraçaram o parente e cumprimentaram a mulher. Em seguida, tiraram os arreios dos animais, examinaram-lhes os lombos, que apresentavam sinais de pisaduras, e pediram a Santana uma ração de milho reforçada. Depois de tratados os animais, os homens entraram na casa, onde a mulher de Santana acabava de pôr o jantar na mesa.

— Então, o que é que traz vocês por aqui? — perguntou Santana.

Dioguinho, que principiava a servir-se de arroz, respondeu:

— Estamos fugindo da polícia. Você não teve notícias de que uma escolta anda por esta zona atrás de mim e do Joãozinho?

— É, eu ouvi dizer.

— Pois é por isso que nós viemos até aqui. Me lembrei de você, que é nosso parente e que mora neste fim do mundo. Pensei comigo: acho que o melhor lugar pra me esconder, até que a polícia se canse e desista de me procurar, é lá na casa do nosso amigo Santana. Fiz bem? — perguntou Dioguinho, olhando fixamente para o outro.

Santana olhou para a mulher e percebeu que ela estava apreensiva. Compreendeu o perigo a que se expunha com sua família, dando asilo àqueles homens. Mas também não viu outra solução: eles não só eram seus parentes, mas ainda se tratava de dois homens acuados e, portanto, dispostos a tudo. Achou melhor concordar, embora a contragosto.

— Claro que fez bem. Podem contar comigo em tudo quanto estiver em mim.

— Obrigado — respondeu Dioguinho. — Eu já sabia que você não me negaria pouso e comida.

Depois do jantar, os três homens saíram para o quintal, enquanto a mulher de Santana ficava preparando as camas para os recém-chegados.

— Ó Santana — disse Dioguinho — o rio Mogí não fica muito longe daqui, hein?

— Não, fica aí pertinho, coisa de alguns minutos. O rio é exatamente a divisa de São Carlos com São Simão.

— Você tem canoa?

— Tenho.

— É boa; segura?

— Boa. Podem andar nela uns par de pessoas folgadas. E tem mais de uma.

— Você conhece algum bom canoeiro; homem de confiança e que seja prático dêsse rio?

— Canoeiro tem muitos aí.

— E você, sabe manobrar a canoa?

— Malemal — respondeu Santana, balançando vagarosamente a mão direita.

— Eu gostaria de dar uma chegada até o rio. Que tal, hein, Joãozinho?

— Agora, com êsse escuro? — perguntou o irmão.

— Não, agora não. Amanhã cedinho.

— Ah! Isso sim. Seria bom.

Dioguinho foi ver os animais, examinou-os, deu umas palmadas no pescoço do "Leviano" e voltou para onde deixara os outros dois conversando.

— Parece que já está na hora de dormir, não é?

— Boa idéia — acrescentou Joãozinho — estou quebrado. E os três entraram na casa.

\* \* \*

No dia seguinte, mal amanheceu, Santana acordou os dois parentes. Depois do café, perguntou-lhes:

— Então, querem ir ver o rio?

— Queremos, sim — respondeu Dioguinho, levantando-se da mesa.

Saíram juntos, em direção do Mogí-Guassú. Durante todo o caminho, Dioguinho foi estudando o terreno, parando de vez em quando, para olhar de um lado e de outro. Afinal, chegaram ao destino. O rio, nesse ponto, tinha cêrca de duzentos metros de largura.

— Lá do outro lado fica São Simão — disse Santana, apontando.

Dioguinho olhou e não respondeu. Estava pensando nas facilidades que aquêle caminho móvel lhe poderia proporcionar para uma fuga, no caso de ser atacado pela escolta.

— Ó Santana, você pode me arranjar um bom canoeiro? Quero contratar um pra trabalhar pra mim. Prefiro um que tenha canoa própria.

Santana refletiu um pouco e respondeu:

— Acho que o melhor que tem por aqui é um tal de Urbano. Já é homem de certa idade, mas caboclo sacudido e prático dêste rio como ninguém.

— É de confiança?

— Não sei, mas é fácil. O José Dias de Carvalho conhece êle bem.

— E quem é êsse tal de Carvalho?

— É um amigo meu, sujeito direito tôda a vida — respondeu Santana.

— E é fácil falar com êsse tal?

— Posso mandar chamar êle hoje mesmo, se você quiser.

— Então mande, é favor.

E daí retornaram à casa.

Depois do almoço, Carvalho, que fôra chamado às pressas por um portador, chegou para atender ao apêlo de Santana. Êste o apresentou a Dioguinho, dizendo que se tratava de um parente, negociante. E depois:

— Olha, Carvalho, eu mandei chamar você aqui porque êsse meu parente queria arranjar um bom canoeiro pra acompanhar êle e o irmão numa caçada que vão fazer aí no Mogí. Eu falei no Urbano, que tal você acha êle?

— Êsse é bom, "seu" Santana. Canoeiro bom está ali. É um pilôto de mão cheia.

— O senhor sabe onde êle mora? — perguntou Dioguinho.

— Sei sim senhor.

— É muito longe daqui?

— Não é não. Êle mora légua e meia da minha casa. Se o senhor quiser, eu posso campear êle e mandar falar com o senhor. Está bem assim?

— É o melhor arranjo, êsse; me faça o favor. Bom seria que êle viesse hoje mesmo.



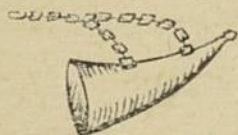
— Pois o senhor pode esperar, que êle vem hoje mesmo, o mais tardar até a noitinha. Na certa.

Dioguinho aprovou com a cabeça e abriu-se num sorriso amplo de satisfação.

\* \* \*

Dois dias depois, o delegado Godói passava o seguinte telegrama ao Chefe de Polícia:

“Tenho a certeza que Xisto <sup>(1)</sup> está em casa de Joaquim Santana <sup>(2)</sup>, Fazenda Cunha Bueno, município São Carlos”.



---

(1) Xisto — nome usado para designar Dioguinho.

(2) Trata-se de engano do delegado. O nome certo é José Santana.

## CAPÍTULO XXXVII

**O** Chefe de Polícia abriu o telegrama, leu, releu, e tocou a campainha, chamando seu secretário.

— Acabo de receber um telegrama importante do dr. Godói. Comunique-se imediatamente com o tenente-coronel França Pinto, dizendo-lhe em meu nome que siga incontinenti para êsse lugar — e passou o telegrama ao seu auxiliar.

— A propósito de telegrama, estive ontem no escritório da diretoria da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, e entreguei o seu ofício.

— Ah! entregou? E que tal, o que foi que êles resolveram?

— Falei pessoalmente com o dr. Sales de Oliveira, presidente da Companhia, que na mesma hora determinou o afastamento e remoção dos telegrafistas, chefes de estação e demais empregados suspeitos de ligação com o Dioguinho.

— Você explicou bem o que vinha acontecendo?

— Expliquei. Disse-lhe que êsses ferroviários protegiam o bandido, dando-lhe conhecimento, diretamente ou através de seus protetores, de tôdas as medidas tomadas pela polícia e transmitidas pelo telégrafo.

— Muito bem; ótimo. Com essa providência as coisas hão de melhorar muito para o nosso lado. E veja lá, não se esqueça de avisar o França Pinto. Que siga imediatamente, levando os homens de que puder dispor.

— Sim senhor, vou providenciar agora mesmo — respondeu o secretário, retirando-se para o seu gabinete.

\* \* \*

Quando Dioguinho e o irmão voltaram da caçada que haviam feito naquela manhã, num mato próximo, encontraram José Dias de Carvalho que, acompanhado de outro homem, ali estava à sua espera, conversando com Santana.

— Bom dia, minha gente, como vamos? — perguntou Dioguinho, tirando do ombro uma fieira de nhambús, que passou a Santana.

— Bem, obrigado — respondeu Carvalho, acrescentando: — Pelo que vejo a caçada foi boa. Quantos?

— Quinze, entre eu e o Joãozinho.

— Hum! isto na vinha d'alho é uma delícia — exclamou a mulher de Santana, recebendo as aves das mãos do marido.

— “Seu” Diogo — interveio Carvalho — quero apresentar-lhe aqui “seu” Urbano.

— Ah! o senhor é que é o canoeiro de quem me falaram aqui os amigos, não é? Muito prazer — disse Dioguinho, estendendo a mão para o tal.

— Prazer, Urbano Pinto Colares, seu criado — respondeu o homem, um caboclo moreno bronzeado, alto, magro, aparentando seus sessenta anos, de rosto cavado e voz rouca.

— O senhor é muito prático aí do Mogí, não é? — perguntou Dioguinho.

— É, mais ou menos. Já faz bem tempinho que eu navego nêle.

— O sr. tem canoa?

— Tenho, sim senhor.

— Quer trabalhar pra mim? Vou fazer uma pescaria aqui com o meu irmão.

— É, o “seu” Carvalho já falou comigo a respeito, mas é que minha mulher está doente, o sr. sabe...

— Mas se não fôr coisa muito grave — interrompeu Dioguinho, que já havia simpatizado com o caboclo — eu dou pra você dez mil réis pra deixar lá com sua mulher, pras compras dela e remédios enquanto você estiver comigo. É só por alguns dias. Serve?

Urbano coçou a orelha e respondeu, meio indeciso:

— É, assim talvez se dê um jeito, mas porém primeiro preciso falar com nhá dona, o sr. compreende, não é?

— Olhe, além dos dez mil réis, eu mando aí o Santana suprir tudo que sua família precisar, está bem? Quer saber que mais? Dou quatro mil réis por dia que você estiver comigo. Agora acho que está bem, não está?

— Que diabo, homem! — interveio Santana — isso é um ordenadão. Tomara Deus eu arranjasse um negócio dêsse.

— É, está bem pago — comentou Urbano. — Pois, acho que aceito.

— Acho não, precisa ficar assentado de uma vez. Sim ou não — disse Dioguinho.

— Está feito, eu aceito. É pra começar quando?

— Amanhã mesmo.

— Amanhã, está bem, sim senhor. De manhãzinha...

— Então eu fico esperando. Até amanhã — falou o bandido, estendendo a mão para o canoeiro e entregando-lhe uma cédula: — olhe, o dinheiro pra sua mulher.

\* \* \*

No dia seguinte, ainda estava escuro, quando Urbano chegou à casa de Santana. Ficou por alí esperando que o seu novo patrão aparecesse. Não demorou muito, abriram a janela e a mulher gritou lá de dentro:

— Já por aquí, “seu” Urbano? Venha cá tomar um cafêzinho.

— Dia — disse Urbano, entrando e sentando-se num banco, na cozinha.

— Dia. Então, aceitou o serviço do “seu” Diogo?

— Aceitei, sim senhora.



Nisso apareceram Dioguinho e o irmão. Cumprimentaram e tomaram café juntos.

— Então, onde está a canoa? — perguntou Dioguinho.

— Está aí no pôrto. Já vim pronto pra ficar. Trouxe tudo. A mulher ficou com uma parenta e eu disse que o que ela precisar, durante minha ausência, pra recorrer aqui ao “seu” Santana, conforme o senhor prometeu.

— Muito bem. Então vamos.

E os homens saíram em direção ao Mogí. Já estava surgindo o sol. Tomaram a canoa e desceram o rio. Dioguinho, sem dizer nada, olhava para as margens. Quando chegaram ao lugar denominado “Pedrinhas”, mandou encostar a embarcação.

— Pare aí nesse lugar. Quero dar uma olhada.

Enquanto Urbano arrastava a canoa para encalhá-la na areia, os outros dois foram subindo o barranco, que nesse ponto era bem alto e ficava cercado de troncos de árvores. Lá em cima, Dioguinho, colocando a mão em pala sobre os olhos, se pôs a olhar em volta, pesquisando as redondezas. Depois disse para o irmão:

— É, aquí está ótimo. Vê-se de longe. Qualquer ataque, venha de onde vier, não nos pegará de surpresa. Que é que você acha?

— É, ninguém melhor do que você, que é meio engenheiro, pra saber o que é que nos serve — respondeu Joãozinho.

Dioguinho, dirigindo-se a Urbano, que acabava de se aproximar, disse:

— “Seu” Libano... quero dizer, Urbano, nós vamos construir um rancho provisório aquí neste lugar, pra fazer um ceveiro alí pra cima. O Joãozinho ajuda você aquí, enquanto eu assunto as coisas.

— Sim senhor — respondeu o canoeiro, que começou a cortar umas forquilhas.

Joãozinho foi em busca de sapé, enquanto Dioguinho, afastando-se um pouco, começou a riscar com a ponta do facão na terra. Desenhou a planta do rancho.

Os homens fincaram as forquilhas nos lugares indicados, depois prepararam o sapé, e foram ajustando tudo. Daí a pouco o rancho estava armado. Dentro, foram construídas duas camas com paus amarrados com cipó e sapé por cima, sendo uma grande e outra menor.

Quando acabaram o trabalho, já passava da hora do almoço e os homens estavam com muita fome. Tomaram a canoa e voltaram para a casa do Santana.

— Que tal? — perguntou Santana, assim que os viu.

— Vai tudo bem, já armamos um rancho pra estes dias, enquanto não se faz o outro — respondeu Dioguinho.

— E agora, o que é que você precisa por lá?

— Gostaria que você me arranjasse um colchão.

Santana pensou um pouco e respondeu:

— Tenho sim, tem dois na nossa cama e eu posso ceder um pra você. Que mais?

— Você teria por acaso um mosquito? — perguntou Joãozinho.

— Também tenho; um de cassa, muito bom.

— Êta homem que tem tudo! — exclamou Dioguinho, rindo.

— Bem, então vamos almoçar e depois arranharemos a matula pra vocês levarem pra lá — convidou Santana.

— Escuta aqui; eu vou lhe dar cem mil réis pra você mandar um homem comprar mantimentos e outras coisas pra nós lá no rancho. Depois eu dou a lista — disse Dioguinho, tirando o dinheiro da guaiaca.

Lá pelas três horas, Dioguinho, o irmão e o canoeiro, carregando os trastes emprestados por Santana, tomaram o rumo do rancho.

No caminho, Dioguinho, depois de ter errado por duas vezes o nome do canoeiro, disse:

— Sabe de uma coisa? eu implico com êsse nome. Vou chamar você de Libano, tio Libano, não faz mal?

Urbano riu e respondeu:

— Não faz, não, pode chamar assim.

Depois de terem arrumado as camas e colocado as coisas nos lugares escolhidos, enquanto Urbano retocava a cobertura de sapé do rancho, Dioguinho dirigiu-se a êle:

— “Seu” Libano, você sabe quem eu sou?

— Ué! “seu” Diogo!

— É... mas eu sou o Dioguinho Rocha — e encarou o homem de fixe.

Urbano ficou branco como cera, abriu a bôca e, de tão assustado, não encontrou palavras para responder. Como se tivesse levado uma paulada na cabeça, de rijo. Quando voltou a si, só teve voz para fazer:

— Hummmmm!...



## CAPÍTULO XXXVIII

Dioguinho e o irmão riram a valer com o susto de Urbano ao ouvir o nome do facínora. Também, não era para menos. O pobre canoeiro, ao se ver só naquelas paragens desertas, na companhia dos dois maiores assassinos da época; com a cabeça cheia das histórias que então corriam a respeito dêles e de seus bárbaros crimes, tinha mesmo que ficar aturdido, como ficou.

Dioguinho, que, não obstante, precisava dos serviços do canoeiro, procurou tranquilizá-lo:

— Não se assuste, tio Libano, que eu não sou tão mau assim como dizem. Falam por aí que eu cometi tantos crimes, mas a verdade é que até hoje eu só respondi a juri por um. Agora mesmo estão me perseguindo por uma coisa sem importância, uma bobagem com uma rapariga à-toa, mulher da vida.

Urbano se deixava ficar olhando para o facínora, sem dizer nada, engulindo cuspo.

Dioguinho, que percebeu a indecisão do homem em acreditar nêle, disse-lhe para animá-lo:

— Antes que me esqueça, tio Libano, como já vi que você é mesmo um caboclo desempenado, olhe, resolví lhe dar mais quinhentos réis por dia, se você olhar bem por mim e executar sempre direitinho os meus mandados.

Não tanto pelo dinheiro como pelo tom de voz do outro, Urbano sentiu-se mais calmo e se abriu num sorriso. Dioguinho também riu:



— Fique você sabendo, tio Libano, que eu nunca fui mau. Só me vingo dos que me perseguem e sempre dos que são ricos e poderosos. Pai e pobre de família nunca sofreu comigo. Agora, quem me perseguir, eu sapeco, sapeco no duro! E olhe que já tenho sapecado muita gente!

Urbano arriscou:

— Sapecar, que eu sei, é dar com vara de chicote, não é?

Dioguinho, apontando para as armas que trazia à cintura, respondeu:

— Pois olhe, eu sapeco, mas é com estas crianças. — E sacando do revólver, ficou girando a arma nos dedos.

Urbano olhou para o cinturão de Dioguinho. Além do revólver, o bandido carregava uma garrucha, um facão de mato e uma faca fina e comprida, aparelhada de prata e em forma de um “S” longo. Aquilo tudo devia pesar umas oito libras.

— Pois é, tio Libano, se você se portar bem comigo, só terá a ganhar com isso. Eu quero você pra num momento de apêrto, se a escolta aparecer por aqui, poder rodar pelo Mogí abaixo, até o pôrto do Frutal, sabe? Dalí eu ganho a vila do Prata e Nossa Senhora Mãe dos Homens e meto a cara em Minas, sabe como é? Aí então eu estou seguro.

— Ê, êsse roteiro é bom mesmo. Por aí o senhor pode sumir até o fim do mundo.

— O diabo é a água, tio Libano... E é por isso que preciso de você. Assim como em terra eu sou homem pra quinhentos, nágua eu não presto pra nada e qualquer um dá cabo de mim... Também, a verdade é que eu sou um homem, não sou um bagre — concluiu Dioguinho, rindo.

Urbano, que estava curioso por saber a causa daquela cicatriz que Dioguinho tinha no queixo, a respeito da qual já havia feito várias conjeturas, aproveitou o bom humor do outro para perguntar:

— Que mal pergunto “seu” Diogo, êsse sinal que o senhor tem aí no queixo do que foi, hein?

— Isto? Foi um amigo.

— Briga?

— Não; êle estava mexendo com uma arma de fogo e eu estava assim, sentado perto dêle. De repente, sem querer, a bruta disparou e a carga me pegou aquí no queixo.

— E o senhor matou êle? — perguntou o canoëiro, certo de que o tal havia pagado caro o descuido.

— Não, foi sem querer. Êle era meu amigo e ficou tão aborrecido, coitado, que você nem pode imaginar.

— E doeu muito, isso aí?

— Na hora não sentí tanto. Fiquei tonto com o choque e uma zoada na cabeça. Me deu muita sêde, isso sim. O pior foram os dentes que eu perdí. Ficaram bambos e eu tive que arrancar êles com o canivete. Agora uso dentadura com êste ouro na frente.

— Arrancou com o canivete?!

— Ê. Na hora não tinha outra coisa. Com o que eu havia de arrancar? Só tinha era o canivete; e foi com êle mesmo que eu tirei os tais. Por sinal, que sentí muito quando perdí êsse canivete. Barbaridade de bom! Tinha sacarroalha, chave de fenda, tesoura, abridor de cerveja e uma lima que mordia tão bem. Formidável!

Joãozinho, que estivera arrumando as coisas dentro do rancho, aproximou-se dos companheiros, com uns papéis na mão, e perguntou:

— Que é isso aquí? — e passou para o irmão uma fôlha manuscrita.

— Ah!... onde é que você achou isto? Eu andei tanto procurando êsse papel.

— Lá na bruaca, no meio das suas coisas, junto com êste caderninho e estes papéis.

— Esta daí é uma oração que me ensinaram pra quando a gente quiser conseguir alguma coisa. Quer ver como é? — E leu:

“Três almas com mais três são seis, com mais três são nove, com mais três são doze. Peço às doze almas que vá à casa do barbeiro Fulano e me traga doze navalhas” (1).

(1) Oração encontrada pela polícia no rancho de Dioguinho.

— E pra que essa imundície de navalha? — perguntou Joãozinho, intrigado.

— Esse é um modo de dizer. Em lugar de navalha você põe o que quiser — respondeu Dioguinho.

— Ah! agora compreendí. Só muda a coisa que a gente quer, não é? Mas as almas, essas não muda, são sempre doze.

— Não, homem, as almas também mudam. Por exemplo: você quer, vamos dizer, cinco esporas de prata, não é? Então você diz assim: duas almas com mais duas são quatro, com mais uma cinco. Peço às cinco almas que... e assim por diante. Entendeu?

— Agora aprendí. Mudam as almas conforme o número das coisas. E isso aquí que está escrito neste caderninho — perguntou, mostrando-o ao irmão.

Dioguinho espichou o pescoço, leu e respondeu:

— Isso aí foi com o Reginaldo. Lá em Cravinhos. Deixe ver como é que eu escreví? — E tomando o caderno de notas da mão do outro, leu em voz alta:

“Ontem o Reginaldo, como eu pedisse canja no hotel de F., chamou-me de exigente. Levantei-me e não quis mais jantar, sentido com aquela desfeita de um amigo. Um verdadeiro amigo nunca procede assim. Vingança pecuniária”  
(1).

— Que história de vingança pecuniária é essa? — indagou Joãozinho.

— É que eu queria me vingar dêle tomando dinheiro...

— E tomou?

— Não; depois êle me pediu desculpas e ficou por isso mesmo.

O tempo, que parecia tão firme, mudou bruscamente. O céu foi escurecendo, começou a fuzilar, e, de repente, desabou uma chuvarada tremenda. Os três homens recolheram, às pressas, roupas, armas e outras coisas que se podiam es-

---

(1) Apreendido no mesmo local. A nota foi publicada, bem como o documento anterior, no “Correio Paulistano” de 8-5-1897.

tragar com a chuva e se abrigaram no rancho. Naquele fundão, os trovões ecoavam sinistramente. E os relâmpagos, lá no fim do estirão do rio, pareciam linhas de pescar atiradas à água por mãos invisíveis.

\* \* \*

O tenente-coronel Pedro da França Pinto, acompanhado de doze homens escolhidos e bem armados, seguiu diretamente para a fazenda "Santa Eudóxia", do senador Alfredo Ellis. Era o dia 27 de abril de 1897. Chegaram quase na hora do almoço. Recebido pelo senador, que estranhara a presença daqueles homens armados em sua fazenda, França Pinto, depois de se apresentar, mostrou-lhe o telegrama enviado pelo dr. Godói.

O senador leu e ponderou:

— Mas os senhores têm a certeza que êsse homem se acha em minhas terras?

— È o que afirma êsse despacho do dr. Godói e que o senhor acaba de ler. Èle não iria passar um telegrama ao chefe de polícia, em têrmos tão categóricos, se não tivesse certeza, o senhor não acha, senador?

— È, não há dúvida. O dr. Godói não afirmaria se não tivesse certeza. O senhor tem razão. E de fato, êsse tal Santana trabalha na minha fazenda de criar, que fica a cinco quilómetros daqui.

— O senhor poderia arranjar um homem para nos indicar o caminho?

— Pois não, arranjo sim. Mas o senhor e os seus homens precisam descansar, comer alguma coisa, a fim de enfrentar a jornada. Vou mandar providenciar nesse sentido. E o senhor é meu hóspede, coronel.

— Muito obrigado, senador.

— Não tem o que agradecer. Todos os recursos de que o senhor precisar, dentro do meu alcance, para a execução da diligência, estão ao seu inteiro dispor. E dizendo isso, o senador Alfredo Ellis chamou à sua presença o adminis-

trador da fazenda, ao mesmo tempo em que dava ordens aos empregados para providenciar comida para os homens da escolta.

Quando o administrador chegou, o fazendeiro, depois de apresentar-lhe o coronel França Pinto, indagou:

— O senhor sabe alguma coisa a respeito da presença de Dioguinho por aqui?

— Não sei de nada, não senhor.

— Não ouviu algum comentário nem percebeu alguma coisa?

— Não vi nada, não senhor. Isso é novidade pra mim.

— Está bem. Arranje um homem para acompanhar aqui o coronel até a casa do Santana. Eles pretendem sair depois do almoço. Providencie para que não falte nada aos homens que vieram com êle. E outra coisa, não fale a ninguém sôbre isto que estivemos conversando. Pode ir.

E a convite do dono da casa, o tenente-coronel França Pinto dirigiu-se para a sala de jantar.



## CAPÍTULO XXXIX

O temporal acabou como começara: de repente. E, apesar de ter durado pouco mais de meia hora, foi o suficiente para danificar o rancho, principalmente a cobertura. Dioguinho saiu, deu uma volta, examinou aquela construção tósca:

— Ê, precisamos fazer, com urgência, outro rancho, que seja melhor, mais sólido. Também, êsse raio do Santana ainda não mandou as coisas que eu pedi pra êle mandar comprar. — E, dirigindo-se a Urbano: — Tio Libano, vá lá até a casa do meu parente e veja se êle comprou o que eu encomendei. E olha, leve esta carta junto.

Dioguinho tirou uma carta do bôlso e, mostrando-a ao irmão, explicou:

— Escreví esta carta pro Santana, como se fôsse de São Carlos, com a data de 23 de abril, dizendo que nós dois vamos bem de saúde e que estamos a caminho de Botucatú. Assim, se a escolta aparecer por lá e aperrear êle por nossa causa, êle então mostra esta carta, e os tais daí hão de nos campear lá por aquelas bandas.

Urbano pegou os remos, guardou a carta no bôlso e perguntou:

— Manda mais alguma coisa?

— Veja se o Santana já recebeu os jornais, traga carne fresca, as coisas que eu pedi e o cachorro que êle me prometeu pra servir de guarda.

— Sim senhor — e dizendo isso, Urbano desceu pelo barranco, em direção ao lugar onde deixara as canoas, e embarcou na que fôra emprestada por Santana, que era maior do que a sua.

O tempo refrescara. Apareceu um restinho de sol e os dois irmãos aproveitaram para enxugar as coisas que se haviam molhado dentro do rancho.

\* \* \*

Urbano entregou a carta a Santana, e, enquanto saboreava um café bem quente, deu-lhe notícias dos parentes e procurou saber as últimas novidades:

— Tem sabido alguma coisa da polícia?

— Não, até agora nada de especial. Os jornais só falam do inquérito lá em Cravinhos e dizem que o dr. Godói perdeu a pista do Dioguinho. Falam também no processo de Ribeirão Preto e dizem que os fazendeiros vão ser... como é que se fala mesmo?

E depois de pensar um pouco, concluiu: — Ê, é isso mesmo, vão ser denunciados.

— O senhor já mandou comprar as coisas que êle pediu?

— Já, o que tinha no povoado, já comprei. O que faltou, mandei buscar lá na cidade; deve chegar entre hoje e amanhã. Olha, está tudo aí nesses sacos e amarrado nesses encapados — disse Santana, apontando para um canto do quarto.

— E o cachorro, o sr. já arranjou?

— Ê esse daí que estava no portão quando o senhor chegou.

— Êsse? — perguntou Urbano, fazendo um muxoxo.

— Ê, por que? Êle está assim feio de pêlo, meio sarnento, mas não tem melhor do que êle nesta redondeza. Pra guarda e numa caçada de paca, não dá confiança pra nenhum dêsses cachorros de raça que às vêzes aparecem por aquí, trazidos pelo patrão. Não reparou como êle latiu quando ainda o senhor vinha lá longe? Tem um faro que é barbaridade.

— Ê, latir êle late bastante — concordou Urbano.

— Então, pra guarda não precisa melhor — concluiu Santana, chamando o cachorro com um assobio.

Já estava escurecendo quando Urbano resolveu voltar. Ajudado por Santana e um filho dêste, transportou tudo até a canoa. Atravessou o rio, e chegando na outra margem, a muito custo levou a proa da embarcação para a praia. Depois, pegou o picuá onde estavam a carne fresca, o pacote de farinha d'água, a goiabada, um vidro de remédio e as caixas de munição, pôs os jornais debaixo do braço, chamou o cachorro, e foi subindo o barranco, agarrando-se num tóco aqui, num cipó ali, até chegar lá em cima.

Dioguinho, ao vê-lo, perguntou:

— Então, trouxe tudo? Quais são as novidades? Trouxe os jornais?

— Trouxe, sim senhor. Veio tudo o que tinha lá. O resto vem depois. Novidades não tem, não senhor — E entregou os jornais a Dioguinho, indo guardar o picuá dentro do rancho. De lá voltou logo e disse:

— Agora vou buscar o resto, que ficou lá na canoa.

Joãozinho, vendo o cachorro, exclamou:

— Ixe! Que cachorrinho firidente! Isso presta?

— “Seu” Santana garantiu que é bom. E parece que é — respondeu Urbano.

— Quer uma demão para carregar as coisa, tio Libano?

— Não carece. Obrigado. Em duas viagens eu baldeio tudo. — E foi descendo o barranco.

\* \* \*

Santana e sua família já estavam dormindo havia algum tempo, quando se fizeram ouvir fortes batidas na porta da casa. O homem acordou, estremunhando, apurou o ouvido. As pancadas se repetiram. Levantou e chegando perto da porta, indagou:

— Quem é?

— A polícia! Abra logo!



Santana ficou um instante indeciso. Acendeu a lamparina e ficou olhando para a mulher, que também se mostrava assustada. Bateram outra vez, com mais fôrça:

— Abra logo senão mando meter a porta abaixo! Vamos!

O homem, com a lamparina a dançar na mão trêmulo, levantou a tranca e foi empurrado de fora. Três homens entraram de chofre, com fuzís nas mãos, levando-o pela frente, já seguro pelos braços. Um dos soldados logo abriu a porta dos fundos. Entraram França Pinto e mais quatro homens, todos com as armas engatilhadas, prontas para atirar.

— Onde está o Dioguinho? — perguntou França Pinto, com o revólver encostado no peito de Santana.

Aturdido, indeciso e com mêdo, sem poder apreender de um golpe a situação, Santana não encontrava palavras para responder. Sentia-se inibido, tanto de falar quanto de pensar.

— Vamos, responda logo pro “seu” coronel, coisa à-toa! — berrou um negro espadaúdo, de beiços grandes, com uma cicatriz que ia da testa à orelha.

Por fim, depois de outras invectivas, gaguejando, Santana conseguiu dizer:

— Não sei não... êle esteve aquí mas já foi embora... juro que não sei...

— Não adianta mentir, está ouvindo? Nós temos certeza de que êle está por aquí! É melhor você contar, senão você se arrepende! — gritou França Pinto.

— Mas eu não sei, “seu” coronel... êle já foi embora... — e, lembrando-se da carta, sentiu-se mais animado: — O sr. quer a prova? Está alí, eu posso mostrar pro senhor — E foi buscar a carta, que entregou ao coronel.

Nesse momento os soldados vieram trazendo, aos safanões, dois homens e uma mulatinha.

— Quem são êsses? — perguntou França Pinto.

— São dois mascates, e essa moça aí é parente de minha mulher — respondeu Santana.

Os mascates, que ouviram falar em polícia, Dioguinho, “conta senão você apanha” e outras coisas confusas para êles, olhavam de um lado e de outro, sem saber o que dizer.

— Que é que vocês estão fazendo aqui? — inquiriu o coronel.

— Nós mascate... comerciante... vende mercadorias... não sabe nada, não senhor doutor. Pediu pra dormir aqui esta noite. Não conhece Dioguinha, não conhece nada, jura, jura...

Os soldados riram com a atrapalhão dos mascates. França Pinto verificou logo que êles de nada podiam saber e mandou levá-los para o outro quarto.

Em seguida, aproximando-se da lamparina, pôs-se a ler a carta. Finda a leitura, voltou-se para Santana:

— Ê, êste truque é muito velho. Isto de escrever carta com data atrasada, de outra cidade, dizendo que vai para Botucatu, é para os trouxas, não para mim. Eu trabalho na policia da Capital, seu moço! Da Capital, está ouvindo? Não é aqui neste mato que eu hei de ser enganado assim por qualquer um. Vamos, vá contando onde é que se meteram o Dioguinho e o irmão dêle!

Santana ficou mais assustado ainda por ver que o estratagemma não dera o resultado esperado. Não obstante, decidiu que o melhor era manter-se na negativa, sem hesitar entre o medo da policia e o pavor de Dioguinho.

— Já disse que não sei, "seu" coronel. Essa carta eu recebi antes de ontem, de São Carlos, como está escrito aí, do Dioguinho. O senhor não viu? Não é truque, não, juro.

— Então onde está o envelope? Quero ver o carimbo do correio. Mostre! — intimou França Pinto.

Santana não esperava por essa. Titubeou, engasgou, cuspiu e disse:

— Não veio pelo correio, não senhor. Veio por portador.

França Pinto riu, chegou-se bem perto de Santana e disse, olhando firmemente para êle:

— Portador, hein! portador, seu mentiroso. Que juízo você faz de mim, seu idiota! Você já está me fazendo perder a paciência. Conta e conta logo onde está êsse porqueira do Dioguinho!

O negro beicudo, que pelo jeito devia ser o ordenança do coronel, agarrou Santana pelo pescoço com a mão esquerda, mão que mais parecia uma enxada de quatro libras, deu-lhe uns safanões, e bufou:

— Conta que eu te esgano, caboclo! Conta!

A mulher de Santana, que estava encolhida a um canto do quarto, olhava apavorada para tudo aquilo.

O negro, arrancando da cinta uma faca comprida, encostou-a pelo fio ao pescoço de Santana, e foi fazendo pressão, obrigando-o a ajoelhar-se. Depois, rosnou:

— Ou você conta ou daqui a pouco você não presta mais como homem. Eu te corto a vergonha!

— Não! Não! Não faça isso! — gritou a mulher — Conta antes que êle te cape, homem! Conta que êle está no rio... — E se pôs a chorar.

Santana compreendeu que já não adiantava mais negar. Também, Dioguinho podia exigir dêle, como parente e amigo, que não o traísse, que não o delatasse, até o momento em que a sua própria vida não corresse perigo. Depois disso, não. E contou o que sabia:

— Eu conto... — disse, procurando afastar, com ambas as mãos, as garras do homem que o subjugava.

— Então conte — ordenou França Pinto.

Santana, esfregando a mão no pescoço, ao mesmo tempo que virava a cabeça pra cá e pra lá, foi contando o que sabia.

— Muito bem. E agora, para se ir até lá, por onde é que se vai? — indagou o coronel.

— Não é fácil, não. O Diogo está num lugar que não se pode chegar lá sem que êle veja. Êles estão em três, bem armados. O senhor sabe como é que êle e o irmão atiram, não sabe? Nem chegam a atravessar o rio e morre tudo. O sr. e tôda essa gente.

— Morre o que! Ê exagero dêle, "seu" coronel. Deixa nós ir até onde está aquêle peste, pra ver isso de perto... — interveio o negro, que ainda conservava a faca na mão.

— Isso não é assim, não. Ele tem razão. É preciso ter muita cautela. Nós viemos aqui para prender o Dioguinho e o irmão. Se houver mortes, isso já faz parte da vida dos policiais. Quando viemos para cá, já não contávamos com a vida. — Fêz uma pausa, encarando os seus homens, e continuou: — Mas agora, o que eu não posso e não devo fazer, é expor vocês por aí, estabanadamente, às balas desses assassinos, sem probabilidades de êxito. Isso não! Vocês me conhecem bem e sabem que eu só voltarei para São Paulo com o Dioguinho prêso ou morto. Ou então... só se ele me matar.

Os homens que acompanhavam o coronel, todos escolhidos a dedo pela sua coragem e experimentados em outras ocasiões, aprovaram com a cabeça as palavras do chefe. França Pinto, dirigindo-se novamente a Santana, perguntou:

— Então, como é que você acha melhor? Agora que você já resolveu ajudar a polícia e colaborar com a justiça, mostrando que é um brasileiro digno, o que é que você sugere?

Santana, já então acalmado e convencido de que a única solução era mesmo aquela de ficar ao lado da polícia, pensou um pouco e disse:

— No meu modo de ver as coisas, só tem mesmo um jeito.

— Qual é? — insistiu França Pinto, impaciente.

— É atrair “seu” Diogo para a margem de cá.

— E como é que se pode fazer isso?

— Só com o auxílio do Urbano.

— Urbano? Quem é êsse?

— É o canoeiro que está trabalhando pro Dioguinho.

— E onde é que ele está agora?

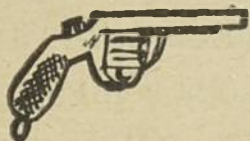
— Deve de estar lá no rancho, com êles.

— E então?

— Amanhã cedo, se o senhor quiser, eu posso chamar êle pro lado de cá. Aí o senhor fala com êle e combina.

França Pinto acercou-se da janela, olhou para fora, consultou o relógio, e afinal falou:

— São quatro horas. Daquí a pouco já começa a clarear. Vamos descansar um pouco e depois trataremos de atrair êsse tal de Urbano. — E dizendo isso, sentou-se, dando ordem aos seus homens para que também procurassem acomodar-se, para descansar, revezando-se as sentinelas no lado de fora, nos cantos mais apropriados do terreiro.



## CAPÍTULO XL

Ainda estava escuro quando Dioguinho resolveu levantar-se. Dormira mal durante a noite, devido às dôres no ventre. E, para atormentá-lo ainda mais, últimamente lhe haviam aparecido no rosto umas empigens. Vestiu-se, pegou o vidro de remédio, em cujo rótulo estava escrito "Poaia e bismuto", tomou uma dôse e saiu do rancho. Foi até a barranca do rio, deixou-se ficar algum tempo por alí, cismando, depois voltou e acordou Joãozinho e Urbano. E, enquanto êste último preparava o café, foi mostrar ao irmão o lugar que havia escolhido para a construção do novo rancho.

— Olhe, êste é o melhor lugar. A porta do rancho vai ficar bem fronteira com a picada. Assim, de dentro mesmo a gente pode ver se chega alguém por alí — e apontou o caminho estreito, que levava à margem do rio.

Em seguida, Dioguinho foi riscando no chão, com a enxada que lhe mandara Santana juntamente com outras ferramentas, o traçado em que se levantaria a nova construção, a qual ficaria pouco distante da outra. E explicava ao irmão:

— Pela frente está o barranco, que neste lugar é bem alto e difícil de subir. Aí atrás fica o furado, que com a enchente não dá passagem. Dêsse modo, quem quiser vir até aquí, tem que chegar mesmo pela frente, pela picada, sabe como é? E vindo por aí, a gente vê logo. Se fôr de noite, o cachorro dá o aviso.

Urbano aproximou-se trazendo duas canecas de café fumegante, ainda em tempo de ouvir o final da explicação; e meneou a cabeça, à moda de quem aprova.

— Agora, tio Libano — disse Dioguinho — vamos desmanchar o rancho e aproveitar neste aqui os paus, o sapé e tudo que fôr possível. Com as ferramentas que você trouxe ontem, nós havemos de fazer coisa melhor e mais resistente.

Urbano e Joãozinho puseram mãos à obra. Arrancaram as forquilhas, desamarraram o sapé, e foram amontoando tudo de um lado. O trabalho foi mais ou menos rápido. Nesse meio tempo, Dioguinho ficou fazendo os buracos onde seriam fincados os esteios.

\* \* \*

Santana, assim que achou que era chegada a hora, avisou França Pinto e encaminhou-se para a margem do rio, em frente ao lugar onde estavam acampados os seus parentes. Uma vez ali, pôs as mãos na bôca, em forma de concha, e gritou:

— “Seu” Urbaaaano... Ô “seu” Urbaaaano...

O primeiro a acudir foi o cachorro, que começou a latir em sinal de alerta. Os três homens abandonaram imediatamente o trabalho e se puseram a escutar. Santana repetiu o chamado:

— Ô... Urbaaaano...

— Olhe, estão chamando você, tio Libano. E pela voz deve de ser o Santana — falou Dioguinho.

— Vou ver quem é — disse o canoeiro, aproximando-se da margem do rio.

Santana, assim que o homem apareceu no alto do barranco, levantou os braços, sacudindo-os, e gritou:

— “Seu” Urbano... preciso muito que me dê uma demão pra matar uma rês... Tenho que mandar carne fresca lá pra fazenda... o patrão chegou... Você pode vir me ajudar?

Dioguinho, que acabava de se aproximar do canoeiro, cumprimentou o parente abanando a mão direita. Depois disse a Urbano:

— Pode ir, Libano. Assim você aproveita pra trazer carne fresca também pra nós. E não demore muito, que precisamos adiantar a construção do rancho.



— Já vou.

O homem desceu o barranco, entrou na canoa e dirigiu-se para a outra margem.

Dioguinho, depois de o acompanhar com os olhos, voltou para junto do irmão, e continuaram o trabalho, em silêncio.

Santana ajudou a puxar a canoa para a praia. Dalí, os dois homens tomaram o rumo da casa. Pelo caminho, Santana foi dizendo que o administrador da fazenda havia mandado pedir carne fresca com urgência, porque o senador chegara na véspera. E, como o outro empregado tinha ido à cidade em busca das encomendas de Dioguinho, êle estava atrapalhado. Só mesmo o Urbano podia ajudá-lo no momento.

Logo depois chegaram à casa de Santana. Do lado de fora, não havia ninguém, nem sinal de vida.



Ao transpor a porta, entrando antes que o dono da casa, Urbano se deparou com os homens armados, alguns fardados, outros não. Num átimo compreendeu tudo. Espantado, exclamou:

— Eah!!!

Fêz menção de retirar-se, mas foi impedido por um dos homens, que se colocou entre êle e a porta. O canoeiro olhou para Santana, olhou para o pessoal todo, enguliu em sêco, mordeu os lábios. Ficou na expectativa, de olhos muito abertos.

Santana dirigiu-se a êle meio embaraçado:

— Pois é, “seu” Urbano, êles me obrigaram a contar onde é que o parente está... Êsses homens é a escolta que vem atrás dêle, desde São Paulo... “Seu” coronel aí mandou chamar o senhor... êle vai explicar tudo direitinho, e só lhe resta ajudar também. O negócio é muito sério.

França Pinto aproximou-se e falou, em tom amistoso:

— Ê isso mesmo, “seu” Urbano, nós somos da polícia e viemos até aquí atrás do Dioguinho. Vamos sentar — convidou, indicando um banco que se achava próximo.

Urbano, que olhava firme para Santana, como que a reprovar-lhe a traição, não se mexeu nem deu um pio.

— Não quer sentar? — prosseguiu França Pinto — então vamos conversar de pé mesmo. Aquí o “seu” Santana, depois de muito custo, resolveu dizer a verdade. Também não adiantava mentir. Nós já sabíamos que o Dioguinho e o irmão dêle paravam por aquí. A polícia, como o senhor sabe, quando quer, descobre mesmo. E, a prova é que nós estamos aquí, não é?

Urbano continuava mudo, com os olhos a saltarem do coronel para Santana, e vice-versa.

— Nós já sabemos que o Dioguinho construiu um rancho na outra margem do rio, onde está acampado — continuou França Pinto — como também sei que você não tem nada com os crimes dêle nem com as tropelias que êle andou fazendo por aí. Sei de tudo, “seu” Urbano. Sei que você o conhece há poucos dias e que foi contratado para prestar êsse serviço. Êle lhe paga, logo você também nada tem por onde se lhe pegue.

Dentro da casa não se ouvia o menor ruído. Todos estavam atentos ao trabalho do coronel para obter, pela persuasão, a adesão do canoeiro. França Pinto acendeu um cigarro, ofereceu o maço para Urbano, que recusou com a cabeça.

— Agora — continuou — assim como o Santana e você ainda não são criminosos, podem ficar comprometidos de uma hora para outra, bastando que se recusem a auxiliar a polícia, protegendo êsse assassino, contra quem existe mandado de prisão do juiz de direito da Comarca de Batatais. Sim, porque auxiliar criminosos, facilitando-lhes a fuga, prejudicar o serviço da justiça, é crime, como o senhor sabe. Isso dá cadeia para o resto da vida, “seu” Urbano, para o resto da sua vida, porque o senhor já é homem de certa idade.

Urbano, ao ouvir falar em cadeia para o resto da vida, arregalou bem os olhos e ficou encarando o coronel. Êste prosseguiu:

— Ê por isso que eu mandei chamar o senhor. Para pedir-lhe que nos ajude; que auxilie o govêrno e a justiça. O que o senhor me diz, “seu” Urbano, está disposto a cumprir o seu dever de cidadão e de patriota?

Urbano continuava mudo, já agora de cabeça baixa, olhando para o chão.

França Pinto esperou um pouco. Depois, com mais energia na voz, disse:

— Como é, responde! Não temos tempo a perder. Ou o senhor concorda, ou nós iremos até onde se esconde êsse bandido. O senhor fica prêso desde já e será responsabilizado por tudo o que acontecer. Se morrer alguém, o senhor responderá por isso. Depois não alegue que não foi avisado!

— Mas... — respondeu Urbano, tímidamente — eu não tenho nada com isso, não sei de nada. O senhor mesmo disse que eu sou empregado...

— Disse e continuo dizendo — volveu depressa o coronel, já mais animado por ouvir, pela primeira vez, a voz do canoeiro — que você não tem nada com isso, até agora. E não terá, se resolver nos auxiliar.

— Como? — perguntou Urbano.

— Eu lhe explicarei, se o sr. concordar em prestar auxílio.

— Mas, o que é tudo que eu teria de fazer?

— Por exemplo, atrair o Dioguinho e o irmão dêle para a margem de cá do rio.

Urbano sacudiu violentamente a cabeça e protestou, com voz firme:

— Não, isso não! — E, depois de uma pausa, mais brando:  
— Êle me mata...

— Mata como? Pois nós não estamos todos aquí? Não estamos armados e dispostos a enfrentá-lo?

— Êle me mata da outra margem mesmo, nem precisa atravessar o rio... mata, sim, o senhor não conhece aquêle homem... Êle tem o corpo fechado... bala não atravessa êle, não...

— Mas, como é que êle vai saber que nós o estamos esperando dêste lado? E o senhor também acredita nessa mentira de corpo fechado, acredita? Quero ver se a pele dêle agüenta isto aquí — gritou, mostrando o revólver.

— “Seu” Diogo sabe tudo... A esta hora êle já sabe que o senhor está conversando comigo; que está pedindo pra mim trair êle... Ah! “seu” coronel, se eu ajudar o senhor, pode escrever que sou um homem morto... Não, não faça isso comigo, eu tenho família...

— Que é isso, “seu” Urbano — interrompeu França Pinto, procurando acalmá-lo — o senhor, um homem de idade, cheio de experiência, acreditando que êle adivinha tudo! Que bobagem essa! Se êle adivinhasse tudo, então também teria sabido ontem à noite que o Santana nos havia contado tudo que eu sei. E hoje, hoje mesmo, quando você foi chamado para vir aquí.

Urbano pensou um pouco e, de repente, compreendeu, surpreendido, que o homem tinha razão. Era isso mesmo: Dioguinho não lhe havia falado nada sôbre a presença da polícia alí; nem sôbre a traição do Santana. Nem lhe dissera nada quando êste o chamara a fim de matar a rês. Pois até lhe pedira para levar carne fresca...

França Pinto percebeu a indecisão do homem e continuou:

— Pois não está claro? Isso de dizer que o Dioguinho sabe tudo, que êle vê tudo, e outras bobagens dêsse gênero, tudo é história, pura lenda, “seu” Urbano. Se fôsse assim, êle seria igual a Deus. Só Deus é que sabe tudo, homem. Ou você acha que o Dioguinho também é Deus?

Urbano sacudiu a cabeça e respondeu:

— Deus não; que é isso “seu” coronel!,

Levantou-se sentindo o corpo mole, pediu água, bebeu e tornou a sentar-se. A simples idéia de fazer aquilo para Dioguinho, lhe dava calafrios na espinha. Mas também, o que é que êle podia fazer? O Santana, êsse, que era parente do homem, já havia falado. A polícia sabia de tudo. Se êle não ajudasse, seria prêso e condenado para o resto da vida, como o coronel havia dito. Não tinha remédio.

— Ê, se é assim, eu ajudo — respondeu em voz baixa, olhando com o rabo dos olhos para o lado de Santana.

França Pinto deu um sorriso e bateu amistosamente no ombro do canoeiro:

— Eu já esperava isso do senhor, que, está-se vendo, é um homem direito, um patriota.

— Sou mesmo, “seu” coronel. Eu fiz a guerra do Paraguai.

— Vê-se logo que o senhor não tem mêdo de bobagens. Então está tudo acertado. O senhor vai ajudar a polícia, não é?

— Ajudo — respondeu Urbano, dando um suspiro prolongado, sempre desviando os olhos para o lado de Santana. Viu, finalmente, que êste aprovava sua decisão, com um sinal de cabeça.



## CAPÍTULO XLI

Obtida a cooperação de Urbano, vários planos foram estudados, a fim de atrair Dioguinho e o irmão para a margem de cá do rio. A sugestão do canoeiro, porém, acabou prevalecendo.

— Pois é como eu já disse, “seu” coronel — explicava o canoeiro. — O homem é ladino, cabortêro, desconfiado como êle só. Êle não vai atrás de conversa, não. Pergunte ali ao “seu” Santana, que é parente dêle, não é mesmo?

— “Seu” Urbano tem tôda razão, coronel; é preciso muito jeito e manha. Se não, êle mete os peitos por êsse fundão e ninguém mais põe a mão nêle. Ou então, vai haver muito tiro. Que vai, vai — comentou Santana.

— Então exponha outra vez o seu plano — disse o coronel para o canoeiro.

— Chegar até lá onde êles estão, isso pra mim, como já falei, é loucura. O barranco é muito empinado e difícil da gente subir de um jato. Ê preciso ir trepando por êle em riba, segurando aquí, agarrando ali. Por trás, o furado não dá passagem. O melhor é mesmo trazer os dois pra êste lado.

— Bem, mas disso se incumbe você, como já combinamos — falou França Pinto.

— Eu sei, mas com que desculpa eu vou trazer êles pra cá? Aí é que está. Êle não vem assim à-toa, não. Ainda mais que anda cismado com as escoltas. Pra mim o melhor é esperar êle acabar de construir o novo rancho e deixar êle imaginando que a polícia perdeu a pista. Aí então a gente pode dar um jeito...

— E que jeito seria êsse? — insistiu França Pinto, já um tanto impaciente.

Urbano pensou um pouco, depois, medindo as palavras, sugeriu:

— Nós podemos fazer assim, veja se o senhor aprova: “seu” Santana mandou buscar lá na cidade um resto das encomendas do “seu” Diogo, mantimentos, trens de cozinha e outras coisas. Êle fica segurando isso tudo aquí, por uns dias, não é assim? Nesse meio tempo o senhor volta com os seus homens prá cidade e faz correr a notícia que já esteve aquí na casa do “seu” Santana e que foi de balde.

— Estou entendendo; a idéia é boa — interrompeu França Pinto — posso até mandar a notícia para os jornais. Êle lê sempre os jornais, não lê? Pois então, os jornais poderão dizer que eu estive aquí, apreendi a carta em que êle diz ter ido para Botucatú e então, louvado nisso, toquei para lá, atrás dêle e do irmão.

— Isso mesmo — disseram, quase ao mesmo tempo, Urbano e Santana.

— Então está combinado. E agora, quantos dias você acha necessário esperar?

— Uns três ou quatro — respondeu Urbano.

— Mas não é muito? — perguntou França Pinto.

— Não é não, “seu” coronel. Ê melhor esperar mais um pouco e dar o bote certo. Dêsse jeito a gente dá tempo pra êle ler os jornais, construir o rancho e ficar certo que ninguém mais pensa na existência dêle por aquí. Não acha, “seu” Santana?

— Também acho.

— Está certo, eu confio em vocês. Vou deixar dois ou três homens lá na sede da fazenda, para me avisarem de qualquer novidade. Eu e o resto da escolta seguiremos para São Carlos, como quem vai em direção a Botucatú. Fico por alí e, quando receber o aviso de vocês, voltarei escondido, para efetuar a prisão dos assassinos. Combinado?

— Sim senhor — responderam os outros dois.

A mulher de Santana entrou no quarto trazendo três xícaras de café, que havia sido coado naquele instante.

França Pinto chamou o alferes Regis e deu ordem de avisar os outros homens que se preparassem para regressar. O militar saiu intrigado com aquela ordem, que lhe parecia absurda, mas não discutiu. Foi pensando consigo mesmo: — “Onde é que já se viu uma coisa dessas?! Vem atrás dos homens, encontra os tais, conversa com um, grita com outro, diz, faz, acontece, e, no fim, última forma — volta tudo sem fazer nada! Enfim, êle é quem manda”.

Transmitiu a ordem recebida, satisfeito de ver que os soldados, pela cara que fizeram, pensavam como êle.

Enquanto a escolta se preparava, França Pinto ficou acertando pormenores com o canoeiro e Santana. A certa altura, perguntou:

— Uma coisa: alguns sujeitos dizem que êsse tal de Dioguinho tem uma cicatriz no queixo, outros dizem que não. Afinal, êle tem ou não tem?

— Tem, sim senhor — respondeu Urbano — ainda um dia dêstes êle esteve me falando dessa cicatriz.

— E o que foi que êle disse?

— Pra mim êle disse que foi um tiro de espingarda disparado sem querer, por um amigo dêle, já faz algum tempinho. Eu não quis contrariar êle, mas acho que um tiro não ia pegar só no queixo. Se fôsse assim, os chumbos barreavam a cara dêle tôda, o senhor não acha?

— Depende da distância de onde o tiro foi dado, da quantidade da carga, da direção — respondeu o coronel.

— Qual, pra mim, aquilo há de ter sido um coice de qualquer animal. Está mais com jeito disso do que de tiro. Engraçado é que a ferida fechou, mas não fechou de tudo. Ficou um buraquinho — esclareceu Urbano.

— Um buraco?

— Ê, um buraco bem aquí assim, em baixo do beiço. Quando êle quer, enche a bôca d'água e depois espirra pelo buraquinho. Sai um esguicho fininho, com fôrça, que alcança longe. Ê, sim, o senhor não acredita?

— Acredito — assegurou o coronel.

— Pois êle me contou que quando quer brincar com alguém, ou então provocar um cara qualquer, espirra água no tal, dêsse jeito. Que homem, não?

França Pinto se pôs a rir, levantou-se, apanhou o chapéu de cima da cômoda. E, despedindo-se, largou a última advertência:

— Bom, agora eu tenho que ir embora. Então, mais uma vez, fiquem sabendo que eu confio em vocês. Vejam lá o que vão fazer, hein! Com a polícia ninguém brinca. Depois de tudo terminado hei de recompensar o auxílio que vocês me prestarem. Até logo.

Saiu, montou a cavalo, e partiu à frente da escolta.

\* \* \*

Depois que ficaram sós, os dois homens se mantiveram em silêncio por algum tempo. Urbano foi o primeiro a falar:

— Que enrascada, hein, “seu” Santana! Maldita hora que eu aceitei de trabalhar pro Dioguinho. Veja o que foi me acontecer! De um lado êle e o irmão, do outro a escolta, “seu” coronel, a polícia, os soldados, o diabo! Puxa!

Santana sentou-se na soleira da porta, olhou para o outro, e foi confessando:

— Ê porque o senhor não sabe o que aconteceu pra mim. Se eu não falasse êles me matavam. Viu aquêle negro beicudo, feio como assombração? Pois êsse me garrou com tôda a fôrça, encostou o fio da faca no meu pescoço, me torceu o braço e gritou pra mim: — “Ou você conta ou eu te corto a vergonha”, E cortava mesmo, o desgranhento. Filho da...!

Urbano estremeceu só de pensar na possibilidade de alguém pretender fazer a mesma coisa com êle. Santana, então, contou-lhe tim-tim por tim-tim tudo que acontecera na noite anterior e, concluindo, perguntou:

— Que é que eu devia fazer? Deixar êles me matarem, matar minha mulher e no fim matar o Dioguinho, o Joãozinho e o senhor?



Urbano olhou com pena para Santana e concordou que êle não podia fazer outra coisa mesmo. E comentou:

— Que sorte a nossa, não? Tanto lugar pro “seu” Dioguinho ir se esconder, mais o irmão dêle, e o destino manda os dois pra cá e nos mete nisso, nós que nada temos nem com êle nem com a polícia... Agora é ir até o fim, e seja lá o que Deus quiser. — E, lembrando-se que tinha de voltar, Urbano ficou afobado. Correu para dentro da casa, pegou o chapéu, tornou a sair, e perguntou a Santana:

— Cadê a carne que eu fiquei de levar pra êle? Nossa Senhora, já é tarde...

— Graças a Deus que tem carne aí. Ontem eu matei uma rês. Espere um pouco, que eu vou arranjar um bom pedaço pra você levar.

Urbano meteu a manta de carne no picuá e saiu em direção ao rio, acompanhado por Santana. Pelo caminho foram acertando as coisas, a meio tom:

— Êle vai querer saber por que foi que eu demorei tanto. E eu? Que é que eu hei de dizer?

— Diga que demorou pra pegar a rês e pra retalhar ela — advertiu Santana.

— Isso serve pra justificar um pouco, mas não tanto. Olha! Sabe de uma coisa? Eu vou dizer que quando vinha voltando, vi chegar a escolta na sua casa e fiquei escondido, assuntando o que ia acontecer, pra dar o aviso, caso êles resolvesse campear o rio, né?

— Isso mesmo. Diga isso que êles engolem direitinho.

— Pois é isso. Eu digo que vi os homens falando com o senhor, gesticulando, revistando sua casa e que depois que êles foram embora, eu fui saber o que tinha acontecido, não é mesmo? E que o senhor me disse que a polícia tinha ido procurar êle e o irmão...

— E que eu disse que não sabia o paradeiro dêles — acrescentou Santana, mais que depressa.

— Isso! E que o senhor mostrou pra êles a carta que tinha recebido de São Carlos, do “seu” Diogo, dizendo que êle e o irmão iam pra Botucatú...

— Perfeito. E que êles então foram pra lá, atrás dos dois — rematou Santana.

Prosseguiram, meio ressabiados, até a margem do rio. Urbano, entrando na canoa, sentiu o coração bater mais depressa. Tudo o que combinara com o coronel e com o companheiro e que então lhe parecera muito simples, agora, quando tinha que se defrontar com Dioguinho, já não lhe soava tão fácil assim. Ficou apreensivo; amedrontado, mesmo. Olhou para Santana, empunhou o remo, como quem não sabe o que faz. Por fim, falou:

— Reze por mim, “seu” Santana. Peça pra sua mulher rezar também, que eu preciso de proteção...

A canoa partiu, vagarosa, como indecisa também. Só no meio do rio foi que ganhou velocidade. À vista do irremediável, o homem se decidira.



## CAPÍTULO XLII

O sol já se pusera, quando Urbano chegou à outra margem. Foi subindo o barranco como quem ia defrontar-se, ali adiante, com um inimigo tocaiado. Mas estava para o que desse e viesse. Ao atingir o alto, assustou-se com os latidos do cachorro, que viera correndo ao seu encontro, abanando o rabo. Dioguinho e o irmão, empunhando suas carabinas, apareceram de repente, surgindo de trás de uma árvore.

— Que foi que aconteceu com você, tio Libano? — perguntou Dioguinho, meio zangado. — Eu não disse que voltasse logo?

Urbano quase fraquejou com o súbito aparecimento dos dois e com o tom de voz do patrão. Logo, porém, se refêz do abalo, e disse:

— Nem queira saber o que foi que aconteceu, “seu” Diogo. A polícia...

— Que polícia essa? Onde é que estava a polícia? — interrompeu Dioguinho, já nervoso.

— Lá na casa do “seu” Santana...

— E agora? Então? Onde está ela? Diga logo, homem, responda! Conte tudo de uma vez! — atalhou o facínora, olhando para os lados, como se esperasse um ataque sem saber de onde viria.

— Já foi embora, já foi embora — respondeu Urbano, procurando acalmar o homem. — Eu conto, eu quero contar, mas o senhor não me deixa.

Joãozinho, que fôra até o alto do barranco explorar o terreno, voltou dizendo:

— Por aí não tem ninguém, não.

— Não tem mesmo — asseverou Urbano — êles já foram. Ah! Foi até engraçado. E relatou os fatos, como havia combinado com Santana.

Dioguinho, já mais calmo, inquiriu:

— E a escolta não viu você? Onde é que você estava?

— Eu já vinha voltando pra cá, quando ouvi a bulha dos cavalos. Olhei. Vi logo que era gente da polícia. Me escondi e fiquei granando tudo, pronto pra correr e vir avisar o senhor, caso êles viessem nesta direção.

— E êles eram muitos?

— Uns doze homens.

— Bem armados?

— Estavam, sim senhor.

— E você tem certeza que êles não vão voltar?

— Pelo jeito, acho que foram pros lados de Botucatú. O chefe dêles leu a carta, depois botou ela na algibeira e disse pros homens isso tudo, conforme “seu” Santana me contou: — “Êles estão em Botucatú, vamos pra lá, minha gente”.

Dioguinho ficou olhando firme para êle. Aquêles poucos instantes tinham sido para o canoeiro os piores de sua vida. Mas agüentou firme. Sabia que se fraquejasse seria morte na certa.

Depois Dioguinho sorriu; o sorriso se transformou em gargalhadas. Por fim, o bandido voltou-se para o irmão:

— Está vendo, Joãozinho? Os tais enguliram a isca! Foram pra Botucatú. Ah! Ah! Ah!

Joãozinho também deu uma gostosa gargalhada. Mais do que os dois, no entanto, riu o velho canoeiro. Riu, riu, que até chegou a soltar lágrimas.

Dioguinho estava realmente satisfeito. Tanto assim, que resolveu preparar, êle mesmo, a comida. Cozinhou três bifés volumosos, quebrou dois ovos em cima de cada um, e mandou Joãozinho abrir uma garrafa de vinho.

Só então Urbano reparou que uma parte do rancho já estava levantada e coberta, o suficiente para abrigá-los por aquela noite.

— Está vendo, tio Libano, eu e o Dioguinho já fizemos isso, nós dois sòzinhos.

— Está bem bom — comentou o canoeiro.

— Amanhã, se Deus quiser, nós acabamos o rancho — acrescentou Dioguinho. Antes do almoço. De tarde eu quero descer aí pelo rio, pra pescar e caçar um pouco.

— Será bom — declarou Joãozinho — já estou enferrujando o dedo. Preciso dar uns tiros em alguma coisa. Não tendo gente, bicho mesmo serve.

Depois do jantar, Dioguinho deu os restos de comida para o cachorro, sentou-se perto de Urbano e quis saber outra vez de quantos homens se compunha a escolta, se êle tinha visto êles irem embora, se Santana havia feito a coisa com jeito, e outras informações, que o canoeiro ia respondendo, sempre coerente com a primeira versão.

Falaram de uma coisa e de outra, e, por fim, foram dormir. Dioguinho deitou-se, encostou a carabina engatilhada na cabeceira da cama e aconselhou Joãozinho a que fizesse o mesmo. Depois, abrindo as “Horas Marianas”, ficou lendo até muito tarde, à luz indecisa da lamparina.

\* \* \*

Acordaram bem cedo, tomaram café e se puseram a trabalhar para concluir a construção do rancho. A cama de Dioguinho foi colocada bem na entrada, em frente à picada que ia dar na barranca do rio, tendo na cabeceira, fincadas no chão, duas forquilhas, sôbre as quais o bandido colocou sua carabina, que alí ficou engatilhada, firme, pronta para ser disparada na direção do caminho aberto na mata a golpes de facão.

Dioguinho ajoelhou-se, fechou o olho esquerdo, fêz mira e disse:

— Está prontinha; é só relar o dedo que a bicha dispara e vai buscar a barriga do safado que aparecer pela frente.

Depois, deitou-se na cama como se fôra para dormir, estendeu o braço e, de olhos fechados, deu logo com o dedo no gatilho.

— Está vendo, tio Libano, até no escuro eu posso atirar e acertar no alvo, sem levantar da cama. É só o cachorro latir lá que eu respondo daqui, na mesma horinha — e riu satisfeito.

Continuaram a cobertura do rancho, que logo depois estava inteiramente pronto. Dioguinho afastou-se alguns passos, parou, examinou, examinou, e aprovou com a cabeça. Agora tinham um lugar seguro e abrigado para passarem uns tempos, até que as coisas melhorassem.

De súbito, lembrando-se dos animais que haviam ficado na casa de Santana, perguntou:

— Você viu os nossos cavalos? Como é que vão passando êles?

— Vão bem, sim senhor, o Santana tem tratado dêles direitinho.

— Estou com saüdades do meu "Leviano". Cavallo bom, chegou alí, parou. Você sabe, tio Libano, que êle é ensinado, não sabe? Não se mexe do lugar enquanto eu não dou ordem. E quando êle ouve tiro, parece gente: vira a cabeça do outro lado, fica quieto, sem mexer um tiquinho, pra não me atrapalhar na pontaria. E tem mais: êle não atura "periquito". Maravilha! Não há dinheiro que pague êsse cavallo.

— É, de animal assim, a gente não se aparta nem por todo o ouro dêste mundo — comentou Libano.

\* \* \*

De tardezinha, quando o sol já estava menos quente, Dioguinho deu ordem para se aprontarem. Iam descer o rio, como ficara combinado.

Enquanto Urbano cavoucava a terra, à procura de minhocas, que ia colocando numa lata, Joãozinho foi baldeando as varas de pescar, as espingardas e a munição para a canoa. Dioguinho deu comida ao cachorro, pôs uma garrafa de cachaça no picuá, juntamente com uns pedaços de carne, pegou

sua carabina e também tomou a direção do barranco, onde Urbano e Joãozinho já estavam à sua espera. Desceu, e entrou na canoa, que se foi afastando da margem. Haviam atingido o meio do rio, descendo com alguma velocidade, levados pela correnteza, quando Dioguinho, ao procurar passar da proa para o meio da embarcação, tropeçou nas varas que Joãozinho havia deixado ali. Desequilíbrio-se, bateu os braços no ar, a canoa guinou de um lado e de outro e, só por milagre, êle conseguiu equilibrar-se novamente.

Branco de susto, respirando apressadamente, Dioguinho olhou fuzilando para o irmão:

— Olhe, seu desgraçado, quando você fizer isso outra vez, eu te arrebento a cabeça com um tiro, ouviu? Você sabe que eu não sei nadar e não tem cuidado nenhum, miserável!

Joãozinho ficou olhando para êle, mais que assustado com tudo aquilo e, principalmente, maguado com o que acabava de ouvir do irmão. Afinal, não havia feito nada de mais. Pusera as varas de pescar num canto da canoa, que era o lugar indicado para isso.

Já acalmação, Dioguinho sentou-se e deu ordem ao canoeiro:

— Vamos voltar; já perdi a vontade de caçar, de pescar e de tudo o mais.

Urbano, agüentando a correnteza com o remo, fêz girar a embarcação, e começou a remar com vigor, em direção ao ponto de partida.

Ao chegarem no rancho, o bandoleiro, que até então não trocara palavra com o irmão, pegou-o pelo braço:

— A raiva já passou. Agora vamos esquecer o que eu disse. Mas, de outra vez, tome cuidado, Joãozinho.

\* \* \*

Assim que chegou a São Carlos, França Pinto fêz correr a notícia de que seguiria para Botucatu, atrás de Dioguinho, o qual havia escapado para aquêlê município, de acôrdo com os dizeres de uma carta apreendida na casa de um seu parente.

A notícia espalhou-se e, no dia seguinte, os jornais da Capital e outros do interior informavam que a polícia, tendo falhado a batida em casa de Santana, seguira as pegadas dos assassinos, homiziados naquelas bandas.

Enquanto isso, França Pinto, por meio de cartas levadas por portadores, dava contas ao Chefe de Polícia e ao dr. Godói do desenvolvimento das diligências para a captura de Dioguinho, o que, afirmava com segurança, estava por pouco.

\* \* \*

Urbano, ao voltar da casa de Santana, onde fôra a mandado de Dioguinho, a fim de saber as novidades, trouxe os jornais e os entregou ao seu patrão.

Dioguinho correu os olhos, leu as notícias publicadas sôbre a ida da escolta para Botucatú, sentiu o peito encher-se, de alívio, e exclamou:

— Nossa Senhora da Conceição está me protegendo!





## CAPÍTULO XLIII

**E**mbora fôsse um homem por natureza desconfiado, Dioguinho, com a história que lhe contara Urbano, sôbre a estada da escolta na casa de Santana e a retirada da polícia em direção a Botucatú, à vista da carta apreendida; e, principalmente, diante das notícias publicadas nos jornais, confirmando a desorientação dos seus perseguidores, sentia-se, agora, em maior segurança, encafuado naqueles ermos do rio Mogí-Guassú.

A vida, para êle, o irmão e Urbano, limitava-se a caçadas, pescarias, exercícios de tiro ao alvo, comer bem e dormir melhor. O único contacto que mantinham com o resto do mundo, era através dos jornais, que o canoeiro ia buscar, diàriamente, à casa de Santana.

Enquanto isso, França Pinto aguardava, impacientemente, o chamado do canoeiro para o encontro final com os assassinos, que há tempos vinham pondo em cheque a eficiência da polícia e o prestígio da justiça de São Paulo.

\* \* \*

Nesse dia, assim que chegou à casa de Santana, Urbano comunicou-lhe que Dioguinho insistia pela remessa do restante das coisas que mandara comprar.

— Já está tudo aí, como o senhor sabe. Mas é que nós combinamos segurar elas aqui, até a chegada do coronel — respondeu Santana.

— Eu sei, mas é que os mantimentos lá no rancho já estão acabando.

— E como é, ainda vai demorar muito essa nossa agonia? Quando é que o senhor pensa que a gente pode mandar o aviso pro coronel?

Urbano pensou um pouco, foi até a porta, espiou de um lado e de outro, como se estivesse com medo de ser ouvido por alguém. Depois, aproximou-se bem perto de Santana, e disse, em voz baixa:

— Pode mandar avisar pra virem aqui amanhã. — E ficou olhando para o outro, assustado com a sua própria resolução.

Santana, por sua vez, ficou por alguns instantes nervoso e indeciso, mas logo se controlou:

— Amanhã? Tem certeza? Posso mandar avisar?

— Pode. É melhor acabar com isso de uma vez.

— Então hoje mesmo, quando vier aqui um dos homens que o coronel deixou lá na fazenda, mando o recado pra êle.

Urbano sentou-se num banco da cozinha, onde êles estavam, e ficou calado, ruminando coisas. Santana permaneceu de pé, junto à porta, esperando que o outro se manifestasse, pois a êle competia pôr o plano em execução. Por fim, o canoeiro falou:

— O senhor tem um pouco de mantimento que dê pro gasto lá no rancho, por uns dois dias?

— Tenho, sim.

— Então me dê. Eu vou dizer pra êle que o senhor emprestou do seu e que nestes dois ou três dias, quando vier o que êle encomendou, o senhor tira outra vez. Assim, depois de amanhã, eu deixo a canoa grande lá e venho com a mais pequena, como quem vem só pra saber se os mantimentos já chegaram, sabe como é? Daí, eu dou um pulo até aqui na sua casa, combino tudo com o coronel, e volto pra chamar êles pra trazer a canoa maior, pra mór de baldear pro lado de lá êsses mantimentos, pois, como o senhor sabe, naquela canoinha mal dá prá gente ir nela.

Santana achou muito boa a idéia, e que havia de dar certo, dêsse jeito.

— Nós dois precisamos ir juntos, nesse dia, lá na beira do rio, pra dar a impressão que tem muita coisa pra carregar — continuou Urbano. — Assim êles vêm juntos os dois. Chegando lá, eu chamo “seu” Diogo com êste pio de nhambú que êle me deu pra êsse fim — e tirou do bolso um pio feito de taquara, que mostrou ao outro.

— Por que êsse pio?

— “Seu” Diogo disse que é pra evitar alguma cilada. Êle agora só atende se fôr chamado com êste pio.

— O homem é danado mesmo! Êle prevê tudo, parece que adivinha as coisas — comentou Santana. — Puxa, rapaz! Será que o nosso plano vai dar certo? Palavra que eu já estou ficando com mêdo.

— O senhor nem pode imaginar, como eu tenho pensado nisso, “seu” Santana. Eu fico lá com êles, rindo, brincando, me divertindo, mas é só por fora, “seu” Santana, só por fora. Por dentro, eh! Só eu mesmo é que sei. Das vêzes me dá a impressão que êle e o irmão já sabem de tudo e que estão só me cozinhando n’água fria, pra quando fôr hora dar cabo de mim. Depois, eu faço um estudo dêles, disfarçando, e digo a só por só: — Que nada, “seu” Urbano, se êles já soubessem, a estas horas você já estava engordando os peixes no Mogí. . .

— Eu imagino. Pois se aquí na minha casa, eu não tenho sossêgo, homem, que será do senhor lá, junto dêles, dia e noite.

Urbano levantou-se, desenrolou o picuá:

— Ê, meu amigo, agora não tem mais de que. Fugir não adianta. Aí ficam êles e os outros atrás da gente. Seja lá o que Deus quiser, não é mesmo?

— Ê — respondeu Santana, com voz sumida.

— Bem, agora me dê os mantimentos, que eu preciso ir embora. Me dê também os jornais, que é a primeira coisa que êle pede.

Santana entregou ao canoeiro, feijão, arroz, carne sêca, farinha, café, açúcar, toucinho e um bom pedaço de carne de porco salgada.

— Chega?

— Até depois de amanhã dá.

Urbano arrumou os mantimentos no picuá, pegou os jornais, a correspondência e foi saindo. Quando chegou no terreiro, o outro perguntou-lhe, ainda uma vez:

— Então? Fica mesmo pra depois de amanhã, não é?

— É, depois de amanhã.

\* \* \*

Dioguinho abriu as cartas e, entre elas, encontrou a de um amigo de Ribeirão Preto, que lhe enviara, por portador, para a casa de Santana, a cópia da denúncia a ser apresentada pelo promotor público de Ribeirão Preto, dr. Pedro Árbues da Silva Júnior. Depois de ler um bom pedaço, chamou o irmão:

— Joãozinho! venha cá; venha ouvir a denúncia que aquêle excomungado apresentou contra a nossa gente.

O irmão aproximou-se, sentou-se ao seu lado, e ficou ouvindo. Dioguinho, à medida que ia lendo, entremeava os termos da denúncia com palavrões dirigidos às autoridades, às testemunhas e a todos os que estivessem contra êle. Urbano já se mostrava apreensivo com aquela raiva do homem, que gritava:

— Ouça! Ouça! Veja isto!

“O brilhante relatório da autoridade policial, que conscienciosamente presidiu ao inquérito, apresenta à Justiça um resumo fiel das vigorosas provas da criminalidade dos denunciados. E de fato, diante das inatacáveis provas documental e testemunhal completas como o são, contidas no inquérito junto, verifica-se de uma maneira tão clara e positiva a criminalidade dos denunciados, como cúmplices do famigerado assassino Diogo Rocha e de sua quadrilha, que isso torna-se um fato racional e irremediavelmente incontestável. Êsses documento e êsses depoimentos uniformes proclamam, com verdade e justiça, a culpa dos denunciados. A cor-

respondência epistolar dêstes fornece a prova inabalável de que êles asilavam êsses bandidos, sabendo perfeitamente que êles eram assassinos, como o são”.

Dioguinho, neste ponto, interrompeu a leitura, pensou um pouco, e comentou:

— Quase todos os nossos amigos estão presos... Ê, eu devia ter rasgado tôdas as cartas... Também, quem é que ia esperar uma coisa dessas, assim tão de repente. — E continuou lendo a argumentação do promotor público, baseada nos documentos juntados aos autos e no depoimento das testemunhas.

Joãozinho, de quando em quando, fazia côro com o irmão, invectivando o promotor e secundando as ameaças de Dioguinho, que, a essa altura, lia a parte final da denúncia:

“Está, pois, plenamente provado que os denunciados asilavam o assassino Diogo Rocha e seus sequazes, em suas casas de moradas, com plena ciência de que o assassinato era o que constituía, unicamente, a ocupação dêles, praticando êsses homicídios em suas próprias fazendas, como, talvez, os tivessem até mesmo testemunhado. Ê ainda fora de dúvida que se êsses assassinos não encontrassem o amparo seguro por parte dos denunciados, não teriam praticado tantos assassinatos execráveis. Assim tendo feito, concorreram êles para a perda de muitos cidadãos, cuja falta é insanável, para o lar de suas famílias e para a sociedade. E, como, com tal procedimento, praticaram os denunciados o crime previsto pelo art. 294, parágrafo primeiro, combinado com o parágrafo quarto do art. 21 do Código Penal, vem esta promotoria dar-vos a presente denúncia, esperando que, julgada provada, sejam êles pronunciados como incurso nas penas dêsses artigos, e nelas, afinal, condenados. Esta promotoria protesta promover contra Diogo Rocha e seus sequazes, atualmente foragidos, os competentes processos relativamente a cada um dos assassinatos por êles cometidos, nesta comarca, para o que só aguarda a conclusão de diligências importantes que estão sendo

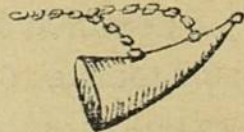
procedidas pela polícia. Nestes termos, P. a v. excia. que, recebida e A. esta, mandeis intimar as testemunhas adiante nomeadas, para virem depôr no sumário de culpa o que souberem sôbre os fatos constantes desta, em dia e hora designados por v. excia.”.

— Diligências importantes!... Éle quer dizer que só espera a nossa prisão! Toma! — gritou Dioguinho, fazendo um gesto com o braço. Levantou-se de um ímpeto e ficou muito tempo andando de um lado para outro, como uma onça enraivecida, dentro da jaula.

\* \* \*

França Pinto, assim que recebeu o aviso de Santana, reuniu seus homens e deu-lhes as instruções. Partiram imediatamente, a fim de chegar nesse mesmo dia às barrancas do Mogí-Guassú.

Os homens da escolta riram satisfeitos. Iam, afinal, defrontar-se com o tal de Dioguinho e seu irmão Joãozinho.



## CAPÍTULO XLIV

Começara a clarear o dia quando o tenente-coronel França Pinto partiu com seus homens para Santa Eudóxia, onde chegaram à hora do almoço. Alí, uma vez reunidos aos soldados que haviam permanecido na fazenda, fizeram refeição e descansaram um pouco. Em seguida, saíram a caminho, usando animais emprestados pelo administrador. O destino era a casa de José Pires de Santana.

— Não vamos muito depressa — ordenou França Pinto — assim chegaremos lá ao entardecer, sem atrair a atenção. Temos que evitar que nos veja algum possível capanga de Dioguinho. — E partiu à frente da escolta, juntamente com o alferes Regis e seu ordenança.

\* \* \*

Depois de ter acendido o fogo, ajeitado a panela para cozinhar o feijão para o almoço dos três arranchados, Urbano pegou a canoa, atravessou o rio, encalhou a proa na margem e dirigiu-se apressadamente à casa de Santana. Êste o esperava à porta e, assim que o viu, foi ao seu encontro. Sem mesmo dizer Bom Dia, Urbano perguntou-lhe:

— Então, já mandou o aviso?

— Já, êles devem de chegar hoje. Estou esperando. Como é que vão as coisas por lá?

— Tudo bem; êles não desconfiam de nada, graças a Deus. Só estão reclamando a demora das coisas que mandaram o senhor comprar. Eu disse que amanhã, sem falta, vinha tudo.

Olha, “seu” Diogo mandou mais êste dinheiro pro senhor comprar o que está escrito aquí — entregou a Santana duas cédulas de cem mil réis e uma fôlha de papel dobrada.

Santana hesitou em pegar no dinheiro, pois sabia que essa compra não seria feita. Ficou olhando para o outro, à espera de que êle lhe dissesse qualquer coisa.

— Pegue êsse dinheiro e guarde êle, ué! Que é que a gente há de fazer? — disse Urbano — Eu não podia deixar de trazer pra cá. E depois, pra que é que dinheiro há de servir pra êles dois? Puxa! que situação mais não sei o que, “seu” Santana! Se isso demora mais tempo, eu acabo ficando doido varrido.

Santana decidiu-se a receber o dinheiro e ficar com êle até que as coisas se definissem.

— Ché! “seu” Santana. Não se avexe, não, que o “seu” Diogo tem lá com êle um pacotão de mais de dois contos. Ainda ontem eu vi êles falando nisso. Disseram até que eram dois contos e seiscentos mil réis, só com “seu” Diogo. E “seu” Joãozinho, depois de contar o dêle, falou que tinha um conto e seiscentos. Ê uma dinheirama que não acaba mais...

Enquanto comentavam a fortuna dos dois irmãos, foram andando em direção à casa.

— O senhor está com pena dêles? — perguntou Santana, assim num tom meio triste, meio envergonhado.

— Homem, pra dizer a verdade, estou sim...

Entraram pela porta da cozinha. Urbano cumprimentou a mulher de Santana, sentou-se em um banco e tomou o café que ela lhe ofereceu. Enquanto devolvia a xícara, voltou-se para o dono da casa:

— Então, “seu” Santana, está tudo certo, não é? Amanhã cedo eu venho pra cá, combinamos as coisas com o “seu” coronel, e que tudo seja lá como Deus quiser...

Levantou-se, apertou a mão do homem, despediu-se da mulher e saiu.



Quando faltava mais ou menos um quilómetro para chegarem à casa de Santana, França Pinto parou e falou aos homens que o acompanhavam:

— Bem, agora, eu, o Regis e o ordenança vamos na frente. Vocês se separem em grupos de dois ou três e vão saindo daqui, a uma distância de quinze ou vinte minutos uns dos outros, que é para não chegarem todos de uma vez. É para não despertar a curiosidade dos moradores retirados. E dizendo isso, riscou a espora no vazio do cavalo, e saiu apressadamente, acompanhado pelos outros dois.

Assim que chegou ao seu destino, França Pinto saltou do animal, apertou a mão de Santana e foi perguntando sem delongas:

— Então, “seu” Santana, tudo em ordem? Tem estado com o Urbano? É para amanhã mesmo?

Santana, que estava apreensivo com a demora da escolta, abriu-se num sorriso de alívio, antes que respondesse:

— Tudo combinado, “seu” coronel. É pra amanhã mesmo. Ainda hoje o Urbano esteve aqui e confirmou a data.

O resto da escolta foi chegando aos poucos e os homens se foram acomodando, meio apertados, nos cômodos acanhados da casa. Daí a pouco a mulher de Santana serviu o jantar e cada um se arrumou no seu canto, como pôde, com o prato na mão. Comeram em silêncio. Findo o jantar, os homens ainda estiveram fumando e conversando um pouco. Logo depois, por ordem do coronel, deitaram-se por ali mesmo, procurando descansar. Deviam estar bem dispostos ao amanhecer do dia seguinte.

França Pinto deitou-se numa cama cedida por Santana e armada na varanda.

A noite já ia alta. Todos dormiam, com exceção de Santana e sua mulher, que não conseguiam conciliar o sono.

Do outro lado do rio, também havia alguém que se virava de um lado, se virava do outro, sem poder dormir.

Urbano, depois do almoço, preparou o café e esperou que Dioguinho e o irmão também se servissem. Estava por demais nervoso, mas fazia tudo para controlar-se. As mãos lhe tremiam, e por isso não ficava um instante parado, sempre fazendo qualquer coisa, para evitar que os dois irmãos percebessem seu nervosismo. Finalmente serviu-lhes o café. Pôde então respirar, acalmando-se um pouco. Pegou o chapéu e disse:

— Vou dar um pulinho até a casa do “seu” Santana, pra ver se as coisas já chegaram. Já está tudo acabando. Esse daí foi o último restinho de açúcar que nós tinha. — E foi andando em direção à margem do rio.

— Tio Libano — gritou Dioguinho — se acaso não tiver chegado ainda, dê um jeito de ir você mesmo mais o Santana comprar aquelas coisas. Nunca vi tanta demora. Puxa!

Urbano desceu o barranco, empurrou para a água a canoa menor, saltou dentro dela e empreendeu a travessia do rio. Quando atingiu a margem oposta, galgou o barranco, virou à esquerda e, mal tinha andado uns cinqüenta metros, encontrou Santana, que alí estava de prontidão, à sua espera.

— Não pude dormir a noite tôda, “seu” Urbano. Assim que clareou o dia vim pra cá pra esperar o senhor. Ainda não almocei, estou até agora só com o café da manhã. Como é que estão êles?

— E eu que nem não dormí, nem pude comer, de tão nervoso. Não vim antes porque tive de preparar o almoço. . . pros dois. Êles não desconfiaram nada até agora. E o “seu” coronel, chegou?

— Desde ontem de noite.

E os dois homens foram andando em direção à casa, trocando idéias sôbre a armadilha que haviam preparado para Dioguinho e o irmão.

— Ora viva! — exclamou o coronel, vendo o canoeiro. — Já estava com saüdades suas.

— Ê. . . eu também — disse Urbano, sorrindo acanhado, enquanto apertava a mão de França Pinto.

Os homens da escolta estavam prontos, com suas armas luzindo ao sol. Notava-se, pelas conversas e atitudes que mantinham, a tensão nervosa de que se achavam possuídos.

— Muito bem, “seu” Urbano. Vamos já para o quarto acertar tudo direitinho. O senhor também, “seu” Santana — convidou o coronel.

O dono da casa, o canoeiro, França Pinto e o alfêres Regis entraram no quarto e sentaram-se nas camas.

— Pois é, “seu” coronel — começou a dizer Urbano — como ficou combinado da outra vez, eu mais o “seu” Santana vamos pra beira do rio, na margem de cá, levando alguns dêsses sacos de mantimentos que êle mandou comprar. Depois, eu chamo “seu” Diogo e peço pra êle trazer a canoa grande, não é? Depois... — e interrompeu a frase, olhando para França Pinto, enquanto apertava com a mão o lábio inferior, visivelmente nervoso. — Depois... o resto é com o senhor.

— Você está com mêdo? — perguntou França Pinto.

— Chi! “seu” coronel, eu tenho andado numa nervosa nestes dias, que nem não sei.

— Eu compreendo, é natural, mas agora você precisa fazer mais um esforço, o último, e dominar-se. Senão, tudo isso não vai adiantar nada e, além do mais, pode pôr a perder os nossos planos. Não é isso, “seu” Santana? — perguntou o coronel para o outro, que também não conseguia esconder a sua apreensão.

— É... agora a gente precisa ter muita calma.

— Então, podemos ir? — indagou França Pinto, levantando-se.

— Por mim pode — respondeu Urbano.

Os homens da escolta foram saindo dois a dois, em direção à margem do rio, andando às vêzes agachados, conforme a altura da vegetação atrás da qual se abrigavam.

França Pinto dispôs seus homens, entrincheirados e escondidos atrás dos grupiás e ingazeiros, e transmitiu as ordens:

— Fiquem todos com as armas engatilhadas, prontas para atirar assim que eu determinar. Muito cuidado para evitar de chamar a atenção dos homens. Nada de barulho. E, quando atirarem, façam pontaria para acertar. Alguma pergunta?

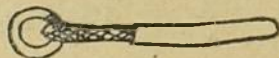
Os homens carregaram os fuzís em silêncio e se espalharam pelo alto do barranco, com as armas apontadas na direção da canoa que se achava na outra margem do rio. E ficaram na expectativa.

Urbano e Santana desceram o barranco carregando um saco cada um, que largaram na areia, rente à água. Os dois estavam com o coração aos pulos, como se estivessem para estourar.

Urbano, a um sinal do coronel, juntou as mãos nos cantos da boca, e gritou:

— “Seu” Dioooooogo... “seu” Dioooooogo... “seu”... — e só então lembrou-se, afobado, que a combinação era de chamar com o pio de nhambú que o patrão lhe havia dado para êsse fim. Procurou o pio nos bolsos, sob os olhares apreensivos de Santana, achou-o afinal, e, quando ia usá-lo...

— Que éééé? — responderam do lado de lá.



## CAPÍTULO XLV

Dioguinho e o irmão ficaram vendo Urbano atravessar o rio, acompanhando-o com a vista até êle chegar na outra margem. Depois que o canoeiro desapareceu no alto do barranco, os dois voltaram para o rancho.

— Eu gosto do tio Libano — comentou Joãozinho — êle é um caboclo serviçal e destorcido. Não tem preguiça pro trabalho, você não acha?

— Também gosto dêle — respondeu Dioguinho, sentando-se à porta do rancho, onde se pôs a azeitar suas armas.

Enquanto fazia o serviço entregou-se à meditação, revivendo os casos passados, sua infância, sua juventude. Muitas coisas que lhe haviam acontecido. — “Vida engraçada, a da gente...”.

Estava ainda absorto nas recordações sempre azeitando as armas e lhes passando a mão pelas coronhas, como que a acariciá-las; estava ali quase sem pôr sentido nas coisas que se achavam ao seu redor, esquecido de tudo... quando ouviu um chamado que parecia vir de muito longe:

— “...ioooooogo...”.

Da segunda vez que lhe gritaram o nome, caiu em si — e verificou que era o Urbano que o chamava, lá da outra margem do rio.

Instantâneamente se pôs alerta, pegou a carabina e escondendo-se quanto pôde, espiou por entre as árvores; o que viu lhe pareceu normal: o canoeiro e Santana, os dois sacos no chão, nenhum movimento suspeito. Certificando-se, assim, de

que êles estavam sòzinhos, respondeu ao chamado de Urbano, a despeito de não ter sido feito como o combinado. Joãozinho se aproximou do irmão, meio assanhado, carregando a sua arma.

— Esse raio do tio Libano está ficando caduco! — comentou Dioguinho. — Eu dei o pio pra êle, recomendei que só me chamasse fazendo de nhambú, e olha lá. Está me chamando pelo nome, berrando dêsse jeito.

— Estão os dois juntos, êle e o Santana. O que é aquilo que está ao pé dêle?... Ah! são dois sacos. Deve ser os mantimentos — disse Joãozinho.

Os dois irmãos avançaram alguns passos e apareceram no alto do barranco. Dioguinho aspirou fundo e gritou:

— O que é que você quer, tio Libano?

Urbano pigarreou para limpar a garganta, deu um olhar rápido para Santana e respondeu, com voz trêmula:

— As suas encomendas tão aquí. Chegaram hoje.

— Então traga pra cá.

— Ê muita coisa, "seu" Diogo — não cabe nesta canoinha — disse Urbano, apontando para a embarcação junto à qual se achavam.

Dioguinho olhou para a margem do seu lado e viu alí a canoa grande. Pensou um pouco, depois sorriu e comentou com Joãozinho:

— Não digo que êsse velho já está bocó. Vai procurar as nossas encomendas e em vez de levar essa canoa, levou a pequena. Qual!

Joãozinho, que simpatizava com o canoeiro, procurou desculpá-lo:

— Também o pobre do homem já foi umas dez vêzes pra margem de lá com a canoa grande, atrás das coisas que o Santana tinha ficado de comprar, e nada. Atravessar êsse rio, com essa bruta canoa, não é assim tão fácil, não. Olha só pra correnteza.

Na outra margem, a expectativa era enervante. Viam os dois alí parados, gesticulando, sem se decidirem a vir ao encontro dêles.

Dioguinho, afinal, resolveu:

— É, o melhor é mesmo a gente ir até lá e ajudar êle, senão o nosso jantar não sai hoje. Vamos nós dois.

Entraram no rancho, muniram-se de outras armas, e assim sobrecarregados, desceram o barranco, em direção à canoa.

Joãozinho entrou primeiro e sentou-se no lugar do piloto. Ajustou os remos e esperou que o irmão empurasse a embarcação. Dioguinho entrou na canoa e recomendou:

— Vá devagar e com cuidado, hein!

A canoa foi afastando-se da margem, vagarosamente. Urbano, que estava a ponto de estourar, de tanto torcer para que êles atravessassem o rio, bufou e gritou, desabafando-se:

— “Seu” Diogo, os jornais hoje trazem outras notícias — e levantando o braço, exibiu um jornal que, mais por fôrça do hábito, havia trazido consigo para a margem do rio.

Joãozinho vinha meio atrapalhado com a correnteza. De vez em quando afogava os remos na água, a canoa se desequilibrava e Dioguinho advertia:

— Cuidado, rapaz! Devagar, devagar. Vá com jeito. Não tem pressa.

França Pinto e seus homens não tiravam os olhos dos dois. Não se ouvia o menor ruído, a não ser, de vez em quando, o vôo de uma garça fazendo a sua pescaria. Lá longe, um bando de marrecas passou grasnando, tôdas enfileiradas, em demanda da lagôa. Um bicho qualquer, talvez alguma paca ou ariranha, atirou-se à água, espantado com a presença dos homens: blummm...

Quando a canoa chegou no meio do rio, Dioguinho deu ordem ao irmão de parar, fazendo sinal com a mão. Levantou-se, empunhando a carabina, apurou o ouvido e ficou escutando. Ia sentar-se novamente, mas parou, agachado, e ficou olhando para o barranco da outra margem, sempre de ouvido atento. Enquanto isso, Joãozinho procurava agüentar, com os remos, a fôrça da correnteza.

Dioguinho por fim sentou-se. Joãozinho deu mais algumas remadas e parou outra vez, a nova ordem do irmão. E também êle ficou atento, procurando ouvir alguma bulha. Mas, nada.

Santana e Urbano, com os olhos fixos na canoa, estavam lívidos de pavor, tremendo por dentro. Se a terra se abrisse naquele momento, êles se enfiariam por ela, a fim de sumir dali. E, no entanto, não se mexiam.

Dioguinho, em dado momento, ou por simples cisma, ou porque tivesse realmente ouvido algum ruído, ergueu a carabina à altura dos olhos, mirou exatamente o lado onde se achava amoitada a escolta, e ficou assim, na expectativa. Parecia até que adivinhara...

A canoa, levada pela correnteza, parara a uns dez metros da margem. Urbano, percebendo que Dioguinho estava desconfiado, disse baixinho para Santana:

— Vamos fingir que estamos discutindo por causa dos mantimentos. Assim êle ganha mais confiança. E falando em voz alta: — Ué! que é isso agora, “seu” Santana, o senhor não manda em mim, não! Eu deixei o resto dos mantimentos lá em cima na beira da estrada porque não podia trazer tudo de uma vez.

Santana, vendo que Dioguinho já agora prestava atenção à conversa, animou-se e retrucou, alçando a voz!

— Você parece tonto, “seu” Urbano! Onde é que já se viu deixar as coisas lá, largadas daquele jeito! Alguém pode roubar. Vá buscar já! Anda, homem! Parece não sei o que...

— Você não é meu patrão, fique sabendo. Eu não sou seu empregado, está ouvindo? Se você acha que alguém pode roubar, então por que é que você até agora não foi lá buscar? Me diga? Não é o senhor que toma conta da fazenda? Não é? Pois então.

— Mas o empregado do “seu” Diogo é você e não eu. A obrigação é sua...

— Ora não me aborreça! Fique sabendo que eu não estou disposto a ouvir desaforos.

Dioguinho sorriu ante aquela discussão. Fêz sinal ao irmão para que se aproximasse. Joãozinho foi impelindo a canoa e daí a pouco já se achavam bem perto da margem, quase ao alcance de um varejão. Foi quando se ouviu um ruído.





Talvez um pau sêco pisado por algum dos homens da escolta, ou quem sabe, mesmo, o ferrolho de um fuzil ao ser armado. Dioguinho, ligeiro, disparou a carabina naquela direção.

Ao tiro dado por 'ele, seguiu-se a primeira descarga da escolta. Foi uma saraivada de balas, tôdas na mesma direção, fazendo respingar a água do rio em tôda a volta da embarcação. Viu-se Dioguinho levar as mãos ao peito, depois esticou uma das pernas e gritou:

— Nossa Senhora!...

Ato contínuo, caiu no rio e foi desaparecendo.

França Pinto, ao afastar-se para que os soldados que estavam atrás dêle pudessem atirar livremente, escorregou e rolou pelo barranco, indo cair dentro do rio, ficando em pé lá, com água pela cintura.

O alferes Regis, vendo seu comandante a descoberto, alvo fácil de Joãozinho que ainda atirava, berrou:

— Fogo! Protejam o coronel! Atirem nêle!...

Joãozinho tocou a canoa para o meio da correnteza, e, de pé, empunhando a sua carabina, continuou a disparar em direção à restinga em que se abrigava a escolta.

Nova descarga da polícia, outra, e outra mais.

A canoa foi descendo de bubuia e desapareceu na primeira volta do rio, sempre levando Joãozinho, em pé, a arma nas mãos.

Já estava escurecendo. Santana, estirado a fio comprido na margem, com a cabeça enfiada na areia, não se mexeu durante todo o tiroteio. Urbano, êsse, atirou-se logo num valo aberto pela erosão, e alí se deixou ficar, acompanhando, com rápidas espiadelas, por entre os tufos de barba de bode, o desenrolar dos acontecimentos.

O alferes Regis, atrapalhando-se nos arbustos e nas raízes, correu para o lugar onde se achava França Pinto.

— Aconteceu-lhe alguma coisa, coronel?

— Não, uns arranhões sem importância. Nem sei dizer como é que eu fui rolar pelo barranco dessa maneira. Só dei pela coisa quando me vi dentro d'água. Algum homem ferido?

— Não senhor. Nenhum.

— E o Dioguinho?

— Foi aí nesse lugar — e apontou em frente — que êle recebeu a primeira descarga.

Mas a escuridão já não deixava ver nada do que havia em redor.



## CAPÍTULO XLVI

França Pinto mandou reunir os seus homens, verificou pessoalmente se não havia nenhum ferido e depois inquiriu do alferes Regis:

— Então, os bandidos fora atingidos pelos disparos? Eu não pude ver, devido a êsse maldito tombo que levei.

— Foram, sim senhor. O Dioguinho tomou a descarga em cheio no peito. Foi o primeiro a ser visado. Deu um berro, largou a carabina e caiu no rio. Foi logo pro fundo.

Urbano, que se aproximava, interveio:

— Me dá licença, “seu” coronel? Eu vi quando “seu” Diogo levou a descarga. Eu estava aquí em baixo e vi bem, direitinho. Êle pôs as mãos no peito — bem assim — esticou a perna e gritou: — “Nossa Senhora!”. Depois caiu nágua, como “seu” alferes aí já falou.

— E o Joãozinho? — indagou França Pinto.

— Êsse daí, depois que viu o irmão ferido, empurrou a canoa pra correnteza, ficou de pé e garrou a fazer fogo contra o pessoal de cá. De repente êle também foi ferido, sim senhor, tenho certeza porque vi êle baquear. Rodou com a canoa lá pra baixo, foi indo... — concluiu Urbano.

França Pinto chamou o sargento e ordenou-lhe:

— Volte para a fazenda e de lá mande que seja enviado um telegrama urgente para o dr. Godói, que se acha em Cravinhos, comunicando-lhe que a escolta sob meu comando teve

um encontro com os bandidos, que foram mortalmente feridos. Que êle venha para cá, ouviu bem o que eu disse? Então, repita tudo.

O sargento cumpriu a ordem, dizendo quanto lhe competia fazer na fazenda.

— Muito bem. Agora toque pra lá. O Santana vai com você.

— Sim senhor, vou já — respondeu Santana.

Os dois homens mal começaram a subir o barranco, quando o coronel gritou:

— Escuta! Espere um pouco, sargento. — E voltando-se para Urbano: — Como é que se chama êste lugar?

— Pedrinhas. Pôrto Pedrinhas — respondeu o canoeiro.

— Ê, não esqueça de pôr no telegrama Pôrto Pedrinhas, ouviu, sargento?

— Sim senhor; Pôrto Pedrinhas, — respondeu o militar, desaparecendo em seguida, em companhia de Santana.

— Então quer dizer que fomos felizes, graças a Deus — comentou França Pinto. E emendou: — Agora, precisamos verificar o que aconteceu com os tais.

— Ah! pode ter certeza de que êles morreram, “seu” coronel — afirmou o alferes Regis — ninguém escapa com vida depois dessas descargas tôdas que nós demos, quase à queima roupa.

— Ê, também não tenho dúvidas que êles morreram mesmo, mas temos que encontrar os cadáveres. E precisamos fazer isso já.

A essa altura, a lua, surgindo indecisa por entre as nuvens, alumiou um pouco o céu, fazendo bater uma claridade côr de café com leite nas coisas e nos homens. Parecia querer espiar o que se passava naqueles ermos do Mogí-Guassú, onde uma tão esperada tragédia finalmente se desenrolara.

França Pinto perguntou a Urbano:

— Podemos descer o rio na sua canoa?

— Pode, sim, mas não cabe muita gente nela.

— Eu, o Regis e você. Dá, não dá?

— Fica um pouco apertado mas a gente dá um jeito, indo bem de mansinho.

França Pinto, entrando, com os outros dois, na canoa, dirigiu-se ao restante da escolta:

— Enquanto nós vamos dar uma batida pelo rio, vocês seguem pela margem, acompanhando a correnteza. Examinem tudo. Olhem bem por baixo dessa tranqueira e no meio dêsse matinho.

A canoa afastou-se e foi descendo, vagarosamente, rente à margem esquerda do rio, mais ou menos pelos lugares onde se verificara o encontro com Dioguinho e o irmão.

Os homens da escolta, em fila indiana, começaram a bater a margem. Andavam penosamente, através da vegetação rasteira e do cisco, chafurdando os pés no terreno alagadiço. E a margem esquerda do Mogí, do Pôrto Pedrinhas para baixo, passou a ser esquadrinhada, passo a passo.

Quando a canoa fazia a segunda volta do rio, Urbano gritou, apontando para uma mancha escura, lá adiante:

— Olha lá, “seu” coronel! Alí está a canoa dêles!

França Pinto firmou a vista e ordenou ao canoeiro que se aproximasse do ponto. Urbano manejou o remo e embicou naquela direção. O coronel e o alferes, de pé, empunhando seus revólveres, iam atentos. Quando as canoas ficaram emparelhadas, o alferes Regis viu que no fundo da embarcação abandonada havia um objeto que brilhava à fraca luz da lua. Abaixou-se, ajeitando-se para não virar, pegou-o e mostrando ao coronel:

— É um revólver, olhe.

Urbano espichou o pescoço e esclareceu:

— Êsse daí era do “seu” Joãozinho.

A canoa desceu mais algumas voltas do rio, até que França Pinto decidiu:

— Vamos voltar. Não adianta nada procurar com essa lua some-não-some. O melhor é continuarmos a busca amanhã cedo.

Urbano fêz a volta e regressaram. Ao passarem pela escolta, o coronel, depois de se certificar de que também êles nada haviam encontrado, deu ordem a todos que voltassem para a casa de Santana.

\* \* \*

No dia seguinte, pela manhã, continuaram a busca, desta vez usando duas canoas grandes, emprestadas por moradores da margem do rio, que procuraram auxiliar a polícia. Enquanto o alferes Regis dirigia os trabalhos, França Pinto, mais o ordenança e Urbano encaminharam-se para o rancho no qual estivera Dioguinho. Depois de examinar o local e escarafunchar tudo, o coronel comentou, dirigindo-se ao canoeiro:

— Ê, você tinha razão. Chegar até aquí com os homens entrincheirados atrás destas árvores e a gente de peito descoberto no meio do rio, era morte na certa. O esconderijo dêles foi muito bem escolhido. O diabo do homem sabia bem o que fazia.

No interior do rancho o coronel apreendeu os seguintes objetos: uma carabina de repetição, um punhal longo, com bainha guarnecida de prata, um livro intitulado "Horas Marianas", marcado com uma fita verde na página que continha a "Oração dos Viajantes", uma oração para Santa Catarina, escrita por Joãozinho, dois relógios, sendo um de prata e outro de ouro, com as respectivas correntes, duas carteiras de couro com documentos, numerosa correspondência, barbas e cabeleiras postiças e uma dentadura chapeada a ouro.

Urbano, olhando para todos os lados, vendo tudo deserto, lembrou-se dos dias que passara alí, junto com Dioguinho e Joãozinho. As menores coisas lhe traziam recordações de cenas, gestos, palavras, idéias, sentimentos. Olhou para a panela pendurada sôbre um montão de cinzas, onde ainda devia estar o feijão que ficara cozinhando na véspera, e ficou por alí pensativo, com os olhos embaçados. Voltou a si quando o cachorrinho se pôs a latir, certamente com fome. Pegou-o ao colo, alisou-lhe o pêlo e foi buscar um pedaço de carne.

França Pinto, depois de entregar ao ordenança os objetos apreendidos, voltou para a margem do rio, seguido pelos seus companheiros. Por último vinha o cachorrinho, pulando de um lado e de outro, atrás de Urbano, com o rabo abanando, alheio a tôda aquela tragédia.

Também nesse dia foi infrutífera a busca para a achada dos cadáveres, e, assim com o mesmo resultado, decorreram mais alguns dias, até que, a 5 de maio de 1897, França Pinto que, com alguns homens, batia a margem esquerda do rio, por terra, viu, a certo momento, que se aproximava uma canoa, e, fixando o olhar, pôde reconhecer o alferes Regis.

Daí a pouco, o homem gritava de lá:

— Coronel — acabamos de achar o corpo de Joãozinho, ali no lugar que dizem chamar Monjolinho. Estava prêso nuns troncos.

França Pinto, aliviado, perguntou:

— E o Dioguinho?

— Do Dioguinho, nada. Mas o pessoal continua procurando.

O coronel entrou na canoa de Urbano e ordenou-lhe que se dirigisse para o local onde fôra achado o corpo de Joãozinho. Ao passarem pela canoa de que se haviam servido Dioguinho e o irmão, o alferes Regis, que ia um pouco adiantado, exclamou:

— Olha lá “seu” coronel, a canoa está tôda furada!

Efetivamente, em todo o costado da canoa, percebiam-se os orifícios das balas disparadas pela escolta.

O cadáver de Joãozinho estava estirado na areia. Vestia calça de algodão, camisa de meia e tinha os pés descalços. Dirigindo-se a Urbano, o chefe perguntou:

— É êle mesmo?

— É, sim senhor. Êsse é o “seu” Joãozinho.

Foram então revistadas as algibeiras do morto. Um dos soldados incumbiu-se do serviço, retirando do bôlso direito da calça um maço de dinheiro em cédulas e alguns níqueis. França Pinto pegou o dinheiro e se pôs a contá-lo, à vista de todos. Depois exclamou:

— Um conto, cento e setenta e oito mil réis.

Em seguida, mandou arrastar o cadáver mais para junto do barranco e ordenou que se prosseguisse nas pesquisas, a fim de ser localizado o corpo de Dioguinho. Os homens se dividiram em dois grupos: um foi pela margem e outro nas canoas, munidos de arpões e varejões. E a margem esquerda do rio foi tôda ela batida, do ponto onde encalhara a canoa dos facínoras até o local onde se dera o encontro com a escolta. Nada. Não foi possível encontrar o corpo do homem.

Depois de muitas horas de pesquisa, França Pinto deu ordem de suspender a busca, e foram todos para a casa de Santana. Alí chegaram extenuados, sujos e esfaimados. Comeram e deitaram-se por alí mesmo, a fim de descansar.

Estavam aí quando chegou o dr. Godói, acompanhado do seu escrivão e do farmacêutico Horácio de Rezende Meireles. Assim que se avistou com França Pinto, depois de abraçá-lo, quis saber pormenores do encontro com os bandidos. O coronel relatou-lhe tudo, desde os primeiros contactos que tivera com Santana e Urbano, até a diligência que fizera ao rancho. Em seguida, mostrou ao delegado as coisas que havia apreendido.

— Quer dizer, então, que o cadáver do Joãozinho já foi encontrado e reconhecido, não é?

— E, quem reconheceu foi aí o “seu” Urbano.

E o corpo do Dioguinho, por que não boiou ainda?

— Porque, além dêle carregar grande quantidade de armas, que, naturalmente, fazem muito pêso, êle caiu num lugar bastante sujo, no meio de troncos e raízes que atravancam o rio, e assim ficou prêso por lá. A estas horas, certamente, já foi comido pelos peixes — explicou o coronel.

— Então, se não há dúvida, vou comunicar o fato ao chefe de polícia — disse o dr. Godói, dirigindo-se em seguida ao seu escrivão: — Artur, tome nota dêste telegrama.

O escrivão tirou um papel da pasta:

— Pode ditar.

E o dr. Godói foi dizendo, palavra por palavra:



— Acabo de encontrar, descendo o rio Mogí-Guassú, o cadáver do assassino João da Rocha, morto pela escolta na tarde do dia primeiro dêste mês, quando resistia à prisão. Transportei o cadáver para o Pôrto Jataí (1), onde depois de lavrar o auto de identidade e achada do cadáver, fi-lo enterrar à margem do rio, devido ao seu adiantado estado de putrefação. O cadáver do Dioguinho não boiou ainda porque, carregando muito armamento, supõe-se que houvesse ficado prêso no fundo d'água, em alguma raiz. É enorme o regozijo da população desta Comarca.

Quando o escrivão acabou de escrever, o delegado assinou e entregou o telegrama a França Pinto.

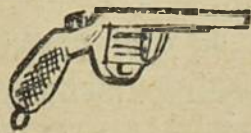
— Coronel, faça o favor de mandar um homem levar isto à estação.

O comandante da escolta chamou o sargento e encarregou-o da tarefa.

Em seguida, foram todos para o lugar denominado Monjolinho, onde o dr. Godói fêz lavrar o auto de achada do cadáver de Joãozinho, o qual foi assinado por êle, o escrivão e as testemunhas Horácio de Rezende Meireles, Aníncio Pinheiro, Luís Costa e Ovídio Monteiro da Costa.

E com isso, ficaram encerradas as pesquisas para o encontro do cadáver de Diogo da Rocha Figueira — o Dioguinho, que, oficialmente, foi dado como morto e desaparecido nas águas do rio Mogí-Guassú, no dia 1.º de maio de 1897.

Oficialmente apenas, porque o povo...



(1) Aquí houve um equívoco da parte do dr. Godói, pois segundo consta do auto de achada e termo de reconhecimento lavrado sob a presidência dessa mesma autoridade, em 5-5-1897, o lugar exato em que tal fato ocorreu, foi o Monjolinho, conforme se verifica do segundo volume do processo n.º 1.789, arquivado no Cartório do 1.º Offício da Comarca de São Simão.

## CAPÍTULO XLVII

Desde o dia 1.º de maio de 1897 — há cinqüenta e dois anos, portanto — até hoje, a opinião popular se divide em dois grupos: o dos que afirmam que Dioguinho efetivamente morreu no encontro com a escolta e desapareceu tragado pelas águas do Mogí-Guassú; e o dos que acreditam ter êle escapado com vida, conseguindo iludir a vigilância de seus perseguidores. Esse último grupo baseia-se, exclusivamente, no fato de não ter sido encontrado seu cadáver, ao contrário do que aconteceu com o de seu irmão, que foi enterrado à margem do rio, e cujo túmulo ainda hoje pode ser visto alí, marcado por uma cruz de madeira.

Tudo é possível. A verdade, porém, é que se não conhece, oficialmente, qualquer fato que prove, cabalmente, haver Dioguinho sobrevivido à descarga que contra êle fêz, de pequena distância e de surprêsa, a escolta comandada pelo tenente-coronel França Pinto.

Entre os depoimentos que provam a morte de Dioguinho, salientamos o do canoeiro Urbano Pinto Colares. Tendo chegado a esta Capital em 15-5-1897, foi êle, no dia seguinte, interrogado pelo chefe de Polícia, a quem confirmou, de forma absoluta, a morte do facínora, exatamente como foi por nós relatada em capítulo anterior.

No dia 18 do mesmo mês e ano, o "Correio Paulistano" publicou uma entrevista com o referido Urbano, na qual, depois de relatar pormenores da vida de Dioguinho e Joãozinho,

com os quais convivera no rancho construído à margem direita do rio Mogí-Guassú, se referiu ao encontro com a escolta, confirmou sua participação na armadilha preparada contra êles e afirmou que Dioguinho “não só não sabia nadar, como tinha um mêdo danado da água”. Nessa mesma ocasião, contou o episódio da canoa, ao qual já nos referimos, em que Dioguinho, por ter embaraçado os pés nas armas e varas de pescar, dentro da embarcação, quase caíra no rio, motivo por que ameaçara o irmão, dizendo-lhe:

— “Olhe, seu desgraçado, quando você fizer isso outra vez, eu te arrebento a cabeça com um tiro. Você sabe que eu tenho mêdo dágua e não tem cuidado nenhum”.

E, como argumento final, Urbano, ao ser interrogado se tinha certeza da morte de Dioguinho, respondeu que se não tivesse, não teria deixado sua família no interior para vir a esta Capital, pois conhecia muito bem o homem. Sua vingança seria certa e não se faria esperar, pois Dioguinho nunca perdoava os que o traiam.

\* \* \*

Em fins de 1902, foi prêso em Minas Gerais um temível assassino, conhecido pelo nome de António Modesto. Logo espalhou-se o boato de que êsse indivíduo não era outro senão o próprio Dioguinho. Silvestre da Matta, repórter do “Correio Paulistano”, foi incumbido pelo seu jornal de averiguar o que ocorria a respeito, porquanto os boatos tinham tomado corpo e a notícia já se apresentava com visos de verdade. Pôs-se em campo o repórter e bem depressa ficou convencido da sua improcedência. Escreveu, então, uma série de reportagens, que foram publicadas no seu jornal e, posteriormente, reunidas em volume, sob o título: “Dioguinho” — Narrativa de um cúmplice em dialeto. (Biblioteca do “Correio Paulistano”. São Paulo. Tip. Bentley Jor. e Cia. 1903). Nem todos os fatos narrados nesse livro são verídicos ou correspondem inteiramente à verdade, conforme conseguimos apurar pelos documentos que compulsamos e pelo testemunho de pessoas idôneas que conheceram o facínora e

com êle conviveram. Não obstante, o livro é interessante e merece ser lido pelos que desejarem estudar a vida tumultuosa e aventureira do célebre bandido.

No prefácio dessa obra, o autor, a propósito da alegada sobrevivência de Dioguinho, diz o seguinte: “Ninguém o viu com seus próprios olhos, depois do conhecido epílogo das suas façanhas no rio Mogí-Guassú, mas há sempre quem tenha ouvido a “alguém” que o viu, a afirmação veemente de que êle ainda vive... Por mais de uma vez tem tido a polícia ocasião de fazer, sob o influxo de repetidas e teimosas notícias, que correm de vila em vila e de cidade em cidade, ativas diligências para a verificação da realidade: nada, porém, obteve até agora senão a confirmação da morte de Dioguinho nas trágicas circunstâncias que todos conhecem”.

\* \* \*

A respeito da verdade e da lenda sôbre Dioguinho e seus crimes, entre muitos casos podemos citar o seguinte, que é típico.

De uma feita fomos apresentados a um cavalheiro que, numa roda de amigos, declarara que êle e tôda a sua família vinham acompanhando a história de Dioguinho publicada no “Diário da Noite”. Indagamos qual a sua opinião a respeito e êle, sem cerimônia, nos respondeu que alguns fatos que havíamos relatado não correspondiam à verdade, tal como, por exemplo, o crime do Cerrado. E concluiu afirmando que sua avó conhecera muito o Dioguinho, sendo ambos da mesma cidade — São Simão.

À nossa pergunta sôbre se tinha certeza de que Dioguinho nascera mesmo em São Simão, respondeu-nos afirmativamente, louvando-se no testemunho de sua parenta. Lamentamos, então, ter que contradizer tão respeitável pessoa e, tirando da pasta a certidão de batismo expedida pela Cúria Diocesana de Botucatú, provamos-lhe que Dioguinho nascera nesta última cidade, a 9 de outubro de 1863 (1).

---

(1) Ver apêndice n.º 3.

Embora um tanto embaraçado, êsse cavalheiro não se deu por achado e voltou à carga:

— Bem, pode ser que ela se tenha enganado. Mas eu conheci, quando menino, a preta que o Dioguinho pegou lá no Cerrado e cortou os seios dela. Essa eu conheci.

Ainda dessa vez, dissemos-lhe que havia um equívoco de sua parte, pois a mulher a que êle se referia não só não era preta, mas também não sofrera a ablação dos seios. O rapaz fêz uma cara de ofendido e retrucou: — “Então o senhor quer dizer que eu sou mentiroso?”.

— Não é bem isso — respondemos — mas, entre o que o senhor diz e o depoimento da própria mulher, parece-nos mais natural, plausível, acreditar nela. E, dizendo isso, tiramos da mesma pasta a certidão do processo judicial arquivado na Comarca de São Simão, provando-lhe que a mulher a que êle se referia — Balbina Maria de Jesús — era branca e, além da surra que levava dos capangas de Dioguinho, outra coisa não tivera cortada pelos bandidos senão os cabelos. Nem ela nem o exame de corpo de delito a que fôra submetida nesta Capital, faziam qualquer referência à falta dos seios.

O nosso contraditor, ante tais provas irrefutáveis, acabou concordando, a contragosto, que também houvera um equívoco de sua parte.

E assim tem acontecido e deve muito acontecer por aí a fora. A lenda e a fantasia, como sempre, procurando sobrepor-se à verdade.

\* \* \*

Quando o “Diário da Noite” anunciou a publicação desta história em capítulos, fomos procurados espontaneamente, na Delegacia de Polícia em que trabalhamos, por um sobrinho de Diogo da Rocha Figueira, que gentilmente se ofereceu para nos dar informações a respeito do tio. Entre outras coisas, afirmou-nos, na presença de testemunhas, que os dois primeiros crimes praticados por Dioguinho tinham sido o do gerente do circo e o do sedutor de uma sobrinha sua. Relatou-nos, tam-

bém, um terceiro caso, que teria ocorrido com a própria mulher de Dioguinho e do qual resultara o assassinio de três rapazes, parentes dela.

Tratando-se de pessoa ligada a Dioguinho por laços de sangue, não tivemos dúvida em dar-lhe crédito, e, por isso, aproveitamos o que nos fôra contado para escrever os dois primeiros capítulos desta história, indicando devidamente a fonte.

Quanto ao terceiro caso, por nos ter parecido escabroso de mais e, até certo ponto, inverossímel, resolvemos, desde logo, não incluí-lo neste trabalho. De resto, como dissemos no início desta história, não nos animava qualquer intuito de fazer escândalo ou sensacionalismo. Preocupamo-nos, tão somente, com a figura criminosa de Dioguinho e do irmão que o acompanhou na senda do crime. Os demais parentes ou pessoas a êle ligadas por fôrça das circunstâncias, só foram aquí referidas quando absolutamente necessário. E não nos faltaram informações e documentos que teriam feito, se publicados, escândalo e sensação.

Já estava escrito o penúltimo capítulo de "O Dioguinho", quando fomos procurados, em nossa residência, por outro sobrinho de Diogo da Rocha Figueira, que nos afiançou não ser verídico o fato por nós relatado no segundo capítulo e referente à sedução de uma sobrinha do bandoleiro e o conseqüente assassinio do seu sedutor. Segundo o que nos foi dito por êsse cavalheiro, a informação anterior devia ser levada à conta da leviandade de um parente jovem e mal inteirado do passado de Dioguinho e sua família. Desejava, pois, se possível, que antes de terminar esta história, esclarecessemos os leitores a tal respeito.

Como temos procurado, desde o início, respeitar essencialmente a verdade dos fatos, apressamo-nos em consignar o esclarecimento solicitado.

\* \* \*

Para coligir os dados de que nos servimos, a fim de escrever a história de Dioguinho, lutamos com numerosas dificuldades, sobretudo na localização dos documentos, pro-

cessos, depoimentos, etc.. No intuito de facilitar a tarefa dos que porventura se interessem por um estudo mais aprofundado da vida dêsse famoso bandoleiro paulista, damos, a seguir, a relação das fontes a que recorreremos, além das que já foram referidas atrás.

*Jornais:* "O Estado de São Paulo", 5, 6, 7, 9 e 10 de maio e 25 de julho de 1897. "Correio Paulistano, 29 de abril, 7, 8, 9, 11, 16, 17, 18 e 19 de maio de 1897. "Diário Popular", 7, 11 e 17 de maio de 1897.

*Processos:* Comarca de São Simão: instaurados em 30-7-1883; 3-11-1884; 16-2-1885; 4-9-1888; 17-9-1889; 20-2-1890; 12-12-1890; 4-9-1891; 20-12-1897 (dois volumes). Comarca de Batatais: Cartório do Juri, processo arquivado no maço número 32 — réus: Diogo Rocha e Donélio de tal. Vítimas: José Venâncio de Azevedo Leal e José Batista de Souza Maia.

*Livros:* "Dioguinho", de Silvestre da Matta (obra citada).

"O Dioguinho", de João Amoroso Netto, in Revista "Investigações", n.º 4, mês de abril de 1949. São Paulo.

\* \* \*

As pessoas abaixo mencionadas, pela sua valiosa contribuição, fornecendo-nos informações, documentos, depoimentos e indicações sôbre a vida de Dioguinho, deixamos expresso aqui o nosso agradecimento:

SÃO PAULO: Dr. Laurindo Minhoto Jr.; Dr. Joaquim da Silva Prado; Dr. Edmundo Dantes Nascimento; sra. Henriqueta de Melo; srs. Machado Dalmada; João Arruda Campos; José Francisco de Oliveira; João Redenção Favoré; Joaquim Pinto Nazário; Aderbal de Oliveira Figueiredo; Sebastião Cardoso; Osvaldo Jurno; Orlando Criscuolo; Vergniaud Gonçalves e José Armênio.

SÃO SIMÃO: Djalma Rodrigues Pinto; António dos Reis; José Amaral; Alaur da Matta; Sra. Policiana Maria de Jesús e Evaristo Pôrto.

RIBEIRÃO PRETO: Dr. João Rodrigues Guião.

ALTINÓPOLIS (antigo Mato Grosso de Batatais): Túlio Zuccolotto; Ludgero Nogueira de Sá; Dr. Sílvio Ribeiro e Sra. Maria Batista Figueiredo.

BATATAIS: José Ordine; Francisco de Paula Marques; capitão João Batista Ferraz de Menezes; sra. Alexandrina Maria de Jesús e António Ordine.

CRAVINHOS: Querubino Gori; José Calegari; Anuar Rahme; Enéas e Albino Calura.

BOTUCATÚ: Sizenando C. Carvalho; Manuel Pais de Almeida e Martinho Pereira Braga.

BAURÚ: Antenor Teixeira de Andrade.

MARÍLIA: João Carlos Ferraro.

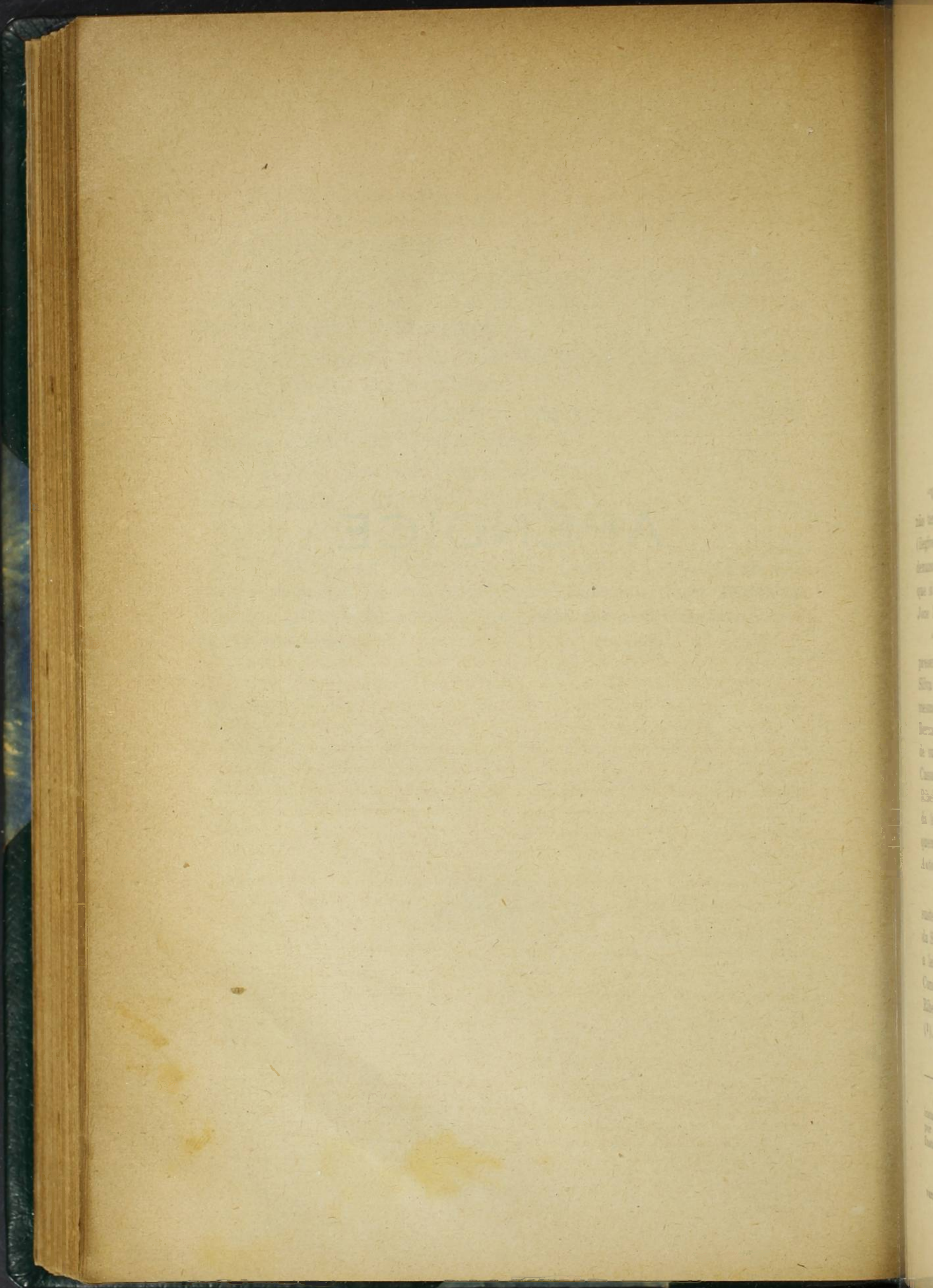
SÃO LOURENÇO: N. Claro.

Por último, agradecemos a Mick Carnicelli o interêsse e o carinho com que ilustrou os capítulos desta narrativa, fazendo-o com a probidade artística que todos lhe reconhecem, e que já é proverbial.





# APÊNDICE



## N.º 1

“Visto. Dos presentes autos e depoimento de testemunhas vese não ter nenhuma prova contra os acuzados, antes algumas dellas abe (ilegível) por tanto requeiro que seja julgada improcedente a presente denuncia passando-se mandado de sultura a Favor do acuzado presente que si acha prezo. São Simão 13 de 9bro. de 1884. O Promotor adoc. *Joze Nicacio de Figueiredo*” (1).

“Vistos e examinados os presentes autos, Julgo improcedente o presente sumario crime ex officio, contra contra os acuzados Diogo da Silva Rocha e Ant.º Ribeiro da Silva Castro, por não izistir contra os mesmos prova en que sejam otores dos ferimentos feito na pessoa de Bernardino Alves de Sena Aciolis e porrisso mando que se passe mandado de sultura em favor do acuzado Diogo da Silva Rocha, e que sejam Cassado o mandado di prizão preventiva contra o acuzado Antonio Ribeiro da Silva Castro e condeno a mansipalidade nas custas. Na forma da lei Recorro deste despaxo para o Juiz De direito da Comarca para quem mando que subão estes aotos. S. Simão 14 de 9br.º de 1884. *Antonio José de Paula*” (2).

“Visto estes autos. Nego provimento ao recurso exaoficio para sustentar como sustento o despacho de dispornuncio aos querelados Diogo da Silva Rocha e António Ribeiro da Silva Castro por não estar conformi a lei e os autos. Pagas as custas pela Municipalidade em as quais o Condeno. Devolvão os autos ao Juiz donde vierão para os fins legais. Ribeirão Preto 6 de dezembro de 1884. (a.) *João de Freitas Pacheco*” (3).

---

(1) Requerimento do promotor público da Vila de São Simão, no processo crime instaurado pela Justiça contra Diogo da Silva Rocha e António Ribeiro da Silva Castro, por crime de tentativa de morte na pessoa do sargento Bernardino Alves de Sena Acioli. Instaurado em 3-11-1884 (fls. 27).

(2) Sentença do Juiz Municipal de São Simão, no mesmo processo (fls. 27 e verso).

(3) Despacho do Juiz de Direito da Comarca de Ribeirão Preto, idem (fls. 28 e verso).

## N.º 2

SEBASTIÃO TEIXEIRA BRAGA, Escrivão do Juri e das Execuções Criminais desta Comarca de Batatais, Estado de São Paulo, etc..

CERTIFICA a pedido verbal de pessoa interessada, que revendo em o Cartório a seu cargo os processos arquivados, dêles, em o maço número trinta e dois, verificou constar o *processo crime* em que figura como Autora A Justiça Pública, e réus DIOGO ROCHA e DONÉLIO DE TAL, e a fôlhas duas consta a denúncia do teor seguinte: DENÚNCIA. Exmo. Snr. Juiz de Direito. O Promotor Público desta comarca, usando da atribuição que a lei lhe confere, vem perante V. Excia. denunciar Diogo, morador no distrito de Mato Grosso e ora ausente, e Donélio de tal, camarada daquele, morador também no distrito de Mato Grosso, ambos foragidos, pelo fato que passa a referir. Havendo Diogo Rocha se inimizado com JOSÉ BATISTA DE SOUZA MAIA, quando morador em Jaboticabal, e posteriormente com JOSÉ VENÂNCIO DE AZEVEDO LEAL, por se oporem êles a que mantivesse relações com Zèquinha Maia, filho daquele e genro dêste, prometeram matar a ambos, tendo nisso falado a várias pessoas, em diversas ocasiões, procurando sempre ocasião em que fácil lhe fôsse a perpetração de seus criminosos desígnios. Sabendo que José Batista de Souza Maia devia vir a esta cidade para daqui, em companhia de José Venâncio, seguir para Mato Grosso, a fim de aí assistir ao batizado de um filho de Zèquinha Maia, tudo preparou para em posição segura, de uma só vez, desembaraçar-se dos dois respeitáveis pais de família, que impediam, acautelando a respeitabilidade de suas respectivas famílias, a continuação de relações, segundo depuseram no inquérito o dr. Eduardo Guedes e outros, criminosas de pederastia entre êle e Zèquinha Maia. Às oito horas da noite do dia vinte e cinco de março do corrente ano, Donélio, camarada de Diogo Rocha, foi ao restaurante de Pedro Pereira Soares, nesta cidade, e encomendou duas camas, uma para sí e outra para seu patrão, e fêz recolher a um pastinho dois animais. À uma hora da madrugada, apresentaram-se no referido restaurante Diogo Rocha e seu camarada, indo êste, com permissão do dono da casa e a pedido daquele, aquecer na cozinha a matula que consigo traziam. Feito isto, prepararam os animais e seguiram para o Ribeirão de Batatais, onde se recolheram a um capão existente aí, e, em tocaia, ficaram à espera de José Venâncio e José Batista de Souza Maia, que juntos deviam dirigir-se por aí a Mato Grosso de Batatais. Às nove horas da manhã do dia vinte e seis, por aí passando os dois últimos, Diogo Rocha e o camarada contra êles atiraram, produzindo nos pacientes os ferimentos descritos nos autos de corpo de delito e autópsia e que causaram a morte instantânea a José Venâncio de Azevedo Leal e posteriormente a de José Batista Maia. Procurando

desviar as suspeitas, imediatamente dirigiram-se os dois criminosos à casa de várias pessoas de suas relações. Combinada porém as horas em que se deu o fato criminoso e o aparecimento dos denunciados nas casas de seus conhecidos, bem como aquela em que foram vistos galopando no caminho de Mato Grosso, fácil é concluir que nenhum fundamento resta à dúvida possível. Assim sendo, cometeram os Réus o crime previsto no artigo duzentos e noventa e quatro, parágrafo primeiro, do Código Penal, e, para que com as penas do mesmo artigo e parágrafo sejam punidos, se oferece a presente denúncia, que se espera seja recebida e afinal julgada provada, prosseguindo-se nos mais têrmos da formação da culpa, com ciência desta promotoria. Assim sendo, pede-se que D. e A. sejam intimadas as testemunhas abaixo arroladas para deporem em dia e hora prèviamente marcados, com ciência desta promotoria. Batatais, dezoito de dezembro de mil oitocentos e noventa e cinco. Ernesto de Moraes (ilegível). Rol de testemunhas. Luís Freire, em Batatais, Pedro Pereira Lopes, idem, Joaquim Quirino Alves, José Joaquim da Silva, João Luís Teixeira, Joaquim Ferreira Cardoso, Inácio Casimiro de Souza — falecido (sic) — Rufino Pereira da Silva. CERTIFICA mais que dos mesmos autos, à fôlhas onze, consta o seguinte: AUTO DE PERGUNTAS AO OFENDIDO — Aos vinte e seis de março de mil oitocentos e noventa e cinco, na Fazenda denominada Batatais, onde reside o cidadão João Cândido Alves Ferreira, presente o Delegado de Polícia Capitão José Alves de Oliveira Negrão, comigo seu escrivão adiante nomeado, e sendo aí presente o ofendido JOSÉ BATISTA DE SOUZA MAIA, a quem o Delegado passou a fazer as perguntas pela forma que segue-se. Perguntado qual seu nome, estado, idade, filiação e naturalidade e profissão. Respondeu chamar-se José Batista de Souza Maia, quarenta e quatro anos, casado, residindo em Jaboticabal, filho de João Batista Ribeiro Maia, e natural do Estado de Minas. Perguntado como se tinha passado o fato, respondeu: que chegando a Batatais, digo chegando em Batatais, com destino a Mato Grosso, a fim de batizar um netinho, posou nesta cidade, por não ter encontrado a condução que devia esperá-lo, pois que tinha escrito de Jaboticabal, onde reside, a seu filho José, morador em Mato Grosso, e genro de José Venâncio; por casualidade porém, encontrou êste, e com êle alugou animal para empreenderem a viagem que efetivamente empreenderam, saindo da cidade às oito horas da manhã mais ou menos, chegando à ponte do Ribeirão de Batatais às nove horas mais ou menos, quando inesperadamente ouviram estampidos de tiros que partiam do mato, sentindo-se ambos feridos, e por instinto de conservação, trataram de correr, vendo logo José Venâncio cair do animal, continuando êle a galopar. Que suspeita que o seu ofensor e assassino de José Venâncio é Diogo Rocha, isto por antigas desavenças que tinha com o mesmo, desde Jaboticabal, por ter Diogo seduzido seu filho ainda menor a acompanhá-lo para Mato Grosso, contra a vontade de seus pais, acrescentando mais a circunstância de Diogo ser inimigo de José Venâncio e família, tendo sempre feito ameaças de assassiná-lo, ainda mais porque não tem inimigos aquí e nem onde mora, sendo a primeira vez que vem a Batatais, e que o mesmo acontece a José Venâncio, que era homem bem-

quisto, honesto e pacato, e que por conseguinte nem um nem outro podiam esperar o menor mal, a não ser de Diogo Rocha, homem turbulento, inimigo de ambos e acostumado a praticar atos de selvageria. E como nada mais declarou e nem lhe foi perguntado, deu-se por findo êste, que sendo lido e achado conforme, assina. Eu, João Augusto Teixeira, escrevão o escreví. Alves Negrão. José Batista de Souza Maia. Testemunhas: José Mendes Ferraz, Manuel Gonçalves Rosa. CERTIFICA mais, que dos mesmos autos, à fôlhas vinte e três, consta o seguinte: ASSENTADA. Aos trinta de março de mil oitocentos e noventa e cinco, nesta cidade de Batatais, sala das audiências, presentes o Delegado de Polícia Alves Negrão e Doutor Promotor Público, passaram a inquirir as testemunhas pela forma abaixo. Eu, Bento Arruda, escrevão escreví. Nona testemunha. DIONÍZIO FERREIRA DINIZ, de vinte e sete anos, solteiro, agente de negócios, residente nesta cidade. Aos costumes disse nada. Jurada na forma da lei. Sendo inquirida, respondeu: que foi ontem à fazenda de António Rosa, e aí chegando, perguntou ao administrador Cardoso se Diogo Rocha lá se achava, ao que Cardoso respondeu que não; mas insistindo o depoente, dizendo a Cardoso que Diogo Rocha lá se achava por saber disso o depoente, então Cardoso mandou chamar Diogo Rocha, que segundo disseram ao depoente, tinha ido passear no cafezal. Que então, conversando o depoente com Diogo Rocha, êste lhe dissera que tinha se retirado para a casa de Cardoso porque sabia que nesta cidade imputavam-lhe o assassinato de José Venâncio e de Maia; que êle Diogo não era o autor de tal crime, mas um tal de Tanoeiro, também conhecido por "Sirirí", assassino de profissão que se achava em Mato Grosso e era inimigo capital de José Venâncio. Que Diogo lhe dissera mais, referindo-se ao crime, que sabia que aquilo ia acontecer, mas que não avisou José Venâncio e Maia porque eram seus inimigos; que Diogo disse-lhe também, ontem, que ia a Mato Grosso, mas primeiro ia mandar buscar armas em Batatais, porque as suas tinham ficado em Mato Grosso. Disse mais que a referência que faz a Tanoeiro ouvir dizer a Diogo Rocha; que êste lhe dissera mais que, no caso de ser atacado no caminho de Mato Grosso pela polícia de lá, não se entregaria porque essa polícia o odiava e que só se entregaria à polícia de Batatais. Respondeu mais que também viu Donélio ontem, em companhia de seu patrão Diogo Rocha e que estavam armados, Diogo Rocha com uma faca e uma garrucha e o camarada com um-facão; que sabe que Diogo Rocha, além de armas de fogo, usa navalha e um box. Respondeu mais que referindo-se o depoente ao fato de ter sido encontrado restos de comida na emboscada, Diogo Rocha disse-lhe que isso não era prova, porque êle Diogo sempre carregava comida quando viajava, e que na véspera do assassinato ainda êle Diogo, como de costume, em Mato Grosso, matou a tiro uma galinha para fazer matula; e que o seu camarada, ignorando isso, também matou outra galinha e então mandaram preparar uma delas por uma mulher e a outra deixaram. Respondeu mais que Diogo Rocha perguntou ao depoente se tinham encontrado nos ofendidos ferimentos de bala e chumbo "paula souza"; e respondendo-lhe o depoente afirmativamente, Diogo Rocha perguntou-lhe se essas balas tinham se

reconhecido como de carabina e que Diogo Rocha perguntou-lhe também em que lugar tinha sido encontrado o cadáver de José Venâncio; e que quando o depoente respondia, o camarada de Diogo Rocha, que tinha ouvido a sua resposta, aproximou-se e perguntou-lhe que distância tinha entre a tocaia e o lugar onde os homens receberam os tiros. Disse mais, que tendo o depoente falado a Diogo Rocha que, na manhã do crime, alguém que passava pela estrada, no lugar da emboscada, tinha visto no mato uma pessoa que parecia mulato, Diogo disse-lhe: "Já vê que não fui eu"; e respondendo-lhe o depoente que se não foi êle Diogo, que é branco, podia ser o seu camarada, que é mulato; e então Diogo nada lhe objetou, mas pôs-se a rir. Dada a palavra ao Doutor Promotor e sob pergunta, respondeu: que no seu entender foi Diogo Rocha um dos assassinos, pois o acha capaz disso, apesar de Diogo Rocha dizer que são outros os culpados. Que Diogo Rocha perguntou-lhe também se estavam fazendo inquérito e se tinham inquirido testemunhas de Mato Grosso, ao que o depoente respondeu que não sabia. Respondeu mais que também se achava ontem em casa de Cardoso, Manuel Ribeiro, e que Diogo Rocha, perguntando ontem por Urias, filho de José Venâncio, Manuel Ribeiro respondeu-lhe, não sabendo o depoente o que; que Diogo Rocha pediu ao depoente para avisá-lo de vez em quando do que se passasse na cidade; sob pergunta respondeu mais que quando o depoente chegou à cidade, digo, à fazenda, Cardoso pediu ao depoente para fazer com que Diogo fôsse embora da fazenda, pois estava em termos de deixá-lo louco, e que se Diogo não se fôsse embora, êle Cardoso abandonaria a fazenda. Nada mais disse nem lhe foi perguntado, do que lavrei êste, que sendo lido e achado conforme, assinam. Eu, Bento Arruda, escrivão, escreví. Alves Negrão, Dionízio Ferreira Diniz, Tomé Camargo.

CERTIFICA mais e finalmente, que dos mesmos autos, à fôlhas noventa e oito verso, consta a seguinte sentença. SENTENÇA: Vistos e bem examinados estes autos, das provas neles existentes resulta a convicção de que os autores dos crimes nas pessoas de José Venâncio de Azevedo Leal e José Batista de Souza Maia, foram os denunciados Diogo Rocha e Donélio de tal, seu camarada. E se não há testemunhas oculares do fato, aí estão os depoimentos de muitos, quer no inquérito, quer no sumário, referentes a fatos e circunstâncias de uma coincidência tão singular, relações tão íntimas e lógicas, bastante natural em suas sucessões, que mui significativamente claream a criminalidade dos denunciados. É o que passamos a demonstrar com a referência do fato principal e suas circunstâncias, apreciados em face das provas dos autos. O denunciado Diogo Rocha, há muito que votava séria inimizade a José Venâncio, como referem várias testemunhas, e também já havia questionado com José Maia, por motivos bastantemente constantes dos autos; e tão mal continha seus sentimentos, que vivia repetindo a várias pessoas, em diversos lugares, que havia de matar a José Venâncio (testemunhas de fls. treze, dezessete, dezenove verso, quarenta e quatro, cinqüenta, sessenta e sete, setenta e três e noventa e um); o que era muito de acreditar-se, atenta a índole má e perversa do denunciado, já avezado ao crime, segundo referem várias testemunhas, e portanto de tôda temibilidade. Como se vê dos

autos, ainda no dia vinte e cinco de março, véspera do crime, em casa da testemunha Eugênio Alves, nesta cidade, manifestou o denunciado, ostensivamente, sua intenção criminosa, e daí a horas, isto é, na madrugada de vinte e seis, dia do crime, prepararam os denunciados matula no restaurante de Pedro Soares, nesta cidade, almoçaram antes das oito horas no hotel de Benedito Fernandes, saindo logo ambos a cavalo e a caminho de Mato Grosso (testemunhas às fôlhas quinze verso, dezesseis e vinte e um verso). Isto no dia vinte e seis. Nessa mesma data saíram desta cidade José Venâncio e José Batista de Souza Maia, seguindo caminho de Mato Grosso; demoraram-se alguns momentos em casa da testemunha Albano Alves Pereira, onde serviram-se de leite (testemunha fôlhas sessenta), e daí a pouca distância, na ponte do Ribeirão de Batatais, às nove horas do dia, mais ou menos, foram feridos por tiros partidos de um capão de mato aí existente, vindo a falecer José Venâncio imediatamente, e José Batista Maia, posteriormente, dias depois (auto fôlhas onze e testemunhas fôlhas vinte e nove verso). Entrando a Justiça na indagação do fato e da autoria do crime, verificou-se: que exatamente no dia vinte e seis, como acima iam referindo, Diogo Rocha e seu camarada Donélio saíram desta cidade antes das oito horas ou a essa hora mais ou menos, do hotel de Benedito Fernandes, a caminho de Mato Grosso, isto momentos antes de haverem seguido as vítimas o mesmo destino, pois como claramente se verifica dos depoimentos combinados das testemunhas Albano Alves e José Joaquim da Silva (fôlhas sessenta e quarenta e cinco) fôra visto em casa da primeira testemunha, sita à margem da estrada, no lugar denominado "Saltador", Diogo Rocha tirando leite de uma vaca (isto momentos antes de aí passarem Venâncio e Maia); e daí seguiram logo o mesmo caminho até o capão do Ribeirão de Batatais. Nessa parte da viagem foram sempre precedidos, Diogo e camarada, da testemunha José Joaquim da Silva, que os trouxera sempre de vista até o referido capão; daí em diante, tendo os denunciados ficado a dar de beber aos animais no Ribeirão, e seguindo a testemunha o seu caminho, não mais fôra alcançada pelos denunciados, sendo que ela testemunha caminhava devagar e levava uma hora, mais ou menos, para chegar à encruzilhada; não havia outro caminho a seguirem, de modo que os denunciados ou teriam voltado e, portanto, sido vistos por um carreiro que vinha logo atrás dêles, o que não se deu, como se vê dos autos, ou teriam necessariamente ficado ocultos no capão donde haviam partido os tiros. Não havia fugir. E isto ainda é corroborado pela testemunha Joaquim Quirino (fôlhas quarenta e quatro verso), que passando pelo capão, logo depois da testemunha última referida, e notando aí um barulho de animal, procurou verificar, vindo-lhe então do mato uma voz imperiosa que lhe perguntava o que queria e que seguisse o seu caminho; e ainda as testemunhas de nomes Vitalino e Inácio Cassiano (fôlhas vinte e oito e vinte e nove), que referem haverem saído do lado do capão onde se haviam dado os tiros, dois cavaleiros. Consequentemente, já pelo que referem essas testemunhas, já pela consideração do tempo e distância e vencerem-se entre o lugar "Saltador" (casa de Albano) e a ponte do Ribeirão de Batatais, ninguém mais podia se achar neste



lugar do crime às nove horas, mais ou menos, senão os denunciados. É mais de notar-se que o denunciado Diogo Rocha fazia crer, como disse em casa da testemunha Albano, que pretendia chegar naquele mesmo dia (vinte e seis) a São Sebastião do Paraíso, e no entanto nesse mesmo dia, após o crime, apresenta-se nesta cidade em casa da testemunha Freire, nem mais falando em tal viagem; e não se poderá supor que o denunciado viesse atraído pela curiosidade do que havia acontecido, porquanto é êle próprio que mostra ignorá-lo, quando a respeito falavam do assassinato, em casa de Freire (testemunha fôlhas dezenove verso). Não era pois a intenção do denunciado ir a São Sebastião do Paraíso, a menos que depois de haver cometido o crime viesse à cidade sondar os efeitos do mesmo ou o que se providenciava a respeito. Mais: o denunciado, já prevenindo a sua defesa, na mesma ocasião, em casa de Freire, declara que no dia do assassinato (vinte e seis) estivera na fazenda de António Rosa (testemunha fôlhas dezenove verso), o que está formalmente contestado pela testemunha Joaquim F. Cardoso (fôlhas vinte e cinco verso), a qual refere que os denunciados estiveram com êle depoente na referida fazenda, no dia vinte e sete de março, e que no dia vinte e cinco fôra procurado e não encontrado pelo denunciado Rocha, mas isto ao meio dia; o que nada exclue a possibilidade de haver o denunciado estado no lugar do delito, com tempo bastante para a essa hora achar-se na fazenda referida. Não aproveita pois ao denunciado o álibi assim preparado em sua defesa. Ora, estes fatos e circunstâncias assim apreciados, em face das provas dos autos, denunciam eloqüentemente a criminalidade dos denunciados, porquanto constituem êles provas circunstanciais, as quais, em regra, são suficientes não só para a pronúncia como também para a condenação; e não serve de razão em contrário o disposto no artigo sessenta e sete do Código Penal, quando se refere a presunções veementes, porquanto são estas bem distintas das provas circunstanciais de que se trata na hipótese dos autos; o que é tanto verdade quanto é certo que já por tribunais do juri do Estado, casos idênticos têm sido julgados com as condenações dos réus e confirmadas estas pelo Egrégio Tribunal. Por tais fundamentos, julgo de tôda procedência a denúncia de fôlhas, para pronunciar, como pronuncio, aos denunciados Diogo Rocha e Donélio de tal, incursos nas penas do artigo duzentos e noventa e quatro, parágrafo primeiro do Código Penal, e os sujeito a prisão e livramento. O Escrivão lance os nomes dos réus no rol dos culpados, passando contra os mesmos mandado de prisão. Custas pelos réus. P. Intimado, sigam-se os mais têrmos. Batatais, vinte e dois de fevereiro de mil oitocentos e noventa e sete. António Bento Domingues de Castro. Nada mais continha em ditas peças, para aquí bem e fielmente transcritas do próprio original ao qual reporta. O referido é verdade e dá fé. Batatais, catorze de julho de mil novecentos e quarenta e nove. Eu, *Sebastião Teixeira Braga*, escrivão, dactilografei, conferí, subscreví e assino.

---

N.º 3

Arquivo da Curia Diocesana

BOTUCATU

Certidão de Batismo

de -D I O G O- . . . . .

CERTIFICO que, no Livro de Batizados da Paroquia de -Botucatu, - . . . . . do ano de -1863- existente no ARQUIVO GERAL DA CURIA DIOCESANA DE BOTUCATU a folha nº -139- . . . encontra-se o assentamento seguinte

Aos -treze - . . . . . de Outubro - . . . de mil oitocentos e sessenta e três, - . . . . . nesta paróquia batizei solenemente a -D I O G O- . . . . . nascido em a quatro dias, - . . . . . de . . . . . de mil - . . . . . filho . . . . . de Avellino da Silva Rocha e Emirena Augusta d'Oliveira, - . . . . . casados na paróquia de - . . . . . Foram padrinhos: Francisco José de Barros e sua mulher D. Maria Benedita de Campos. Todos desta.

O Paroco, Pe. Salvador Ribeiro dos Santos Mello.

Nada mais continha o sobredito assentamento a cujo original fielmente me reporto e dou fé.

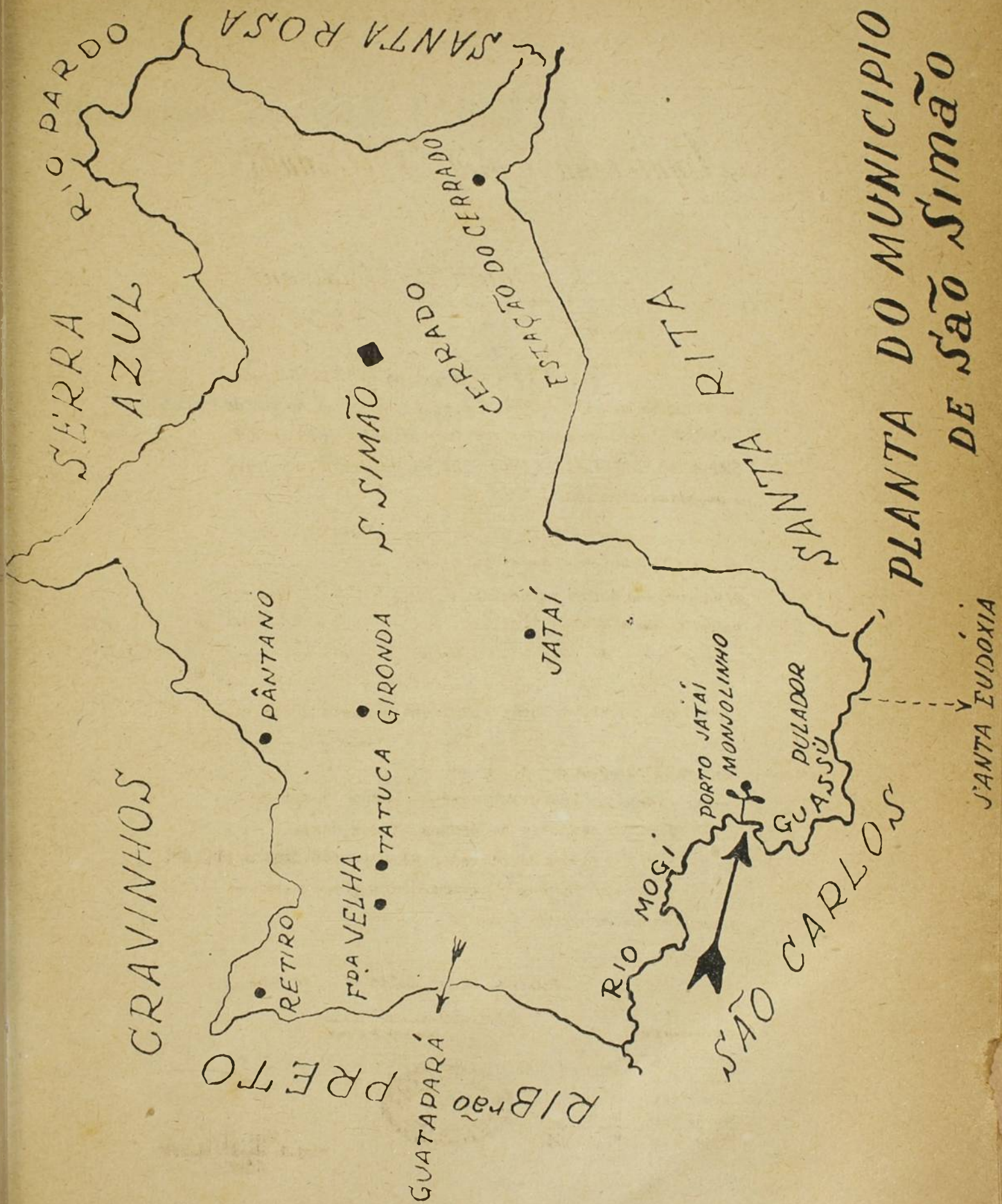
Botucatu, 20 de Julho - . . de 1942

Secretario do Bispado

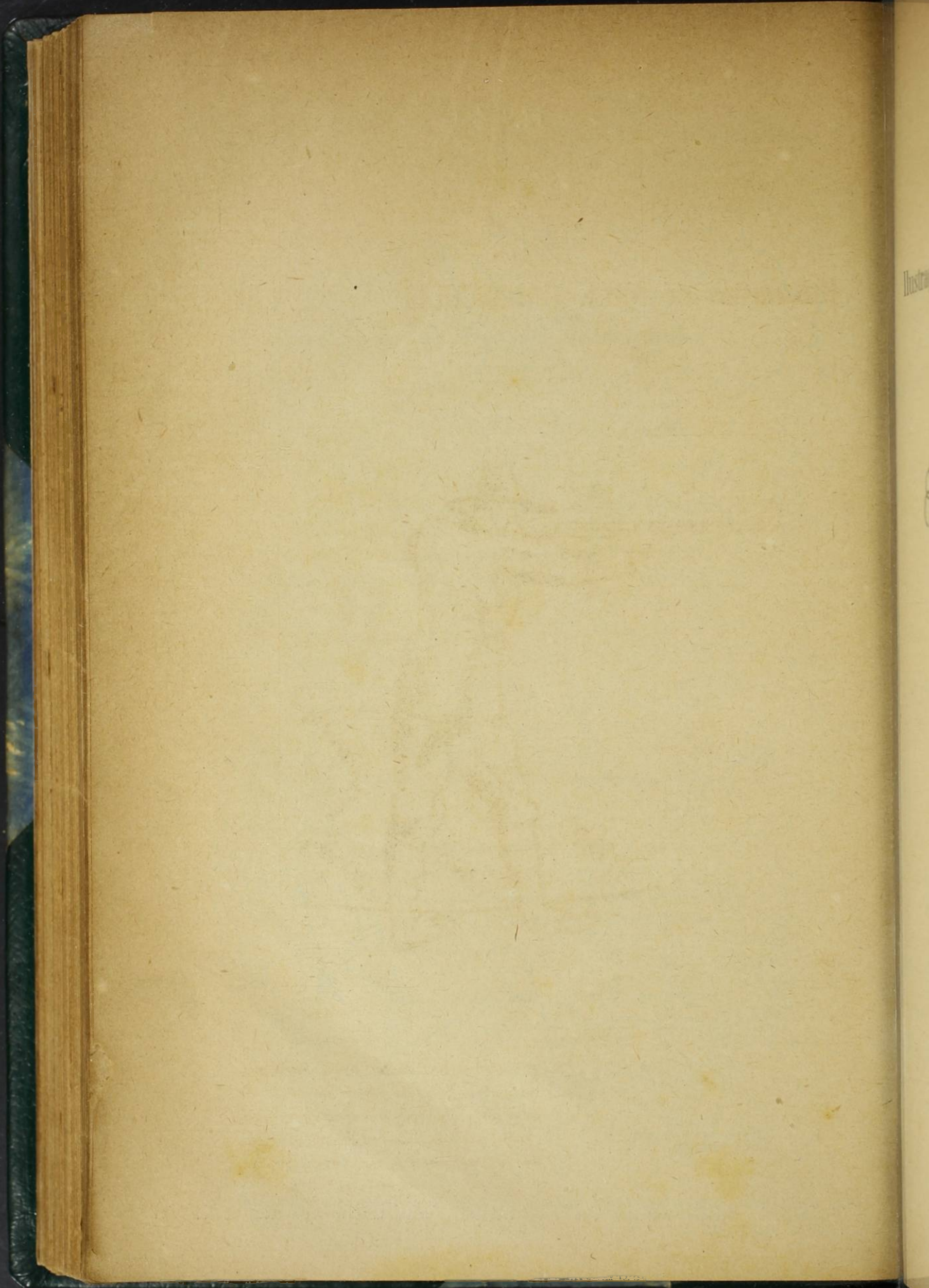
Emolumentos: Taxa Cr\$ 20,00 Busca Cr\$ Selos Cr\$ Firma Cr\$ TOTAL Cr\$ 80,00. pg.



Mod. 31 Reg. B. 24-11 2, 254 J/17.



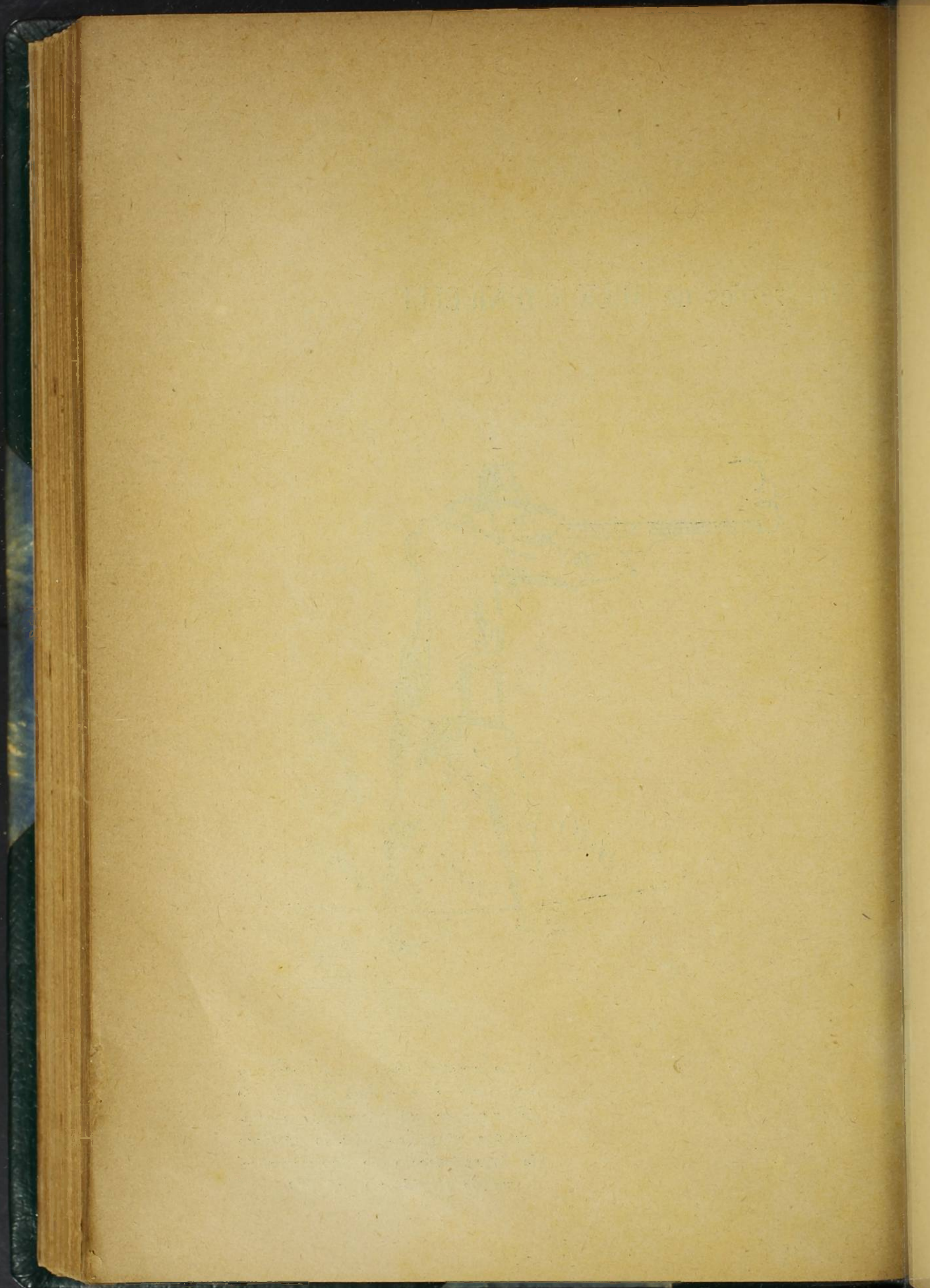
Esta indica o local exato onde se verificou o encontro da escolta com Dioguinho e seu irmão. No mapa estão também, os lugares referidos com mais freqüência nesta história, bem como a zona onde o moleiro agiu de preferência.



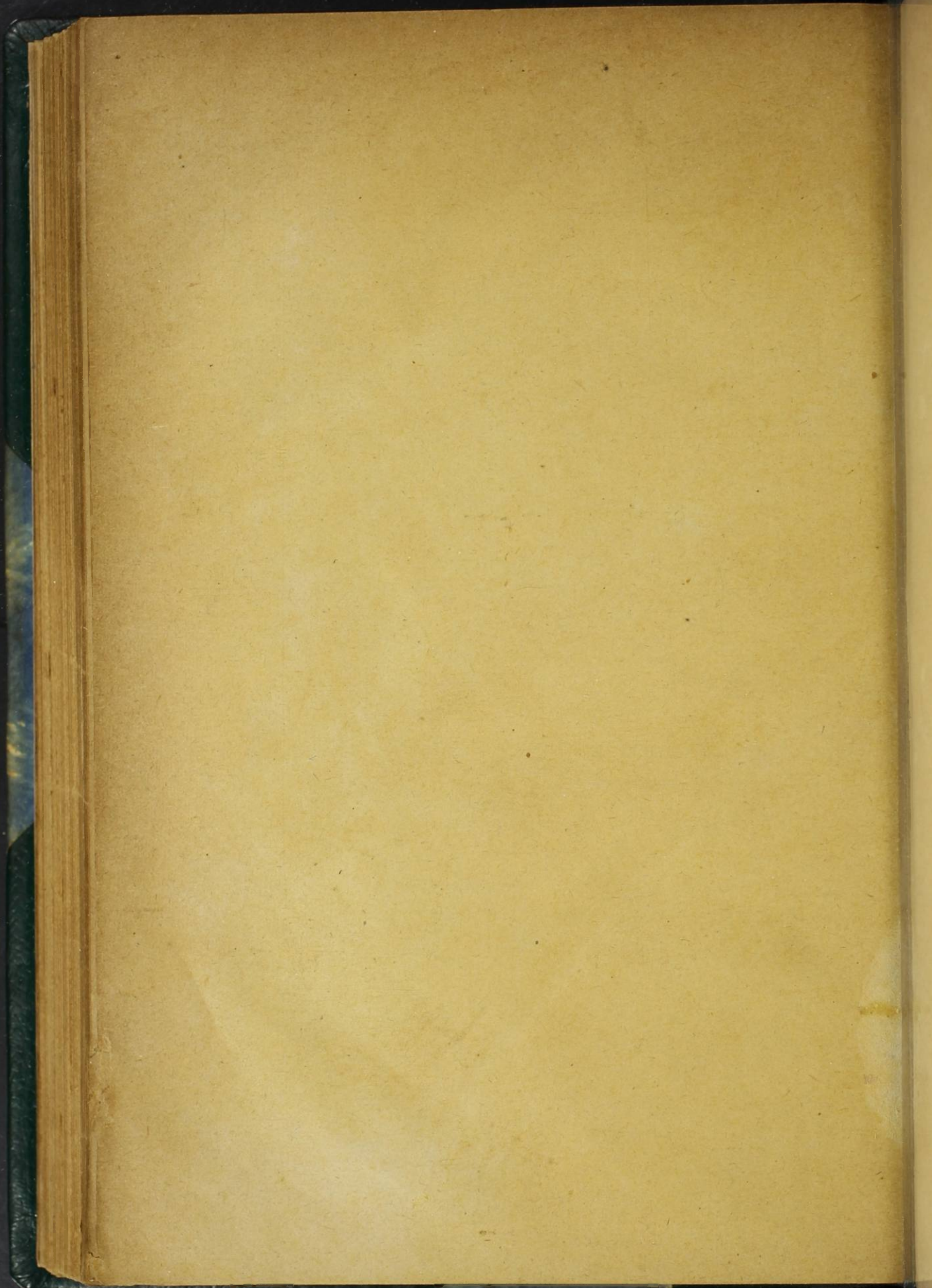
Ilustrações de MICK CARNICELLI



*A impressão dêste livro terminou  
aos vinte e sete dias do mês de  
dezembro de mil novecentos e qua-  
renta e nove, nas oficinas gráficas  
do Departamento de Investigações,  
à rua do Hipódromo, n.º 596.*

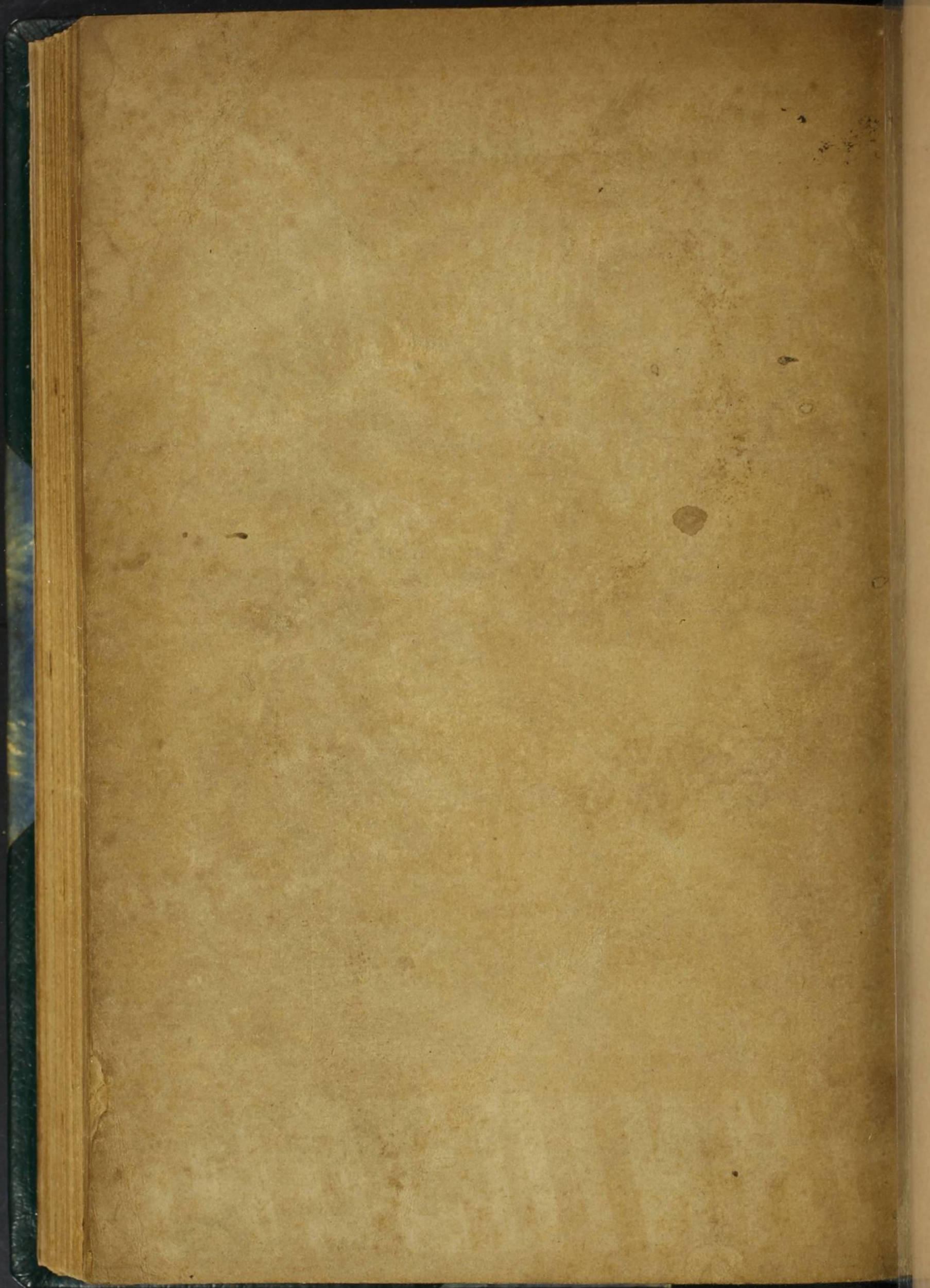














011225



